

Universidades Lusíada

Calado, Flávia da Cruz, 1999-

Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte

<http://hdl.handle.net/11067/8560>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

O ponto de partida desta dissertação reside na compreensão da morte como parte integral da existência humana, frequentemente cercada por estigmas na sociedade atual e como o Design pode contribuir para dignificá-la. O projeto Aeterna propõe uma abordagem inovadora para enfrentar perceções negativas sobre a morte e converter ambientes e produtos relacionados ao luto como alternativas de conforto, tranquilidade e celebração da vida. Partindo do pressuposto de que o design é uma ferramenta capaz d...

The starting point of this dissertation lies in understanding death as an integral part of human existence, often surrounded by stigmas in today's society, and how design can contribute to dignifying it. The Aeterna project proposes an innovative approach to confronting negative perceptions of death and converting environments and products related to mourning as alternatives of comfort, tranquillity and celebration of life. Based on the assumption that design is a tool capable of redefining con...

Palavras Chave

Ritos e Cerimónias Fúnebres, Design, Morte - Aspectos Psicológicos, Morte - Aspectos sociais, Tanatologia

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:05:08Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado em Design

**Projeto Aeterna: um contributo do design para a
celebração da vida na hora da morte**

Realizado por:
Flávia da Cruz Calado

Orientado por:
Professor Doutor Designer José Gentil-Homem Correia da Silva

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Arquiteta Helena Cristina Caeiro Botelho
Orientador:	Professor Doutor Designer José Gentil-Homem Correia da Silva
Arguente:	Professor Doutor Designer José Manuel Silveira Dias

Dissertação aprovada em: 05 de fevereiro de 2026

Lisboa

2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado em Design

Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte

Flávia da Cruz Calado

Lisboa

Julho 2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado em Design

Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte

Flávia da Cruz Calado

Lisboa

Julho 2025

Flávia da Cruz Calado

Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e
Artes da Universidade Lusíada para a obtenção do grau
de Mestre em Design.

Orientador: Professor Doutor Designer Pedro José
Gentil-Homem Correia da Silva

Lisboa

Julho 2025

FICHA TÉCNICA

Autor Flávia da Cruz Calado
Orientador Professor Doutor Designer Pedro José Gentil-Homem Correia da Silva
Título Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte
Local Lisboa
Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

CALADO, Flávia da Cruz, 1999-

Projeto Aeterna : um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte / Flávia da Cruz Calado; orientado por Pedro José Gentil-Homem Correia da Silva. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado em Design, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

I – SILVA, Pedro José Gentil-Homem Correia da, 1966-

LCSH

1. Ritos e cerimónias fúnebres
2. Design
3. Morte - Aspetos psicológicos
4. Morte - Aspetos sociais
5. Tanatologia
6. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Teses
7. Teses - Portugal - Lisboa

1. Funeral rites and ceremonies
2. Design
3. Death - Psychological aspects
4. Death - Social aspects
5. Thanatology
6. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Dissertations
7. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. GN486.C35 2025

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi um processo intenso, desafiante e, acima de tudo, transformador. Ao longo do desenvolvimento desta dissertação, muitos foram os indivíduos que, direta ou indiretamente, deixaram a sua marca neste percurso. Quero agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador Prof. Pedro Silva pela orientação, disponibilidade e vasto conhecimento, essenciais para que este projeto se concretizasse com qualidade, rigor e profundidade. A sua paciência, incentivo e confiança a cada reunião foram um pilar importante em todas as fases do processo.

À Universidade Lusíada, Faculdade de Arquitetura e Artes por ter recebido e aprovado a minha investigação fornecendo-me os recursos necessários à sua pressucação.

A todos quanto direta ou indiretamente contribuíram para o resultado, à Designer Luísa Coelho, ex-aluna da Universidade Lusíada pela sua experiência profissional no cruzamento entre as áreas do Design e da Tanatologia, e pela documentação que compilou e abnegadamente me forneceu.

Um agradecimento muito especial aos meus colegas de curso, com quem partilhei todo um percurso académico repleto de desafios, conhecimento e evolução. Ajudámo-nos mutuamente, rimos, desesperámos mas nunca desistimos. Agradeço as vossas releituras da dissertação e os (poucos) “puxões de orelhas”.

À minha família, o meu eterno agradecimento. Foram o meu alicerce em momentos de cansaço, dúvida e frustração.

Agradeço também aos meus amigos e conhecidos por suportarem as minhas oscilações emocionais. A vossa paciência e apoio incondicional foram fundamentais.

Ao Diogo agradeço por ter sido o meu porto seguro, por me escutar, apoiar e por estar presente em todas as fases.

Não menos importante não poderia terminar sem evocar a memória do meu avô José Luís, que nos deixou. A sua ausência dolorosa, inspirou o tema desta dissertação. Este projeto é, em parte, também dele. Está aqui, silenciosamente presente em cada página.

Em memória do meu avô José Luís

"[...] não é fácil lidar com a morte, mas ela espera por todos nós. Deixar de pensar na morte não a retarda ou evita. Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e a perceber que ela é uma experiência tão importante e valiosa quanto qualquer outra."

ARIÈS, Philippe - História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p.20.

APRESENTAÇÃO

Projeto *Aeterna*: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte

Flávia da Cruz Calado

O ponto de partida desta dissertação reside na compreensão da morte como parte integral da existência humana, frequentemente cercada por estigmas na sociedade atual e como o Design pode contribuir para dignificá-la. O projeto *Aeterna* propõe uma abordagem inovadora para enfrentar percepções negativas sobre a morte e converter ambientes e produtos relacionados ao luto como alternativas de conforto, tranquilidade e celebração da vida.

Partindo do pressuposto de que o design é uma ferramenta capaz de redefinir conceitos e transmitir emoções, esta dissertação propõe uma análise detalhada do impacto cultural e social da morte, investigando como as diferentes culturas e religiões lidam com essa questão sensível ao longo da história. O estudo aborda a evolução das percepções e dos processos ligados à morte.

O foco central reside na investigação do papel do design na humanização da experiência da morte, procurando apresentar soluções que respeitem a memória dos entes queridos e ofereçam suporte emocional às famílias enlutadas. Com o projeto *Aeterna*, procuramos redefinir a maneira como lidamos com a morte, tanto na comunicação quanto nos produtos disponíveis, oferecendo uma perspetiva mais humana e reconfortante, através da conceção de itens multifuncionais que proporcionem sensações de leveza e tranquilidade. Além disso, desenvolve estratégias de comunicação eficazes sob um novo ponto de vista.

A dissertação também aborda a implementação de práticas sustentáveis nos espaços relacionados à morte, como o uso de energias renováveis e sistemas de recolha e reaproveitamento de água da chuva. Reconhecendo a importância dos animais de estimação na vida dos seres humanos, sugere-se soluções para o seu sepultamento, dependendo das preferências dos proprietários.

Desta forma, este projeto pretende contribuir para uma reconfiguração cultural e estética da experiência da morte, proporcionando um espaço de reflexão respeitoso sobre a vida que foi vivida e uma visão renovada e menos dramática do processo de luto. Ao explorar e aplicar as melhores práticas e metodologias do design, esta pesquisa apresenta uma nova perspetiva projetual que abrange aspetos visuais e gerenciais dos espaços para celebrações fúnebres, com o objetivo final de criar um ambiente de respeito, contemplação e consciente em termos ambientais.

O projeto pretende estabelecer novos padrões e diretrizes para o design de espaços e produtos relacionados à morte, incorporando uma abordagem humanizada, sustentável e visualmente consciente. Destacando a capacidade do design de fornecer conforto e significado em momentos de despedida e reflexão, esta dissertação contribui para a discussão sobre o papel do design na transformação da experiência da morte através de uma análise crítica e reflexiva.

Palavras-chave:

Design

Tanatologia

Design Global

Morte

Sustentabilidade

PRESENTATION

***Aeterna* Project: a design contribution to the celebration of the life at the time of death**

Flávia da Cruz Calado

The starting point of this dissertation lies in understanding death as an integral part of human existence, often surrounded by stigmas in today's society, and how design can contribute to dignifying it. The *Aeterna* project proposes an innovative approach to confronting negative perceptions of death and converting environments and products related to mourning as alternatives of comfort, tranquillity and celebration of life.

Based on the assumption that design is a tool capable of redefining concepts and conveying emotions, this dissertation proposes a detailed analysis of the cultural and social impact of death, investigating how different cultures and religions have dealt with this sensitive issue throughout history. The study addresses the evolution of perceptions and processes linked to death.

The central focus lies in investigating the role of design in humanizing the experience of death, seeking to present solutions that respect the memory of loved ones and offer emotional support to bereaved families. With the *Aeterna* project, we aim to redefine the way we deal with death, both in communication and in the products available, offering a more human and comforting perspective by designing multifunctional items that provide feelings of lightness and tranquillity. It also develops effective communication strategies from a new point of view.

The dissertation also addresses the implementation of sustainable practices in death-related spaces, such as the use of renewable energies and rainwater collection and reuse systems. Recognizing the importance of pets in people's lives, it suggests solutions for their burial, depending on the owners' preferences.

In this way, the *Aeterna* project aims to contribute to a cultural and aesthetic reconfiguration of the experience of death, providing a space for respectful reflection on

the life that has been lived and a renewed, less dramatic vision of the mourning process. By exploring and applying the best practices and methodologies of design, this research presents a new design perspective that encompasses visual and managerial aspects of spaces for funeral celebrations, with the ultimate goal of creating a respectful, contemplative and environmentally conscious environment.

The project aims to establish new standards and guidelines for the design of spaces and products related to death, incorporating a humanized, sustainable and visually conscious approach. Highlighting the ability of design to provide comfort and meaning in moments of farewell and reflection, this dissertation contributes to the discussion on the role of design in transforming the experience of death through a critical and reflective analysis.

Keywords:

Design

Thanatology

Global Design

Death

Sustainability

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Diagrama de Investigação.	30
Figura 2 - Processo de Hominização.	35
Figura 3 - Arte Rupestre - Cena de Caça.	35
Figura 4 - Arte Rupestre - Animais feridos.	35
Figura 5 - Sepultamento do “Príncipe” de Arene Candide, Musei di Genova.	35
Figura 6 - Sepultamento em posição fetal do Paleolítico Superior, The National Museum of Natural History.	36
Figura 7 - Amantes de Valdaro – Sepultura de casal.	36
Figura 8 - Monumento Megalítico - Stonehenge.	36
Figura 9 - Pinturas rupestre megalítica em Portugal.	36
Figura 10 - Tábua de Argila da antiga Suméria.	39
Figura 11 - Pluma da deusa <i>Ma’at</i> . Fonte: https://arcanoteca.blogspot.com	40
Figura 12 - Julgamento de <i>Osíris</i> . Fonte: https://www.facebook.com	40
Figura 13 - Símbolos que compõem a alma <i>ka</i> , <i>ba</i> e <i>akh</i>	41
Figura 14 - Cerimónia de mumificação.	41
Figura 15 - Processo de Mumificação.	41
Figura 16 - Panorama da Necrópole de Gizé.	41
Figura 17 - Túmulo de Tutancamon.	42
Figura 18 - Desenho humorístico com símbolo do Taoismo Yin & Yang, na Banda Desenhada.	43
Figura 19 - Exército de terracota do primeiro imperador da China Qin Shi Huang.	43
Figura 20 - Roda da Vida ou Roda do <i>Samsara</i>	44
Figura 21 - <i>Shiva</i> - Deus hindu, divindade da vida e da morte.	44
Figura 22 - A Morte de Sócrates (1787) de Jacques Louis David.	45
Figura 23 - Catacumbas de <i>San Callisto</i>	46
Figura 24 - <i>Tomba dei rabirii</i> - Antigo monumento funerário localizado ao longo da Via Appia Antica.	46
Figura 25 - Sepultamento em solo sagrado no recinto da igreja.	48
Figura 26 - Velório. Fonte: https://www.istockphoto.com	48
Figura 27 - Enterro Prematuro (1854) de Antoine Wiertz. Fonte: https://fr.wikipedia.org	48
Figura 28 - Estudos anatómicos de Leonardo da Vinci.	51
Figura 29 - A reconciliação dos Montagues e dos Capulets sobre os corpos mortos.	51
Figura 30 - <i>Vanité</i> (c. 1671) - Pintura de Philippe de Champaigne.	52
Figura 31 - Morte de Napoleão (1825) - Pintura de Charles de Steuben.	53
Figura 32 - Morte como evento “medicalizado”.	53
Figura 33 - Sepultamentos no interior das Igrejas.	53

Figura 34 - Lápide do túmulo de Amedeo Modigliani e Jeanne Hébuterne, Cemitério de Perè-Lachaise.....	53
Figura 35 - Soldados britânicos numa trincheira em combate durante a Primeira Guerra Mundial.	55
Figura 36 - Combate porta a porta durante a Segunda Guerra Mundial.	55
Figura 37 - Campo de extermínio de Auschwitz Birkenau.	56
Figura 38 - Seleção de prisioneiros no cais de chegada (1944).	56
Figura 39 - Bomba atômica, Hiroshima (à esquerda) e Nagasaki (à direita) (1945). ..	56
Figura 40 - Guerra Fria (1947 - 1989) J. F. Kennedy (E.U.A.) e Khrushchev (União Soviética).	56
Figura 41 - Memorial ao Holocausto em Berlim.....	57
Figura 42 - Memorial à Guerra do Vietnam em Washington D.C.(E.U.A.)	57
Figura 43 - Exemplo de <i>Banner</i> digital.	58
Figura 44 - Página <i>Eterni.me</i>	59
Figura 45 - Página <i>Replika</i>	59
Figura 46 - Cerimónias transmitidas através de plataformas.....	60
Figura 47 - Altares no <i>Dia de los Muertos</i> , México.	62
Figura 48 - <i>Jazz Band</i> num Funeral, Nova Orleans.....	62
Figura 49 - Ganeses dançam enquanto carregam um caixão, África.	62
Figura 50 - Urna em forma de sapato, alusivo à profissão do falecido, Gana.....	62
Figura 51 - Deposição de cadáveres no Rio Ganges, Índia.....	62
Figura 52 - Necrofagia no Tibete.....	62
Figura 53 - Oferenda aos ancestrais, China.....	63
Figura 54 - Queima de <i>hashis</i> enquanto familiares recolhem restos mortais da cremação, Japão.	63
Figura 55 - Urnas suspensas em penhascos, Filipinas.	63
Figura 56 - Cerimónia <i>Ma'nene</i> , Indonésia.	63
Figura 57 - <i>Toga pulla</i> , vestuário de luto no império romano.....	65
Figura 58 - Aceitação da perda.	68
Figura 59 - Cemitério de Père Lachaise em Paris (c. Séc. XII).....	74
Figura 60 - Gráfico com processo de inumação e deposição de cinzas.	76
Figura 61 - Urnas biodegradáveis, Bios.	77
Figura 62 - Deposição de cinzas numa praia.	77
Figura 63 - Deposição de cinzas numa montanha. Fonte: https://www.bbc.com	77
Figura 64 - Deposição de cinzas em diversos contextos (Machu Picchu).	78
Figura 65 - Deposição de cinzas no mar.....	78
Figura 66 - Deposição de cinzas na atmosfera.	78
Figura 67 - Deposição de cinzas durante queda livre em paraquedas.	78
Figura 68 - Deposição de cinzas ao espaço.....	78

Figura 69 - Deposição de cinzas num espetáculo de fogos de artifício.	79
Figura 70 - Cinzas incorporadas em recifes artificiais.	79
Figura 71 - Deposição de cinzas incorporadas em tinta de tatuagem.	80
Figura 72 - Transformação de cinzas em joias.	80
Figura 73 - Altares de homenagem aos entes queridos no <i>Dia de los Muertos</i>	82
Figura 74 - Túmulos decorados nos cemitérios no <i>Dia de los Muertos</i>	82
Figura 75 - Fantasias de <i>Halloween</i>	83
Figura 76 - <i>Jack O'Lanterns</i> - abóboras esculpidas com faces assustadoras.	83
Figura 77 - Médico-legista recolhendo evidências num.	84
Figura 78 - Tanatopraxia.	85
Figura 79 - Tanatoestética.	85
Figura 80 - Organização de funerais. Fonte: https://gruposaojudastadeu.com	85
Figura 81 - Apoio emocional aos enlutados. Fonte: https://funerais.pt	85
Figura 82 - Carpideiras.	86
Figura 83 - Técnico de Profundidade na abertura de sepulturas.	86
Figura 84 - Entrega das cinzas à família em urna cinerária.	87
Figura 85 - Apoio psicológico.	87
Figura 86 - Cena de um episódio de <i>100 ways to die</i>	93
Figura 87 - Denominação humorística num dos episódios de <i>100 ways to die</i>	93
Figura 88 - Representação da morte em desenhos animados.	93
Figura 89 - Violência explícita em desenhos animados.	93
Figura 90 - Cena do filme <i>O Rei Leão</i> (1994) de Walt Disney.	94
Figura 91 - Cena do filme <i>Bambi</i> (1942) de Walt Disney.	94
Figura 92 - Cena do filme <i>A Noiva Cadáver</i> (2005) Warner Bros. Pictures.	94
Figura 93 - Cena do filme <i>Frankenweenie</i> (2012) de Walt Disney.	94
Figura 94 - Cena do filme <i>Coco</i> (2017) de Walt Disney.	94
Figura 95 - Cena do filme <i>Scary Movie</i> (2000) da Dimension Films.	95
Figura 96 - Filme <i>A Culpa é das Estrelas</i> (2014) da 20th Century Fox.	95
Figura 97 - Cena do filme <i>Titanic</i> (1997) da Paramount Pictures.	95
Figura 98 - Cena do filme <i>O Impossível</i> (2012) da Summit Entertainment.	96
Figura 99 - Filme <i>John Wick 2</i> (2017) da Lionsgate.	96
Figura 100 - Cena do filme <i>O Exorcista</i> (1973) da Warner Bros. Pictures.	96
Figura 101 - Cena do filme <i>Jogos Mortais: O Final</i> (2010) da Lions Gate Entertainment.	96
Figura 102 - Cena da série <i>CSI: Crime Scene Investigation</i> T12 E8 (2011).	97
Figura 103 - Série <i>Law & Order</i> T9 (1998).	97
Figura 104 - Cena da série <i>Six Feet Under</i> (2001).	97
Figura 105 - Cena da série <i>Game of Thrones</i> T1 E9 (2011).	98

Figura 106 - Cena da série The Walking Dead T8 E5 (2017).	98
Figura 107 - Jogos de ação, terror e aventura que contêm cenas de violência e morte.	99
Figura 108 - Ideia pré concebida acerca da relação causal entre jogos de vídeo violentos e agressividade na vida real.	99
Figura 109 - Dicotomia jogos de vídeo e vida real.	100
Figura 110 - Influência dos jogos de vídeo no comportamento das crianças.	100
Figura 111 - Mensageiro portador da notícia do falecimento.	102
Figura 112 - Cortejo Fúnebre.	103
Figura 113 - Envelopes de luto com margem preta.	104
Figura 114 - Exemplo de nota de falecimento.	104
Figura 115 - Obituários afixados em postes urbanos.	104
Figura 116 - Obituário em jornais.	105
Figura 117 - Comunicação de falecimento através de dispositivos móveis.	105
Figura 118 - Morte e Luto nas Redes Sociais.	105
Figura 119 - Rainha Vitória em traje de luto após o falecimento do Príncipe Alberto.	106
Figura 120 - Braçadeiras pretas utilizadas no desporto.	106
Figura 121 - Minuto de silêncio em evento desportivo.	107
Figura 122 - Bandeira meia haste em sinal de luto nacional.	107
Figura 123 - Tradição de lançamento de lanternas na China.	108
Figura 124 - Traje de portador de Peste Negra.	111
Figura 125 - Hospitais temporários improvisados.	111
Figura 126 - Campanhas de educação e prevenção.	111
Figura 127 - Medidas de saúde pública adotadas durante a pandemia Covid-19.	111
Figura 128 - Evolução dos Trajes para prevenção de doenças infecciosas.	112
Figura 129 - O Ceifador, representação tradicional da Morte.	114
Figura 130 - Transporte de cadáver para funerária.	115
Figura 131 - Processo de higienização e desinfecção de cadáver.	115
Figura 132 - Injeção de substâncias conservantes, Tanatopraxia.	116
Figura 133 - Produtos de restauração ou reconstrução facial do cadáver, Tanatoestética.	116
Figura 134 - Cuidados capilares, Tanatoestética.	116
Figura 135 - Vestir o cadáver.	116
Figura 136 - Aplicação de maquilhagem, Tanatoestética.	116
Figura 137 - Ornamentação da urna.	116
Figura 138 - Quadro sequencial de tratamento de um cadáver.	118
Figura 139 - Cemitério da Luz, Portugal (2000) - Pedro Pacheco; Marie Clément (arqs.).	119

Figura 140 - Cemitério San Stefano, Itália (2005) - Aldo Amoretti; Giancarlo Ranalli; Marco Calvi (arqs.).	120
Figura 141 - Cemitério San Cataldo, Itália (1971) - Aldo Rossi (arq.).	120
Figura 142 - Cemitério de Presov - Svaby, Eslováquia (2018) - STOA Architekti.	121
Figura 143 - Crematorium Baumschulenweg, Alemanha (1999) - Shultes Frank Architekten.	122
Figura 144 - Cena do filme <i>Æon Flux</i> (2005) filmada no Crematorium Baumschulenweg.	122
Figura 145 - Meiso no Mori, Japão (2006) - Toyo Ito (arq.).	122
Figura 146 - Harbour View Burial Ground and Crematorium,	123
Figura 147 - Crematório Campo Grande, Brasil, 2020	124
Figura 148 - Igreja da Luz, Japão (1999) - Tadao Ando Architect & Associates.	124
Figura 149 - Igreja de São Venceslau, Chéquia (2017)	125
Figura 150 - Capilla de la Tierra, México (2020) - Cabrera Arqs.	125
Figura 151 - Tabela comparativa de casos de estudo.	127
Figura 152 - Sepulturas Perpétuas.	129
Figura 153 - Sepulturas Temporárias.	129
Figura 154 - Jazigos Subterrâneos.	130
Figura 155 - Jazigos em Capela.	130
Figura 156 - Jazigos Mistos.	130
Figura 157 - Gavetões de Consumpção Aeróbia,	130
Figura 158 - Ossários, Cemitério de Oeiras.	131
Figura 159 - Columbário.	132
Figura 160 - Escultura de Matthew Stanford Robison (1988 – 1999)	132
Figura 161 - Identidade Visual da Funerária Nova Estrela.	134
Figura 162 - Identidade Visual da Agência Funerária Memorial.	134
Figura 163 - Identidade Visual das Agências Funerárias Luso Fúnebre.	135
Figura 164 - Identidade Visual da Agência Funerária Voa.	135
Figura 165 - Identidade Visual da Serviços Funerários Alia.	136
Figura 166 - <i>Rebranding</i> da Identidade Visual, das Agências Funerárias Servilusa.	136
Figura 167 - Antiga Identidade Visual das Agências Funerárias Servilusa.	137
Figura 168 - Campanha publicitária do Jardim da Ressurreição.	139
Figura 169 - Campanha publicitária do Plano de Assistência Funeral SINAF.	139
Figura 170 - Ornamentação tradicional da sala de velório.	140
Figura 171 - Conjunto de objetos funerários.	141
Figura 172 - Tecido bordado.	141
Figura 173 - Objetos funerários com imagens religiosas	141
Figura 174 - Sala de velório tradicional.	142

Figura 175 - Sala de velório contemporânea.....	142
Figura 176 - Sala de velório com materias naturais.	143
Figura 177 - Sala de velório de linhas simples com luzes e cores neutras.	143
Figura 178 - Sala de velório ecuménica.	143
Figura 179 - Extensa utilização de áreas urbanas por cemitérios.....	146
Figura 180 - Madeira extraída para produção de urnas.....	146
Figura 181 - Contaminação dos solo e lençóis freáticos por substâncias químicas libertadas durante o processo de decomposição. [frag.].....	147
Figura 182 - Cremação de urna.	147
Figura 183 - Substância resultante da Cremação.	147
Figura 184 - Deposição de cadáver num processo de hidrólise alcalina.	148
Figura 185 - Processo de decomposição por hidrólise alcalina.	148
Figura 186 - Resultado do processo de hidrólise alcalina.....	148
Figura 187 - Urna artesanal.	149
Figura 188 - Corpo sepultado diretamente no solo e envolvido em tecidos naturais.	149
Figura 189 - Compostagem Humana.	149
Figura 190 - Ciclo do processo de Compostagem Humana.	149
Figura 191 - Representação da Perpétua Saudade, Cemitério do Alto de São João, Lisboa.....	151
Figura 192 - Identidade Visual, <i>AETERNA</i>	153
Figura 193 - Símbolo, <i>AETERNA</i>	153
Figura 194 - Identidade Visual - versão em relevo, <i>AETERNA</i>	154
Figura 195 - Uniforme para agente funerário, <i>AETERNA</i>	155
Figura 196 - Planta do complexo <i>AETERNA</i>	157
Figura 197 - Perspetiva do complexo <i>AETERNA</i>	157
Figura 198 - Zonamento do <i>Layout</i> para o complexo <i>AETERNA</i>	158
Figura 199 - Perspetiva da fachada.	159
Figura 200 - Planta interior da entrada.....	160
Figura 201 - Planta interior da loja florista.	162
Figura 202 - Perspetiva da loja florista.	162
Figura 203 - Planta interior da loja memorial.	162
Figura 204 - Perspetiva da loja memorial.	162
Figura 205 - Perspetiva da segurança (entrada). Fonte: Ilustração do autor	162
Figura 206 - Perspetiva da segurança (saída). Fonte: Ilustração do autor	162
Figura 207 - Planta interior do estacionamento interno.	163
Figura 208 - Perspetiva do estacionamento interno.	163
Figura 209 - Perspetiva frontal do veículo funerário elétrico, Tesla Model 3.....	164
Figura 210 - Perspetiva posterior do veículo funerário elétrico, Tesla Model 3.....	164

Figura 211 - Vista do interior do veículo funerário elétrico.....	164
Figura 212 - Perspetiva frontal do veículo elétrico, Tesla Model 3.....	164
Figura 213 - Perspetiva posterior do veículo elétrico, Tesla Model 3.....	164
Figura 214 - Perspetiva frontal do veículo elétrico destinado aos funcionários, Tramontina Elettro 170CP.	165
Figura 215 - Perspetiva frontal do veículo elétrico destinado ao transporte de visitantes, Tramontina Elettro 320PA.....	165
Figura 216 - Perspetiva frontal do veículo elétrico destinad	165
Figura 217 - Planta interior do columbário.....	166
Figura 218 - Perspetiva do columbário.....	166
Figura 219 - Planta do ossário.	167
Figura 220 - Perspetiva do ossário.....	167
Figura 221 - Planta da secção sepulturas perpétuas.....	168
Figura 222 - Perspetiva da secção sepulturas perpétuas.....	168
Figura 223 - Perspetiva frontal (lateral dir. e esq.) do talhão privativo da secção sepulturas perpétuas.	169
Figura 224 - Perspetiva e corte dos	169
Figura 225 - Planta da secção destinada à consumpção aeróbia.....	170
Figura 226 - Perspetiva da secção destinada à consumpção aeróbia.....	171
Figura 227 - Perspetiva das estruturas dupla e individual, respetivamente, na secção destinada à consumpção aeróbia.	171
Figura 228 - Planta do jardim.	172
Figura 229 - Perspetiva da estrutura para despedida dos falecidos.	173
Figura 230 - Planta do interior da estrutura para	173
Figura 231 - Deambulatório do complexo, <i>AETERNA</i>	174
Figura 232 - Planta do interior do Deambulatório em corte.	174
Figura 233 - Perspetiva da disposição radial dos jazigos em capela.....	176
Figura 234 - Perspetiva do jazigo em capela.	176
Figura 235 - Planta da secção sepulturas temporárias.....	177
Figura 236 - Perspetiva da secção sepulturas temporárias.....	177
Figura 237 - Planta da secção destinada à plantação de cinzas.	178
Figura 238 - Perspetiva da secção destinada à plantação de cinzas.	178
Figura 239 - Planta da secção destinada a animais de estimação.	179
Figura 240 - Perspetiva da secção destinada a animais de estimação.	179
Figura 241 - Ossário e Columbário para animais de estimação, e Armazém na extremidade direita.	180
Figura 242 - Gama completa de equipamentos.....	182
Figura 243 - Perspetiva da peça 1.	183
Figura 244 - Perspetiva da peça 2.	183

Figura 245 - Perspetiva da peça 3.	184
Figura 246 - Perspetiva da peça 4.	185
Figura 247 - Perspetiva da peça 5.	185
Figura 248 - Perspetiva da peça 6.	186
Figura 249 - Perspetiva da peça 7.	187
Figura 250 - Perspetiva da peça 8.	187
Figura 251 - Perspetiva da peça 9.	188
Figura 252 - Perspetiva da peça 10.	188
Figura 253 - Perspetiva da peça 11.	189
Figura 254 - Perspetiva da peça 12.	189
Figura 255 - Perspetiva da peça 13.	190
Figura 256 - Perspetiva da peça 14.	191
Figura 257 - Perspetiva da peça 15.	192
Figura 258 - Perspetiva da peça 16.	192
Figura 259 - Perspetiva da peça 17.	194
Figura 260 - Perspetiva da peça 18.	195

SUMÁRIO

1. Introdução	21
1.1. Contextualização	21
1.2. Justificação do título e subtítulo da dissertação	22
1.3. Problemática	22
1.4. Motivações de investigação	24
1.5. Questões de investigação	24
1.6. Objetivos	25
1.7. Argumento ou hipótese	26
1.8. Metodologia	27
1.9. Diagrama de investigação	30
2. Morte	31
2.1. Abordagem Multidimensional Histórico-Cultural	31
2.2. Crença e religião	32
2.3. Breve contextualização histórica sobre a morte	33
2.3.1. Pré-História	33
2.3.2. Antiguidade	38
2.3.3. Idade Média	47
2.3.4. Idade Moderna	50
2.3.5. Era Contemporânea	52
2.4. Rituais fúnebres em contexto local / cultural	60
2.5. Definição de Luto	63
2.5.1. Cor como significante do luto	64
2.5.2. Teoria e Modelos do processo de luto	66
2.5.3. Luto e tipos de perda	67
2.5.3.1. Conceito de Luto Normal / Comum	68
2.5.3.2. Conceito de Luto Patológico / Crónico / Prolongado	69
2.5.3.3. Conceito de Luto Antecipatório	69
2.5.3.4. Conceito de Luto Traumático	70
2.5.3.5. Conceito de Luto Gestacional e Perinatal (SMSI)	70
2.5.3.6. Conceito de Luto Não Autorizado / Desautorizado	71
2.5.3.7. Conceito de Luto Ausente / Inibido	72
2.5.3.8. Conceito de Luto Atrasado / Retardado / Tardio	72
2.5.3.9. Conceito de Luto Coletivo	73
2.6. Cemitérios	73
2.6.1. Destinos finais de um cadáver no interior do cemitério	75
2.6.2. Opções de deposição para cinzas de cremação	76
2.7. Manifestações culturais	81
2.8. Profissões que lidam com a morte	83

2.9. Decomposição do corpo humano	88
2.10. A morte como <i>tabu</i>	90
2.11. Comunicar a morte	91
2.11.1. Morte nos media	91
2.11.2. Morte nos jogos de vídeo.....	98
2.11.3. Morte e sua comunicação.....	100
2.12. Modos e suportes para informar a morte e expressar o luto	101
2.13. Pandemias e morte	108
2.14. Representação iconográfica da morte	113
3. Morte na cultura ocidental	114
3.1. Preparação do corpo para o velório.....	114
3.2. Descrição do processo fúnebre	117
4. Análise [crítica] de casos de estudo	118
4.1. Espaços Funerários.....	119
4.2. Serviços Funerários.....	127
4.3. Elementos que compõem o espaço cemiterial.....	128
4.4. Agências funerárias.....	133
4.4.1. Humor no setor funerário	138
4.5. Artigos funerários	140
5. Desenvolvimento e apresentação do projeto.....	143
5.1. O ponto em que o design pode contribuir no modo como lidamos com a morte 144	
5.2. A morte em relação com a natureza	146
5.3. Simbolismo da flora	149
5.4. Projeto <i>Aeterna</i>	152
5.4.1. Identidade Corporativa	152
5.4.1.1. Alteração de Uniformes - uma nova perspetiva visual e funcional para a funerária.....	155
5.4.2. Zonamento	157
5.4.3. Equipamentos.....	181
6. Considerações finais	195
6.1. Processo de investigação e resultados: contributo para o conhecimento	195
6.2. Benefícios	196
6.3. Espaços em aberto.....	197
6.4. Desenvolvimentos futuros	199
6.5. Indicações para investigadores e designers	200
Referências bibliográficas e bibliografia consultada	201
Anexos	213

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

É lamentável que a temática da morte seja pouco explorada no campo do design, considerando a sua natureza universal e inevitável. Todavia persistem *tabus* e preconceitos relacionados a esse assunto. A tentativa inicial de abordar este campo complexo, tem sido evidenciada pela crescente participação dos designers em projetos relacionados com a morte: espaços de sepultamento; desenvolvimento de objetos de culto e.g. urnas funerárias ou a renovação da identidade visual de empresas funerárias. No entanto, é essencial admitir que existe uma lacuna substancial na compreensão do aspeto emocional da morte sob a perspetiva do design.

Os designers compreendem que o seu contributo vai além da conceção de estruturas físicas destinadas ao sepultamento. Dedicam-se a desenvolver espaços públicos que superam a mera utilidade básica. Além de servirem como locais de sepultamento físico, estas áreas devem sobretudo ser dedicadas à preservação da memória e à estimulação da reflexão, como homenagem aos que partiram. Torna-se imprescindível assegurar que esses locais sejam idealizados para incluir e respeitar a diversidade cultural e os valores de todos aqueles que o frequentam. O propósito dessa abordagem é incentivar uma atitude inclusiva e ecuménica, para além das compartimentações impostas pelos diversos credos. Envolver-se neste desafio é negavelmente uma experiência ambiciosa, mas também altamente estimulante.

A incorporação de áreas multifuncionais direcionadas para a contemplação e lazer dentro de cemitérios, redefine a abordagem atual do design neste contexto específico. A evolução contemporânea torna estes espaços mais acolhedores e inclusivos para os visitantes. Os designers, estão conscientes da importância de uma maior diversidade de elementos que superem a função prática atingindo patamares mais elevados de relação entre o ser humano e a sua morte. Outros elementos críticos que devem ser incorporados no projeto são as acessibilidades, a segurança e uma iluminação adequada. O papel do designer, sabemos bem, vai além da mera questão formal, é fundamental assegurar que os ambientes sejam tanto funcionais quanto atrativos, e possam atender às necessidades em constante mudança da comunidade.

Esta dissertação em projeto, pretende preencher lacunas existentes na perceção dos espaços relacionados com a morte, com particular ênfase na componente

emocional. Uma das premissas do design é o intuito de investigar não apenas a dimensão física, mas também a emocional e cultural associadas à experiência da morte. A ambição serve como impulso para transcender o materialismo comum, procurando influenciar beneficentemente a forma como a sociedade contemporânea enfrenta o inevitável fim da vida. Este projeto não se resume a um desafio intelectual, mas também uma oportunidade para ajudar a promover uma mudança significativa de abordagem do design na relação com a morte e o processo de luto.

1.2. JUSTIFICAÇÃO DO TÍTULO E SUBTÍTULO DA DISSERTAÇÃO

A explicação para a escolha do título acaba por referir o nome do projeto, como contributo real para a humanização da experiência da morte. A morte é uma parte natural da vida, é inevitável e universal, que todos iremos enfrentar. A memória é um sentimento que nos conecta e nos une ao transcendental; e o design pode ser o processo que permite obter novas perspetivas e qualidade de experiência para quem lida com a morte de um ente querido. Estes temas estão interligados, pois a morte ensina-nos a valorizar o intangível e o design pode ajudar-nos a torná-la uma experiência tangível. Ou seja como suporte tangível para o intangível. Em suma, a escolha do tema da morte justifica-se pela necessidade de transformar um tema *tabu*, escassamente tratado pelo design, e para o qual se produzem produtos e serviços apoiados em práticas pouco eruditas quando não preconceituosas. A humanização da experiência permitirá (espera-se) celebrar a vida, a memória, o respeito pelos que partiram, além de explorar vertentes, digamos, metafísicas. O projeto *Aeterna* visará a partir das boas práticas e metodologias do design propor uma nova abordagem projetual de reconfiguração cultural a vários níveis desde a perceção visual (imagética) até à gestão de espaços destinados à celebração da morte. O projeto em desenvolvimento procura trazer um novo olhar sobre a relação estética e a prática relacionada com a morte, contribuir para a criação de uma experiência mais consoladora, criando um ambiente de respeito e reflexão, mas também propondo soluções conscientes e sustentáveis.

1.3. PROBLEMÁTICA

A dissertação propõe explorar a relação entre a morte e o design diante de uma série de questões profundas e desafios multifacetados que a investigação pretende incluir. Estas problemáticas, intrinsecamente ligadas ao tema, revelam a complexidade e a

urgência em compreender como o design pode abordar e moldar a percepção sobre a morte na sociedade contemporânea.

Um dos desafios fundamentais que se coloca é garantir que o design de espaços funerários e objetos relacionados com a morte sejam tratados para os utilizadores de um modo inclusivo, quer a nível das estruturas e equipamentos, mas sobretudo englobando diversas conceções culturais sobre a morte. Num mundo cada vez mais diversificado, onde diferentes culturas e religiões coexistem, como podem os designers criar ambientes e elementos que respeitem e atendam às crenças e sensibilidades? A divisão de espaços funerários de acordo com crenças religiosas é a abordagem adequada, ou seria mais apropriado criar espaços ecuménicos que possam acomodar múltiplas mundivisões de maneira respeitosa e harmoniosa? A problemática é tanto cultural quanto social, exigindo uma análise profunda da interação entre design, religião e identidade cultural.

Será ainda importante a questão ambiental. Cada vez mais se procuram opções de sepultamento ecológico, como a cremação e o enterro em locais que não se tornem prejudiciais ao meio ambiente. Os designers, portanto, têm um papel crucial em propor e criar espaços de sepultamento, atrevemo-nos a afirmar *eco-friendly*, com soluções que respeitem o meio ambiente.

Manter-se atento à relação comunicativa é fundamental para serviços relacionados com a morte, e.g. agências funerárias, promovendo novos comportamentos e experiências para uma sociedade pós-moderna e impermanente. Uma empresa que se apresente com uma identidade visual desatualizada que não reflete os seus valores ou os valores do destinatário pode ser preterida em favor de outras que o proporcionem. É crucial que o Design de Comunicação seja chamado a promover o seu contributo para desenvolver marcas que respeitem os valores culturais e sociais em serviços do ramo funerário, ou seja, que agreguem valor à sua imagem e missão.

Outra área na qual os designers devem contribuir é no desenvolvimento de objetos e equipamentos de acordo com especificações pré-determinadas: nem sempre se pretende uma urna simples, padronizada e sem caráter distintivo. Grande parte de quem procura estes serviços deseja que reflitam algo sobre o legado do falecido ou tenham elementos únicos que expressem a sua personalidade. Os designers têm ajudado a criar soluções que, além de refletirem essas preocupações, proporcionem igualmente conforto e paz aos que o homenageiam.

1.4. MOTIVAÇÕES DE INVESTIGAÇÃO

A coincidência de situações que constroem esta dissertação é algo que não podia deixar de mencionar. Sempre nos apercebemos que muito pouco se sabe sobre a vida e a morte, logo esta constatação recorrente e transversal à condição humana nos despertou, pela sua complexidade, fascinação profunda. O interesse pessoal pela temática da morte foi uma premissa fundamental para o início deste projeto.

Foi quase como se um conjunto de variáveis se tivesse cruzado no tempo e no espaço certos. Previamente ao arranque desta investigação assistimos a um falecimento familiar próximo e inesperado. Desde as primeiras reuniões de acompanhamento da fase curricular do mestrado, sobretudo na unidade de Direção e Gestão Criativa do Design (DGCD) que surgiu uma predisposição confrontada com um receio de abordar um assunto tão delicado. O facto de se tratar de um tema difícil e com escasso aparato crítico, constituiu o espoletar final para a tomada de decisão. Aquele momento no tempo não só impulsionou a minha motivação como também respondia à minha necessidade de prestar homenagem a um parente que havia partido.

A combinação da motivação pessoal e do entusiasmo que partilho com a originalidade temática, contribuíram para intensificar a minha determinação de avançar com o projeto que denominámos *Aeterna*. A importância de investigar uma área do design, original e que possa causar impacto significativo na perceção social e cultural sobre a morte, levaram à tentativa de afirmar o potencial que o design pode oferecer como agente de mudança benéfico para a sociedade.

1.5. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

A morte é um evento que embora comum à condição humana assume também uma diversidade muito complexa, envolvendo aspetos culturais, sociais, psicológicos, religiosos e ambientais, entre outros. Como tal, o design, enquanto disciplina que se dedica à criação de soluções para problemas humanos, não pode ignorar ou evitar o tema, mas sim abordá-lo com criatividade, sensibilidade e responsabilidade. Neste capítulo, vamos examinar algumas questões de investigação que nos ajudam através do design a encontrar respostas e soluções para lidar com o desafio da morte.

Como pode o design ajudar a forma como lidamos com a morte?

Como podem os designers criar ambientes e elementos distintivos que respeitem e atendam diferentes crenças e origens culturais?

Quais as melhores práticas de design para a concepção de espaços e objetos funerários que minimizem o impacto ambiental?

Como implementar mudanças que promovam a sustentabilidade respeitando e preservando tradições e rituais fúnebres de várias proveniências culturais?

Como devem os serviços funerários modernizar-se, comunicar melhor a sua identidade visual e atitude gráfica adequando-se a uma sociedade em rápida transformação?

Como podem as novas estratégias de design de comunicação se articular com a sensibilidade e o respeito pelas tradições e valores que envolvem a temática da morte?

Como garantir que as soluções propostas não apenas consolem, respeitem, mas honrem a memória dos que partiram?

As questões de investigação orientam-nos e serão desenvolvidas e aprofundadas nos capítulos seguintes, onde apresentaremos os resultados da nossa investigação em ambas as componentes teórica e prática. Esperamos, assim, contribuir para o debate e a reflexão sobre este tema tão importante, porém ainda *tabu* na nossa sociedade.

1.6. OBJETIVOS

A dissertação que desenvolvemos segue uma abordagem estruturada e abrangente, delineada em diferentes passos. Necessita por isso aflorar o impacto cultural e social que a morte assume em diversas culturas e religiões. O ponto de partida é um levantamento abreviado de casos de estudo para espaços e objetos de "culto" associados à morte, com uma análise crítica que abranja a evolução dos rituais e práticas funerárias ao longo da história da humanidade.

No contexto do design, a revisão de literatura implica uma investigação reflexiva e crítica sobre a temática da morte do ponto de vista da Cultura do Design (Cultural Studies). Isto estabelecerá as bases para a compreensão de diferentes abordagens projetuais para sepultamento, destacando as suas implicações a diversos níveis ambientais e

sociais. Para uma melhor compreensão da diversidade de soluções existentes a nível de comunicação, equipamentos, serviços e espaços funerários, torna-se essencial realizar esse levantamento de casos de estudo. Estabelecer uma base sólida requer a análise crítica da comunicação destes serviços, identificando padrões comuns e não comuns. Esta envolve a criação de grelhas de análise, que são instrumentos indispensáveis para avaliar vantagens e desvantagens das diferentes opções.

Dada a natureza do projeto, o delineamento do foco adquire alguma importância, para compreender o potencial impacto nos diversos intervenientes. A partir desta compreensão, surgirá como objetivo específico, o desenvolvimento de uma proposta projetual que construa um quadro de boas práticas, em escalas multidimensionais, para espaços e complexos funerários, abrangendo desde cemitérios-tipo até agências funerárias e outros serviços associados. Este processo exige interdisciplinaridade entre diversas áreas científicas das ciências sociais e entre campos de atuação.

A comunicação desempenha um papel principal, centrando-se na criação de uma estratégia de design para o território simbólico da morte. A aplicação dos métodos projetuais mais indicados para cada área de design, torna-se imprescindível, de modo a obter respostas válidas alinhadas com as intenções e metas estabelecidas. Esta abordagem progressiva converge para uma integração única do design em questões fundamentais da existência humana, procurando aperfeiçoar significativamente o confronto com a morte e os seus rituais.

1.7. ARGUMENTO OU HIPÓTESE

A morte, sendo uma das poucas certezas universais da humanidade, continua a ser um tema a evitar, repleto de *tabus* e estigmas que limitam a sua abordagem no espaço público e, consequentemente, no campo do design. O modo como a sociedade contemporânea encara a morte reflete não só a sua dificuldade em lidar com o fim da existência, mas também com a criação de espaços e objetos que facilitem o processo de luto, memória e homenagem. O design, enquanto prática comunicativa, tem o potencial para uma mudança de paradigma ao promover uma reflexão profunda sobre os aspetos emocionais, simbólicos, funcionais e ambientais relacionados com a morte. Historicamente, o modo como as sociedades lidam com a morte tem-se regulado por uma conceção rígida, frequentemente ritualizada dentro dos padrões religiosos e culturais dominantes. Esta abordagem contribui para a normalização de ambientes e objetos ideologicamente engajados, pouco inclusivos e desprovidos de sensibilidade

social (como um todo). Este facto impele à produção de soluções que não respondem às necessidades dos enlutados, nem respeitam a diversidade de crenças, práticas e sentimentos em torno da morte, sendo visível tanto na arquitetura dos espaços como na conceção de objetos. Neste sentido, é fundamental desenvolver um projeto que repense o design funerário, centrando-se não somente na função prática, mas, sobretudo, na sua dimensão emocional, cultural e simbólica.

Acreditamos que os ambientes funerários e elementos que os compõem devem ser desenvolvidos de modo a estimular a contemplação, a memória e a conexão afetiva com os que partiram. Por isso espaços e equipamentos devem ser acolhedores, acessíveis, ecuménicos, demonstrar cuidado pelo próximo e ser ambientalmente responsável.

A nossa proposta projetual não se atém no desenvolvimento de uma gama de produtos e serviços ou um novo modelo de comunicação visual, ousará estabelecer um manual de boas práticas de design para o luto, com valor simbólico e emocional. A nossa dissertação defende que o design pode e deve atuar como impulsionador na construção de novos paradigmas na relação com a morte.

Em suma, a pertinência deste projeto parte da convicção de que em design é dominado por uma perspetiva humanista e transformadora, e como tal no presente caso, procura promover o bem-estar emocional, a diversidade cultural e a sustentabilidade ambiental. Argumentamos e lançamos a hipótese de que materializar essa perspetiva na prática projetual da área de estudo constituirá uma resposta relevante e necessária a um dos temas tão universais quanto (ainda) pouco explorado pelo design. Trata-se também de um convite à reflexão e um contributo para que a sociedade encare a morte com outra sensibilidade e sobretudo humanidade.

1.8. METODOLOGIA

A dissertação que propomos realizar utilizará uma metodologia de pesquisa mista, com foco em aspetos qualitativos e quantitativos, e não intervencionista na parte de investigação sobre o tema.

É necessário utilizar uma variedade de métodos de investigação para desenvolver um projeto de design que aborde a morte, a fim de compreender e interpretar o significado da morte em diferentes culturas e épocas.

Um dos métodos qualitativos mais utilizados para fornecer uma base teórica à pesquisa, é a revisão de literatura, que envolve a leitura de monografias, artigos de jornais e de revistas científicas e outras publicações que abordam o tema da morte. É importante estudar questões sobre como se lidou com a morte em diferentes períodos históricos, como ela é percebida em diferentes culturas e religiões, quais são as manifestações sociais e culturais relacionadas à morte, entre outros aspetos.

Seguidamente, é imprescindível realizar uma pesquisa sobre os casos de estudo existentes, para continuar a abordar o lado qualitativo da pesquisa, e desta maneira, seja possível ter uma noção clara do que já foi feito, do que funciona e do que ainda é possível explorar. A partir daí, será possível identificar aspetos relevantes para o projeto, como tipologias, materiais utilizados e presença de elementos simbólicos, como lápides e monumentos, entre outros aspetos.

Outro método importante é a observação direta, que consiste em visitar os locais de sepultamento e culto sagrado ou profano, igrejas, museus e outros locais que tenham relação com o tema da morte. Esta abordagem permite identificar diferentes estilos arquitetónicos, elementos decorativos, simbolismos e outros aspetos importantes para a compreensão do universo da morte.

Utilizando estas estratégias, é possível desenvolver uma dissertação sólida e consistente, explorando objeto de estudo de forma abrangente.

Para obter sucesso neste projeto, é necessário também seguir uma metodologia de projeto que ajudará a alcançar o objetivo desejado.

Esboços e esquisos preliminares serão realizados para apresentar visualmente as ideias iniciais do projeto de uma forma mais simplificada, é importante desenvolver uma ideia conceitual para cada elemento. É fundamental ter um conceito claro e coerente para que todas as escolhas de projeto estejam alinhadas. O conceito pode ser inspirado numa ideologia, um movimento artístico ou até mesmo a uma história que envolva a morte.

Com o conceito definido, é importante pensar em aspetos como o *layout* geral, a disposição dos elementos, a escolha dos materiais e cores utilizadas, a representação de elementos simbólicos, bem como a integração do paisagismo. É importante lembrar que o objetivo deste projeto é criar algo diferente e que fuja do padrão, com um intuito

de transformação social e de mentalidades então é preciso ser ousado sem, é claro, perder a elegância e o respeito que os locais e os indivíduos exigem.

Modelações 3D serão utilizadas para elaborar com precisão os elementos a serem desenvolvidos e o espaço, para que sejam representados à escala e o mais realistas possível. Ao utilizar estas modelações, é possível produzir em pequena escala os produtos criados ao longo do projeto através da impressão 3D.

Por fim, é importante ajustá-lo conforme se verifique ser necessário. Foram criadas representações virtuais para avaliar o resultado do projeto. É importante lembrar que uma boa metodologia de projeto não se resume somente à execução do projeto em si, mas também no processo criativo e na capacidade de superar ou adaptar-se às necessidades e dificuldades encontradas.

É também importante lembrar que o objetivo do projeto é refletir as diferentes percepções sobre a morte, que respeite a diversidade cultural e religiosa e que proporcione conforto e segurança aos visitantes. O espaço não precisa de ser visto como um lugar de tristeza e luto, deve de ser encarado como um local de memória, onde as histórias de vida são contadas e celebradas. Por isso, o projeto deve ser criado com sensibilidade, atenção aos detalhes e respeito às diferentes crenças e tradições.

Em resumo, para esta dissertação, é necessário seguir os métodos de investigação e de projeto acima delineados, para que se torne possível criar algo distintivo e aplicável nas áreas do design e serviços associados à morte.

1.9. DIAGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

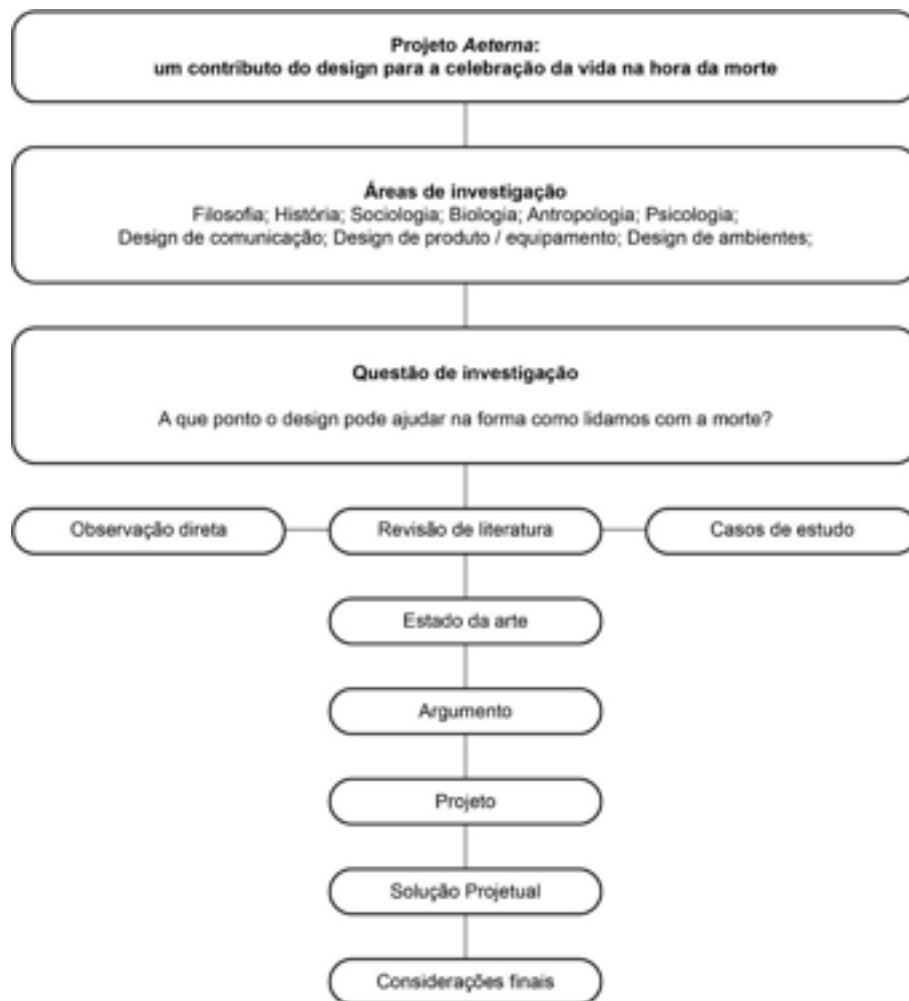


Figura 1 - Diagrama de Investigação.

Fonte: Ilustração do autor

2. MORTE

2.1. ABORDAGEM MULTIDIMENSIONAL HISTÓRICO-CULTURAL

A morte é um tema primordial na história e desenvolvimento cultural da humanidade. A definição de morte varia naturalmente conforme o contexto e a área de estudo. Este conceito é amplo, envolvendo não só aspetos técnicos e científicos, mas também aspetos filosóficos, culturais, sociológicos, psicológicos, religiosos, éticos, artísticos e tecnológicos. Cada um destes aspetos oferece uma perspetiva única que configura uma temática complexa e universal.

Segundo a medicina, a morte é definida como uma interrupção irreversível de funções vitais, (i.e.) a respiração e atividade cerebral (LIMA, 2005). Com o intuito de estabelecer definições precisas é essencial observar de modo muito sucinto o que outras áreas científicas consideram sobre a morte. No contexto filosófico, Platão explorara a natureza e o significado da morte, debatendo a existência de vida após a morte e a influência da mortalidade na humanidade (PLATÃO, 1980). Na vertente dos Estudos Culturais aborda-se como diversas sociedades possuem crenças, rituais e tradições próprias sobre a morte, e os seus rituais como cerimónias fúnebres e celebrações em homenagens aos defuntos, numa diversidade de atitudes e interpretações culturais sobre a morte e respetivas práticas (PARKES et al., 2003). Sociologicamente, estuda-se sobretudo como a morte influencia a estruturação das sociedades e as relações entre seres humanos. Questões sobre o luto, *tabus* culturais e práticas funerárias (RIBEIRO, 2021). Psicologicamente e emocionalmente, a morte impacta tanto os indivíduos mais próximos como a comunidade onde se inserem. Estuda também o processo de luto, mecanismos para o enfrentar e reações emocionais. Pontos fulcrais para entender como lidamos com a perda e como esta experiência afeta psicologicamente o ser humano (KASTENBAUM, 2000). Na vertente religiosa, diversas tradições espirituais oferecem múltiplas crenças sobre vida após a morte, julgamento final e ressurreição, procurando proporcionar consolo e significado perante a impermanência da vida (PARKES et al., 2003). A Ética debate questões como o suicídio assistido e o direito a uma morte digna. São questões morais sobre valores e normas sociais excessivamente complexas para o âmbito desta investigação. As representações da morte na Arte são naturalmente transversais, das Artes Plásticas, Literatura, ao Cinema e Música, explorando as interações entre criatividade e experiência emocional (SOUSA, 2024). A tecnologia

procura igualmente soluções, desde do impacto de avanços médicos no prolongamento da vida até à simples representação virtual da morte nas redes sociais (SISTO, 2023).

Entender a complexidade deste assunto a partir destes diversos contextos e áreas de estudo, enriquece a compreensão deste fenómeno essencial para a existência da humanidade e para o significado da vida.

2.2. CRENÇA E RELIGIÃO

Um dos modos ancestrais de lidar com o desconhecido são as diferentes versões metafísicas e mediúnicas de apresentar, representar e comunicar com o intangível. Cada crença desenvolveu as suas visões organizando-se em ritos estruturados dando origem à religião. Embora evoluam a partir dos mesmos conceitos cada uma adaptou a sua própria conceção sobre a morte e o propósito da existência humana, refletidas nas diversas interpretações e práticas espirituais. Partindo da perspetiva cultural europeia, o Cristianismo considera a morte como estado transitório para a vida eterna junto de Deus, baseada na ressurreição de Jesus Cristo. Contudo esta depende do cumprimento de requisitos morais e comportamentais: estes estabelecem que quando um crente morre, poderá subir aos céus ou descer aos infernos, onde irá permanecer eternamente (PARKES et al., 2003, pp. 155-171). Na religião Judaica, também monoteístas, creem igualmente na vida após a morte. A morte é determinada pela vontade divina, valorizando a memória e o legado dos defuntos com rituais fúnebres e práticas de luto que refletem esse respeito pela vida e espiritualidade (*idem*, 2003, pp. 119-154). No Islamismo, os muçulmanos, igualmente monoteístas, submetem-se a *Allah*, crendo que a morte é o início de uma nova jornada, onde as almas são julgadas pelas ações em vida. A crença em recompensas no paraíso ou punições no inferno, além da predestinação e do dia do juízo final, compõem a conceção islâmica da morte (*idem*, 2003, pp. 173-193). Como podemos observar os arquétipos fundamentais destas três religiões partilham a mesma visão sobre a morte e a vida após a morte. Muitas destas visões, aliás, derivaram da cosmogonia das civilizações milenares do Crescente Fértil. O Hinduísmo, também politeísta, crê que a morte é um estágio natural e que faz parte da trajetória da alma, influenciada pelo karma, que determina a próxima existência. Os rituais funerários são essenciais para a transição da alma, com o objetivo de alcançar a libertação final (*idem*, 2003, pp. 69-90). No Budismo, o centro desta doutrina é Buda, sendo entendido como um guia espiritual em vez de ser um deus, isto faz com que esta doutrina seja uma religião “ateísta”. Para os budistas, a morte faz parte do ciclo de renascimentos, onde a consciência da impermanência e a procura pela libertação

completa são essenciais. Aceitar a efemeridade da vida é fundamental para o desenvolvimento espiritual (*idem*, 2003, pp. 91-118).

Explorar estas perspetivas religiosas distintas revela a riqueza e diversidade cultural das abordagens espirituais sobre a morte, destacando a profundidade da experiência humana e a procura continua por significado, visto que a pós-morte é cientificamente inexplicável. Contudo, é possível perceber que apesar de cada religião estabelecer rituais distintos e encontrar explicações próprias, as suas semelhanças apontam algumas das características essenciais da Humanidade.

2.3. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE A MORTE

Neste capítulo, iremos explorar sinteticamente a evolução da perspetiva histórica sobre a morte. Delimitámos uma trajetória que tem início na pré-história e se estende até à modernidade (e pós-modernidade). Iremos abordar a evolução das atitudes perante a morte, a ligação entre rituais funerários em contexto socio-cultural. Explorar esta perspetiva histórica sobre a morte, auxiliar-nos-á à compreensão das origens comportamentais atuais e fundamentar as nossas decisões projetuais.

2.3.1. PRÉ-HISTÓRIA

Os rituais sobre a morte praticam-se desde que se encontraram artefactos e representações do *Homo Sapiens* (BENJAMIN, 2013, pp. 12-14). Na pré-história, o mundo desconhecido era sobretudo perigoso e a sobrevivência dependia sobretudo da integridade física. Sem registos escritos, entender estas práticas tornam-se difíceis. Arqueólogos e antropólogos, dependem da interpretação dos artefactos, sepulturas entre outros vestígios para reconstruir as crenças e rituais funerários das comunidades pré-históricas (PIGEAUD, 2017).

A Pré-História, é o período mais longo da História da Humanidade, subdividindo-se em momentos principais. O Paleolítico ¹, época em que surgiram os primeiros instrumentos de pedra e se iniciou o processo evolutivo de hominização (Fig. 2), promovendo avanços físicos e intelectuais significativos da espécie humana (TORRES, 2021a). Neste período, as sociedades nómadas enfrentavam a morte de forma quase instintiva, atribuindo-a regularmente a forças metafísicas ou elementos da natureza. O ato de

¹ Paleolítico - combinação das palavras de origem grega, paleo = antigo + litos = pedra.

sepultar cadáveres foi inicialmente uma necessidade prática para evitar que os corpos se decompusessem ou atraíssem animais necrófagos. Posteriormente, o enterramento evoluiu para práticas complexas que refletiram crenças sobre a vida, a morte e o além (LEROI-GOURHAN et al., 1989). A arte rupestre emergiu como uma expressão primitiva, nomeadamente, nas paredes das cavernas, retratando cenas do quotidiano, como por exemplo cenas de caça, imagens de animais e figuras humanas (Fig. 3) (TORRES, 2021a). Embora as representações incluíssem elementos relacionados com violência e morte, como animais feridos (Fig. 4), o propósito principal não parecia ser destacar a agonia da morte, mas sim demonstrar a dinâmica da caça e a vitalidade (PIGEAUD, 2017, pp. 171-172). À medida que a pintura rupestre progrediu, surgiram os primeiros indícios de preocupações com aspetos que transcendiam o mundo físico. Além de registos simples da vida quotidiana, as representações artísticas demonstravam uma conotação espiritual e metafísica, deduzindo-se que a arte não era somente uma forma de comunicação ou decoração, mas também um meio de expressar crenças e interpretações sobre a existência, a morte e o possível além (LEROI-GOURHAN, 1986, p. 6). Os seres humanos começaram a realizar cerimónias que, atualmente encontram-se associadas a ritos mágicos. Dada a dependência direta que tinham da natureza para sobreviver, acreditava-se que estes rituais estabelecessem uma conexão com as forças naturais, com o intuito de obter proteção e favores (GIORDANI, 1972, p. 30; TORRES, 2021a). Foram descobertas sepulturas antigas que revelaram os primeiros indícios de rituais funerários, contendo geralmente restos mortais de indivíduos acompanhados por artefactos, como ferramentas e ossos de animais, sugerindo a crença na vida após a morte (Fig. 5) (GIORDANI, 1972). Em casos concretos, os corpos foram depositos em posição fetal (Fig. 6), indicando a possibilidade de crenças de reencarnação e renascimento (CABAÇO, 2009, p. 16; SMIRNOV, 1989; TORRES, 2021a).

Na transição para o Neolítico ², as comunidades evoluíram de caçadores-recolectores nómadas para um estilo de vida agrícola sedentário (CABAÇO, 2009, p. 16). Esta mudança proporcionou uma reorganização social e cultural significativa, possibilitando o desenvolvimento de estruturas sociais mais complexas. Estas mudanças sociais e culturais impactaram diretamente nos rituais funerários, tornando-se mais sofisticados, refletindo as novas dinâmicas de convivência coletiva e a evolução das crenças espirituais, como por exemplo os sepultamentos múltiplos (Fig. 7) (TORRES, 2021). Acreditava-se na persistência das relações após a morte, e as oferendas, foram

² Neolítico - combinação das palavras de origem grega, neo = novo + litos = pedra.

associadas ao estatuto social ou à tentativa de apaziguar as divindades. Os túmulos eram frequentemente preenchidos com objetos, demonstrando a evolução das crenças sobre a existência para além da morte, refletindo a convicção de que os falecidos necessitavam de recursos materiais para essa vida, qualquer que fosse o destino (PIGEAUD, 2017). A transição para a sedentarização, permitiu que as comunidades neolíticas construíssem monumentos funerários mais duradouros, como os dolmens, e outros monumentos megalíticos³ (Fig. 8) (CABAÇO, 2009, p. 16; GIORDANI, 1972, pp. 46-47). A arte funerária evoluiu com túmulos e monumentos a serem decorados com pinturas e gravuras (Fig. 9), que incorporavam o duplo propósito de homenagear aqueles que partiram e eternizar mitos ou crenças.

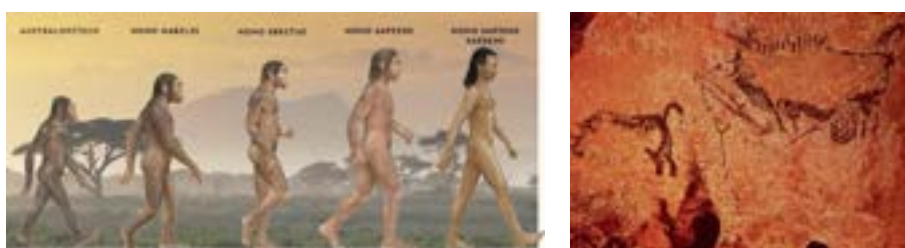


Figura 2 - Processo de Hominização.

Fonte: <https://view.genially.com>

Figura 3 - Arte Rupestre - Cena de Caça.

Fonte: <https://www.meisterdrucke.ie>

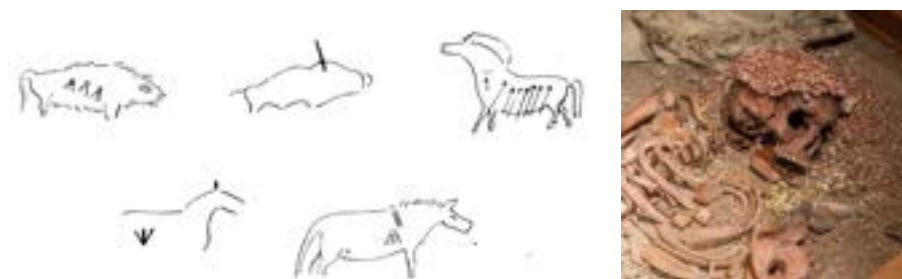


Figura 4 - Arte Rupestre - Animais feridos.

Fonte: <https://www.researchgate.net>

Figura 5 - Sepultamento do "Príncipe" de Arene Candide, Musei di Genova.

Fonte: <https://www.museidigenova.it>

³ Megalíticos - combinação das palavras de origem grega, mega = grande + lithos = pedra.



Figura 6 - Sepultamento em posição fetal do Paleolítico Superior, The National Museum of Natural History.

Fonte: <https://archaeologymag.com>



Figura 7 - Amantes de Valdaro – Sepultura de casal.

Fonte: <https://posdatadigital.press>



Figura 8 - Monumento Megalítico - Stonehenge.

Fonte: <https://www.bbc.co.uk>



Figura 9 - Pinturas rupestre megalítica em Portugal.

Fonte: <https://www.academia.edu>

Com a entrada na Idade dos Metais, a humanidade conseguiu alcançar uma conquista tecnológica dando os primeiros passos no desenvolvimento da metalurgia, alterando a vida em sociedade e ocasionando a formação dos primeiros aglomerados urbanos. A descoberta e a utilização de metais na fabricação de armas, ferramentas e utensílios substituíram parcialmente os instrumentos de pedra, passando a ser mais resistentes e duradouros. Além de ser possível transformar os metais em formas anteriormente incapazes de serem produzidas. Esta invenção humana ultrapassou os limites impostos pelos materiais naturais melhorando a qualidade de vida do homem (*idem*, 1972, pp. 43-46).

A subdivisão deste período não se sucedeu de forma linear ou uniforme entre as diferentes sociedades, variando no tempo e no espaço. Todavia as transições entre as três épocas da Idade dos Metais são definidas conforme o metal utilizado, sendo o cobre

o primeiro a ser fundido pelas sociedades pré históricas (*idem*, 1972). Este período da pré-história impactou significativamente os rituais funerários, observando-se as primeiras aplicações de objetos metálicos em sepulturas individuais. Estes artefactos de cobre começaram a ser incluídos como símbolos de posição social e elementos que demonstravam competências técnicas (GOLDEN, 2014).

Posteriormente, houve a necessidade de procurar outros tipos de metais, como o bronze que tornou os instrumentos mais eficientes e resistentes que o cobre (CHAMPION, 2025). Esta invenção resultou em diversos instrumentos novos, como a espada e a armadura. As guerras intensificaram-se tornando-se competitivas, tentando derrotar povos inimigos e conquistar territórios e cidades. Na Idade do Bronze, os vencedores passavam a impor domínio sobre outros povos dando origem a hierarquias e desigualdades sociais, impactando de certo modo os rituais funerários, tornando-os mais elaborados. Os bens funerários aumentaram em quantidade e sofisticação sendo produzidos em bronze e inseridos nas sepulturas como símbolos de poder e riqueza (SÎRBU et al., 2012). A deposição dos corpos inumados era inicialmente na posição fetal, porém diferenciava-se de cordo com o género dos indivíduos, homens do lado esquerdo, mulheres do lado direito, ou vice versa, de acordo com variações regionais. A posição corporal deixou de depender do género e da idade, passando a diferenciar os indivíduos por outros elementos, tal como os objetos encontrados nas sepulturas (CHAMPION, 2025). No entanto, à medida que as sociedades evoluíam a cremação começou a ser incorporada em algumas regiões sendo que as cinzas foram frequentemente depositadas em urnas. Esta transição representou não só uma mudança prática, como também um reflexo de transformações culturais e ideológicas (SÎRBU et al., 2012).

O ferro foi o último metal utilizado na pré-história, passando a ser possível forjar objetos ainda mais resistentes e duradouros. Com o início da Idade do Ferro, observaram-se mudanças significativas com a descoberta destes novos materiais e uma maior diversidade de rituais (CHAMPION, 2025). Desta forma reflete-se a evolução das sociedades e a adaptação às inovações tecnológicas. Os rituais funerários continuaram a ser um reflexo das crenças e estruturas sociais destas sociedades em transformação. A cremação tornou-se mais comum em diversas regiões, sendo que esta prática pode ter sido influenciada por novas concepções espirituais em relação ao simbolismo do fogo (DAVIES et al., 2005). Em contrapartida, a inumação persistiu em covas ou túmulos levando a monumentos funerários elaborados. Outro aspeto importante foi a introdução de novos objetos produzidos em ferro que substituíram o bronze em diversos contextos

(CHAMPION, 2025). As hierarquias sociais tornam-se mais evidentes, com túmulos mais grandiosos para os indivíduos de estatuto mais elevado (SÎRBU et al., 2012).

Contemplando esta breve trajetória da morte através da pré-história, dos rituais simples até à construção de monumentos elaborados, torna-se evidente tanto a evolução das práticas funerárias, quanto a procura do ser humano por significado perante a morte. Cada período histórico construiu um legado de tradições que influenciou diretamente as práticas mais complexas desenvolvidas pelas civilizações posteriores.

2.3.2. ANTIGUIDADE

A transição da pré-história para a história foi marcada pela ascensão de civilizações que deixaram registos concretos sobre a morte. O surgimento da escrita cuneiforme e hieroglífica proporcionou uma visão mais clara sobre práticas funerárias, que antes apenas estejam sujeitas a interpretação. Quando as antigas civilizações do Crescente começam a registar os seus mitos, rituais e leis, passámos de uma era repleta de incertezas para uma era onde a morte e os seus rituais passam a ser registados (GIORDANI, 1972). Isto confirma o desenvolvimento cultural e a procura constante da humanidade pelo significado da morte.

Na Antiguidade, a morte foi interpretada de diversas formas profundamente influenciadas pelas tradições culturais, religiosas e filosóficas de cada civilização. Para a população da época, a morte não era exclusivamente o fim da existência, mas também uma passagem para outra forma de vida, um ciclo, ou em alguns casos uma reencarnação (KOVÁCS, 2003, pp. 74-76). A perceção da morte e os rituais fúnebres associados variavam amplamente entre civilizações clássicas ocidentais, orientais e asiáticas. Estas práticas fúnebres foram também um meio para reafirmar as relações entre os vivos e os mortos, influenciando a sociedade e oferecendo um sentido à existência humana.

Na Mesopotâmia, entendia-se a morte não como um fim absoluto, mas uma transição para um estado diferente de existência. Segundo Jean Bottéro (1992) os ossos eram considerados o suporte físico do falecido, enquanto o espírito, a alma e o fantasma representavam as partes não físicas (*apud* GOMES, 2022). Textos antigos, como a

*Epopéia de Gilgamesh*⁴ (Fig. 10), descrevem a morte como uma condição inevitável e irremediável da vida, mesmo para os heróis e para os reis (*idem*, 2022; KASTENBAUM et al., 2018, p. 457). O submundo, conhecido como *Kur* (GIORDANI, 1972, pp. 140-141) era concebido como um lugar escuro e empoeirado onde as partes não físicas residiam eternamente, vivendo num estado de semiconsciência e numa condição de tristeza e esquecimento, alimentando-se de pó. Para auxiliar a viagem para este submundo, os mortos eram inumados geralmente com algum tipo de oferenda, como objetos pessoais. Ao contrário das concepções gregas e romanas tardias de retribuição após a morte, os mesopotâmios acreditavam que todos, independentemente das ações em vida, acabavam no *Kur*. As práticas funerárias da Mesopotâmia incluíam rituais para libertar o espírito do corpo e oferendas para garantir que este fosse alimentado no submundo, pois dependiam das oferendas dos vivos para se sustentar. Os mesopotâmicos acreditavam que os defuntos continuavam a existir numa forma espiritual e sem estes rituais os mortos poderiam retornar como espíritos vingativos atormentando os vivos. Os rituais fúnebres incluíam oferendas regulares de alimentos e bebidas aos mortos e o uso de encantamentos para proteger os vivos contra espíritos perturbados. As famílias mantinham práticas de culto aos antepassados, logo os descendentes eram cruciais para garantir um enterro adequado e a continuidade das oferendas (GOMES, 2022). Portanto, manter uma boa relação com os mortos era essencial para a harmonia e proteção da família.



Figura 10 - Tábua de Argila da antiga Suméria

com a *Epopéia de Gilgamesh*, em escrita cuneiforme de 3,6 mil anos.

Fonte: <https://pagina3.com.br>

No antigo Egito, também não só a morte não era o fim, com constituía uma nova forma de existência (LEHNER, 1997, p. 22). A cultura egípcia antiga desenvolveu uma das crenças mais complexas sobre a morte e o pós-vida, na qual o objetivo era garantir que

⁴ A *Epopéia de Gilgamesh* ajuda a entender a perspectiva da morte, pois *Gilgamesh*, o herói procura a imortalidade e acaba por compreender que o seu destino é reinar e não viver eternamente.

a alma pudesse viver para sempre no além. O *Livro dos Mortos* é um guia espiritual que apresenta instruções detalhadas para orientar o defunto no pós-vida assegurando uma transição tranquila após o julgamento de *Osíris* (BUNSON, 2002, pp. 72-73). O conceito de *Ma'at*⁵, era fundamental para a compreensão da vida e da morte no Egito (*idem*, 2002, pp. 221-222). No julgamento de *Osíris*, *Anúbis* pesava o coração do falecido numa balança contra a pluma de *Ma'at* (Fig. 11), caso o coração fosse mais leve ou igual à pluma, a alma poderia entrar no reino dos mortos e viver eternamente, caso contrário, seria condenada à aniquilação e devorada por *Ammít* (Fig. 12) (GIORDANI, 1972, pp. 106-114; KASTENBAUM et al., 2018, p. 498). Na cosmogonia egípcia, acreditava-se que o espírito tinha diversas partes, como o *ka* (força vital), o *ba* (alma) e o *akh* (imortalidade) (Fig. 13). Os egípcios acreditavam na imortalidade da alma e na necessidade de manter o corpo preservado, o que resultou no desenvolvimento da prática complexa do processo de mumificação (Fig. 14), destinado a preservar o corpo para a transformação do *ba* em *akh* (ser imortal), uma forma completamente ressuscitada e glorificada no além (*Duat*) (GIORDANI, 1972, p. 113; LEHNER, 1997, pp. 20-24, 29). A mumificação era acompanhada por rituais específicos e pela inserção de amuletos no túmulo para proteger o falecido na passagem para o outro mundo (Fig. 15) (GIORDANI, 1972, pp. 101-102; LEHNER, 1997, pp. 20-29). As pirâmides (Fig. 16) e os túmulos dos faraós (Fig. 17) foram talvez os exemplos mais impressionantes da arquitetura funerária egípcia. Estes eram repletos de objetos pessoais, alimentos, e até mesmo de servos e animais mumificados, demonstrando a convicção dos egípcios de que a vida após a morte era uma continuação da existência terrena (GIORDANI, 1972, p. 114; KASTENBAUM et al., 2018, p. 91; LEHNER, 1997, pp. 24-28).



Figura 11 - Pluma da deusa *Ma'at*. Fonte: <https://arcanoteca.blogspot.com>



Figura 12 - Julgamento de *Osíris*. Fonte: <https://www.facebook.com>

⁵ *Ma'at* tanto é um conceito como uma deusa, representando a verdade, a justiça, a ordem e o equilíbrio.

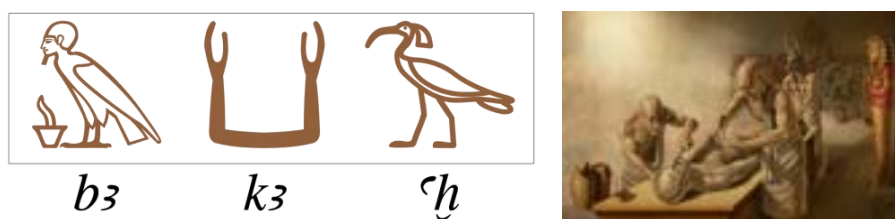


Figura 13 - Símbolos que compõem a alma *ka*, *ba* e *akh*.

Fonte: <https://www.kindpng.com>

Figura 14 - Cerimónia de mumificação.

Fonte: <https://super.abril.com.br>



Figura 15 - Processo de Mumificação.

Fonte: <https://guianahistoria.blogspot.com>



Figura 16 - Panorama da Necrópole de Gizé.

Fonte: <https://worldhistoryedu.com>



Figura 17 - Túmulo de Tutancamon.

Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt>

Como no Ocidente, na China Antiga a morte era igualmente um evento que transcendia o fim do corpo físico, sendo compreendida como uma transição para outra forma de existência noutra plano (GIORDANI, 1972, pp. 348-349), influenciada por crenças religiosas, filosóficas e culturais (MIRANDA, 2020, pp. 29-37, 69-76). As práticas funerárias evoluíram significativamente, tendo os túmulos das dinastias *Shang* e *Zhou*, tornando-se mais elaborados, refletindo a importância do estatuto social e da piedade filial, destacando os da elite, que eram acompanhados frequentemente por uma vasta gama de objetos, simbolizando o poder e a posição social do falecido (*idem*, 2020, pp. 30-32). A visão da morte e as práticas funerárias eram amplamente influenciadas pela filosofia do Confucionismo, do Taoismo e posteriormente pela espiritualidade do Budismo (ARIÈS et al., 1989, pp. 201-202; MIRANDA, 2020, pp. 72-73). Os seguidores da filosofia de Confúcio (552 a.C. - 489 a.C.), entendiam que a morte era mais um evento que reforçava a função dos vivos na perpetuação da ordem familiar e social do que uma preocupação espiritual. O confucionismo enfatizava a veneração dos ancestrais como um dever moral fundamental, para garantir a harmonia entre os dois mundos e a prosperidade da família e do lar, fazendo com que a falta de respeito trouxesse má sorte e desordem (GIORDANI, 1972, pp. 351-353; KASTENBAUM et al., 2018, p. 454; MIRANDA, 2020, pp. 73-74). O Taoismo, fundado por *Laozi* (571 a.C. - 531 a.C.) (GIORDANI, 1972, pp. 349-350; MIRANDA, 2020, p. 91), abordava a morte como parte do ciclo natural de transformação, sendo um processo inevitável e harmonioso que deveria ser aceite sem medo. A imortalidade espiritual, em vez da física, era valorizada, por práticas que procuravam conectar o indivíduo com o *Tao* “caminho”, a força universal que governa tudo (Fig. 18) (KASTENBAUM et al., 2018, p. 29; MIRANDA, 2020, pp. 73-74). Embora o Budismo tenha chegado à China no final da Antiguidade (*idem*, 2020, p. 39), as crenças sobre reencarnação e *Karma* começaram a entrelaçar-se com as tradições chinesas, influenciando a população nas suas crenças (KASTENBAUM et al., 2018, p. 462; MIRANDA, 2020, pp. 70-72).

Os túmulos eram considerados espaços sagrados, construídos para representar o respeito pelos antepassados, tendo especial atenção à localização, orientação e disposição, com base na geomancia chinesa *fengshui*, garantindo a harmonia entre os vivos e os mortos. Acreditava-se que os mortos continuavam a exercer influência sobre o mundo dos vivos. Os espíritos dos antepassados eram invocados e honrados em ocasiões regulares através de oferendas e sacrifícios descritas no livro *Clássico dos Ritos*. Durante as dinastias *Qin* e *Han*, a prática da inumação tornou-se mais elaborada (Fig. 19) (GIORDANI, 1972, pp. 347-349; KASTENBAUM et al., 2018, pp. 424-425; MIRANDA, 2020).



Figura 18 - Desenho humorístico com símbolo do Taoísmo Yin & Yang, na Banda Desenhada

Téo & O Mini Mundo de Caetano Cury.

Fonte: <https://teoeominimundo.com.br>

Figura 19 - Exército de terracota do primeiro imperador da China Qin Shi Huang.

Fonte: KASTENBAUM et al., 2018

Na Índia Antiga a compreensão da morte estava intrinsecamente relacionada com o conceito de *samsara* (Fig. 20) o eterno renascimento (o ciclo de nascimento, morte e renascimento) (Fig. 21) presentes nas tradições hindus e budistas. De acordo com estas doutrinas, acreditava-se que a alma era eterna e passava por múltiplas reencarnações, deixando o corpo após a morte e seguindo para outro nascimento. As ações realizadas em vida, conhecidas como *karma*, influenciavam a reencarnação. A libertação final do ciclo de *samsara*, conhecida como *moksha*, era o último objetivo da existência, alcançado através de uma vida virtuosa. As interpretações sobre o *samsara*⁶ variavam entre as diferentes doutrinas, porém todas concordavam na essência de que a morte não era um evento final, mas uma etapa que influenciava o próximo renascimento (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 37, 462, 526). Os rituais associados à morte e às suas raízes podem ser encontrados nos textos védicos mais antigos (GIORDANI, 1972, pp.

⁶ *Samsara* é um conceito central nas religiões indianas que representa o ciclo interminável do nascimento, morte e renascimento.

309-312), refletindo a crença de que os mortos precisavam de assistência para transitarem para o além. As práticas funerárias na Índia antiga incluíam a cremação (*idem*, 1972, p. 317), que era uma prática predominante, especialmente entre os Hindus, no qual o fogo era considerado um meio de purificação capaz de libertar a alma do corpo físico (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 419, 421). Durante o ritual, os membros da família realizavam orações para garantir que o falecido tivesse um bom renascimento (*idem*, 2018, p. 526). As cinzas eram dispersas geralmente em rios sagrados, como o Ganges, que simbolizavam a purificação e a união com o divino (MENDES, 2018, p. 11). Após a morte, os familiares realizavam rituais e oferendas que auxiliavam a alma do falecido a alcançar uma existência melhor na próxima vida ou a atingir o *moksha* (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 526-527).



Figura 20 - Roda da Vida ou Roda do *Samsara*.

Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt>

Figura 21 - *Shiva* - Deus hindu, divindade da vida e da morte.

Fonte: <https://uivemos.wordpress.com>

Na Antiguidade Grega, a morte era um tema central tanto na mitologia quanto na filosofia (BURKERT, 1993). As crenças gregas sobre a morte estavam conectadas aos mitos dos deuses e ao conceito de destino, considerado uma força superior à qual todos os mortais estavam sujeitos (EURÍPIDES *apud* SOUZA et al., 2020, p. 186). Acreditava-se que a alma (ou *psyché*) deixava o corpo no momento da morte e seguia para o submundo, governado por Hades (BURKERT, 1993, p. 383). No submundo, a alma poderia encontrar diferentes destinos, dependendo do julgamento das ações em vida, as almas virtuosas poderiam repousar nos Campos Elísios (KASTENBAUM, 2000, p. 458). Em contrapartida, as almas consideradas impuras eram enviadas ao Tártaro, onde sofriam punições (BURKERT, 1993, p. 385). A travessia que separava o mundo dos

vivos do reino dos mortos, era facilitada pelo barqueiro Caronte, que exigia um pagamento em moeda, geralmente colocada na boca do falecido (*idem*, 1993, p. 384; SOUZA et al., 2020, pp. 334-335).

No pensamento filosófico, Sócrates, retratado nos diálogos de Platão, descrevia o corpo como uma prisão para a alma, defendendo que a morte era uma libertação do corpo material, não devendo ser temida (PLATÃO, 1980). Ao ser condenado à morte (Fig. 22), no seu julgamento, Sócrates descreveu:

“Ninguém sabe o que seja a morte, e, ignorando até mesmo se porventura não será para os homens o maior dos bens, temem-na como se soubessem com certeza que é o maior dos males.” (*idem*, 1980, pp. 57-58)

Sendo um fenómeno desconhecido conclui:

“Mas, está na hora de nos irmos: eu, para morrer; vós, para viver. A quem tocou a melhor parte, é o que nenhum de nós pode saber, exceto a divindade.” (*idem*, 1980, p. 73).

Homero, na *Ilíada* e na *Odisseia*, destacou a importância dos ritos funerários em honra dos falecidos (SOUZA et al., 2020, p. 328). Entre os rituais gregos para os defuntos incluía-se o velório, no qual o corpo do falecido era preparado e lamentado pelos familiares. Seguidamente, o funeral acompanhado por uma procissão fúnebre, incluía o sepultamento ou cremação do corpo, seguido de rituais religiosos que garantiam o repouso da alma. A prática da oferta de alimentos e objetos pessoais para o falecido era comum, evidenciando a crença de que a alma necessitava deles para o trajeto até ao além (BURKERT, 1993, pp. 371-375; SOUZA et al., 2020, pp. 327-341).



Figura 22 - A Morte de Sócrates (1787) de Jacques Louis David.

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

Na Antiguidade Romana, a adoção de práticas e ideias importadas de outras civilizações tal como o florescimento das doutrinas filosóficas resultam numa compreensão multifacetada da morte, e da vida após a morte. As crenças variavam amplamente, quer

fosse temporalmente ou entre diferentes grupos, evidenciando a ausência de um consenso sobre a vida após a morte. As crenças gregas sobre o submundo influenciaram a forma como muitos romanos percecionavam o destino das almas. Além da mitologia, a filosofia grega teve um impacto na prática romana sobre a mortalidade, persuadindo os romanos a acreditarem que a morte era um descanso após a vida. Esta teoria sustenta que a alma do falecido não continuava a existir no além, considerando que a morte era um “nada” ou um “sono eterno”, sendo influenciada pelo estoicismo e o epicurismo (ARIÈS et al., 1989, p. 211). Estas doutrinas tornaram-se num mecanismo para racionalizar a inevitabilidade da morte.

As práticas funerárias romanas incluíram rituais específicos e festas comemorativas, dedicadas aos ancestrais falecidos, nas quais, se visitavam os túmulos, realizavam oferendas e partilhavam alimentos em honra aos mortos, demonstrando assim a continuidade do vínculo entre os vivos e os falecidos (*idem*, 1989, p. 212). Na cultura romana, a inumação era inicialmente destinada a indivíduos de estatuto elevado enquanto a cremação se destinava ao povo. Com o tempo inverteu-se: a inumação tornou-se mais comum e a cremação passou a ser uma prática exclusiva da nobreza, devido ao custo elevado da madeira. Roma enfrentou doenças que resultaram na morte de milhares de indivíduos, o que levou à inumação em larga escala e ao surgimento dos primeiros cemitérios. A divisão social era evidente no modo como os mortos foram enterrados. Com a expansão do cristianismo, a cremação perdeu popularidade e a inumação tornou-se a prática dominante, tendo sido sepultados inúmeros corpos nas catacumbas durante os primeiros séculos do Império romano (Fig. 23). Por razões de espaço, devido à legislação romana e para evitar contaminações, os cemitérios foram transferidos para fora dos limites da cidade (Fig. 24) (CABRAL, 2021, pp. 7-8).



Figura 23 - Catacumbas de *San Callisto*.

Fonte: <https://www.catacombesancallisto.it>



Figura 24 - *Tomba dei rabirii* - Antigo monumento funerário localizado ao longo da Via Appia Antica.

Fonte: <https://madainproject.com>

2.3.3. IDADE MÉDIA

A Idade Média no Ocidente (séc. V a XV), caracterizou-se como um período de profundas transformações sociais, culturais e espirituais. Potenciada pela guerra e pelas fracas condições sanitárias, a morte durante este período assumiu um significado específico, moldado pelo contexto religioso, crenças populares. Regressaram rituais fúnebres como os velórios (na tradição romana) e ocorreram mudanças nas atitudes e valores sociais. A interação entre as práticas funerárias, as crenças religiosas e as condições de saúde vão influenciar a percepção cultural da mortalidade.

Ao longo de dez séculos a Igreja Católica desempenhou uma função primordial na vida da população, influenciando profundamente a concepção sobre a morte. A crença na vida após a morte e a noção de julgamento final, moldaram as práticas funerárias fazendo com que os sepultamentos incluíssem orações, missas entre outros serviços religiosos destinados a garantir a passagem da alma para o céu e evitar o purgatório ou o inferno. A intercessão dos santos e a importância de sepulturas em solo consagrado foram cruciais. Os sacerdotes desempenharam uma função essencial na administração dos últimos ritos, como a extrema-unção, que se destinava a preparar a alma para uma morte iminente. A centralidade da igreja era evidente nas práticas de sepultamento, com o desejo de serem enterrados no interior ou próximos das mesmas, acreditando aumentar as chances de salvação (Fig. 25). As absolvições e as orações pagãs para os defuntos refletiram uma interseção entre economia e espiritualidade, onde os vivos acreditavam que estas podiam influenciar o destino do falecido (ARIÈS, 2012). Além disso, os sermões e a literatura litúrgica da época ressaltaram a inevitabilidade da morte e a importância de viver uma vida piedosa para obter a salvação. Estas crenças e práticas criaram um sistema social no qual a morte era um evento profundamente comunitário e espiritualmente significativo, refletindo e reforçando as hierarquias religiosas da época (*idem*, 2012).



Figura 25 - Sepultamento em solo sagrado no recinto da igreja.

Fonte: <https://jmdorropio.wixsite.com>

Os velórios eram eventos que combinavam o luto e a celebração da vida, realizados em residências ou locais comunitários onde familiares e amigos se reuniam (*idem*, 2012; ARIÈS et al., 1990, pp. 94-95). Proporcionavam uma oportunidade para compartilhar memórias, apoiar os enlutados e realizar rituais religiosos e culturais específicos. Como atualmente, o corpo do falecido era exposto geralmente numa sala principal, adornado com flores e velas (Fig. 26). A presença de membros da comunidade reforçava os laços sociais e auxiliava a aliviar o sofrimento dos familiares, concebendo um ambiente de solidariedade e apoio. Historicamente, os velórios tinham ainda uma dimensão prática permitindo confirmar o falecimento e evitar o sepultamento prematuro (Fig. 27), uma preocupação significativa dadas as limitações de diagnósticos médicos (KOVÁCS, 2003, pp. 55-57). Também refletiam a estrutura social da comunidade, onde a participação e a ostentação do evento estava associada ao *status* social e às conexões do falecido.



Figura 26 - Velório. Fonte: <https://www.istockphoto.com>



Figura 27 - Enterro Prematuro (1854) de Antoine Wiertz. Fonte: <https://fr.wikipedia.org>

A Idade Média foi assolada por diversas epidemias devastadoras, sendo a Peste Negra uma das mais conhecidas, que devastou cerca de um quarto da população europeia no século XIV (KASTENBAUM et al., 2018, p. 356). Estas crises de saúde pública influenciaram a percepção e as práticas mortuárias na época. As altas taxas de mortalidade e o rápido progresso das doenças exigiram mudanças nas práticas de sepultamento, sobrecarregando frequentemente as capacidades das comunidades para concretizar rituais funerários tradicionais. Os cemitérios ficaram rapidamente superlotados, resultando na execução de valas comuns e sepultamentos em massa, contradizendo o desejo de serem sepultados individualmente em solo sagrado (KOVÁCS, 1992, pp. 32-33). A igreja teve que se adaptar, pois a morte tornou-se uma presença constante e inescapável, alterando o modo como os indivíduos e os entes queridos lidaram com a mortalidade. As representações artísticas e literárias da época, como as Danças Macabras ou os frescos com imagens do Juízo Final, refletiram uma sociedade obcecada pela morte (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 51-55). Estas obras transmitiam a mensagem de que a morte era um grande fator de nivelamento, afetando ricos e pobres, poderosos e humildes identicamente. A onnipresença da morte durante as epidemias aumentou a conscientização sobre a fragilidade da vida, incentivando uma reflexão profunda sobre os valores espirituais e a preparação para a vida após a morte (KOVÁCS, 1992, pp. 33-35).

A devastação destas crises também estimulou avanços na higienização pública e na medicina, que conviveram com superstições e crenças religiosas. A Peste Negra, por exemplo, provocou um aumento na perseguição de minorias, como bodes expiatórios, nomeadamente os judeus alegadamente culpados pela disseminação da doença (ESTEVES, 2020, p. 158).

Os cemitérios medievais criaram uma tipologia que ainda influencia os cemitérios contemporâneos. A construção de mausoléus elaborados e túmulos para figuras importantes evidenciava a continuidade da relação entre *status* social e práticas fúnebres provém da Idade Média. Também, a arte e a literatura contemporâneas continuam a explorar os temas da mortalidade inspirando-se nas representações medievais (KOVÁCS, 1992, p. 35). A iconografia da morte e renascimento, ecoa nos trabalhos de muitos artistas contemporâneos. No contexto religioso, a Igreja Católica e outras congregações cristãs ainda trabalham com conceitos como e.g. a extrema-unção. Mesmo com a secularização crescente das sociedades contemporâneas, estes rituais mantêm-se relevantes para muitos crentes, simbolizando uma continuidade de tradições que sobreviveu às mudanças sociais. Por fim, as reflexões filosóficas e

teológicas sobre a morte fornecem a base intelectual para debates contemporâneos sobre ética, vida após a morte e o sentido da existência humana. As bases lançadas pelos pensadores medievais continuam presentes.

A ritualização da morte e do luto comunitário são vestígios destas práticas ancestrais que ainda desempenham uma função significativa no modo como as sociedades contemporâneas lidam com a morte. Compreender esta perspetiva histórica não só ilumina as atitudes passadas, como também enriquece a abordagem contemporânea à morte e ao luto, oferecendo um elo contínuo entre passado, presente e futuro.

2.3.4. IDADE MODERNA

A Idade Moderna, período que se estende do século XV ao XVIII, apresenta mudanças fraturantes com a Idade Média. Com o advento da Idade Moderna, observou-se uma progressiva individualização dos rituais e restrição das manifestações de dor (KOVÁCS, 2003, pp. 50-53). A sociedade ocidental começou a desenvolver um medo mais profundo da morte, comparado com a Idade Média, onde a morte era aceite como parte natural da vida. Começou-se a temer não só o julgamento divino, como também o esquecimento e a perda da identidade após a morte (ARIÈS et al., 1990, pp. 259-262). As cerimónias fúnebres tornaram-se mais íntimas, restritas à família e aos amigos próximos (*idem*, 1990, pp. 269-274), resultando numa maior introspeção sobre a própria mortalidade e o desenvolvimento de uma consciência individualizada sobre a ideia de finitude (KOVÁCS, 2003, pp. 35-37). O luto também passou por transformações importantes, havendo uma valorização da morte do outro e uma contenção das emoções. Antes, as carpideiras, figuras tradicionais que expressavam o luto, desempenhavam uma função essencial nos funerais ao simular ou amplificar o pesar de forma teatral e coletiva (ARIÈS et al., 1990, pp. 274-281). Em contrapartida, com a individualização da morte, a expressão do luto tornou-se mais contida, e a utilização de roupas negras tornou-se comum, simbolizando dor e perda. As reformas religiosas do século XVI, tanto a Reforma Protestante como a Contrarreforma Católica, tiveram impacto nas concepções sobre a morte. Os protestantes criticaram a crença no purgatório e simplificaram os rituais funerários, enquanto a igreja católica intensificou a importância dos sacramentos e das orações (ARIÈS, 1977; KASTENBAUM et al., 2018, pp. 47, 461). Os sepultamentos que frequentemente ocorriam no interior ou ao redor das igrejas, refletiam a proximidade espiritual com os santos e os altares. A individualização moderna contrasta com os sepultamentos da Idade Média. As crises sanitárias, como a

peste negra eram muitas vezes coletivas e anónimas, forçando exéquias de forma rápida e em massa (ARIÈS et al., 1990, p. 274). No entanto, com a individualização da morte, a sociedade passou a preocupar-se mais com a saúde pública e a necessidade de respeitar não só a alma, como também os corpos dos falecidos. A evolução da medicina durante a Idade Moderna alterou a compreensão do corpo humano. O estudo anatómico permitiu uma lógica científica do organismo (Fig. 28). Este novo paradigma contribuiu para que a morte passasse a ser observada também como um fenómeno biológico além do espiritual (REZENDE, 2009, pp. 181-200).

As representações da morte na Idade Moderna, como e.g. na literatura, refletiu as ansiedades e as reflexões da sociedade sobre a mortalidade, frequentemente de forma dramática e introspetiva. *Romeu e Julieta* de William Shakespeare (1564 - 1616) (Fig. 29) é um exemplo emblemático desta abordagem em que a tragédia explora a morte como um elemento inevitável, mas também como um impulsionador para emoções intensas, amor e desespero. Na pintura, o movimento barroco enfatizou a mortalidade através de representações dramáticas, frequentemente associadas ao conceito de *memento mori*⁷, fazendo uso de símbolos que representam a inevitabilidade da morte, como a obra *Vanité* de Philippe de Champaigne (Fig. 30).



Figura 28 - Estudos anatómicos de Leonardo da Vinci.

Fonte: <https://i.ytimg.com>



Figura 29 - A reconciliação dos Montagues e dos Capulets sobre os corpos mortos

de Romeu e Julieta (c. 1850) - Pintura de Frederic Leighton.

Fonte: <https://fineartamerica.com>

⁷ Expressão latina que evoca a mortalidade do humano.



Figura 30 - *Vanité* (c. 1671) - Pintura de Philippe de Champaigne.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

A Idade Moderna representa um período de transição e transformação radicais no pensamento, nas atitudes e práticas relacionadas à morte, passando de uma experiência compartilhada coletivamente para uma vivência progressivamente individualizada, como resposta às mudanças sociais, religiosas e artísticas. Muitas destas transformações continuam presentes, influenciando as percepções contemporâneas sobre a morte e o luto.

2.3.5. ERA CONTEMPORÂNEA

A revolução industrial, que se iniciou no final do século XVIII e se expandiu ao longo do século XIX, transformou profundamente a sociedade ocidental. Não só influenciou o modo de vida das populações, como também a percepção e relação com a morte. Este período de intensas mudanças sociais, económicas e tecnológicas, trouxe impactos diretos no modo como os indivíduos viviam e morriam. A morte na era industrial tornou-se num fenómeno intrinsecamente ligado às condições adversas impostas pela industrialização, com transformações na mortalidade, na saúde pública e consequentemente nas práticas funerárias.

Previamente à era industrial (1760-1840), a morte era frequentemente encarada com certa naturalidade integrando-se no quotidiano (Fig. 31). Com o avanço da ciência, a morte passou a ser um evento “medicalizado” e progressivamente mais distante do acaso e do infortúnio (Fig. 32). Segundo Philippe Ariès (2012), o século XIX foi um período em que a morte se tornou um objeto de reflexão e até de idealização durante o Romantismo. Este movimento cultural explorava temas de melancolia, refletindo a inquietação social e a tensão entre a vida e a morte no contexto urbano (ARIÈS, 2012).

A criação dos cemitérios públicos que substituíram os enterros nas igrejas (Fig. 33) foram uma resposta ao problema de saúde pública causado pelo acumular de corpos nas áreas urbanas (ARIÈS et al., 1990, p. 274). Esta mudança foi acompanhada por um crescente interesse pela memória dos que partiram e pelo surgimento de rituais mais solenes e individualizados. Os cemitérios tornaram-se lugares de visita e de recordação dos falecidos, com lápides e monumentos que registavam não só o nome, mas também a ocupação e as realizações dos indivíduos (Fig. 34) (KOVÁCS, 2003, p. 45).

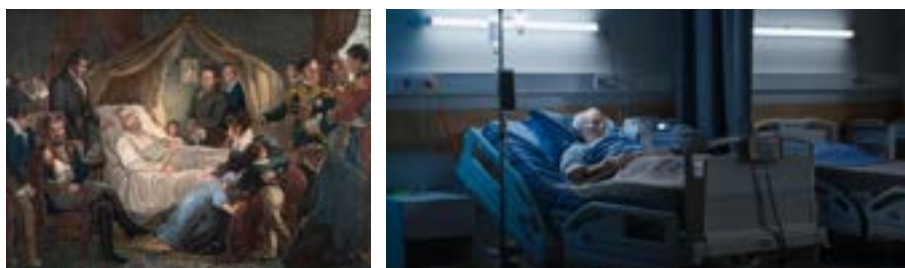


Figura 31 - Morte de Napoleão (1825) - Pintura de Charles de Steuben

Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt>

Figura 32 - Morte como evento "medicalizado".

Fonte: <https://epocanegocios.globo.com>



Figura 33 - Sepultamentos no interior das Igrejas.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos>

Figura 34 - Lápide do túmulo de Amedeo Modigliani e Jeanne Hébuterne, Cemitério de Perè-Lachaise.

Fonte: <https://www.facebook.com>

O avanço científico e médico no século XIX trouxe novas perspetivas sobre a morte. Com o desenvolvimento da bacteriologia e a descoberta dos microrganismos, foi possível identificar as causas de muitas das doenças que devastavam as sociedades pré e industriais (REZENDE, 2009, p. 89). Pesquisadores como Louis Pasteur (*idem*, 2009, pp. 190-191) e Robert Koch (*idem*, 2009, pp. 191-192) foram pioneiros na luta

contra estas doenças, desenvolvendo vacinas e tratamentos que salvaram inúmeras vidas e reduziram as taxas de mortalidade. Estes avanços científicos alteraram a percepção da morte para algo mais “evitável” ou adiado e controlado. No entanto, esta nova visão trouxe também uma mudança significativa no papel dos médicos, que passaram a ocupar uma posição central na sociedade industrial, assumindo o papel de “guardiões” da vida e da morte (*idem*, 2009). A medicalização da morte, ou seja, o processo de transferência da morte para o ambiente hospitalar, começou a consolidar-se neste período. Cada vez mais, a morte deixava de ocorrer no ambiente familiar e passava a ser tratada como uma questão clínica marcada pela tentativa de prolongar a vida até ao último instante possível (KOVÁCS, 2003, pp. 65-67).

A revolução industrial ao mesmo tempo que impulsionou o progresso e a modernização trouxe novas ameaças e desafios para a saúde e a sobrevivência das populações (SILVA, 2015). A experiência da morte na era industrial deixa um legado que perdura até hoje, especialmente na forma como as sociedades contemporâneas lidaram com a saúde pública, a segurança no trabalho e a dignidade das condições de vida. As reflexões e as práticas revelam que, mesmo diante dos avanços tecnológicos, a humanidade continua a enfrentar questões essenciais sobre a vida e a morte, procurando constantemente maneiras de equilibrar o desenvolvimento material com o respeito pela vida humana (REZENDE, 2009; SILVA, 2015). Este período histórico reforça a complexa e inseparável relação entre o progresso e as condições de vida humanas.

O século XX ficou profundamente marcado pelos conflitos armados, destacando as duas guerras mundiais, uma Guerra Fria e uma série de outros confrontos que redefiniram o cenário político, económico e social numa escala global. Neste contexto, a morte assumiu novas formas e dimensões, não só pelo alcance massivo, mas também pelas implicações éticas e psicológicas que gerou. As guerras do século XX tornaram-se palco de uma violência sem precedentes onde o avanço tecnológico e os interesses políticos alteraram a percepção da morte (KASTENBAUM et al., 2018).

Com o desenvolvimento de tecnologias do armamento cada vez mais letais, a capacidade de aniquilação em massa aumentou exponencialmente. A Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) ficou marcada por combates de proximidade (Fig. 35), nos quais a morte era uma presença constante e visível para os soldados nas trincheiras, expostos ao sofrimento e à morte dos companheiros, dando origem a traumas psicológicos profundos. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), a desumanização das

vítimas de guerra tornou-se ainda mais evidente, e a morte deixou de ser somente uma realidade nos campos de batalha e passou a atingir a vida quotidiana das populações (Fig. 36), com civis tornando-se alvos diretos dos exércitos inimigos (*idem*, 2018).



Figura 35 - Soldados britânicos numa trincheira em combate durante a Primeira Guerra Mundial.

Fonte: <https://tokdehistoria.com.br>

Figura 36 - Combate porta a porta durante a Segunda Guerra Mundial.

Fonte: <https://www.freepik.es>

O século XX foi também o período em que a psicologia e a psiquiatria se expandiram com o intuito de compreender o impacto das mortes em massa na mente dos indivíduos e das sociedades (KASTENBAUM, 2000). Neuropsiquiatras, como Viktor Frankl (1905 - 1997), que sobreviveu aos campos de concentração nazis, contribuíram para o desenvolvimento de uma abordagem terapêutica que lidava com a perda e o sofrimento extremos (FRANKL, 2012). Além disso, o século XX presenciou extermínios sistemáticos, como o Holocausto (Fig. 37), no qual a morte deixou de ser consequência da guerra para se tornar em objetivo planeado. O Holocausto exemplifica uma forma de morte sistematizada e burocratizada, na qual o Terceiro Reich nazi utilizou todos os recursos administrativos para promover o fim da vida de milhões de indivíduos (Fig. 38) (KASTENBAUM et al., 2018). A filósofa política Hannah Arendt (1906 - 1975), no seu estudo sobre o totalitarismo, discutiu a “banalidade do mal”, termo que utiliza para descrever como a morte se transformou numa rotina, num ato burocrático desprovido de humanidade (ARENDT, 1999).



Figura 37 - Campo de extermínio de Auschwitz Birkenau.

Fonte: <https://www.unesco.org>

Figura 38 - Seleção de prisioneiros no cais de chegada (1944).

Fonte: <https://en.wikipedia.org>

A destruição de Hiroshima e Nagasaki (Fig. 39) em 1945, com o deflagramento de duas bombas atômicas introduziu o conceito de morte instantânea numa escala sem precedentes (LOPES, 2015). O período subsequente marcado pela Guerra Fria (1947 - 1989) manteve a sombra da morte como uma ameaça constante, com o equilíbrio de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética sustentado pela “destruição mútua assegurada” (MAD)⁸. Este termo implicava que qualquer ataque nuclear entre as potências desencadearia uma resposta imediata resultando na destruição de ambas as nações e, potencialmente, da própria humanidade (Fig. 40) (ANTUNES, 2005). A morte por destruição nuclear tornou-se um espectro que pairou (paira) sobre o mundo durante décadas, provocando sentimentos de medo e impotência na população influenciando a cultura, a política e a psicologia destas gerações.



Figura 39 - Bomba atômica, Hiroshima (à esquerda) e Nagasaki (à direita) (1945).

Fonte: <https://estudeprisma.com>

Figura 40 - Guerra Fria (1947 - 1989) J. F. Kennedy (E.U.A.) e Khrushchev (União Soviética).

Fonte: <https://br.gw2ru.com>

⁸ MAD - *Mutual Assured Destruction*.

Com a morte em massa e os traumas da guerra, o século XX deu origem a novos fenômenos de culto à memória dos mortos. Monumentos e memoriais foram construídos por todo o mundo em homenagem às vítimas de guerra, num esforço para recordar as vidas perdidas e os sacrifícios realizados em nome de causas nacionais e ideológicas. Estes locais, como o Memorial do Holocausto em Berlim (Fig. 41) e o Memorial da Guerra do Vietnam em Washington D.C. (Fig. 42), passaram a desempenhar uma função importante no processo de luto coletivo e na preservação da memória histórica (KASTENBAUM et al., 2018).



Figura 41 - Memorial ao Holocausto em Berlim.

Fonte: <https://www.dw.com>



Figura 42 - Memorial à Guerra do Vietnam em Washington D.C.(E.U.A.)

Fonte: <https://www.eleanoraleitao.com>

Com a evolução dos meios de comunicação, a imagem da morte na guerra banalizou-se começando a circular globalmente e influenciando a opinião pública. Fotografias, reportagens e, posteriormente, a televisão passaram a registrar e a transmitir cenas de guerra, transportando a realidade da morte nos campos de batalha para o interior das habitações (KOVÁCS, 2003, pp. 142-146). Um exemplo extremo foram as imagens da cobertura televisiva ao atentado às torres gémeas em Nova York (2001) repetidas diariamente *ad nauseum*⁹.

Esta constante exposição à morte originou uma nova forma de consciencialização sobre o custo humano das guerras, e resultou num fenómeno de dessensibilização (SONTAG, 2003).

No século XXI, a morte adquire novas interpretações e significados. A chamada “Era Digital”, um período marcado pela rápida transformação tecnológica e pela conectividade global, e particularmente pela internet e pelas redes sociais, não só alteraram o modo como se vive, mas também como se lida com o processo da morte e

⁹ *ad nauseum* (lat.) - até à náusea.

o luto. A digitalização oferece novas formas de interação com a memória dos que partiram, possibilitando a preservação de legados digitais, de certa forma, estendendo artificialmente através de um “eu digital” a presença dos falecidos. As contas em redes como Facebook, Instagram e X permanecem acessíveis após o falecimento do indivíduo possibilitando que os perfis continuem ativos e acessíveis para familiares, amigos e até desconhecidos. Este fenómeno dá origem a um novo tipo de “vida póstuma digital”, onde o falecido continua “presente”. Atualmente, muitas redes sociais oferecem opções de “memorialização” de perfis, transformando contas pessoais em espaços de homenagem e de lembrança, onde amigos e familiares podem deixar mensagens, relembrar momentos e até realizar rituais de luto de forma virtual (Fig. 43). Esta permanência digital levanta questões éticas sobre a privacidade, identidade e o impacto da morte numa sociedade cada vez mais conectada e influenciada pela tecnologia (SISTO, 2023). Esta forma de luto público tem sido objeto de estudo por psicólogos e sociólogos que, observam tanto benefícios quanto perdas deste novo paradigma. Por um lado, o luto compartilhado em plataformas em linha permite que os enlutados se conectem com outros indivíduos que passam pela mesma experiência, reduzindo a sensação de isolamento e promovendo o apoio mútuo. Por outro lado, a exposição pública do luto pode intensificar a dor e a tristeza para alguns indivíduos, dando origem a um ciclo de reativação constante do luto que dificulta o processo de aceitação e encerramento (*idem*, 2023, pp. 77-82).



Figura 43 - Exemplo de *Banner* digital.

Fonte: GALVÃO et al., 2020

Com o desenvolvimento de tecnologias baseadas em inteligência artificial (IA), a era digital especula-se sobre a possibilidade de uma “imortalidade digital”, na qual o falecido

pode continuar a interagir com os entes queridos através de *bots*¹⁰ e interfaces digitais. Empresas como a *Eterni.me* (Fig. 44) e *Replika* (Fig. 45) estão a explorar o desenvolvimento de “avatares”¹¹ que replicam a personalidade, os padrões de comportamento e as memórias de indivíduos falecidos utilizando dados extraídos de conversas em redes sociais dando origem a uma versão virtual do defunto (*idem*, 2023, pp. 43-47). Contudo, a criação de avatares digitais levanta questões éticas e filosóficas sobre a natureza da morte e da identidade. Será estes “eu’s digitais” representam verdadeiramente os indivíduos falecidos, ou são somente uma simulação artificial da personalidade. A existência destes avatares desafia a compreensão tradicional do que significa morrer.

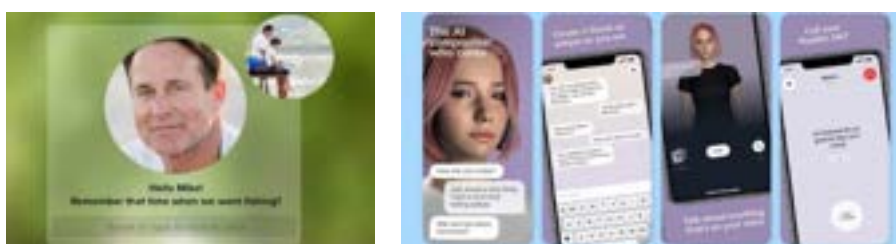


Figura 44 - Página *Eterni.me*.

Fonte: <https://www.cnet.com>

Figura 45 - Página *Replika*.

Fonte: <https://botpenguin.com>

Outra vertente da morte na era digital é a da privacidade e do legado digital. Com o aumento das informações pessoais armazenadas em linha - como fotos, correio eletrónico, documentos e perfis em redes sociais - surgem dúvidas sobre o destino destes dados após a morte de um indivíduo. Esta nova dimensão da morte ainda é complexa e apresenta poucos precedentes legais bem estabelecidos (*idem*, 2023). Muitos países requerem regulamentação clara sobre o que pode, ou não, ser feito com os dados de um indivíduo falecido, dados os dilemas éticos e jurídicos para familiares e empresas de tecnologia. Sherry Turkle (n. 1948) em *Alone Together* (2011), refere que a tecnologia digital pode conectar a população, como também pode isolá-la. Defende que é importante compreender o impacto das interações digitais, promovendo o desenvolvimento de práticas e de rituais que equilibrem a necessidade de recordar o falecido e o processo de aceitação da morte (TURKLE, 2021).

¹⁰ Os *bots* ou *chatbots* são programas de computador concebidos para executar tarefas automaticamente, e.g. simular conversas humanas interagindo com seres humanos, de modo a parecer um humano.

¹¹ Representações gráfica de usuários, personagens ou *chatbots* em ambientes virtuais.

A internet possibilitou a criação de rituais virtuais de luto, nos quais indivíduos de diferentes lugares no mundo se podem reunir para homenagear e lembrar os que partiram. Plataformas de videoconferência e redes sociais permitem que funerais e cerimónias sejam transmitidos ao vivo, reunindo amigos e familiares distantes num espaço virtual (Fig. 46) (SISTO, 2023, pp. 143-147). Este tipo de ritual coletivo tornou-se útil especialmente durante a pandemia de COVID-19, quando as restrições físicas impediram os encontros presenciais. Estes rituais permitiram a indivíduos que não poderiam estar fisicamente presentes, participar no processo de despedida, num (certo) espaço de partilha emocional e de união (CHRISTENSEN et al., 2015).



Figura 46 - Cerimónias transmitidas através de plataformas de videoconferência e redes sociais.

Fonte: <https://funerallivestreaming.com>

2.4. RITUAIS FÚNEBRES EM CONTEXTO LOCAL / CULTURAL

O modo como cada cultura se relaciona com a morte reflete tradições únicas, crenças religiosas e valores sociais dando origem a rituais funerários que transcendem o mero ato de despedida (PARKES et al., 2003). Este capítulo explora algumas das práticas mais distintas realizadas em diferentes culturas revelando uma diversidade de interpretações sobre a morte e a vida no além.

Tanto em Portugal como no Brasil, a religião católica tem acrescida influência nas tradições fúnebres, sendo o sepultamento no solo o método mais comum, precedido de velório. A cremação é uma opção que tem vindo a adquirir mais influência nas últimas décadas. Ainda é comum seguir algumas tradições, como vestir roupas negras em sinal de luto, prezar pelo silêncio como forma de respeito e reflexão em memória sobre quem partiu (FERREIRA et al., 2022).

No México, o “*Día de los muertos*” é uma celebração festiva em honra dos mortos, repleto de cor e simbolismo. As famílias constroem altares em casa e nos cemitérios decorando-os com flores, velas, fotografias, caveiras coloridas e os pratos favoritos dos falecidos (Fig. 47). É comum a exumação dos restos mortais no Dia de Finados (MENDES, 2018, pp. 11). Em Nova Orleans (EUA), os cortejos musicais são comuns nos funerais (Fig. 48), onde a caminho do cemitério a banda toca melodias tristes e alegres após o enterro, numa transição do luto para a celebração da vida (KASTENBAUM et al., 2018, p. 397). Em África, os rituais funerários são peculiares (do ponto de vista da cultura ocidental) assemelhando-se a celebrações festivas com música, dança e participação ativa da comunidade (Fig. 49). Convoca-se o luxo e simbolismo nos funerais demonstrando respeito e honra ao falecido (MENDES, 2018, p. 11). Em países como no Gana, os caixões são personalizados de acordo com a vida, os interesses e o *status* do falecido (Fig. 50) (*idem*, 2018, p. 11). O estúdio de Kane Kwei ou Paa Joe tornaram-se populares na construção destes caixões “costumizados” (BENJAMIN, 2013, pp. 89-72; SOARES, 2020, pp. 31-33). Na Índia, as tradições funerárias hinduístas baseiam-se na crença da reencarnação, cremando o corpo térreo nas margens de um rio considerado sagrado. Crêem que após a morte a alma renasce noutro corpo (MENDES, 2018, p. 11). Para quem não consegue pagar o processo de cremação, o corpo é depositado diretamente no rio (Fig. 51). No Tibete, existe uma prática única de despedida designada “*Sky Burial* - sepultamento a céu aberto” (Fig. 52). Esta prática tem como base a crença budista tibetana que devolve o corpo à natureza deixando-o num local elevado para ser exposto e consumido por necrófagos (BENJAMIN, 2013, pp. 71-72; KASTENBAUM et al., 2018, p. 420). Na China, os rituais funerários incluem oferendas e o respeito aos ancestrais sendo uma prática fundamental (Fig. 53) (MIRANDA, 2020). No Japão, o funeral é uma responsabilidade familiar sendo os corpos preparados pelos próprios parentes dispensando serviços como a tanatopraxia. A cremação é o método mais comum para a despedida (Fig. 54), refletindo crenças budistas (MENDES, 2018, pp. 11-12). Nas Filipinas, os caixões são suspensos em penhascos (Fig. 55), justificando esta prática pela crença de que quem partiu deve permanecer próximo à natureza (BENJAMIN, 2013, pp. 74-75). Na Indonésia, os corpos dos falecidos são mumificados (MENDES, 2018, p. 11) e resguardados em casa da família, tratando-os até à realização do funeral como se estivessem vivos. Após alguns anos, realiza-se a cerimónia de *Ma’nene* (Fig. 56), onde os corpos são exumados, limpos e trocam de vestuário, para registrar o momento através de fotografias.



Figura 47 - Altares no *Día de los Muertos*, México.

Fonte: <https://eldia.com>



Figura 48 - Jazz Band num Funeral, Nova Orleans.

Fonte: <https://www.bonhams.com>



Figura 49 - Ganeses dançam enquanto carregam um caixão, África.

Fonte: <https://www.youtube.com>



Figura 50 - Urna em forma de sapato, alusivo à profissão do falecido, Gana.

Fonte: <https://mx.pinterest.com>



Figura 51 - Deposição de cadáveres no Rio Ganges, Índia.

Fonte: <https://www.uksoc.com>



Figura 52 - Necrofagia no Tibete.

Fonte: <https://minilua.net>



Figura 53 - Oferta aos ancestrais, China.

Fonte: <https://cronicasmacaenses.com>



Figura 54 - Queima de *hashis* enquanto familiares recolhem restos mortais da cremação, Japão.

Fonte: <https://rionne.substack.com>



Figura 55 - Urnas suspensas em penhascos, Filipinas.

Fonte: <https://www.discovermagazine.com>



Figura 56 - Cerimónia *Ma'nene*, Indonésia.

Fonte: <https://www.megacurioso.com>

Os rituais funerários um pouco por todo mundo revelam uma multiplicidade de abordagens diante da morte, desde celebrações festivas até cerimónias introspectivas (DOUGHTY, 2019). Estas tradições refletem o esforço humano para dar significado à perda e manter viva a memória dos que partem, tentando compreender e enfrentar o mistério da mortalidade.

2.5. DEFINIÇÃO DE LUTO

O luto é uma resposta humana natural e complexa à perda de algo significativo (FREUD, 1959 *apud* KASTENBAUM et al., 2018, p. 377). Este fenómeno não contempla somente a morte física, mas também as “mortes” em vida. Estas mortes entendem-se por acontecimentos que provocam algum tipo de rutura que a vida nos apresenta, como o fim de relacionamentos, de amizades, bens materiais, grandes mudanças e outros fatores que determinam as fases da vida (COMBINATO et al., 2006, pp. 212-213).

Este processo emocional manifesta-se através de diversos modos, não se limitando à mais óbvia como o choro (PARKES et al., 2003, pp. 49-52). Desde da negação inicial até à aceitação, o luto envolve diversas reações emocionais e psicológicas (WORDEN, 2013).

Fechamos este princípio introdutório como base conceptual sobre a morte e o luto, preparando-nos para uma análise mais profunda das suas diferentes etapas, manifestações e impactos, construindo uma narrativa que revela tanto o sofrimento da perda quanto a “beleza” de entender e aceitar esta inevitabilidade.

2.5.1. COR COMO SIGNIFICANTE DO LUTO

As cores no contexto do luto carregam uma dimensão simbólica que transcende o aspeto visual, refletindo construções culturais, religiosas e históricas em diferentes épocas e sociedades. Assim como a flora desempenha uma função na comunicação de sentimentos e conceitos abstratos, as cores atuam como um meio de comunicação não verbal, proporcionando uma forma de expressão que ultrapassa as barreiras linguísticas e culturais (SOARES, 2020).

Desde a Antiguidade que a escolha de determinadas cores em rituais fúnebres e práticas associadas ao luto esteve diretamente vinculada aos valores e crenças de cada cultura. A simbologia cromática no luto varia amplamente entre civilizações. No Ocidente, por exemplo, o preto consolidou-se como a cor predominante, representando sobriedade, respeito, tristeza e introspeção. Esta associação remonta ao Império Romano onde se utilizava a *toga pulla* (Fig. 57), uma toga escura que simbolizava o luto (PASTOUREAU, 2014, pp. 46-47; SOARES, 2020, pp. 27-28). Posteriormente, esta tradição foi amplamente influenciada pelas práticas da Igreja Católica e perpetuada em eventos históricos significativos, como os ritos funerários da nobreza europeia. No Reino Unido do século XIX a rainha Victoria popularizou a utilização do preto após a morte do marido, dando origem a normas sociais que impunham regras rígidas sobre vestuário e o comportamento dos enlutados (*idem*, 2020, pp. 28-29). Em contrapartida, nem todas as culturas adotam o preto como a cor da morte e do luto. No Oriente, o branco assume essa função representando pureza, renascimento e transcendência para a vida eterna. Além do preto e do branco, outras cores simbolizam o luto em diferentes culturas, esta diversidade de interpretações destaca o carácter contextual e cultural das associações cromáticas (*idem*, 2020).

Com o avanço da tecnologia e da globalização, o simbolismo das cores no luto foi adaptado e reinterpretado em diferentes contextos, enriquecendo e demonstrando a flexibilidade desta linguagem simbólica que se reinventa constantemente para atender as necessidades culturais, emocionais e espirituais de cada sociedade (*idem*, 2020). A transição das cores no luto revela mudanças nas perspectivas sociais e no entendimento da morte. No Japão e por influência ocidental passou-se do branco, tradicionalmente associado ao luto, para o preto, sendo progressivamente incorporado nos rituais fúnebres (*idem*, 2020, pp. 36, 81). Além da dimensão histórica, as cores também dialogam com aspectos psicológicos e emocionais do luto. Estudos da Psicologia da Cor apontam que cada uma tem a capacidade de evocar sensações e estados emocionais distintos. Esta abordagem é especialmente relevante em práticas contemporâneas, onde as escolhas cromáticas para cerimônias fúnebres e memoriais variam de acordo com as preferências pessoais e os contextos culturais (*idem*, 2020).

No contexto da nossa dissertação em projeto, a questão cromática torna-se particularmente relevante. Optou-se pela utilização do cinza como cor corporativa da identidade visual e do complexo, não como símbolo direto do luto, mas como uma escolha estratégica que reforça a neutralidade, a intemporalidade e a ecumenicidade do espaço a diferentes crenças e culturas. Portanto, assim como as flores humanizam os espaços dedicados ao luto, as cores enriquecem as práticas memoriais conectando o visual e o emocional transformando o luto numa experiência de reflexão, respeito e homenagem.



Figura 57 - *Toga pulla*, vestuário de luto no império romano.

Fonte: <https://stock.adobe.com>

2.5.2. TEORIA E MODELOS DO PROCESSO DE LUTO

O processo de luto tem sido estudado ao longo dos anos por diversos autores. Entre as contribuições mais notáveis destaca-se o trabalho de Elisabeth Kübler-Ross ¹², *Sobre a morte e o morrer* (1996), no qual através de entrevistas a pacientes gravemente doentes identificou cinco estágios emocionais que se atravessa durante o processo de luto, sendo estes a negação, a raiva, a negociação, a depressão, e a aceitação. Cada estágio reflete uma resposta natural à perda e pode ser vivido numa ordem aleatória, com intensidade e duração variáveis (KÜBLER-ROSS, 1996).

Segundo Kübler-Ross (1996), a negação tem tendência a ser a primeira reação quando se recebe a notícia de uma perda. Neste estágio, o indivíduo pode recusar-se a acreditar no ocorrido, isolando-se emocional e socialmente, rejeitando a realidade. Sendo um mecanismo de defesa temporário, amortece o impacto emocional da perda. Embora natural, a negação prolongada pode comprometer a saúde mental, e o tempo que cada indivíduo permanece neste estágio varia. À medida que a realidade da perda se torna evidente, é comum que surjam sentimentos de raiva. Este estágio é caracterizado por um turbilhão de emoções que, embora desconfortável faz parte do processo. Juntamente com a raiva podem surgir sentimentos como angústia, desespero, medo, culpa e frustração, podendo ser direcionada ao indivíduo que faleceu, a terceiros (como familiares ou profissionais de saúde), ou até a forças superiores ou ao destino. No estágio de negociação, o indivíduo tenta fazer acordos consigo mesmo ou com uma entidade superior, na esperança de rever ou aliviar a perda. Mesmo sabendo que estas tentativas são infrutíferas, oferece um alívio temporário ao sofrimento emocional. Este é um dos estágios mais intensos, caracterizado por profunda tristeza e uma sensação de vazio. O enlutado pode afastar-se de familiares e amigos, sentir-se exausto emocionalmente e ter dificuldade em realizar atividades quotidianas. O choro e as crises de saudade são comuns e o indivíduo pode questionar se conseguirá retomar uma vida normal. Durante este período, o apoio psicológico e a proximidade de indivíduos queridos são essenciais para auxiliar na recuperação. A aceitação representa o estágio em que o indivíduo compreende a nova realidade e encontra processos para seguir em frente. Tal não significa esquecer o falecido como se nunca tivesse existido, mas sim

¹² Kübler-Ross (1926 - 2004) é considerada uma das principais autoridades no tema do luto e da morte. Profissionais de saúde mental em todo o mundo têm reconhecido e respeitado amplamente o seu trabalho. Uma das razões pelas quais é tão influente é que foi uma das primeiras a reconhecer a importância do estudo do luto e da morte na vida humana e a defender a necessidade de abordar estes temas de frente. Adicionalmente, Kübler-Ross foi inovadora ao utilizar entrevistas com pacientes terminais para aprofundar a compreensão do processo de morrer e do impacto que isso tem sobre os pacientes e as suas famílias.

conviver pacificamente com a perda, lembrando com carinho o indivíduo que partiu. Este estágio permite que o enlutado se consciencialize que a vida é finita e que é possível continuar a viver, mesmo sem a presença física do falecido (*idem*, 1996, pp. 51-149).

Embora estes estágios tenham sido identificados inicialmente em estudo com pacientes terminais, a respetiva aplicação é mais ampla, abrangendo qualquer tipo de perda significativa como um divórcio, a perda de emprego ou de um bem material. Além disso, é importante destacar que o processo de luto é único para cada indivíduo (WORDEN, 2013, p. 116).

Além de Kübler-Ross outros autores contribuíram para a compreensão do luto, propondo modelos e teorias divergentes. J. William Worden (2013) propôs um modelo baseado em quatro tarefas do luto: aceitar a realidade da perda; processar a dor do luto; ajustar-se a um mundo sem o indivíduo que partiu; encontrar conexão duradoura com o indivíduo que partiu, enquanto se inicia uma nova vida (*idem*, 2013, pp. 21-31). Colin Murray Parkes (1998) entende o luto como uma transição psicossocial, descrevendo-o e dividindo-o em quatro fases: entorpecimento / torpor; saudade; desorganização e desespero; recuperação / reorganização (*idem*, 2013, pp. 19-20).

Apesar de existirem diversas teorias e modelos sobre o luto, o trabalho de Kübler-Ross (1996) permanece como uma das contribuições mais influentes. A abordagem utilizada revolucionou o modo como a sociedade e os profissionais de saúde mental compreenderam a aceitação, a morte e o luto (KÜBLER-ROSS, 1996). O luto é um processo doloroso, porém fundamental para a cura, porque reconhecer e vivenciar os sentimentos associados à perda é um passo essencial para a adaptação e o fortalecimento emocional ao longo do tempo (WORDEN, 2013).

2.5.3. LUTO E TIPOS DE PERDA

Assumindo que a perda de alguém representa um evento transformador, neste subcapítulo exploramos a diversidade de conceitos de luto. As respostas emocionais e psicológicas diferem conforme a natureza da rutura. Neste contexto, ao categorizar cada tipo de luto pretende-se evidenciar como a conexão afetiva e a resiliência individual influenciam as reações e os processos de adaptação (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 374-376; OSSWALD, 2013, pp. 44-45).

Usualmente, existem dois tipos de luto, o “normal” e o “patológico”. No entanto, dentro do conceito de luto patológico diferem as classificações, definidas por diversos fatores, e.g. a relação com o indivíduo falecido e as circunstâncias da morte. Contudo, a ausência de uma definição exata dos termos relacionados com o luto dificulta a realização de investigações mais rigorosas sobre o tema (WORDEN, 2013).

2.5.3.1. CONCEITO DE LUTO NORMAL / COMUM

O luto, segundo os parâmetros de normalidade caracteriza-se pela capacidade de superação dos diferentes estágios do processo (Fig. 58), tais como os propostos por Elisabeth Kübler-Ross (1996). Este tipo de luto envolve uma série de respostas emocionais, cognitivas e comportamentais que diferem de indivíduo para indivíduo. Durante este momento é comum surgirem emoções de tristeza, raiva, culpa, solidão, entre outras. Pensamentos intrusivos sobre o indivíduo falecido, memórias e sonhos, fazem igualmente parte desta experiência. Do ponto de vista comportamental, as alterações no apetite, no sono e na concentração tornam-se frequentes. Enquanto alguns enlutados optam por se isolar, outros procuram o apoio social (*idem*, 2013, pp. 4-14). Nos primeiros meses após a perda, o luto tende a manifestar-se de forma intensa suavizando-se progressivamente. Ainda assim, não existe um prazo fixo para a “cura”, cada indivíduo percorre este processo no seu próprio ritmo. Importa, por fim salientar que não existe uma forma única e certa de vivenciar o luto, tratando-se de uma experiência meramente pessoal (*idem*, 2013, pp. 50-51).



Figura 58 - Aceitação da perda.

Fonte: <https://www.gettyimages.pt>

2.5.3.2. CONCEITO DE LUTO PATOLÓGICO / CRÓNICO / PROLONGADO

O luto patológico ou luto prolongado, refere-se às sérias dificuldades que o enlutado se depara perante a nova realidade da perda.

Por oposição ao luto normal, o luto complicado caracteriza-se pela “(...) *intensificação do luto em nível em que a pessoa fica sobrecarregada, recorre às condutas mal adaptativas ou permanece interminavelmente no estado de luto sem progressão do processo de luto na direção de sua conclusão (...)*” (HOROWITZ et al., 1980, *apud idem*, 2013, p. 94).

De acordo com Horowitz et al. (1980) o luto patológico associa-se sobretudo à intensidade e persistência das respostas emocionais, em vez da presença ou ausência de sintomas ou comportamentos específicos (*idem*, 2013, p. 95). A complexidade do luto é influenciada pela interseção de múltiplos fatores. A falta de preparação para a perda em circunstâncias traumáticas, como mortes inesperadas, suicídios ou acidentes fatais, tendem a desencadear o luto patológico. Indivíduos com antecedentes traumáticos, perdas significativas ou perturbações psicológicas são mais propensos a este tipo de luto visto que as experiências anteriores podem ser reativadas e interferir no processo. A tendência para a “ruminação”, evitar emoções ou dificuldade em expressar emoções constituem fatores adicionais de risco. O luto patológico pode prolongar-se por muito tempo, sendo fundamental compreender as respetivas manifestações para procurar a assistência necessária (*idem*, 2013).

2.5.3.3. CONCEITO DE LUTO ANTECIPATÓRIO

O processo de luto antecipatório começa antes da perda efetiva no qual a morte ainda não ocorreu, porém a possibilidade é iminente. O conceito de luto antecipatório introduzido por Erich Lindemann em 1944, não se limita à morte real podendo surgir em contextos de separação. Ressalta-se assim um exemplo referido pelo autor, quando um familiar parte para o serviço militar. Nestes casos, as reações de luto manifestam-se perante a possibilidade de perda. Este tipo de luto encontra-se mais frequentemente associado à separação e a consciencialização da finitude do que com a morte propriamente dita. Este tipo de luto tende a ser particularmente expressivo em contextos de envelhecimento ou doença, tal como acontece nos cuidados paliativos. Perante a proximidade da morte, as reações psicológicas e práticas influenciam o modo como os indivíduos interagem com o processo de perda. Algumas investigações abordam a

questão de o sofrimento antecipatório atenuar a dor da perda efetiva. Porém, embora existam indícios neste sentido os resultados não chegam a ser conclusivos (*idem*, 2013, pp. 146-150).

2.5.3.4. CONCEITO DE LUTO TRAUMÁTICO

O luto traumático é uma classificação de luto patológico, sendo desencadeado por perdas que envolvem eventos traumáticos como mortes violentas, perturbadoras ou inesperadas (e.g. homicídios, suicídios ou acidentes). Para além de lidar com a ausência do outro, o enlutado enfrenta dificuldades acrescidas relacionadas com a dimensão traumática do acontecimento. As imagens associadas ao momento da perda, bem como sentimentos de impotência, medo ou horror podem permanecer gravados na mente do enlutado, dificultando o processo de aceitação e adaptação (*idem*, 2013).

Em *Luto: Manual de Intervenção Psicológica* (2021) este tipo de luto envolve sintomas particulares que tornam o processo de recuperação mais complexo. Os autores ressaltam a importância de intervenções psicológicas específicas para identificar e ultrapassar bloqueios emocionais e cognitivos, auxiliando o indivíduo a processar tanto a perda como os impactos traumáticos associados (GABRIEL et al., 2021).

2.5.3.5. CONCEITO DE LUTO GESTACIONAL E PERINATAL (SMSI)

O luto parental, i.e. gestacional e perinatal, igualmente conhecido como luto por síndrome da morte súbita infantil (SMSI) ¹³, representa uma das formas mais dolorosas e desvalorizadas de sofrimento humano (WORDEN, 2013). Este tipo de luto refere-se ao processo de perda experienciado pelos pais diante da morte de um filho durante a gravidez (luto gestacional), no parto ou nos primeiros momentos de vida (luto perinatal). Embora o bebé ainda em gestação possa não se ter materializado de forma tangível aos olhos de terceiros, o vínculo emocional já se encontra plenamente desenvolvido pelos pais, sobretudo quando a gravidez é desejada. Esta experiência envolve a interrupção de expectativas e planos relacionados com o futuro da criança, provocando impactos psicológicos profundos, especialmente para a mãe, agravado pelo facto de o seu corpo continuar a manifestar sinais da maternidade, mesmo sem a presença do filho (*idem*, 2013).

¹³ A Síndrome da Morte Súbita Infantil (SMSI) é uma causa inesperada de morte que ocorre em crianças aparentemente saudáveis.

A sociedade contemporânea tende a minimizar estas perdas, dificultando o processo de recuperação dos enlutados. A ausência de rituais de despedida apropriados e a pressão social para “seguir em frente” rapidamente reforçam sentimentos de isolamento e incompreensão (*idem*, 2013). Ademais, Klass (1986 - 1987) destaca o facto de que a perda de um filho tanto pode unir como separar um casal, uma contradição que acaba por depender de como cada experiência de luto e da dinâmica pré-existente da relação. Embora não haja uma relação de causa direta entre o luto parental e o divórcio, existem evidências de que esta experiência pode aumentar a vulnerabilidade da relação ¹⁴ (*apud idem*, 2013, p. 167). Diante desta realidade, defende-se que o acompanhamento psicológico deva respeitar o tempo emocional de cada progenitor, validar a dor da perda e incentivar a criação de práticas simbólicas de despedida e.g. fotografias e objetos (GABRIEL et al., 2021).

2.5.3.6. CONCEITO DE LUTO NÃO AUTORIZADO / DESAUTORIZADO

O conceito de luto não autorizado (ou privado de direitos) introduzido por Kenneth J. Doka (1989) e desenvolvido por outros autores como Attig (2004) e Worden (2013), refere-se a situações em que a dor pela perda não é reconhecida ou aceite socialmente, demonstrando que nem todas as perdas recebem a mesma validação. Este tipo de luto ocorre quando a relação entre o enlutado e o falecido é oculta ou desaprovada, e.g. morte de um(a) amante, abortos espontâneos ou induzidos, ou a morte de parceiros em relacionamentos homoafetivos não assumidos. Nestas situações o enlutado, na maior parte das vezes, é excluído dos rituais de despedida e não recebe apoio da família ou da sociedade. Existem também perdas socialmente negligenciadas como a de animais de estimação. O sofrimento pela morte de um animal é frequentemente minimizado ou ridicularizado, o que impede o enlutado de expressar livremente a sua dor. Nestes casos, o luto torna-se complexo, porque o indivíduo não sofre somente pela perda, como também pela falta de reconhecimento social. O reconhecimento é o primeiro passo para a cura e o apoio psicológico pode auxiliar a “reautorizar” estas perdas (WORDEN, 2013).

¹⁴ “A perda compartilhada cria um vínculo novo e muito profundo entre eles, ao mesmo tempo em que a perda individual de cada um deles cria um estranhamento na relação. O paradoxo é expresso diferentemente em casais com diversos relacionamentos anteriores à morte.” (KLASS, 1986 – 1987, *apud* WORDEN, 2013, p. 167).

2.5.3.7. CONCEITO DE LUTO AUSENTE / INIBIDO

O conceito de luto ausente refere-se a um tipo de reação à perda em que o indivíduo aparenta não manifestar qualquer resposta emocional visível ou esperada perante a morte de alguém. Neste tipo de luto, o indivíduo pode negar ou suprimir os sentimentos associados à perda, transmitindo a percepção de que não está a sofrer (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 366-367). No entanto, Worden (2013), Parkes e Weiss (1983) defendem que esta ausência de emoções não significa uma reação pouco saudável. Trata-se frequentemente de uma defesa inconsciente contra a intensidade da dor, podendo-se mesmo considerar como uma reação “normal” (WORDEN, 2013, p. 8). Helene Deautch no artigo *Absence of grief* (1937) sugere igualmente que, o indivíduo neste tipo de luto não demonstra qualquer tipo de expressão externa evidente recorrendo a mecanismos de defesa psicológicos numa tentativa inconsciente de se proteger. Contudo este tende a manifestar-se mais tarde (DEAUTSCH *apud idem*, 2013, p. 102). O psiquiatra John Bowlby (1980) destaca ainda que ignorar ou suprimir o luto não o elimina, apenas o adia, pois mais tarde ou mais cedo a dor tende a emergir podendo agravar-se a longo prazo (BOWLBY *apud idem*, 2013, p. 25). Parkes (1972) acrescenta ainda que o sofrimento emocional faz parte do processo de luto e é necessário o enlutado passar pelo sofrimento. As consequências podem resultar, em alguns casos, em complicações emocionais futuras como luto prolongado ou manifestações físicas e psicológicas (PARKES *apud idem*, 2013, p. 24). Autores como Worden (2013) defendem que o aconselhamento do luto tem como objetivo auxiliar que os enlutados ultrapassem conscientemente a dor e que esta não fique presa ao sofrimento oculto. Alerta também que evitar o luto não resolve a dor, apenas a transforma noutro conceito de luto patológico (*idem*, 2013).

2.5.3.8. CONCEITO DE LUTO ATRASADO / RETARDADO / TARDIO

Este conceito de luto atrasado, retardado, adiado ou tardio, surge como consequência do luto ausente. Refere-se a um tipo de luto em que o indivíduo não se sente capaz de lidar com o sofrimento daquele momento da perda, acaba por o expressar e resolvê-lo posteriormente. Worden (2013) cita George Bonanno et al. (2002) quando este alega que o fenómeno de luto retardado não existe. Porém discorda e contra-argumenta que acompanhara diversos casos em que o luto estava presente durante o momento da perda, contudo, por algum motivo, não foi processado corretamente, reaparecendo mais tarde (*idem*, 2013, p. 100).

O luto tardio evidencia que, mesmo quando o sofrimento é evitado no momento da perda, o processo tende a encontrar uma via de expressão posterior. Porém, com maior intensidade perante determinadas circunstâncias ao longo da vida do indivíduo, justamente por surgir fora do “tempo esperado” (*idem*, 2013, pp. 99-100).

2.5.3.9. CONCEITO DE LUTO COLETIVO

O luto coletivo é um fenómeno experienciado socialmente como resultado de uma perda sentida por um grupo significativo de indivíduos em simultâneo. Normalmente, ocorre perante um acontecimento de grande impacto, mesmo que não exista uma ligação direta com a vítima ou tragédia. Este tipo de luto pode surgir em diferentes contextos. Pode também estar relacionado com eventos traumáticos, como guerras, atentados, desastres naturais, pandemias ou acidentes que resultem em múltiplas vítimas. No caso de guerras e conflitos, este tipo de luto manifesta-se tanto pela dor das vidas perdidas como pela necessidade de recordar e homenagear as vítimas (WAGONER et al., 2021). No entanto, o luto coletivo não se limita a este tipo de perdas, podendo direccionar-se para acontecimentos vitoriosos, como a morte de heróis nacionais e milhares em combate, nos quais o pesar se mistura com admiração e gratidão. Este tipo de luto une uma comunidade em torno de um significado comum estando igualmente associado a perdas de figuras públicas, como líderes religiosos, políticos ou sociais.

2.6. CEMITÉRIOS

Os primeiros cemitérios surgiram na pré-história, relacionados com a necessidade prática de evitar que os cadáveres, durante a decomposição, atraíssem animais necrófagos com o seu odor (CABRAL, 2021, p. 6). Enterrar os corpos mascarava decomposição e afastava os predadores protegendo os vivos, marcando o início de uma prática ancestral da humanidade: o sepultamento. Este capítulo apresenta uma breve resenha história sobre os cemitérios, suas transformações tipológicas desde a origem até aos desafios contemporâneos, com um especial enfoque na função do Design para o desenvolvimento de espaços que respeitem tanto os mortos quanto os vivos.

Como vimos atrás nas antigas civilizações do Crescente Fértil os corpos eram sepultados com objetos pessoais e oferendas dada a crença na vida após a morte. Elaboraram-se sepulturas como mastabas e pirâmides para as classes dominantes refletindo a importância da preservação do corpo para a persistência da alma.

A conceção de cemitérios fora da cidade foi um marco crucial. Na Grécia clássica, os mortos foram sepultados fora dos muros das cidades, em “necrópoles”, o que não só evitava a contaminação, como também reforçava a crença de que os mortos pertenciam a um espaço separado dos vivos. Em Roma, era mesmo proibida a inumação de cadáveres dentro da cidade. Consequentemente, os cemitérios localizaram-se à beira das estradas públicas ou em áreas indicadas (ARIÈS, 2012, p. 41). Depreende-se, portanto, que o crescimento demográfico e as consequências sanitárias dos sepultamentos, geraram uma necessidade crescente de reavaliar o sepultamento próximo dos vivos. Com a disseminação do cristianismo, na Idade Média, regressou o sepultamento intramuros em redor das igrejas, tidas como locais sagrados. Todavia este hábito era dedicado entre a nobreza e ao clero, enquanto as valas comuns eram destinadas aos menos afortunados, ou em tempos de epidemias e guerras. A superlotação dos cemitérios e os riscos sanitários tornaram-se preocupações significativas, levando a igreja a começar a defender a separação dos espaços. Em resposta, surgiram os cemitérios jardim, planeados e visualmente agradáveis, como o Cemitério de Père Lachaise (c. Séc. XII) em Paris (Fig. 59) (CABRAL, 2021, pp. 8-10).



Figura 59 - Cemitério de Père Lachaise em Paris (c. Séc. XII).

Fonte: <https://www.istockphoto.com>

Ao longo dos séculos, as práticas funerárias evoluíram, sendo a cremação hoje muito comum, o que reduz a área de sepulturas em cemitérios (CABAÇO, 2009, p. 32). Simultaneamente, surgiram cemitérios “ecológicos” em resposta às crescentes preocupações ambientais. Atualmente, as preocupações principais com os cemitérios são ambientais e de organização de espaço. Soluções verticais e práticas de sepultamento sustentáveis estão a ser implementadas para enfrentar estes desafios. A sustentabilidade e a personalização são tendências emergentes no projeto de cemitérios, enfatizando práticas ecológicas como urnas biodegradáveis ou a plantação de árvores em vez da deposição de lápides. Integraram-se assim nos cemitérios áreas multifuncionais de cerimónia, meditação e mesmo atividades comunitárias,

estabelecendo um ambiente que serve “tanto aos vivos quanto os mortos” (CABRAL, 2021). A utilização das novas tecnologias digitais, como códigos QR em lápides podem conter biografias online e memórias digitais, permitindo conexões alternativas e personalizadas (KASTENBAUM et al., 2018, p. 443).

A construção de cemitérios está profundamente relacionada com a evolução das sociedades, crenças religiosas, sanitárias, e alterações de planeamento urbano, continuando a ser locais de memória, reflexão e honra dos falecidos. Estes espaços adaptaram-se assim às necessidades e valores contemporâneos. Para um designer, é crucial entender esta evolução ao conceber espaços e equipamentos funcionais que honrem tanto os mortos quanto as necessidades dos vivos.

2.6.1. DESTINOS FINAIS DE UM CADÁVER NO INTERIOR DO CEMITÉRIO

Geralmente, no interior dos cemitérios, o sepultamento é apresentado sob diversas formas. Cada um dos destinos possui características próprias com base em desejos finais pessoais, familiares, culturais, religiosos, e mesmo segundo regulamentações locais.

Um cadáver pode e.g. ser inumado diretamente no solo, ou previamente cremado. Existem diferentes formas de inumação e cremação (Fig. 60). Na primeira, o cadáver pode ser sepultado diretamente numa cova escavada no solo, onde decorrerá a decomposição natural. Introduzido num local de consumpção aeróbia, o corpo passa por um processo de decomposição no qual os microrganismos decompõem o corpo. Pode igualmente ser depositado em jazigos subterrâneos, em capela, ou mistos, no qual o corpo é depositado numa estrutura contruída acima ou abaixo do solo para abrigar um ou mais cadáveres, normalmente privada para uma única família. No que diz respeito à cremação, as cinzas podem ser sepultadas no solo, como uma sepultura tradicional; podem ser introduzidas num ossário, que consiste numa estrutura ou espaço onde são depositadas juntamente com os restos mortais de outros indivíduos; podem ser também depositadas em jazigos assim como na inumação; ou podem ser inseridas num columbário/cendrário, uma estrutura com nichos individuais ou familiares (CABAÇO, 2009, pp. 30-33; FERREIRA et al., 2022, pp. 89-118; PORTUGAL, 1998).

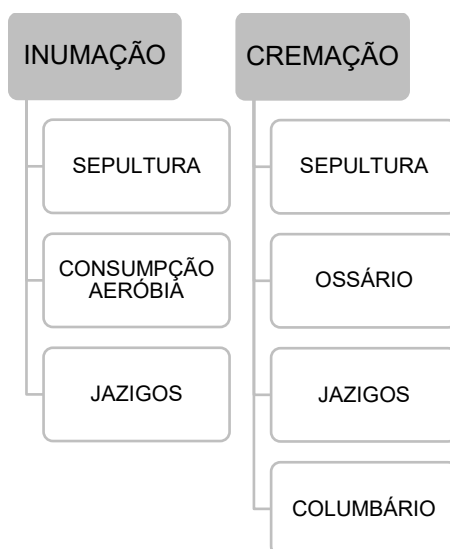


Figura 60 - Gráfico com processo de inumação e deposição de cinzas.

Fonte: Ilustração do autor

Estes modos são exclusivos do interior dos cemitérios, podendo não oferecer todas estas opções supra-referidas. Na cremação torna-se possível entregar as cinzas à família, dentro de um recipiente apropriado, deixando o destino ao seu critério. Referiremos mais à frente algumas dessas opções.

2.6.2. OPÇÕES DE DEPOSIÇÃO PARA CINZAS DE CREMAÇÃO

Ao planear o sepultamento de um ente querido muitos optam, atualmente, pela cremação. Esta permite diversas opções proporcionando uma flexibilidade e personalização que os métodos tradicionais não oferecem. Os designers são por vezes (não tantas) desafiados a desenvolver espaços e artefactos que não só atendam às necessidades práticas e emocionais, como também respeitem as tradições e inovem na forma como se recorda e celebra a vida. Neste capítulo exploramos tipologias e locais para deposição das cinzas provenientes da cremação.

Uma tendência que tem vindo a ganhar protagonismo é a utilização de urnas cinerárias biodegradáveis que contêm sementes no interior (CABRAL, 2021, p. 22). As cinzas são misturadas com solo e compostagem permitindo o crescimento de uma árvore (Fig. 61). Este método simboliza o ciclo de vida e oferece um legado vivo e contínuo. O design de urnas e sistemas de plantação deve garantir a sustentabilidade e a viabilidade do crescimento das árvores, além de proporcionar uma solução memorial ecológica e

regeneradora. As árvores memoriais não apenas homenageiam o falecido, como contribuem para o meio ambiente, dando origem a um local apreciado por gerações (BIOS URN, s/d).



Figura 61 - Urnas biodegradáveis, Bios.

Fonte: <https://newatlas.com>

Os denominados “jardins de memória” são áreas no interior de cemitérios onde as cinzas podem ser depositadas (WAVERLEY CEMETERIES, s/d). Além da elegância natural destes jardins, a utilização de “pedras de memorial” oferece um modo tangível de recordar os que partiram, podendo ser personalizadas com nomes, datas ou mensagens especiais (Memorial ..., s/d).

Para muitos indivíduos espalhar as cinzas num local significativo é um modo profundamente pessoal de despedida (BROWN, 2014). Estes locais podem variar: no mar, numa praia, numa montanha (Fig. 62-65) como locais simbólicos e.g. alusivos a uma profissão, ou paixão profunda do defunto. A oferta numa sociedade de consumo não tem limites. Além das opções terrestres e aquáticas existem opções “aéreas” permitindo espalhar as cinzas na atmosfera através de um voo (Fig. 66) lançadas ao vento (Fig. 67), e no limite algumas empresas especializadas que oferecem já serviços para lançamento de cinzas no espaço (Fig. 68), permitindo ao falecido “tornar-se parte integrante do universo” (BENJAMIN, 2013, pp. 168-170).



Figura 62 - Deposição de cinzas numa praia.

Fonte: <https://www.bbc.com>



Figura 63 - Deposição de cinzas numa montanha. Fonte: <https://www.bbc.com>



Figura 64 - Deposição de cinzas em diversos contextos (Machu Picchu).

Fonte: <https://www.bbc.com>

Figura 65 - Deposição de cinzas no mar.

Fonte: <https://www.bbc.com>



Figura 66 - Deposição de cinzas na atmosfera.

Fonte: <https://www.bbc.com>

Figura 67 - Deposição de cinzas durante queda livre em paraquedas.

Fonte: <https://www.bbc.com>

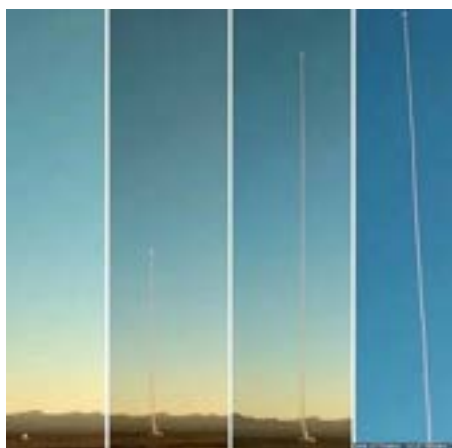


Figura 68 - Deposição de cinzas ao espaço.

Fonte: <https://www.bbc.com>

Uma forma diferenciada e memorável de dizer adeus é transformar as cinzas de cremação num espetáculo de fogos de artifício (Fig. 69) (*idem*, 2013, pp. 147-148). Este método proporciona uma celebração visual permitindo que os familiares assistam a uma exibição de luzes no céu que simboliza a vida e a partida do ente querido. Este espetáculo pode ser personalizado para refletir as cores da preferência do falecido proporcionando um tributo único e emocionante (Empresa ..., 2019).



Figura 69 - Deposição de cinzas num espetáculo de fogos de artifício.

Fonte: <https://www.megacurioso.com>.

Expectavelmente as soluções só conhecem os limites da imaginação humana e da sociedade capitalista. Assim, é igualmente possível conceber um memorial subaquático no qual as cinzas são incorporadas em recifes artificiais (Fig. 70) (BENJAMIN, 2013, pp. 134-136). Estes recifes não só servem como memoriais duradouros, como também contribuem para a restauração de ecossistemas marinhos. Estas estruturas devem ser resistentes à água salgada e compatíveis com a vida marinha, proporcionando *habitats* para peixes e corais (Eternal ..., s/d).



Figura 70 - Cinzas incorporadas em recifes artificiais.

Fonte: <https://www.srqmagazine.com>

Incorporar cinzas de cremação na tinta de tatuagem (Fig. 71) é uma forma íntima e permanente de lembrar um ente querido. Este método, conhecido como tatuagem

comemorativa, permite que os familiares carreguem a memória do falecido diretamente na própria pele (Cremation ..., s/d).



Figura 71 - Deposição de cinzas incorporadas em tinta de tatuagem.

Fonte: <https://cremationink.com>

Por fim, transformar as cinzas de cremação em joias é mais uma forma íntima de manter a memória de um ente querido, incluindo colares, anéis, brincos ou diamantes (Fig. 72) que incorporam uma pequena porção das cinzas ou fios de cabelo. Estas peças comemorativas podem ser duradouras, dando origem a objetos utilizados e apreciados diariamente de uma forma discreta e pessoal (Produção ..., s/d).



Figura 72 - Transformação de cinzas em joias.

Fonte: <https://www.etsy.com>

Cada método referido oferece um modo único (inusitado) para homenagear e lembrar os falecidos, assim exista “mercado” e marketing que o venda. Todavia o Design tem por objetivo desenvolver soluções que respeitem as tradições e satisfaçam as necessidades emocionais dignamente, o que poderá ser questionável em práticas extremas. O design desempenha assim uma função crucial em transformar o luto numa celebração de vida e memória. Ao explorar-se opções como estas, percebe-se o desvio

conceptual que pode transformar tradição dogmática em devaneio New Age ¹⁵. Através da criatividade aliada em vez a uma sensibilidade “cirúrgica” podem desenvolver-se espaços e objetos que não só respeitem a tradição e a memória, como proporcionem conforto e paz a quem possui uma postura de rutura com práticas ancestrais e tenha predisposição para abraçar novas soluções sustentáveis de baixo impacto.

2.7. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

A morte é abordada de diversas formas ao longo da história e em diferentes culturas. Manifestações culturais como o *Dia de los Muertos* no México o *Halloween* nos EUA são apenas dois exemplos de como a morte é encarada e celebrada de formas distintas refletindo as crenças, tradições e valores de cada sociedade (MORTON, 2012).

O *Dia de los Muertos* no México é uma celebração enraizada na cultura e tradição do precedem o próprio país, com origens que remontam às civilizações pré-colombianas tratando-se de uma celebração combinando crenças indígenas e católicas (KASTENBAUM et al., 2018, p. 80). Grande parte das festividades católicas fez uso de datas pagãs por todo o mundo evangelizado como modo de aceitação local, razão porque ocorre principalmente nos dias 1 e 2 de novembro, coincidindo com o “Dia de Todos os Santos” e o “Dia dos Finados” (MORTON, 2012). O *Dia de los Muertos* é uma festa cheia de simbolismo na qual as famílias se reúnem para homenagear e lembrar os entes falecidos (KASTENBAUM et al., 2018, p. 70). São elaborados altares coloridos decorados com fotografias dos falecidos, flores, velas e as iguarias favoritas do falecido (Fig. 73), podendo integrar estes elementos nos túmulos nos cemitérios (Fig. 74) (MORTON, 2012).

¹⁵ *New Age* (eng.) ou Nova Era é um movimento que se espalhou pelas comunidades religiosas ocultistas e metafísicas durante as décadas de setenta e de oitenta do século XX.



Figura 73 - Altares de homenagem aos entes queridos no *Dia de los Muertos*.

Fonte: Morton, 2012

Figura 74 - Túmulos decorados nos cemitérios no *Dia de los Muertos*.

Fonte: Kastenbaum et al., 2018

O *Halloween* tem origem na tradição celta e é celebrado principalmente nos países de língua inglesa sobretudo os EUA. Remota portanto há cerca de dois mil anos, sendo originalmente conhecido como *Samhain*, marcava o fim do verão. Acreditava-se que nesta noite os espíritos dos mortos voltavam à terra. Para se protegerem, os celtas utilizavam máscaras enganando os espíritos malignos. Com o passar dos séculos, no Novo Mundo, a festividade foi-se transformando e incorporando elementos de diversas culturas e religiões, sobretudo no século XIX depois da chegada de imigrantes irlandeses aos Estados Unidos da América (*idem*, 2012). Atualmente, o *Halloween* é sobretudo associado à fantasia (Fig. 75). A cultura popular e sobretudo o cinema apropriaram e disseminaram uma iconografia alternativa baseada em máscaras e abóboras esculpidas com faces assustadoras (*Jack O'Lanterns*) (Fig. 76). É uma celebração onde os indivíduos se divertem em torno do tema da morte de forma descontraída.



Figura 75 - Fantasias de *Halloween*.

Fonte: Morton, 2012

Figura 76 - *Jack O'Lanterns* - abóboras esculpidas com faces assustadoras.

Fonte: Morton, 2012

Tanto o *Halloween* como o *Dia de los Muertos* são hoje uma celebração alegre e festiva. É uma oportunidade para os indivíduos se reconectarem com tradições milenares, aceitarem a morte como parte natural da vida (*idem*, 2012) e se comercializar muitos artefactos, doces e fantasias.

Apesar das diferenças culturais entre estas duas tradições, ambos compartilham a mesma ideia de que a morte não deve ser temida ou evitada, mas sim celebrada e integrada à vida quotidiana. São celebrações que nos lembram da finitude da existência e da importância de honrar e lembrar aqueles que partiram. Num mundo onde a morte muita das vezes é encarada com medo e *tabu* estas festividades desafiam a humanidade a observar este fenómeno de um modo mais piedoso e inclusivo.

2.8. PROFISSÕES QUE LIDAM COM A MORTE

A vida é caracterizada tanto por momentos de celebração, como por desafios e perdas inevitáveis. Dentro deste contexto, existem forçosamente profissões “mal vistas” e, todavia, desempenham uma função essencial na sociedade. Este capítulo explora as diversas profissões envolvidas nos cuidados antes e após o óbito, bem como no suporte emocional aos enlutados.

Entre esses profissionais também se incluem alguns menos associados e sobretudo com menos carga negativa como médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde,

que se encontram na “linha da frente” lidando diariamente com a morte. Apesar do compromisso em preservar a vida e aliviar o sofrimento esteja no cerne da profissão, numa sociedade em que se evita discutir o assunto, estes profissionais têm o penoso dever de enfrentar a finitude da vida (OSSWALD, 2013) reconhecendo que a morte é inevitável e, por vezes, inescapável apesar de todos os avanços da medicina. A expectativa irreal que a sociedade idealiza sobre a capacidade de prolongar a vida indefinidamente aplica uma carga adicional sobre estes profissionais (PARKES et al., 2003, p. 16). No entanto, como sarcasticamente observada Parkes “100% das pessoas ainda morrem” (*idem*, 2003, p.16).

Os médicos-legistas acabam por ser estigmatizados segundo uma visão dramática e grotesca da sociedade (Fig. 77). Contudo, investigar e determinar as causas de morte constitui uma função inquestionável e complexa (KASTENBAUM et al., 2018, p. 447). As competências fundamentais destes especialistas incluem a realização de autópsias, análise de evidências forenses e colaboração com autoridades, garantindo que todas as mortes sejam devidamente documentadas e investigadas (CATANESE, 2016; DIMAIO et al., 2001; SAUKKO et al., 2004). Além de serem cruciais num Estado de Direito, fornecem respostas às famílias enlutadas auxiliando-as a entender as circunstâncias da morte e encontrar um desfecho para iniciar o processo de luto (KASTENBAUM et al., 2018, p. 414). Apesar de ser emocionalmente desafiadora, a profissão exige resiliência e compromisso com a verdade, mantendo o profissionalismo em situações muitas vezes difíceis.



Figura 77 - Médico-legista recolhendo evidências num cenário de crime.

Fonte: <https://www.istockphoto.com>

Especializados na preservação e preparação de corpos, os tanatopractores desempenham outra função crucial e pouco estimada na sociedade. É através de

técnicas como a tanatopraxia (Fig. 78), que retarda a decomposição garantindo a conservação e a apresentação digna dos corpos, e permite que as famílias tenham tempo para velar. Esta inclui a limpeza e higienização do corpo, a aplicação de maquiagem (Fig. 79), ou a reconstrução facial, especialmente em casos de trauma proporcionando conforto visual e atenuação emocional (MENDES, 2018, pp. 67-71).



Figura 78 - Tanatopraxia.

Fonte: <https://www.impala.pt>



Figura 79 - Tanatoestética.

Fonte: <https://www.osacre.com>

Os agentes funerários, por si, lidam com os aspetos práticos e cerimoniais da morte, fornecendo o sepultamento e assistência emocional e burocrática às famílias. As responsabilidades fundamentais destes profissionais incluem a preparação do corpo para o velório, como o vestuário e a preparação da urna, e organização do funeral e coordenação de todos os detalhes logísticos (Fig. 80) incluindo o transporte, seleção da urna, preparação do local e decorações. Estes profissionais devem atuar com empatia e sensibilidade garantindo que o processo é conduzido de modo respeitoso e de acordo com as preferências da família (Fig. 81) (*idem*, 2018, pp. 82-88).



Figura 80 - Organização de funerais. Fonte: <https://gruposoajudastadeu.com>



Figura 81 - Apoio emocional aos enlutados. Fonte: <https://funerais.pt>

Embora se encontre em declínio em diversas culturas, e não deva ser considerada profissão, as carpideiras tiveram uma função histórica e cultural importante na expressão pública do luto. Eram, contudo, contratadas e renumeradas para chorar e lamentar em funerais, auxiliando a comunidade a comungar a dor coletiva (Fig. 82). Nas sociedades contemporâneas onde o luto é mais privado, a demanda por esta prática diminui sendo apenas preservada em algumas culturas como uma tradição significativa (ARIÈS et al., 1990, pp. 274-281).



Figura 82 - Carpideiras.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

No fim da escala descendente de estigmatização talvez se encontre a profissão de técnico de profundidade, expressão que substituiu o tradicional coveiro (Fig. 83). Este tem a responsabilidade de preparar e garantir a manutenção dos cemitérios, garantindo que os sepultamentos sejam realizados com dignidade e respeito (PORTUGAL, 1998). Esta profissão ultrapassa a técnica, e contribuiu para uma função importante na memória coletiva, cuidando das sepulturas e da sua conservação patrimonial.



Figura 83 - Técnico de Profundidade na abertura de sepulturas.

Fonte: <https://angelorigon.com>

Os operadores de fornos crematórios asseguram uma prática importante em diversas culturas. A cremação sendo considerada como cultural, não deixa de ser uma opção mais sustentável perante o crescimento demográfico uma vez que não necessita de

espaço e previne a contaminação do solo (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 419-421, 441). Além de cumprir regulamentos técnicos, estes profissionais têm uma função fundamental ao lidar com os enlutados, garantindo que as cinzas sejam entregues devidamente conservadas e embaladas (Fig. 84) (DOUGHTY, 2016).



Figura 84 - Entrega das cinzas à família em urna cinerária.

Fonte: <https://crematoriodeossos.com>

Para finalizar, como vimos, os psicólogos especializados no luto oferecem apoio emocional e psicológico aos enlutados auxiliando-os a lidar com a dor e a aceitar a perda de forma saudável (Fig. 85) (GABRIEL et al., 2021). Com compreensão e compaixão, estes profissionais colaboram também com outras profissões e organizações, como funerárias e grupos de apoio, para assegurar que os enlutados tenham acesso aos recursos necessários, auxiliando indivíduos e famílias a encontrarem significado e resiliência num momento de extrema vulnerabilidade (WORDEN, 2013).



Figura 85 - Apoio psicológico.

Fonte: <https://home-to-home.ca/>

2.9. DECOMPOSIÇÃO DO CORPO HUMANO

O estudo científico da morte, conhecido com Tanatologia ¹⁶, remonta à antiguidade. Desde aí os estudiosos foram progressivamente instruindo-se sobre a anatomia e a fisiologia. Ao longo dos séculos, esta prática teve hiatos tornando-se contrária a certas religiões, considerando-a profanação e atrasando o progresso. Intensificou-se sobretudo depois do Renascimento com o avanço dos conhecimentos médicos, técnicos e práticos. Tal processo incentivou historiadores a investigar crenças e atitudes das sociedades perante a morte. Claramente, este campo de estudo não se restringe somente ao estudo do momento da morte propriamente dita, mas sim todo o processo que a envolve, desde o declínio da saúde até ao luto e a reintegração dos enlutados. A partir do século XX, este termo passou a ser reconhecido formalmente como uma área de estudo multidisciplinar. Tal aconteceu com os primeiros trabalhos dedicados à sistematização da área por autores pioneiros como Elisabeth Kübler-Ross, Robert Kastenbaum, Herman Feifel. Estes contribuíram e incentivaram outros a estudar tópicos relacionados à morte. Desde então, a tanatologia continuou a evoluir incorporando uma multiplicidade de áreas de atuação e diferentes domínios do conhecimento com intenção de compreender aspetos biológicos, psicológicos, sociais e culturais da morte tanto a nível individual como coletivo (KOVÁCS, 2003).

A tanatologia forense é uma área da Medicina Legal que investiga os processos fisiológicos que se sucedem após o óbito (NAIA, 2014). Ao contrário do que se possa pensar, um cadáver em processo de decomposição encontra-se repleto de atividade biológica e transformação, longe de representar a ausência absoluta de vida. Este campo da tanatologia aborda uma realidade, no qual os peritos contribuem para a resolução de mortes ocorridas em circunstâncias incomuns ou suspeita através da análise entre outros processos (KASTENBAUM et al., 2018, p. 447) como a importância do intervalo *postmortem* (IPM)¹⁷, que se destaca em investigações forenses, fornecendo informações sobre o tempo e as circunstâncias da morte (CATANESE, 2016; NAIA, 2014).

A evolução das alterações pós-morte ocorrem em estágios distintos normalmente desencadeadas pela cessação das funções vitais do organismo e são fundamentais

¹⁶ O termo Tanatologia tem origem na palavra grega *Thanatos* que significa “morte”, e no sufixo “logia” que significa “estudo”.

¹⁷ O IPM corresponde ao tempo decorrido entre a ocorrência da morte e o momento em que o cadáver é descoberto. A estimativa do intervalo não é uma ciência exata, podendo variar de minutos a dias, dependendo das circunstâncias e do contexto em que ocorreu o óbito.

para determinar o momento e as circunstâncias da morte (NAIA, 2014; OSSWALD, 2013, p. 19). A morte desencadeia uma sequência de transformações físicas que se iniciam imediatamente após o óbito e desenvolvem ao longo do tempo. São igualmente influenciadas pelo ambiente envolvente entre outros diversos fatores que devem ser tidos em consideração (NAIA, 2014; SAUKKO et al., 2004). A paragem do coração define o início deste processo, assim que o sistema circulatório é interrompido e o sangue deixa de exercer a sua função, desencadeando uma série de eventos subsequentes. A falta de oxigénio e nutrientes fornecidos pelo sangue resulta no início do processo de morte celular que contribui para diversas mudanças tanto externas como internas. Simultaneamente, os reflexos neurológicos começam a desaparecer deixando de reagir quando estimulados, sendo um indicativo de interrupção do funcionamento do sistema nervoso central. Paralelamente o sistema respiratório deixa de funcionar, resultando na cessação da respiração, sendo observado pela ausência de movimentos e sons (NAIA, 2014; OSSWALD, 2013, p. 19).

Uma das mudanças perceptíveis após o óbito é a *algor mortis*¹⁸, ou o arrefecimento da temperatura corporal. Pelas leis da física este dá-se gradualmente perdendo 1°C a 1,5°C por hora até atingir a temperatura ambiente. Este desencadeia-se dada a inatividade dos processos metabólicos que regulam a temperatura corporal. A *pallor mortis*¹⁹ e a *livor mortis*²⁰ são outros sinais característicos de morte antes da decomposição, normalmente os primeiros a serem observados pelos profissionais forenses. Devido à gravidade, o sangue ao abandonar a superfície da pele, esta começa a perder a coloração natural tornando-se pálida. O sangue tende simultaneamente a acumular-se nas zonas mais baixas do cadáver adquirindo uma coloração azulada ou arroxeadada na pele. Devido à falta de oxigénio e nutrientes ocorre o fenómeno denominado relaxamento muscular pós-morte, no qual a musculatura torna-se flácida e perde o controle sobre os esfíncteres, causando defecação e urina involuntárias. Após o relaxamento inicial dos músculos dá-se a rigidez cadavéricas, ou *rigor mortis*²¹, esta refere ao último fenómeno do processo pós-morte antes da putrefação. A rigidez inicia-se geralmente nos membros estendendo-se gradualmente a todo o corpo, atingindo o pico ao fim de algumas horas e tende a desaparecer progressivamente, à medida que a matéria orgânica entra em decomposição (DIMAIO et al., 2001; NAIA, 2014). O processo de decomposição inclui transformações que provocam a degradação dos

¹⁸ A *algor mortis* caracteriza-se pela redução da temperatura corporal pós-morte.

¹⁹ A *pallor mortis* caracteriza-se pela palidez da pele causada pela redução do fluxo sanguíneo.

²⁰ A *livor mortis* caracteriza-se pela mudança de coloração na pele devido ao sangue estagnado pela gravidade nas partes mais baixas do cadáver.

²¹ A *rigor mortis* caracteriza-se pela contração muscular progressiva.

tecidos e órgãos por bactérias e microrganismos. A decomposição começa com o processo de autodestruição celular, denominado de autólise, causado por enzimas internas que digerem as próprias células. As bactérias presentes no intestino, e outras, começam a multiplicar-se e destruir os tecidos, produzindo e libertando gases que provocam inchaço (por vezes rutura de órgãos e descolamento da pele causando a falsa ilusão de que as unhas continuam em constante crescimento) e coloração esverdeada, causando odores fortes. Estes odores atraem outra etapa: a colonização. Esta ocorre quando insetos exteriores depositam ovos, acelerando o processo de decomposição. A liquefação inclui-se nos odores derramados pela putrefação do cadáver referindo-se à transformação e libertação dos tecidos moles em fluidos. A etapa final do processo de decomposição denomina-se esqueletização, no qual o cadáver é reduzido a cartilagens e ossos em aproximadamente 3 anos, depois dos tecidos moles se terem inteiramente decomposto (*idem*, 2014; SAUKKO et al., 2004).

2.10. A MORTE COMO TABU

O modo como as sociedades lidam com a morte, depende obviamente da época, território e cultura. Em algumas culturas, a morte é percebida como algo natural que deve de ser aceite e celebrada, enquanto noutras, é considerada uma ameaça à vida, sendo temida e evitada.

Philippe Ariès (2012) descreveu a evolução das atitudes cristãs ocidentais em relação à morte desde a Idade Média até aos dias de hoje, identificando quatro fases principais: a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e a morte interdita (KOVÁCS, 2003, pp. 27-76).

Na primeira, a morte era natural e pública, e assim se manteve por vários séculos, aproximadamente um milénio. O indivíduo falecia em casa, rodeado de familiares e amigos, onde recebia os sacramentos. Este evento era percebido como uma passagem para a vida eterna e os defuntos eram enterrados perto das igrejas.

Na segunda fase, a morte tornou-se mais individual e introspetiva, na Idade Média, a partir dos séculos XI e XII. A preocupação com a alma aumentou, exigindo preparação espiritual e confissão. Epidemias e guerras causaram medo e angústia, isolando os moribundos e afastando os defuntos para cemitérios distantes.

Na terceira, a partir do séc. XVIII com o surgimento do romantismo, a morte tornava-se mais sentimental e era percebida como uma rutura dolorosa. A perda dos entes queridos era mais sentida, manifestada através do luto e visitas regulares aos cemitérios.

Na quarta fase, nos séc. XIX e XX, a ciência e tecnologia tornam a morte progressivamente “invisível”, sendo considerada um insucesso para a medicina. A morte foi confinada aos hospitais onde os moribundos são medicados e aos cemitérios como destino final. A morte passou a ser um tema reprimido (*idem*, 2003, pp. 27-76; ARIÈS, 2012, pp. 31-98).

Geoffrey Gorer complementa a análise de Ariès, comparando a morte com o sexo no século XIX: um tema proibido e obscuro. O autor crismou esta inversão como “Pornografia da Morte” para descrever como esta passou a ser explorada pelos meios de comunicação de forma sensacionalista, banalizando o seu significado e impacto (*idem*, 2012, pp. 87-89, 239-241; GORER, 2023).

A nossa dissertação procura a criação de um modelo que possa contribuir para recentrar e reintegrar a morte como um evento natural e inevitável. Propomos um projeto que promova uma cultura da morte que valorize o luto, a solidariedade e a dignidade. Atualmente, a morte é sensacionalizada pelos media e ocultada sem dignidade, escondida por preconceitos religiosos. Procurar-se-á a ambição de implementar um espaço ecuménico e universal, que destaque a individualidade, diversidade e liberdade como vontade final do indivíduo.

2.11. COMUNICAR A MORTE

2.11.1. MORTE NOS MEDIA

A televisão, enquanto meio de comunicação em massa, exerce ainda uma função essencial na perceção pública e no modo como a morte é retratada. Este media destaca tópicos de violência, desastres naturais, conflitos armados, terrorismo, doenças ou a morte de figuras públicas, apresentando diferentes aspetos da condição humana e dos desafios enfrentados pela sociedade. Os noticiários utilizam frequentemente imagens impactantes para informar o público de eventos trágicos, como homicídios, acidentes e catástrofes, o que pode provocar sentimentos de choque e angústia nos telespetadores. Estas reportagens muitas vezes expõem o espetador a uma realidade crua, que se torna ainda mais intensa quando acompanhada de depoimentos recolhidos imediatamente após os eventos. A exposição da morte na televisão enquanto informa, pode simultaneamente reforçar uma visão sensacionalista, desprovida de contexto e reflexão aprofundada. A morte de figuras públicas, sejam líderes políticos, celebridades ou outros ícones culturais, recebe grande destaque sendo amplamente debatida e lamentada

(KOVÁCS, 2003, pp. 142-143). Contudo, é fundamental que os meios de comunicação encontrem um equilíbrio entre informar e sensibilizar evitando a exploração do sofrimento alheio e respeitando a dignidade dos indivíduos envolvidos (*idem*, 2003, p. 146).

Maria Júlia Kovács, na obra “*Educação para a morte: temas e reflexões*” (2003), crismou o termo “*morte escancarada*” (*idem*, 2003, p. 141) para descrever a exposição excessiva e repetitiva da morte nos media. São apontados alguns elementos-chave que contribuem para esta abordagem, começando pela exibição constante de cenas e imagens impactantes, que visam chocar sem proporcionar espaço para uma análise mais adequada. Critica-se a superficialidade dos textos que acompanham estas imagens, especialmente quando os depoimentos são recolhidos no momento do acontecimento. Destaca-se igualmente o contraste perturbador quando, logo após esta intensa exposição emocional, a programação regressa a conteúdos banais ou comerciais, como se a experiência emocional dos telespetadores pudesse desaparecer facilmente.

“É a morte que invade os lares a qualquer hora, assistida por todos, inclusive crianças. O que a faz escancarada são as cenas e imagens mostradas, chocantes, repetidas à exaustão e o texto que as acompanha, principalmente quando há coleta de depoimentos na hora mesmo do acontecimento - texto, na maioria da vezes [SIC], superficial, sem espaço para reflexão. E o que é mais grave: logo após esta enxurrada emocional segue-se uma notícia sobre amenidades ou uma propaganda de margarina.”
(*idem*, 2003, p. 142).

A televisão aborda a morte tanto de forma informativa como narrativa de entretenimento. Enquanto os noticiários desviam dessa garantia informativa, os programas de entretenimento exploram explicitamente o tema da morte, do humor ao suspense, como o intuito de captar a atenção do público. Um exemplo notavelmente negativo é o programa “*1000 Ways to Die*”, que dramatiza reconstituições (Fig. 86-87), de casos supostamente reais de mortes inusitadas e muitas vezes grotescas. Esta abordagem que combina elementos de humor e perturbação, suscita debates sobre os limites de sensacionalismo e do respeito à dignidade humana.



Figura 86 - Cena de um episódio de *100 ways to die*.

Fonte: <https://100waystodie.fandom.com>



Figura 87 - Denominação humorística num dos episódios de *100 ways to die*.

Fonte: <https://100waystodie.fandom.com>

Da mesma forma, os desenhos animados como o clássico “*Tom & Jerry*” retrataram frequentemente a morte e a violência de forma leve e reversível (Fig. 88). Embora tais representações tenham sido reconhecidas como apropriadas para o entretenimento infantil, podem distorcer a compreensão da morte e da violência, levando-as a interpretar estes eventos como algo temporário e sem consequências graves (Fig. 89) (*idem*, 2003, p. 142). Esta banalização pode ter um impacto negativo no desenvolvimento das crianças, tanto em termos emocionais como comportamentais. Desta forma, é importante que os responsáveis pela educação monitorizem o conteúdo consumido e dialoguem com os menores auxiliando-os na diferenciação da realidade (KASTENBAUM et al., 2018, p. 339).



Figura 88 - Representação da morte em desenhos animados.

Fonte: <https://br.pinterest.com>



Figura 89 - Violência explícita em desenhos animados.

Fonte: <https://www.nicepng.com>

No universo cinematográfico, a morte manifesta-se conforme o género do filme e o público-alvo. Filmes como “*O Rei Leão*” (Fig. 90) ou o “*Bambi*” (Fig. 91) abordam a morte de forma delicada utilizando-a como impulsionador para o desenvolvimento das

personagens e para introduzir temas de perda e maturidade. Outras animações como “*A Noiva Cadáver*” (Fig. 92), “*Frankenweenie*” (Fig. 93) e “*COCO*” (Fig. 94), abordam a morte de forma criativa e simbólica explorando temas de luto, renascimento e a importância de honrar a memória dos entes queridos (MENDES, 2018, p. 10).

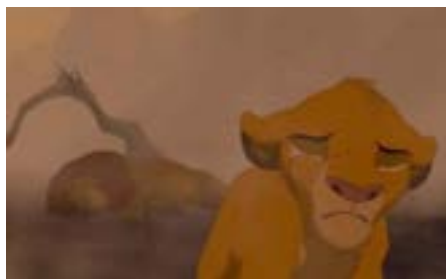


Figura 90 - Cena do filme O Rei Leão (1994) de Walt Disney.

Fonte: <https://opiniaocinema.blogspot.com>



Figura 91 - Cena do filme Bambi (1942) de Walt Disney.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.com.br>



Figura 92 - Cena do filme A Noiva Cadáver (2005) Warner Bros. Pictures.

Fonte: <https://pt.pinterest.com>



Figura 93 - Cena do filme Frankenweenie (2012) de Walt Disney.

Fonte: <https://ratondevideoteca.wordpress.com>



Figura 94 - Cena do filme Coco (2017) de Walt Disney.

Fonte: <https://www.movienight.ink>

Em produções como “*Scary Movie*”, a morte é utilizada como humor negro, invertendo conotações tradicionalmente sombrias para criar situações absurdas e irônicas (Fig. 95). Embora esta abordagem possa aliviar a tensão associada ao tema esta também requer cuidado para não banalizar a gravidade da perda.



Figura 95 - Cena do filme *Scary Movie* (2000) da Dimension Films.

Fonte: <https://www.imdb.com>

Filmes como “*A Culpa é das Estrelas*” (Fig. 96) e “*Titanic*” (Fig. 97), utilizam a morte como elemento dramático, intensificando a narrativa e as emoções dos personagens. Neste contexto, a mortalidade realça a urgência de viver o presente e valorizar as conexões humanas, mesmo diante da inevitabilidade da perda.



Figura 96 - Filme *A Culpa é das Estrelas* (2014) da 20th Century Fox.

Fonte: <https://gruposoajudastadeu.com>

Figura 97 - Cena do filme *Titanic* (1997) da Paramount Pictures.

Fonte: <https://sicnoticias.pt>

Em filmes como “*O Impossível*” e “*John Wick*”, a morte é apresentada tanto como uma consequência de eventos traumáticos quanto um fator impulsionador da narrativa (KOVÁCS, 2003, p. 144). Enquanto um retrata a luta pela sobrevivência em situações extremas (Fig. 98), o outro utiliza a morte para explorar temas de vingança e redenção criando cenas intensas que desafiam os limites da violência cinematográfica (Fig. 99).



Figura 98 - Cena do filme *O Impossível* (2012) da Summit Entertainment.

Fonte: <https://www.magazine-hd.com>

Figura 99 - Filme *John Wick 2* (2017) da Lionsgate.

Fonte: <https://www.uai.com.br>

No género de terror, filmes como “*O Exorcista*” (Fig. 100) e “*Jogos Mortais*” (Fig. 101) abordam a morte de forma explícita e perturbadora. Estes filmes utilizam cenas gráficas e elementos sobrenaturais para evocar medo e repulsa explorando os aspetos mais sombrios e violentos da experiência humana (PARKES et al., 2003, p. 16).



Figura 100 - Cena do filme *O Exorcista* (1973) da Warner Bros. Pictures.

Fonte: <https://cantodosclassicos.com>

Figura 101 - Cena do filme *Jogos Mortais: O Final* (2010) da Lions Gate Entertainment.

Fonte: <https://bocadoinferno.com.br>

Séries como “*CSI: Crime Scene Investigation*” (Fig. 102) e “*Law & Order*” (Fig. 103) apresentam uma abordagem mais factual e investigativa, destacando as implicações sociais e emocionais dos homicídios e dos processos judiciais (KASTENBAUM et al., 2018, p. 414; MENDES, 2018, p. 10).



Figura 102 - Cena da série CSI: Crime Scene Investigation T12 E8 (2011).

Fonte: <https://www.amazon.de>



Figura 103 - Série Law & Order T9 (1998).

Fonte: <https://deadline.com>

Produções como “*Six Feet Under*” introduzem a temática do luto e da mortalidade, explorando a rotina de uma família que administra uma funerária e, conseqüentemente, confronta a morte diariamente (Fig. 104) (SISTO, 2023, p. 9).



Figura 104 - Cena da série Six Feet Under (2001).

Fonte: <https://www.independent.co.uk>

Em séries como “*Game of Thrones*”, a morte é uma ameaça constante cuja imprevisibilidade subverte personagens de todas as posições sociais, ou mesmo popularidade entre os fãs (Fig. 105). Já “*The Walking Dead*” apresenta um cenário pós-apocalíptico onde a morte é onipresente revelando dilemas morais e emocionais na luta pela sobrevivência (Fig. 106).



Figura 105 - Cena da série Game of Thrones T1 E9 (2011).

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Figura 106 - Cena da série The Walking Dead T8 E5 (2017).

Fonte: <https://geekdama.com.br>

A televisão, seja através de noticiários, programas de entretenimentos, filmes ou séries, desempenha uma função crucial no modo como a morte é compreendida. Ao abordar este tema transversal os meios de comunicação não só informam, como também convidam os espetadores a refletir sobre as próprias crenças e sentimentos em relação à mortalidade. Para que esta comunicação seja ética e respeitosa, é fundamental que produtores e criadores de conteúdo atuem com sensibilidade, evitando a exploração sensacionalista do sofrimento e promovendo uma narrativa que humanize e contextualize a experiência da morte.

2.11.2. MORTE NOS JOGOS DE VÍDEO

A presença da morte e da violência nos jogos de vídeo é um fenómeno notório e multifacetado, que vai além da simples representação gráfica para se integrar na mecânica e objetivo do jogo, à narrativa interativa e à experiência visual do jogador. Diferentemente de outros meios de comunicação, os jogos de vídeo permitem uma imersão sensorial na qual o jogador não é apenas um espectador, como ser também um participante ativo nas consequências das próprias ações. Pode, inclusivamente em certos jogos, envolver-se na morte das personagens ou até mesmo do próprio avatar (SANTOS, 2012).

No desenvolvimento destes jogos, a morte é frequentemente representada de forma estilizada ou exagerada, contribuindo para a criação de universos visuais significantes e, por vezes, perturbadores. Jogos de ação, terror e aventura costumam utilizar cenas de violência intensa e efeitos visuais impactantes para transmitir a gravidade ou a irreverência de determinadas situações (Fig. 107). Esta abordagem visual serve não só para chocar, como também para criar uma atmosfera que intensifica a experiência do jogador. Contudo, a escolha de representar a morte de forma hiper-realista, traz

implicação éticas que os programadores deviam considerar, de modo a evitar a banalização do sofrimento ou a dessensibilização dos jogadores diante da violência (Fig. 108) (*idem*, 2012).

A morte nos jogos de vídeo pode funcionar como um elemento central da narrativa. Em certos títulos a morte da personagem não é um ponto final, mas sim um componente que impulsiona a progressão do jogo, e.g. através de processos de “*Permadeath*”²², sistemas de *checkpoints* ou narrativas que exploram temas de ressurreição e redenção (KASTENBAUM et al, 2018, p. 397). Esta interatividade permite que os jogadores experimentem a mortalidade de forma dinâmica, refletindo sobre o impacto das próprias escolhas e os limites entre o jogo e a realidade (Fig. 109) (PRZYBYLSKI et al., 2019).

A natureza interativa dos jogos de vídeo potencializa o impacto emocional da violência e da morte, pois o jogador envolve-se ativamente nas consequências das próprias ações. A imersão pode induzir uma experiência libertadora de sentimentos ou emoções reprimidas, ao mesmo tempo que suscita preocupações relativas à banalização ou fascínio da violência (*idem*, 2019). Os programadores e a indústria dos jogos deveriam equilibrar o desejo de criar experiências envolventes e a responsabilidade de abordar a morte de forma sensível e contextualizada. É essencial que as representações de morte e violência sejam integradas de modo a que promovam uma reflexão crítica e respeitem os limites éticos, especialmente considerando o potencial de influência sobre públicos mais vulneráveis, como crianças e adolescentes (Fig. 110) (SANTOS, 2012).



Figura 107 - Jogos de ação, terror e aventura que contêm cenas de violência e morte.

Fonte: <https://medium.com>

Figura 108 - Ideia pré concebida acerca da relação causal entre jogos de vídeo violentos e agressividade na vida real.

Fonte: <https://evilhazard.com.br>

²² *Permadeath* é um termo utilizado nos jogos de vídeo para descrever uma personagem que apenas morre uma vez. Esta não pode ser “ressuscitada” tendo o jogador de recomeçar o jogo. Esta característica adiciona um nível de desafio e realismo, já que as decisões do jogador podem ter consequências determinantes no desenrolar dos acontecimentos.



Figura 109 - Dicotomia jogos de vídeo e vida real.

Fonte: <https://evilhazard.com>

Figura 110 - Influência dos jogos de vídeo no comportamento das crianças.

Fonte: <https://www.linkedin.com>

Os jogos de vídeo apresentam um modo singular de abordar a morte, combinando elementos visuais e narrativos na criação de experiência que podem ser tanto impactantes como instrutivas. Ao equilibrar a linguagem visual, a narrativa e as implicações éticas, é possível desenvolver jogos que respeitem a dignidade da vida e promovam uma compreensão mais equilibrada e humana da mortalidade. Como tal, contribuindo para um diálogo amplo sobre o papel da violência e da morte na sociedade contemporânea (*idem*, 2012).

2.11.3. MORTE E SUA COMUNICAÇÃO

A notificação de uma morte é um dos momentos mais delicados da comunicação humana em diversos contextos, desde interações informais entre familiares e amigos até anúncios formais realizados por profissionais. Em cada um destes contextos o modo como a notícia é transmitida influencia a resposta emocional dos envolvidos e o modo como o processo de luto pode ser vivido (GABRIEL et al., 2021; KASTENBAUM et al., 2018; WORDEN, 2013). Em *Luto: Manual de Intervenção Psicológica* (2021), afirma-se a importância de comunicar a notícia de forma clara, empática e respeitosa, considerando o impacto emocional que esta terá sobre quem a recebe. Além disso, é necessário que o emissor se encontre emocionalmente preparado para lidar com a reação do recetor (GABRIEL et al., 2021).

Entre familiares, amigos e na comunicação com crianças, a notificação da morte exige sensibilidade e empatia, sendo importante adaptar o discurso ao nível de compreensão do recetor, evitando termos técnicos ou eufemismos que possam causar confusão. Explicar a uma criança que a morte é um processo natural, pode auxiliá-la a lidar com a

situação de modo mais saudável (*idem*, 2021; KASTENBAUM et al., 2018, p. 507; WOLFELT, 2024, pp. 64-67). Em contextos formais, os profissionais de saúde e os demais emissores seguem protocolos específicos para anunciar o óbito com profissionalismo e sensibilidade. A preparação prévia para lidar com uma variedade de reações, dependendo da natureza da perda e a prática de comunicação são essenciais para minimizar o impacto emocional (GABRIEL et al., 2021; KASTENBAUM et al., 2018, p. 504; KÜBLER-ROSS, 1996; OSSWALD, 2013; WORDEN, 2013;). No setor funerário, a comunicação é fundamental para auxiliar os enlutados a organizar e a lidar com os procedimentos após a morte (WOLFELT, 2024, pp. 70-73). A comunicação não se limita somente às interações verbais. A comunicação visual em relação à área do design, desempenha uma função essencial na transmissão de informações, através de estratégias concertadas de atuação e suportes visuais adequados. Os designers possuem a responsabilidade de desenvolver soluções que sejam explícitas, respeitosas e que transmitam apoio emocional. A tipografia, a cor, a imagem ou um *layout* bem estruturado complementam a comunicação verbal. Devem por isso ser cuidadosamente selecionados, contribuindo para o desenvolvimento de uma narrativa visual que suavize o impacto do tema, proporcionando conforto aos enlutados.

A notificação da morte exige uma abordagem ética e humana, considerando tanto aspetos verbais como visuais e adaptados a contextos informais e formais. O modo como a notícia é transmitida possui uma função crucial no modo como o luto será vivenciado. Portanto, é imprescindível que os emissores (no nosso caso os designers) desenvolvam estratégias que promovam um diálogo sensível e eficiente.

2.12. MODOS E SUPORTES PARA INFORMAR A MORTE E EXPRESSAR O LUTO

Ao longo da história, a comunicação da morte e a manifestação do luto refletiram contextos culturais, sociais e tecnológicos de cada época. Embora os métodos tenham evoluído, muitas práticas mantêm-se com raízes na tradição.

A morte foi sempre comunicada com sensibilidade quer pessoalmente por membros da família ou por amigos próximos. Este método possibilitava um compartilhamento da triste notícia, proporcionando apoio mútuo e transmissão precisa fornecendo detalhes sobre a morte, evitando assim mal-entendidos ou informações incorretas. Além do avanço das tecnologias a comunicação direta continua a desempenhar uma função importante em diversas sociedades (HARARI, 2015).

Diferentes culturas desenvolveram gradualmente formas coletivas de anunciar um falecimento. As igrejas sempre utilizam os sinos para indicar momentos de oração, anúncios de eventos religiosos, como missas, casamentos e, claro, funerais ou até mesmo situações de emergência. Os toques são diferenciados (badaladas, ao dobrar, ao toque picado, ao toque encadeado e ao toque repicado ou repenicado) de acordo com o acontecimento. Esta prática persiste em algumas culturas, lugares e tradições religiosas podendo ser substituído o som dos sinos por outros instrumentos ou sons naturais (FERREIRA et al., 2022, pp. 74-75).

Antes das tecnologias revolucionarem a comunicação, nas comunidades menores os mensageiros eram encarregues de transmitir a notícia de residência em residência com sensibilidade e compaixão (Fig. 111), lidando com as emoções cruas e imediatas daqueles que recebiam a notícia. Além de fornecerem apoio emocional desempenhavam uma função de fornecer detalhes sobre eventos fúnebres, como o velório e o funeral (PARKES et al., 2003, p. 41).



Figura 111 - Mensageiro portador da notícia do falecimento.

Fonte: <https://www.istockphoto.com>

Os cortejos fúnebres surgiram como forma pública de anunciar a morte e homenagear o falecido. Consistem geralmente em desfiles de veículos ou indivíduos que acompanham o corpo até à sepultura. Funcionam como uma procissão solene, com o som dos passos em sintonia, o silêncio respeitoso, e a solenidade do momento, enquanto caminham unidos (FERREIRA et al., 2022, pp. 75-77). A tradição evoluiu com

introdução de veículos funerários motorizados, contudo manteve-se a essência do ritual (Fig. 112).



Figura 112 - Cortejo Fúnebre.

Fonte: <https://observador.pt>

A formalização da comunicação de falecimento ocorreu com a introdução do processo de registo de óbito, que garantia um sistema organizado e legalmente reconhecido, atestando a hora, causa e local da morte. Geralmente, o profissional de saúde é responsável por preparar o certificado médico de óbito ²³, pois este assegurava que a morte fosse oficialmente registada antes da inumação ou cremação (KASTENBAUM et al., 2018, p. 447; OSSWALD, 2013, p. 19).

Quando a viagem se tornava difícil ou impossível, a carta manuscrita foi o método de comunicação usado para comunicar falecimentos, transmitindo não só a notícia, como também as circunstâncias da morte, memórias do defunto, detalhes sobre cerimónias fúnebres e condolências (SOARES, 2020, p. 29). Para reforçar o carácter formal da comunicação, surgiram os envelopes de luto caracterizados pela margem preta ou “fumo” funcionando como um sinal visível de luto, que simbolizava respeito e preparava o destinatário para a natureza do conteúdo (Fig. 113) (*idem*, 2020, p. 75).

²³ Enquanto que o certificado médico de óbito é emitido pelo médico para comprovar a morte de alguém, a certidão de óbito é solicitada num serviço de registo civil, sendo este o documento oficial que comprova o falecimento de um indivíduo.

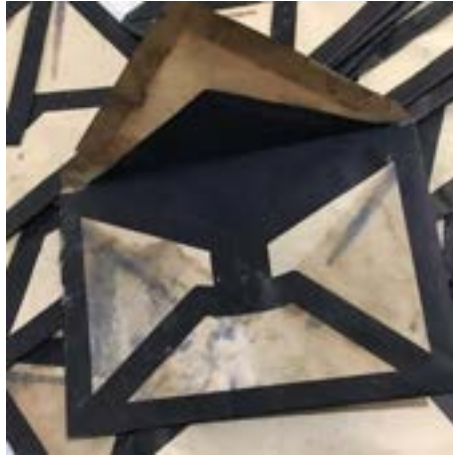


Figura 113 - Envelopes de luto com margem preta.

Fonte: <https://www.mercadordeantiguidades.com>

Com a invenção da imprensa, os obituários impressos ampliaram o alcance da comunicação, tornando-se um meio eficaz sobretudo em meio urbano. As notas de falecimento (Fig. 114), os cartazes afixados em locais públicos (Fig. 115), e os obituários publicados em jornais (Fig. 116) evoluíram ao longo do tempo. Além de incluírem o nome, a data da morte e informações sobre cerimónias fúnebres, passaram a incluir outros detalhes sobre o defunto, como fotografia e breves epígrafes de homenagem. Atualmente, estes métodos são partilhados em plataformas digitais, como websites de funerárias e redes sociais (FERREIRA et al., 2022, p. 70).



Figura 114 - Exemplo de nota de falecimento.

Fonte: <https://www.canva.com>



Figura 115 - Obituários afixados em postes urbanos.

Fonte: <https://www.noticiasdecoimbra.pt>



Figura 116 - Obituário em jornais.

Fonte: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com>

Com o advento do rádio e da televisão no século XX, a morte passou também a ser anunciada nestes meios de comunicação. Anuncia-se sobretudo o falecimento de figuras públicas, com o intuito de as homenagear e celebrar a vida e a obra (KÓVACS, 2003, pp. 142-146).

A revolução digital transformou o modo de comunicar a morte. Os telefones móveis, mensagens de texto instantâneas e correios eletrônicos permitiram a propagação rápida da notícia (Fig. 117). No cenário contemporâneo, as redes sociais ampliaram esta transformação possibilitando anunciar, expressar condolências e compartilhar publicações (Fig. 118) e podendo realizar homenagens virtuais interagindo em tempo real, independentemente da distância física (SISTO, 2023).



Figura 117 - Comunicação de falecimento através de dispositivos móveis.

Fonte: <https://www.istockphoto.com>

Figura 118 - Morte e Luto nas Redes Sociais.

Fonte: <https://vogue.globo.com>

O luto é, como vimos, um processo fundamental para enfrentar a perda, e os modos para o expressar diferem de acordo com os contextos históricos e culturais. Vestir roupas negras, é uma das manifestações de luto mais antigas e universais relacionadas com a morte e o sofrimento (Fig. 119). Na Era Vitoriana este costume tornou-se mais difundido e formalizado, influenciando toda a sociedade ocidental. Contudo, na contemporaneidade o traje de luto tornou-se mais versátil embora ainda existe a tradição do vestuário preto em velórios e funerais. Além disso, existem culturas que optam por outras cores ou modos distintos de expressar luto (FERREIRA et al., 2022, pp. 74-75; KOVÁCS, 2003, p. 42; SOARES, 2020, pp. 28-30;).



Figura 119 - Rainha Vitória em traje de luto após o falecimento do Príncipe Alberto.

Fonte: <https://kknews.cc/zh-cn/culture/>

A utilização de braçadeiras pretas teve origem no período Vitoriano, onde se constituiu como formalidade especialmente entre os empregados de famílias abastadas e servos reais. Após a morte do Príncipe Alberto (1861), a rainha Vitória instruiu os servos que utilizassem braçadeiras de crepe pretas durante a segunda fase do luto, denominada “meio luto” (*idem*, 2020, p. 29). Com o tempo, a prática popularizou-se sendo atualmente comum e.g. no desporto, onde as equipas utilizam braçadeiras pretas no lado esquerdo quando uma figura proeminente falece (Fig. 120). Esta prática continua presente em momentos de luto nacional. Sendo a fome e a carestia de vida associadas à morte, é comum em protestos e manifestações fazer uso de bandeiras ou braçadeiras negras.



Figura 120 - Braçadeiras pretas utilizadas no desporto.

Fonte: <https://www.amazon.com>

O ato de pausa em silêncio, vulgarmente conhecido por “minuto de silêncio” proporciona um momento coletivo de reflexão e homenagem aos que partiram, tendo o respeito de todos os presentes (Fig. 121). Este ritual teve início em Portugal, onde foi realizado pela primeira vez em 1912, em homenagem ao diplomata brasileiro Barão do Rio Branco, inicialmente proposto por dez minutos de silêncio. Com o tempo, este gesto difundiu-se para outros países, reduzindo a duração do silêncio de dez para cinco minutos, e mais tarde para um minuto, como é realizado atualmente em eventos públicos ou privados (BENINGER, 2025). Outros modos sonoros de expressão de pesar e respeito incluem salvas de tiro (canhões, espingardas, etc.) ou passagem em voo rasante de aviões, sobretudo em cerimónias militares ou altas figuras do Estado.



Figura 121 - Minuto de silêncio em evento desportivo.

Fonte: <https://talksport.com>

Da mesma forma, içar a bandeira a meia haste, é um gesto oficial de luto em diversos países, indicando respeito por perdas coletivas significativas (Fig. 122) (SOARES, 2020, p. 41).



Figura 122 - Bandeira meia haste em sinal de luto nacional.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

O lançamento de lanternas no céu ou na água é comum em algumas tradições asiáticas, sendo um meio de expressar desejos, sonhos e sentimentos (Fig. 123). Esta tradição

disseminou-se para diferentes regiões do mundo, tal como no Brasil, que o introduziu em cerimónias com o intuito de expressar o luto. Representa a passagem para o além, simbolizando a luz que guia os que partiram através da escuridão, ou a ascensão da alma aos céus. Contudo, esta prática exige cuidados acrescidos de segurança em relação aos indivíduos e territórios envolventes.



Figura 123 - Tradição de lançamento de lanternas na China.

Fonte: <https://festivalchina.com>

Também nas redes sociais, se adotaram meios para expressar o luto. Ao substituir ou adicionar símbolos de luto, como um laço preto nas fotos de perfil demonstra-se publicamente solidariedade no espaço virtual (SISTO, 2023).

Assim, a evolução dos modos e suportes para informar sobre a morte e expressar o luto refletiu as transformações culturais, sociais e tecnológicas do seu contexto histórico. Estes comportamentos, ainda que em constante adaptação, continuam a desempenhar uma função fundamental na consolidação do sentimento de perda e na facilitação do processo de luto individual e coletivo. O estudo destas práticas revela não só a resiliência e adaptabilidade das sociedades, como também a importância intrínseca de preservar rituais, muitos dos quais foram adotados ou herdados.

2.13. PANDEMIAS E MORTE

O Homem tem combatido e deparado ao longo da história da civilização com inúmeras doenças, das que afetam comunidades localizadas até as que alastram globalmente, causando devastação em larga escala (ESTEVES, 2020). Estes fenómenos criam medo, sofrimento e morte. Este capítulo trata diferentes classificações das doenças: endémicas, epidémicas e pandémicas, e como cada uma impactou a sociedade de maneira única, influenciando o modo como se lida com a morte, o luto e os espaços memoriais.

Certas doenças assumem proporções acrescidas podendo ser denominadas endémicas, ou seja, quando abrangem uma determinada região ou população sem grandes surtos, mas mantendo uma presença persistente (Endemia, s/d). As epidémicas ocorrem quando existe um aumento repentino e significativo no número de casos de uma doença acima do que é normalmente esperado numa área específica (Epidemia, s/d). Por fim as pandémicas que são epidemias que se espalham por diversos países ou continentes, afetando um vasto número de indivíduos e sendo caracterizadas por uma mortalidade acima do habitual (Pandemia, s/d). As doenças endémicas acompanham a humanidade há séculos, porém envolvem diversos fatores. Quando apresentam uma maior incidência e alcançam níveis elevados acabam por conferir uma proporção epidémica. Quando esta dimensão perde o controlo e chega a atingir uma taxa de infeção elevada torna-se pandémica, sendo considerada como o pior dos cenários para a saúde humana (ESTEVES, 2020).

Diversos episódios de endemias, epidemias e pandemias têm ocorrido mundialmente ao longo do tempo, causando um elevado número de vítimas e ocasionando impactos devastadores tanto social, económica e politicamente. Relativamente às doenças endémicas abrange por exemplo a malária, que adquire um maior risco de transmissão em regiões tropicais e subtropicais (*idem*, 2020, p. 161; Malária ..., s/d), ceifando em 2022, 608.000 vidas (Malária, s/d). Outro exemplo é da febre amarela, existindo em regiões tropicais (África e Américas) mas excluindo a Ásia e a Europa (Febre amarela, s/d). A gestão destas enfermidades envolve medidas adequadas e continuas de prevenção e tratamento. Entre as doenças epidémicas incluem-se os surtos de cólera (ESTEVES, 2020, p. 160), que alastraram pelo mundo dando origem a sete pandemias ao longo da história, e matando milhões de indivíduos. Em 2022, a doença matou 2.349 indivíduos (Cólera, s/d). A febre hemorrágica Ébola (ESTEVES, 2020, p. 168) causou mais casos e mortes em 2014-2016, ceifando 11.325 vidas (Surto ..., s/d). As respostas às epidemias geralmente envolvem medidas de intervenção imediatas, tratamento dos infetados e medidas de saúde pública para prevenir a propagação.

Concluindo, no que diz respeito às doenças pandémicas a Peste Negra (Fig. 124), com início em 1347 na Ásia Central, foi considerada uma das pandemias mais mortíferas da história da civilização, dizimando entre um terço a metade da população europeia (25 a 75 milhões) (BARATA, 2020). Deu origem a soluções que incluíram quarentenas e valas comuns, impactando a estrutura social e económica da época (CARTWRIGHT, 2023). A Gripe Espanhola (ou pneumónica) surgiu em 1918, não obstante ter esta designação

foi a maior pandemia mundial de gripe sem origem geográfica determinada (ESTEVES, 2020, p. 163). Aniquilou entre 50 a 100 milhões de vítimas em todo o mundo e afetou desproporcionalmente a população mais jovem e saudável ao invés da mais envelhecida e vulnerável (BARATA, 2020; ESTEVES, 2020, p. 162;). As medidas decretadas incluíram o fecho de escolas, quarentenas e a construção de hospitais temporários e improvisados (Fig. 125). Impactou socialmente diversas famílias impedindo-as de concretizar rituais funerários tradicionais (*idem*, 2020, pp. 164-167). A VIH/SIDA apareceu em 1981 em África, como um vírus da imunodeficiência humana, portanto que ataca o sistema imunológico (VIH), podendo progredir para a síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA) num quadro clínico mais avançado da infeção. É importante referir que contrair o vírus (VIH) não é o mesmo que adquirir a doença (SIDA), pois esta pode-se desenvolver ou não. Este facto não impediu que fosse inicialmente estigmatizada e discriminada. É ainda um problema de saúde pública a nível global estimando-se que já ocorreram mais de 40 milhões de óbitos, continuando a existir mais do que 35 milhões de indivíduos infetados com o vírus. Não existe ainda cura, no entanto, é possível recorrer a tratamentos de medicação retroviral, impedindo a propagação do vírus. A par deste processo terapêutico uma das respostas mais eficazes para lidar com a pandemia, inclui campanhas de educação e prevenção (BARATA, 2020; ESTEVES, 2020, p. 168; HIV ..., s/d) e a distribuição de preservativos em regiões com maiores índices de subdesenvolvimento (Fig. 126). Recentemente, o coronavírus (COVID-19) foi declarado em 2020 como pandemia pouco após serem declarados os primeiros casos na China no final de 2019 e ter-se espalhado por diversos continentes no início de 2020. Registaram-se mais de 7 milhões de óbitos em todo o mundo entre dezembro de 2019 e julho de 2024 (WHO ..., s/da). A rápida disseminação global e a elevada taxa de mortalidade levaram a medidas de saúde pública rigorosas, como quarentenas, utilização de máscaras, campanhas de vacinação em massa (Fig. 127), entre outras (BARATA, 2020; WHO ..., s/da). Até junho de 2023 foram administradas mais de 10 mil milhões de vacinas COVID-19 (WHO ..., s/d). A impossibilidade de realizar funerais tradicionais e o distanciamento social afetaram profundamente o processo de luto, resultando em novas formas de despedida como funerais virtuais, memoriais online, entre outras (SOARES, 2020, pp. 19-20).

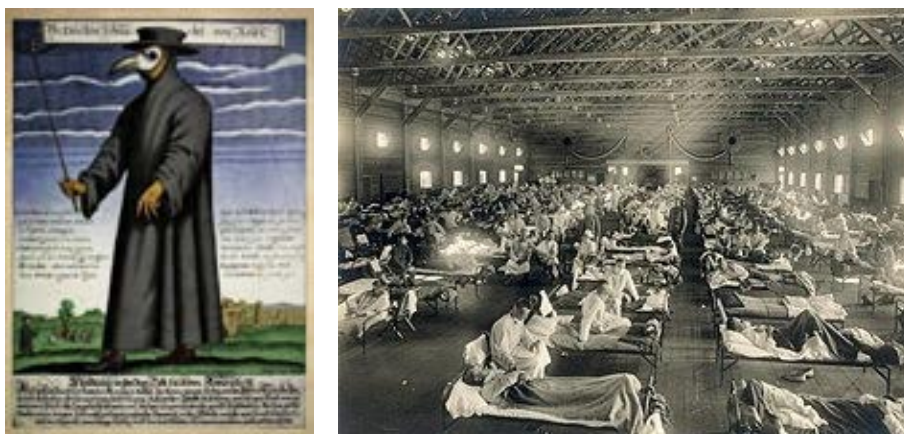


Figura 124 - Traje de portador de Peste Negra.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Figura 125 - Hospitais temporários improvisados.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>



Figura 126 - Campanhas de educação e prevenção.

Fonte: <https://visao.pt>

Figura 127 - Medidas de saúde pública adotadas durante a pandemia Covid-19.

Fonte: <https://www.uol.com>

As endemias, epidemias e pandemias ao longo da história, revelaram a resiliência e a adaptabilidade da humanidade face a crises sanitárias devastadoras. Desde os tempos antigos até aos atuais, o modo como se lida com as doenças infecciosas tem evoluído (Fig. 128), apoiando-se nos avanços na medicina e na tecnologia.



Figura 128 - Evolução dos Trajes para prevenção de doenças infecciosas.

Fonte: <https://concursos.estrategia.com>

Numa pandemia, assim que os sistemas de saúde ficam rapidamente sobrecarregados, existe a necessidade de desenvolver infraestruturas temporárias de emergência projetadas e construídas apressadamente [ou não] para atender uma elevada quantidade de pacientes, trazendo também à tona a necessidade de espaços para luto e memoriais (ESTEVES, 2020). Assim foi durante a recente pandemia Covid 19. Com a impossibilidade de realizar funerais tradicionais durante as crises sanitárias surgem novas formas de despedida que devem ser consideradas no design de ambientes. Os espaços ao ar livre, como jardins e parques memoriais, proporcionam um ambiente sereno para a reflexão e o luto, podendo conter paisagens e elementos simbólicos que facilitem a cura emocional. As árvores plantadas em memória dos que partiram, entre outros componentes, auxiliam as comunidades a processarem a perda e homenagear os entes queridos. Ao integrar a natureza nestes projetos torna-se possível auxiliar os enlutados a encontrarem o bem-estar e tranquilidade (BioParque, s/d). Com as restrições de distanciamento social, os memoriais virtuais tornaram-se numa alternativa importante para permitir que os familiares e amigos se reúnam para homenagear os entes queridos, pois as plataformas digitais podem ser utilizadas para os indivíduos compartilharem memórias, fotos e mensagens de condolências (In Memorium, s/d).

As práticas funerárias tradicionais nestes casos passam geralmente pela abertura de valas comuns que podem ter um impacto ambiental significativo, como a contaminação do solo e dos lençóis freáticos, dada a densidade de sepultamentos por m². As soluções de design sustentável, como os cemitérios verdes, ou ecológicos e a utilização de materiais biodegradáveis são essenciais para minimizar o impacto ambiental das práticas funerárias de emergência (Loop, s/d). A compreensão das lições passadas é primordial para enfrentar os desafios do presente e do futuro, garantindo que as respostas sejam eficazes e sustentáveis. Como designers, temos a responsabilidade de desenvolver alternativas que atendam às necessidades imediatas, respeitem as

tradições culturais e religiosas minimizando o impacto ambiental e proporcionando espaços dignos, mesmo em tempos de crise.

2.14. REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DA MORTE

Na cultura ocidental, a morte tem sido ao longo dos séculos personificada e representada de forma simbólica no imaginário humano, refletindo a tentativa de compreender e dar forma a um conceito abstrato *per se*.

Segundo Garrido (s/d) existem diferentes personificações que, não só servem para familiarizar conceitos desconhecidos ou incompreensíveis, como também influenciam os níveis de ansiedade em relação à morte. Figuras macabras estão associadas a maiores níveis de desconforto, enquanto representações gentis ou figuras neutras podem diminuir a ansiedade e facilitar o processo de aceitação (GARRIDO, s/d). A personificação da morte não é apenas um reflexo do medo humano, como também uma necessidade de atribuir uma figura ao desconhecido (VINCZEOVÁ, 2020).

Tradicionalmente, o ceifador é retratado como um ser esquelético encapuzado, com um manto negro portador de uma gadanha (Fig. 129). Este assume a forma de uma figura enigmática “ceifando” o fim da vida terrena (ROSA, 2024). A utilização dos elementos iconográficos (o esqueleto que remete à decomposição do corpo humano; a gadanha que diz respeito à ceifa das almas e consequentemente das vidas; e o manto que transmite uma atmosfera misteriosa e anónima), estabelecem uma narrativa visual que torna a morte um sujeito imparcial e inescapável. A persistência desta iconografia ao longo dos tempos demonstra a eficácia na expressão do carácter inabalável e universal da morte. A figura do ceifador transcende o aspeto meramente macabro, reforçando a importância simbólica da imagem no imaginário coletivo ocidental.

Em suma, a representação da morte é uma construção iconográfica rica e multifacetada, que através de símbolos visuais precisos procura expressar tanto a inevitabilidade do fim como a tentativa de compreender e humanizar este fenómeno. Esta abordagem reforça a relevância de compreender a morte não só como um acontecimento biológico, mas como um elemento central na construção dos rituais e narrativas culturais (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 52-55).



Figura 129 - O Ceifador, representação tradicional da Morte.

Fonte: <https://www.istockphoto.com>

A iconografia varia naturalmente de acordo com os contextos históricos e culturais. Não sendo o propósito desta dissertação elencar todas, nem sequer as principais, ocorrências e seus significados, ilustremos apenas alguns exemplos que verificam a sua extensão: Anúbis no Egito faraónico com uma cabeça de chacal, praticando a mumificação; Tânato da Grécia clássica como um jovem alado; A carroça de Ankou dos celtas; na cultura Hindu Lamaraia monta um búfalo negro; o anjo da morte tendo na mão uma espada desembainhada, o arcanjo Miguel que regata as almas, e os quatro cavaleiros do apocalipse montando corcéis negros nas escrituras do antigo e novo testamento.

O que parece comum a todos é o conceito de transposição, de viagem metafísica para um além, apoiada pela representação de barcas, montadas animais, carroças e seres alados.

3. MORTE NA CULTURA OCIDENTAL

3.1. PREPARAÇÃO DO CORPO PARA O VELÓRIO

Como afluímos atrás, a preparação do corpo para o velório é uma etapa crucial dentro do processo fúnebre, que procura assegurar dignidade, preservação e apresentação adequada. Esta etapa envolve um conjunto de procedimentos técnicos e estéticos, fundamentados em protocolos científicos e em normas sanitárias. Assim que o óbito é confirmado o corpo é retirado do local do falecimento e transportado para a funerária (Fig. 130) (FERREIRA et al., 2022, p. 71). Esta etapa é realizada com rigor para evitar qualquer contaminação e preservar a integridade física do corpo. O corpo passa depois por um processo de higienização e desinfeção (Fig. 131). Esta etapa tem como objetivo remover impurezas e microrganismos eliminando possíveis agentes patológicos. Deste modo asseguram-se as condições adequadas de saúde tanto para os profissionais

envolvidos como para os familiares prosseguindo-se a preparação do corpo para os procedimentos subsequentes (PORTUGAL, 2010). Segue-se à tanatopraxia, que consiste num conjunto de procedimentos destinados à preservação temporária do corpo. Através da injeção de substâncias conservantes (Fig. 132), é retardada a decomposição mantendo o aspeto natural do falecido e garantindo a sua apresentação durante o velório. Após a preservação, recorre-se à tanatoestética que diz respeito à aparência do corpo, avaliando a necessidade de intervenção, corrigindo eventuais alterações decorrentes do processo natural pós-morte no qual são aplicadas técnicas de procedimentos de restauração ou reconstrução facial (Fig. 133) (MENDES, 2018, pp. 67-71). Concluídas as intervenções estéticas, seguem-se os cuidados capilares (Fig. 134). O corpo é então vestido, com roupas escolhidas pelos familiares, ou de acordo com as tradições culturais (Fig. 135). Nesta etapa podem ser inseridos acessórios ou outros ornamentos que contribuam para a apresentação final. Somente após a conclusão destes passos, é que se retorna novamente ao processo de tanatoestética que engloba a aplicação de maquilhagem (Fig. 136) com o objetivo de conferir uma aparência serena e digna (FERREIRA et al., 2022, p. 71; MENDES, 2018, p. 67). A ornamentação da urna é a última etapa (Fig. 137), no qual se posiciona o corpo preparado na urna selecionada pela família, decorando-a conforme as indicações recebidas. Podem incluir-se elementos simbólicos personalizados que representam a memória e a identidade do falecido. Após uma avaliação final o corpo está pronto para ser transportado e apresentado no local do velório (FERREIRA et al., 2022, p. 71).



Figura 130 - Transporte de cadáver para funerária.

Fonte: <https://observador.pt>



Figura 131 - Processo de higienização e desinfecção de cadáver.

Fonte: <https://www.formacionfuneraria.com>

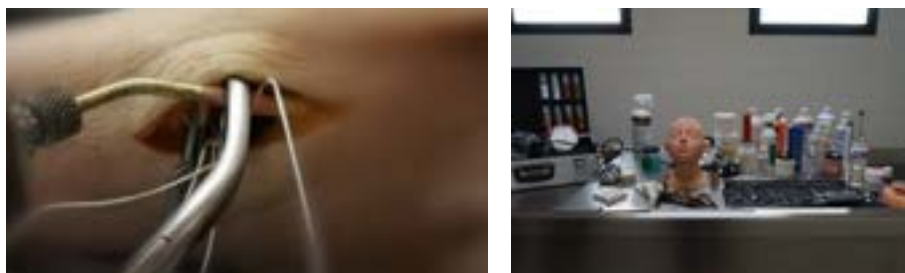


Figura 132 - Injeção de substâncias conservantes, Tanatopraxia.

Fonte: <https://www.formacionfuneraria.com>

Figura 133 - Produtos de restauração ou reconstrução facial do cadáver, Tanatoestética.

Fonte: <https://www.formacionfuneraria.com>



Figura 134 - Cuidados capilares, Tanatoestética.

Fonte: <https://noticiastrabajo.huffingtonpost.es>

Figura 135 - Vestir o cadáver.

Fonte: <https://culturacolectiva.com>



Figura 136 - Aplicação de maquilhagem, Tanatoestética.

Fonte: <https://www.formacionfuneraria.com>

Figura 137 - Ornamentação da urna.

Fonte: <https://www.instagram.com>

Este conjunto de procedimentos reflete um padrão de cuidado que integra rigor técnico e humanístico. Cada etapa é executada por profissionais especializados assegurando

que o processo contribua para a consolidação da memória e para reconfortar os enlutados.

3.2. DESCRIÇÃO DO PROCESSO FÚNEBRE

Em Portugal, este processo é organizado em diversas etapas que, em conjunto, garantem uma despedida digna e estruturada (Fig. 138). O primeiro passo consiste na verificação e confirmação do óbito por um profissional de saúde que emite um atestado. Simultaneamente, os familiares devem ser informados e é necessário comunicar a morte às autoridades competentes, nomeadamente à conservatória do registo civil que extrai a certidão. Esta documentação é essencial servindo como base para os procedimentos legais subsequentes, tal como o serviço funerário (Explicação ..., s/d).

Após a emissão da declaração de óbito entre outros processos burocráticos, a organização do funeral passa pela contratação de uma agência qualificada (*idem*, s/d). Estes profissionais auxiliam na preparação do corpo, bem como na coordenação dos diversos aspetos logísticos tal como o transporte, o agendamento dos serviços no cemitério ou crematório, entre outros. Com o apoio dos serviços funerários, os familiares definem os detalhes da cerimónia, incluindo a escolha entre uma cerimónia tradicionalmente religiosa ou laica, a seleção do local, data e horário do velório, bem como o método de sepultamento. No contexto português, onde a tradição católica é predominante, o velório, a missa e os rituais litúrgicos são elementos fundamentais (FERREIRA et al., 2022, p. 70). Contudo, as práticas podem ser adaptadas às convicções pessoais do defunto e dos familiares respeitando tanto as tradições como as novas exigências contemporâneas (PORTUGAL, 2010; Explicação ..., s/d).

O velório e a cerimónia fúnebre são momentos cruciais para o processo de luto. Nesta etapa, familiares e amigos reúnem-se para o momento de despedida e prestam-lhe a última homenagem. A presença de rituais de despedida como elogios fúnebres, homenagens e orações facilitam a expressão dos sentimentos e o processo da perda (FERREIRA et al., 2022, pp. 72-74). O encerramento do processo ocorre com a inumação ou cremação do corpo. Após a realização do funeral, a manutenção da memória do ente querido assume uma função importante, seja através de visitas regulares ao local de descanso, ou cerimónias de lembrança. Estes momentos reforçam os vínculos afetivos e auxiliam o processo de luto consolidando a presença simbólica.

Estes procedimentos articulados configuram o conjunto de ações que vai desde a comunicação do óbito até à preservação da memória. Todas estas etapas constituem a base para um processo fúnebre em Portugal que, além de cumprir os requisitos legais, respeita as tradições culturais e fornece suporte emocional (*idem*, 2022, pp. 70-79).



Figura 138 - Quadro sequencial de tratamento de um cadáver.

Fonte: Adaptação do autor a partir de MOREIRA, Inês (2022)

4. ANÁLISE [CRÍTICA] DE CASOS DE ESTUDO

Sem nos perdemos em excessivas considerações das áreas do Critica da Arquitetura que não são do nosso território de investigação, apresentamos uma relação de casos

de estudo que considerámos sobretudo porque apontam o caminho, ou programa projetual, que pretendemos seguir, assente em dois eixos principais: a sobriedade ecuménica (sem carga monoteística) e a sustentabilidade de soluções.

4.1. ESPAÇOS FUNERÁRIOS



Figura 139 - Cemitério da Luz, Portugal (2000) - Pedro Pacheco; Marie Clément (arqs.).

Fonte: <https://www.archdaily.com>

O Cemitério da Luz, em Portugal, projetado pelos arquitetos Pedro Pacheco e Marie Clément entre 1998 e 2000 (Fig. 139), foi selecionado como caso de estudo devido à sua linguagem depurada e contemplativa, integrada no território envolvente, promovendo uma conexão entre o ambiente construído e a natureza. Este projeto respeita tanto as tradições como introduz elementos contemporâneos e materiais locais, sendo predominante o mármore branco com a tradicional cobro vegetal constituído por ciprestes. Criou assim um ambiente sereno e sofisticado, revelando a organização simbólica do espaço de introspeção, nos seus percursos lineares e na interação entre luz e a sombra. Este caso constitui, em nosso entender um exemplo no qual se expressa a capacidade de fusão entre um espaço inovador e o profundo respeito pela história, cultura, espiritualidade e natureza (Luz ..., 2009).



Figura 140 - Cemitério San Stefano, Itália (2005) - Aldo Amoretti; Giancarlo Ranalli; Marco Calvi (arqs.).

Fonte: <https://www.archdaily.com>.

O Cemitério San Stefano, em Itália, projetado por Aldo Amoretti, Giancarlo Ranalli e Marco Calvi em 2005 (Fig. 140), foi selecionado como caso de estudo devido à combinação entre funcionalidade e depuração visual, tendo a integração gerado um espaço contemporâneo que respeita tanto o local quanto os rituais associados à morte. Este projeto integra-se harmoniosamente com a paisagem circundante combinando elementos tradicionais e contemporâneos. Utiliza materiais locais e incorpora linhas retas e formas geométricas regradas. A ausência de ornamentos reforça a importância do espaço como um local de silêncio também visual e de contemplação pouco comum na tradição do Sul mediterrânico. Tira partido da luz natural como elemento modelador, simbólico e funcional concebendo um ambiente ritmado que se altera ao longo dos dias e das estações, refletindo a passagem do tempo. A utilização de materiais duradouros e o respeito pela topografia refletem um carácter sustentável (Santo ..., 2009).



Figura 141 - Cemitério San Cataldo, Itália (1971) - Aldo Rossi (arq.).

Fonte: <https://www.archdaily.com>

O Cemitério San Cataldo, em Itália, projetado por Aldo Rossi em 1971 (Fig. 141), foi selecionado como caso de estudo devido à abordagem única ao integrar simbolismo, rigor geométrico e reflexão filosófica num só espaço. Este projeto é dominado por um edifício cubico, conhecido como “Casa dos Mortos”, com um *layout* que reflete a organização urbana e onde o vazio desempenha uma função central proporcionando uma atmosfera de introspeção. Utiliza formas geométricas regulares e uma cor predominante, a terracota, refletindo uma espiritualidade universal e ecuménica baseada na ausência de símbolos religiosos explícitos. Deste modo, é um exemplo que promove introspeção e contemplação ao equilibrar monumentalidade silenciosa e espaços vazios, resultando num impacto emocional profundo (SVEIVEN, 2010).



Figura 142 - Cemitério de Presov - Svaby, Eslováquia (2018) - STOA Architekti.

Fonte: <https://www.archdaily.com>

O *Cemitério de Presov*, na Eslováquia, projetado pelo atelier STOA Architekti em 2018 (Fig. 142), surge-nos como caso de estudo dada a abordagem contemporânea e à combinação de uma malha ortogonal que promove a funcionalidade. Este projeto foi concebido como um parque florestal proporcionando um ambiente sereno e contemplativo, adequado tanto para o luto como para a utilização diária pelos residentes. Utiliza práticas de manutenção sustentáveis e sistemas de recolha de água. Foi concebido com materiais como o aço, betão e madeira conferindo um visual contemporâneo e contendo elementos de design projetados de forma a harmonizar com o conceito geral, sendo um exemplo de como promover um ambiente híbrido entre o público e o pessoal num espaço acolhedor e multifuncional (Cemitério ..., 2021).



Figura 143 - Crematorium Baumschulenweg, Alemanha (1999) - Shultes Frank Architekten.

Fonte: <https://www.archdaily.com>

Figura 144 - Cena do filme *Æon Flux* (2005) filmada no Crematorium Baumschulenweg.

Fonte: <https://www.archdaily.com>

O Crematório Baumschulenweg em Berlim, projetado pela Shultes Frank Architekten em 1999 (Fig. 143-144), é um caso incontornável na arquitetura funerária. A sua linguagem pura e “imparcial” provoca ambientes de grande quebra com o arquétipo de crematório. A sua atitude projetual disruptiva serviu inclusivamente de palco para cenários cinematográficos de ficção distópica. O interior integra colunas com “capiteis” de luz e as salas cerimoniais abertas para o céu estabelecem uma conexão entre o mundo terrestre e o espiritual. A sua pureza e elegância formal confere um carácter atemporal de uma simplicidade arquitetónica bastante emotiva (Crematorium ..., 2020).



Figura 145 - Meiso no Mori, Japão (2006) - Toyo Ito (arq.).

Fonte: <https://architectuul.com>

O Meiso no Mori (floresta da contemplação), no Japão, projetada por Toyo Ito em 2006 (Fig. 145), foi selecionado devido ao carácter subliminar tipicamente oriental, que transcende a função prática de um crematório, transformando-se num espaço de serenidade, contemplação e conexão com a natureza. Este projeto localiza-se numa área natural integrando o crematório harmoniosamente com a paisagem. Possui uma

cobertura ondulada e fluida, uma estrutura orgânica assente em pilares curvilíneos como se brotassem do solo, que contrastam com a frieza e rigidez do betão. A estrutura interna é composta por espaços amplos onde a luz natural penetra suavemente, proporcionando uma atmosfera introspetiva e serena. Possui um *layout* que facilita tanto a realização de cerimónias como a circulação dos visitantes. É um local que demonstra que é possível transcender a funcionalidade de um crematório ou cemitério, desenvolvendo um local com uma linguagem visual que promove a contemplação, o conforto emocional e conexão espiritual ou transcendental (Municipal ..., 2013).



Figura 146 - Harbour View Burial Ground and Crematorium,

Reino Unido (2018) - Western Design Architects.

Fonte: <https://www.westerndesignarchitects.com>

O *Harbour View Burial Ground and Crematorium*, no Reino Unido, projetado pela Western Design Architects em 2018 (Fig. 146), apresenta-se como um crematório contemporâneo, com áreas destinadas a sepultamentos naturais, integrado num ambiente rural e paisagístico. Este projeto é composto por uma estrutura parcialmente subterrânea, cercada de água e contendo uma cobertura verde que minimiza o impacto visual e se integra com o ambiente natural. Trata-se de um espaço acolhedor para o visitante, independentemente de crenças e culturas, reforçando o carácter ecuménico, logo inclusivo. Constitui uma abordagem sustentável que promove sepultamento ecológico e com opções que reduzem o impacto ambiental. A iluminação natural e vistas amplas para o ambiente exterior, reforçam a conexão entre o visitante e a paisagem circundante (Harbour ..., 2019).



Figura 147 - Crematório Campo Grande, Brasil, 2020

- Alessandra Ribeiro (arq.)

Fonte: <https://crematoriocampogrande.net>

O Crematório Campo Grande, no Brasil, projetado por Alessandra Ribeiro em 2020 (Fig. 147), foi selecionado devido a uma linguagem arquitetônica única, sendo a volumetria da fachada um contraponto entre maciços e planos curvos, destacando a aparente descolagem dos elementos superiores, podendo remeter para a ascensão da alma. Utiliza materiais luxuosos numa conexão eclética entre o minimalismo e a sofisticação contemporânea do exterior com uma atitude quase burlesca do interior onde predomina a cor vermelha e tecidos “pesados”. Esta quebra de estereótipos introduz uma dimensão lírica num equipamento geralmente tido como tradicional e “intocável”. O uso de vermelho do sol e do branco da cobertura aponta uma interpretação entre o corpóreo e o etéreo: a Terra e o Céu. Além da estrutura principal, o projeto abriga um jardim amplo que inclui um columbário.



Figura 148 - Igreja da Luz, Japão (1999) - Tadao Ando Architect & Associates.

Fonte: <https://www.ugreen.com>

A Igreja da Luz, no Japão, projetada pela Tadao Ando Architect & Associates em 1999 (Fig. 148), é outro caso de estudo incontornável por ser considerado como uma referência da arquitetura contemporânea. No seu discurso minimal predomina o contraste entre massas e rasgos que modelam a entrada de luz natural. O betão cuboide e fechado cria penumbra interior rasgado por uma grande fresta em formato de cruz

tornou-se icónico da arquitetura de Ando. O material pesado joga assim como uma estrutura liminar entre o interior e o exterior, mas também, através da festa, entre o corpóreo e incorpóreo. Uma conexão entre o mundo terrestre e o espiritual. O interior despido suporta um discurso de opostos solido/vazio, claro/escuro, agressivo/sereno (KROLL, 2016).



Figura 149 - Igreja de São Venceslau, Chéquia (2017)

- Atelier Stepan.

Fonte: <https://www.archdaily.com>

A Igreja de São Venceslau, na Chéquia, projetada pelo Atelier Stepan em 2017 (Fig. 149), surge nos casos de estudo pela morfologia elíptica como conceito de revolução ou de rotação que alude poeticamente à ideia de renovação e ao ciclo da vida e morte. Segundo os seus autores recorre a uma utilização poética da luz e uma materialidade simples. Utiliza luz natural para conceber um ambiente introspetivo com materiais despojados como betão e nobres como a madeira, que promovem um ambiente acolhedor e sereno. Internamente, a iluminação natural é cuidadosamente projetada por aberturas estratégicas que produzem efeitos visuais dinâmicos ao longo do dia, reforçando a espiritualidade priorizando a experiência sensorial e espiritual dos visitantes (Church ..., 2017).



Figura 150 - Capilla de la Tierra, México (2020) - Cabrera Arqs.

Fonte: <https://www.archdaily.cl>

A *Capilla de la Tierra*, no México, projetada pela Cabrera Arqs em 2020 (Fig. 150), constitui-se como um espaço onde a arquitetura e o paisagismo se fundem de forma harmoniosa. Este projeto é um local de meditação e reflexão ecuménico permitindo acolher indivíduos de diversas religiões, o elemento da cruz serve como um símbolo reforçando a ideia de que o espaço é dedicado ao encontro espiritual, independentemente da fé individual de cada visitante. A sua tipologia penetra abaixo do solo no qual se desenvolve num programa projetual retilíneo em direção ao altar, que lembra a arquitetura funerária do homem do Paleolítico, ou um túmulo egípcio. Uma galeria descendente em direção às profundezas da terra, como um retorno ao ventre materno. É composto por uma estrutura geométrica unidirecional pontuada por aberturas que permitem a entrada de luz natural, simbolizando a conexão entre o mundo físico e espiritual tornando-se inclusivo e inovador em relação à forma e ao conceito, promovendo uma conexão arquétipa entre o ser humano, a morte e a natureza (Capilla ..., 2020).

Concluindo, a seleção de casos de estudo incluiu alguns exemplos de espaços engajados com influências religiosas ou mesmo templos, igrejas e capelas dedicadas a uma religião, maioritariamente católica. O objetivo da nossa seleção não teve o intuito de limitar o projeto a uma religião, mas pelo contrário analisar as qualidades arquitetónicas e espaciais desses lugares como referência para o desenvolvimento de um ambiente ecuménico e inclusivo, que proporcione reflexão e meditação independentemente de orientações religiosas. O interesse no estudo de espaços de culto deve-se a algumas características decorativas arquitetónicas e poéticas destes lugares projetados para inspirar introspeção e tranquilidade. A organização espacial, a acústica cuidadosamente planeada e a utilização da luz natural são alguns exemplos de elementos que possuem um grande impacto na experiência emocional dos visitantes.

O nosso projeto almeja igualmente alcançar os mesmos pressupostos. Espaços de deambulação que permitam que qualquer indivíduo, independentemente da sua fé ou agnosticismo encontre no espaço e uma oportunidade para se conectar com os próprios sentimentos e emoções. Os elementos observados nestes casos de estudo servem de referência para desenvolver um lugar universal e neutro, promovendo o encontro com o silêncio, o respeito à diversidade de crenças e o acolhimento de todos.

4.2. SERVIÇOS FUNERÁRIOS

O desenvolvimento da tabela comparativa de casos de estudo para serviços funerários (Fig. 151) surgiu da necessidade de analisar de forma objetiva e estratégica o posicionamento do nosso projeto em relação às ofertas existentes no mercado. Esta tabela não teve como finalidade a concorrência direta, mas sim a identificação de lacunas, boas práticas e oportunidades de diferenciação, com base em exemplos reais e representativos do setor funerário atual.

Para os casos de estudo foram selecionadas quatro agências em Portugal com notoriedade, abordagens distintas e presença em diferentes regiões, de forma a obter uma visão alargada do mercado nacional. Também se selecionou uma agência no Brasil por prestar serviços funerários ecuménicos e humanistas mais próximos do conceito que o nosso projeto propõe (San Matheus, s/d). A justificação para a presença reduzida de exemplos internacionais deve-se ao facto do objetivo se coadunar com o cenário cultural português, no qual o projeto pretende implementar-se.

Serviço / Iniciativa	AETERNA	Servilusa	Memorial	Memorial	voo	SAN MATHEUS
Comissão familiar (direção) + acompanhamento	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Memorial online	✓	✓	✗	✓	✓	✗
União biográfica / biográfica	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Partilha de diário em homenagem	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Assistência Funerária social	✓	✓	✓	✓	✗	✓
Assistência social (com acompanhamento) e 24	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Comissão familiar e personalizada	✓	✓	✓	✗	✓	✓
Sistema de gestão (com 1-800-1-800)	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Comissão	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Plano funerário em vida	✓	✓	✓	✗	✗	✓
Bugallo funeral por tempo (24h no dia)	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Transporte funerário	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Comissão	✓	✓	✗	✗	✗	✓
Preparação do corpo	✓	✓	✗	✓	✓	✓
Decoração e personalização do cortejo	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Comissão para amigos de família	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Serviço de família personalizada	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Fluxo em 24h	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Comissão e acompanhamento do funeral	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Serviço de Cleaning	✓	✓	✗	✓	✓	✗

Figura 151 - Tabela comparativa de casos de estudo.

Fonte: Ilustração do autor

A tabela comparativa destaca a Servilusa como a agência que mais se aproxima dos nossos propósitos em termos de serviços, porém não oferece determinadas soluções complementares, como já havia confirmado por Luísa Coelho (2024). A Luso Fúnebre, a Memorial e a Voa prestam serviços essenciais, com algumas opções complementares, contudo não oferecem inovação tecnológica ou ecológica. Por fim, a San Matheus destaca-se pela humanização, mas falta integração digital e soluções sustentáveis. Na tabela existem algumas ocorrências que prestam os mesmos serviços que a nossa proposta, porém em versões mais limitadas.

A análise comparativa demonstra que o nosso projeto, não só prestará a totalidade dos serviços funerários essenciais, como também integrará todos os complementares e inovações inclusivas. Concluindo nenhuma das agências funerárias analisadas integra, simultaneamente, todos os serviços que o projeto proposto oferece. No entanto, o que realmente distingue o nosso é a capacidade única de consolidar, num só espaço e estrutura, uma agência funerária, um cemitério e um crematório. Permitiu-se assim uma resposta completa e integrada a todas as necessidades dos clientes. Isto confirma o nosso carácter único que vai para além do serviço, tratando-se de um novo paradigma de “sepultamento global”.

4.3. ELEMENTOS QUE COMPÕEM O ESPAÇO CEMITERIAL

Os cemitérios são espaços complexos que ultrapassam simples locais de sepultamento, são igualmente repositórios de memória, cultura e espiritualidade. Neste subcapítulo, efetuar-se-á uma análise aos diferentes elementos que compõem o espaço cemiterial, desde as diversas opções disponíveis, seguindo o modelo proposto e.g. por Cabaço (2009, pp. 30-33) até outros aspetos por nós considerados como relevantes. Esta análise torna-se essencial para compreender as diversas componentes e equipamentos destes espaços, como são projetados e como poderão ser melhorados.

As sepulturas perpétuas (Fig. 152) são espaços de sepultamento que garantem o direito de utilização exclusiva e definitiva aos titulares da concessão e respetivos sucessores, sem necessidade de exumação. Em termos tipológicos, este recurso de inumação permite que haja um espaço dedicado e personalizado para cada indivíduo. Geralmente encontra-se adornado com lapides personalizadas, flores, objetos pessoais e outros elementos depositados pelas famílias e entes queridos. No entanto, do ponto de vista do design sustentável e da gestão de espaço, estas sepulturas apresentam desafios,

como a ocupação de espaço significativo, abreviando a superlotação dos cemitérios. Além disso, a utilização de materiais não biodegradáveis nas lápides e nas urnas funerárias pode ser interpretado como uma prática ambientalmente insustentável. As sepulturas temporárias (Fig. 153), por sua vez, refletem uma abordagem distinta na qual o corpo é inumado por um período determinado, e após três anos os restos mortais são exumados e depositados num ossário ou columbário. Este sistema permite uma reutilização do espaço tornando-se uma solução eficiente para a gestão dos cemitérios. Contudo, a prática pode ser considerada como menos respeitosa à memória do defunto, porque implica uma percepção de transitoriedade da existência, menos personalizada e grande parte das vezes assinalada de maneira mais singela. A exumação dos restos mortais após um determinado tempo pode ser considerada perturbadora para algumas culturas que valorizam o descanso eterno e provocando uma sensação de impermanência (CABAÇO, 2009, pp. 30-31; FERREIRA et al., 2022, pp. 96-100, 131-132).



Figura 152 - Sepulturas Perpétuas.

Fonte: <https://www.jn.pt>



Figura 153 - Sepulturas Temporárias.

Fonte: <https://agenciakoradenoticias.go.gov.br>

Os jazigos familiares são estruturas de maiores dimensões que pode acomodar várias gerações, podendo estes serem subterrâneos (Fig. 154), em capela (Fig. 155) ou mistos (Fig. 156) como uma união familiar para lá da morte. Do ponto de vista do projeto, estes jazigos proporcionam uma oportunidade para a construção de elementos arquitetónicos significativos refletindo inúmeras vezes o estatuto social e o legado da família, numa narrativa formal que destaca a continuidade e a memória coletiva. Contudo, o custo elevado da construção e manutenção pode constituir um impedimento. Além de requerer mais espaço físico e gerar uma desigualdade visual e social, cria-se uma separação entre os que podem e os que não podem arcar com tais custos (CABAÇO, 2009, p. 31; FERREIRA et al., 2022, pp. 106-109).



Figura 154 - Jazigos Subterrâneos.

Fonte: <https://agencia-funeraria-alves.pt>

Figura 155 - Jazigos em Capela.

Fonte: <https://es.pinterest.com>

Figura 156 - Jazigos Mistos.

Fonte: <https://es.pinterest.com>

Os locais de consumpção aeróbia (Fig. 157) permitem uma prática que, embora menos comum, representa uma abordagem ecologicamente consciente encontrando-se em sintonia com a crescente consciência ambiental. Pode ser implementada através de sepulturas rasas ou em sistemas específicos que permitem a oxigenação do corpo, acelerando a decomposição. Esta solução exige uma reconfiguração significativa do espaço cemiterial desenvolvendo áreas específicas que permitam o processo de decomposição de um modo higiénico. A implementação deste tipo de solução pode reduzir a necessidade de materiais não biodegradáveis e incentivar um *layout* mais integrado com a natureza (CABAÇO, 2009, p. 32; FERREIRA et al., 2022, p. 109).



Figura 157 - Gavetões de Consumpção Aeróbia,

Cemitério de São Brás de Alportel.

Fonte: <https://www.facebook.com>

Os ossários (Fig. 158) são espaços destinados ao armazenamento de ossadas após a exumação do corpo, sendo a solução eficaz para a gestão de restos mortais em cemitérios onde o espaço é limitado. Os ossários são compartimentos discretos e coletivos muitas vezes embutidos em paredes ou estruturas verticais. Esta opção apresenta uma transição entre o individual e o coletivo enfatizando a ideia de que todos, independentemente do *status* social, acabam por se unir num destino comum. No entanto, este carácter coletivo pode ser entendido como despersonalizado o que exige uma abordagem que permita o desenvolvimento de outro tipo de espaços que carreguem algum significado (CABAÇO, 2009, p. 31; FERREIRA et al., 2022, pp. 96-100).



Figura 158 - Ossários, Cemitério de Oeiras.

Fonte: <https://www.oeiras.pt>

Os columbários (Fig. 159), por sua vez, são estruturas organizadas de forma modular com nichos padronizados e destinados ao depósito de urnas com cinzas resultantes da cremação. Esta é uma resposta que responde ao atual aumento da prática da cremação, como uma alternativa mais compacta, economizando espaço, e tornando-se mais sustentável. Do ponto de vista tipológicos, estes podem ser integrados em ambientes internos ou externos e a linguagem visual é modular e similar à dos ossários. Como tal, torna-se importante equilibrar a repetição modular com zonas quebra ou interrupção que equilibrem e marquem um ritmo menos monótono ou vazio, espaços organizados mas carregados de significado (CABAÇO, 2009, p. 32; FERREIRA et al., 2022, pp. 117-118).



Figura 159 - Columbário.

Fonte: <https://www.terra.com.br>

Os crematórios além de proporcionarem uma alternativa à inumação tradicional, são locais no qual o corpo é reduzido a cinzas. Este método é frequentemente preferido por razões ecológicas e práticas, reduz a necessidade de grandes espaços de sepultamento e permite que as cinzas sejam guardadas, espalhadas ou transformadas (*idem*, 2022).

As lápides e os monumentos funerários são elementos visuais determinantes nos cemitérios, servindo tanto como indicadores de sepulturas como homenagens aos falecidos (Fig. 160). Variam amplamente na linguagem visual, material e simbólica, e estendem-se desde simples placas de mármore até programas decorativos elaborados. A escolha do elemento funerário reflete a personalidade do defunto, bem como as preferências visuais e culturais da família (*idem*, 2022, pp. 120-132; WORPOLE, 2003).



Figura 160 - Escultura de Matthew Stanford Robison (1988 – 1999)

Salt Lake City Cemetery.

Fonte: <https://pt.findagrave.com>

As capelas e áreas dedicadas à oração constituem espaços destinados a cerimónias religiosas e momentos de introspeção. Não servem meramente para serviços funerários, mas também como locais de procura emocional para os enlutados. Arquitetonicamente, podem variar desde estruturas simples até construções monumentais (*idem*, 2003).

Os jardins e áreas verdes são cruciais para a atmosfera dos cemitérios proporcionando um ambiente sereno, refrescante e contemplativo. A vegetação também desempenha um papel ecológico, contribuindo para a biodiversidade local. Além disso são espaços planeados com caminhos de circulação, mobiliária de apoio, bancos e áreas de descanso, que incentivam os visitantes a passarem mais tempo no local (*idem*, 2003).

A tipificação que apresentámos revela a diversidade, a complexidade e a importância do planeamento rigoroso de cada elemento constituinte de um complexo funerário, desde a tipologia dos sepultamentos até aos espaços arquitetónicos e ambientais. Cada componente desempenha uma função articulada em cada planeamento. O desenvolvimento de novos equipamentos e espaços é essencial para o desenvolvimento dos cemitérios contemporâneos, funcionais e distintivos, proporcionando um ambiente sustentável. Para os designers é fundamental integrar estes princípios de forma harmoniosa, garantindo que os cemitérios não sejam somente locais de descanso eterno, mas também espaços de contemplação e conexão com a comunidade.

4.4. AGÊNCIAS FUNERÁRIAS

Nas áreas do design de comunicação, a identidade visual tornou-se uma ferramenta essencial para comunicar o objetivo, os valores e a essência de uma marca. Quando se aplica este conceito à indústria funerária, na qual a sensibilidade e o respeito são fundamentais, a tarefa ganha complexidade. O desenvolvimento de uma identidade visual para uma agência funerária deve equilibrar o respeito, a empatia e a dignidade, com a necessidade de se destacar num mercado altamente competitivo. Pretende-se por isso analisar diversos casos de identidade visual para agências funerárias em Portugal (COELHO, 2024).

Atualmente, as agências funerárias pertencem a grupos económicos e aplicam estratégias concertadas e adequadas a cada contexto. É por isso natural que tenham começado a adotar uma imagem mais contemporânea. Começaremos, naturalmente pela Servilusa, líder de mercado mas estender-nos-emos a exemplos particularmente

relevantes para a nossa análise comparativa. Como intuito de fornecer um espectro simbólico de conceitos e atitudes gráficas, ou meramente a título de curiosidade, mostraremos como no Brasil a utilização do humor pode ser usada no desenvolvimento de identidades visuais para agências funerárias.



Figura 161 - Identidade Visual da Funerária Nova Estrela.

Fonte: <https://funerarianovaestrela.com>

A identidade visual da Funerária Nova Estrela (Fig. 161) utiliza uma flor de lótus em dourado, provavelmente evocando um sentimento de florescimento, encimada uma sequência circular de pontos e por duas estrelas que parecem ascender. O grafismo transmite pureza, renascimento e tranquilidade atributos espectáveis mas desejáveis para uma agência funerária. No entanto, o logotipo é pouco coerente na combinação entre o dourado e o verde, entre uma forma dinâmica e uma tipografia clássica.



Figura 162 - Identidade Visual da Agência Funerária Memorial.

Fonte: <https://www.memorial.pt>

O símbolo e a tipografia na identidade visual da Agência Funerária Memorial (Fig. 162) são leves baseadas em linhas monotonais. O símbolo assemelha-se à simbiose entre uma tulipa e a letra M, contudo a espessura do traçado é inferior provocando alguma desarmonia. Na versão apresentada coloca-se canonicamente à esquerda da designação “Memorial” e da descrição “agência funerária” em minúsculas. A cor oscila entre as tonalidades azul-esverdeadas que transmitem tranquilidade e serenidade. A simplicidade pode ser distintiva, embora necessite ser bem interpretada pelo público.



Figura 163 - Identidade Visual das Agências Funerárias Luso Fúnebre.

Fonte: <https://lusofunebre.pt>

A identidade visual da Luso Fúnebre (Fig. 163) apresenta um símbolo que aparenta uma flor geometrizada, pela repetição e rotação de quatro módulos compostos pelas letras L e F (Luso Fúnebre) representando as quatro pétalas individuais. A versão apresentada é monocromática verde em positivo. A configuração relativa do símbolo e designação é a usual, à esquerda e à direita respetivamente, contudo demasiado próximas uma da outra, com as massas dos dois elementos desequilibradas. A designação é sublinhada pela descrição “agências funerárias”. A escolha Luso Fúnebre é desadequada e excessivamente literal podendo inclusive estabelecer significações que ultrapassam a empresa e remetem para um sentimento do país.



Figura 164 - Identidade Visual da Agência Funerária Voa.

Fonte: <https://funerariavoa.pt>

A Agência Funerária Voa (Fig. 164) apresenta uma identidade visual mais informal quer no desenho da sua tipografia em negrito boleada quer no símbolo de uma pomba levantando voo. A informalidade e exceção quanto aos restantes casos de estudo estende-se à posição relativa dos elementos, apresentando-se o símbolo no canto superior direito e desequilibrando intencionalmente o conjunto, conferindo leveza ao elemento alado. A cor azul-escuro foge do mesmo modo ao predomínio do verde. A descrição “agência funerária” surge alinhada ao centro sublinhando a palavra “voa”, contudo esta parece não ter sido a designação mais feliz, remetendo excessivamente para a significação do voo e no limite podendo ser interpretada como companhia aérea.



Figura 165 - Identidade Visual da Serviços Funerários Alia.

Fonte: <https://www.tellows.pt>

A identidade visual dos serviços funerários Alia (Fig. 165) utiliza a fórmula de junção entre tipografia e símbolo. A fonte é clássica, bastante sóbria e depurada. Utiliza uma cor discreta, evitando (como todas) a carga negativa do usso do negro. O bloco do símbolo / designação e a descrição “serviços funerários” estão alinhados ao centro de forma que nos parece correta. Talvez o S, em capitular, devesse seguir a regra do uso da letra minúscula. A origem ou intenção da denominação Alia escapa-nos.



Figura 166 - Rebranding da Identidade Visual, das Agências Funerárias Servilusa.

Fonte: <https://cofre.org>

Destacando dos restantes casos de estudos, optou-se por dar maior ênfase à imagem da Servilusa que passado 20 anos de existência fez um *rebranding* total da sua identidade visual extensível a todos os suportes (Fig. 166). Esta empresa com duas décadas no mercado português passou por uma transformação visual significativa, constituindo um refrescamento e racionalização, bem como uma adaptação às expectativas e sensibilidades do público-alvo. A identidade visual de uma agência funerária como a Servilusa deve transmitir confiança, seriedade e profissionalismo sem

desvalorizar a delicadeza necessária ao lidar com temas de luto e despedida. Nas palavras de Jorge Coelho, autor da nova identidade:

“Do ponto de vista criativo e do desenvolvimento gráfico, estávamos perante um rebranding, no qual, como sempre, era importante rejuvenescer a marca, aperfeiçoá-la, dotá-la de novas características e valores de modernidade, sem, no entanto, esquecer o património e a história já construída” (COELHO, 2021).



Figura 167 - Antiga Identidade Visual das Agências Funerárias Servilusa.

Fonte: <https://www.e-konomista.pt>

A antiga identidade visual da Servilusa (Fig. 167) utilizava um girassol desenhado de um modo realista sobreposto pela designação e descrição. Este elemento era o tema central, proporcionando um toque de vida e cor a um setor geralmente associado a tons neutros e escuros. A escolha do girassol, uma flor que normalmente simboliza lealdade e longevidade, adicionava um elemento positivo para um contexto, como sabemos, delicado. Serviu como tentativa de amenizar a imagem da agência, porém apesar do simbolismo podia ser compreendido como um elemento gráfico excessivamente detalhado. A tipografia misturava duas cores (verde para “Servi” e cinza para “lusa”), pretendendo decompor a designação (“Servi” de servir e “lusa” relativa ao país). Acabava por dar origem a um contraste visual forte, podendo não conseguir comunicar a coesão e unidade esperada de uma marca que tenciona transmitir confiança e profissionalismo. O verde e o cinza eram apropriados para o contexto funerário, contudo, a inclusão do girassol adicionava uma cor amarelo / laranja demasiado vibrante. Embora atrativa não se harmonizava bem com a restante paleta, acabando o símbolo por se destacar excessivamente da designação.

O *rebranding* total de 2020 realizado pela 5002 opta por uma abordagem mais contemporânea e rejuvenescida sem perder conexão com a versão anterior. Segundo Paulo Moniz, diretor-geral da Servilusa, em entrevista à revista Briefing:

“(...) Manteve-se o conceito de homenagem com a sua materialização na flor no logótipo. O desafio foi atualizar o desenho às exigências de uma imagem com os valores de rigor,

profissionalismo e respeito, bem como de um mundo cada vez mais digital, mais dependente do imediatismo, da leitura e descodificação rápida” (MONIZ, 2021).

Esta aposta na inovação pretendeu depurar os elementos gráficos tornando-os mais contemporâneos, e adequados ao suporte informático. Abandonou-se o girassol realista tornando o símbolo mais geométrico e de melhor leitura para formatos reduzidos de ecrã. A tipografia também foi atualizada e uniformizada não perdendo referências à anterior, com uma linguagem mais atual, melhorando a legibilidade e coesão. Deste modo, contribuiu-se para uma identidade visual mais sólida e reconhecível. A cor laranja para o símbolo respeita igualmente o legado anterior articulando-se com a cor verde da designação “Servilusa” ou seja, excetuando o símbolo, e a posição relativa dos elementos agora centrados, não existiram grandes fraturas quer simbólicas quer cromáticas da versão anterior para atual. A descrição secundária “Agências Funerárias” foi reposicionada a eixo permitindo que a designação principal e o símbolo se destaquem mais. Portanto, a nova imagem da Servilusa reflete uma tentativa de equilibrar tradição e contemporaneidade atendendo às expetativas do público-alvo.

Tradicionalmente no setor funerário é pouco comum utilizar cores, remete-se quase sempre para o negro e tonalidades de cinza-escuro que se articulam defensivamente com a sobriedade do luto, carregando um lastro forte amplamente aceite. No entanto, as identidades visuais selecionadas para análise, assim foram escolhidas justamente por se destacarem pela atitude descomprometida, utilizando cores que rompem com as convenções tradicionais. Algumas agências funerárias analisadas, optam por paletas de cores mais saturadas refletindo uma atitude de desdramatização na perceção dos serviços funerários. Deste modo, englobam uma comunicação visual menos sombria, possivelmente mais reconfortante para os clientes, mostrando que existe espaço para inovação e criatividade. A escolha de cores e uma abordagem do design diferenciador permite que estas agências se conectem melhor. Esta abordagem reflete ainda uma mudança preceptiva da sociedade, onde se dá uma crescente aceitação de uma comunicação visual que não se limita às tradições mas que procura confortar e apoiar de maneira mais humanizada e inclusiva (RIBEIRO, 2020).

4.4.1. HUMOR NO SETOR FUNERÁRIO

No extremo do processo de desdramatização que descrevemos acima, mas ainda sem consonância com variáveis culturais de cada país (sobretudo no Brasil) certas funerárias optam por serem irreverentes, chegando a recorrer ao humor negro. Este fenómeno,

ainda que inovador, pode gerar uma série de questões éticas e culturais nas sociedades mais conservadoras como a nossa.

Utilizando o Brasil como caso de estudo de uma cultura aberta ao descomprometimento e à postura, digamos, mais “carnavalesca”, observa-se como o humor surge como meio de destaque num mercado competitivo e saturado. As campanhas publicitárias apelativas e chocantes (Fig. 168-169) são uma das estratégias aplicadas para atrair a atenção e diferenciar-se da concorrência (BERNARDO et al., 2023).



Figura 168 - Campanha publicitária do Jardim da Ressurreição.

Fonte: <https://www.facebook.com>

Figura 169 - Campanha publicitária do Plano de Assistência Funeral SINAF.

Fonte: <https://momentospositivos.blogs.sapo.pt>

A utilização do humor é no entanto uma estratégia de marketing arriscada. Enquanto pode tornar uma marca memorável, pode afastar potenciais clientes que considerem esta abordagem insensível ou desrespeitosa. Títulos como “Nós trabalhamos enquanto eles descansam” ou “Nossos clientes nunca voltaram para reclamar” potenciam o risco de banalizar a morte, um tema que em muitas culturas é tratado com extremo respeito e reverência. Contudo, é essencial reconhecer que o humor, quando utilizado de forma adequada pode auxiliar a desmistificar a morte e a humanizar a marca, tornando-a mais acessível. O desafio está em encontrar o equilíbrio entre ser irreverente e manter o profissionalismo (MELO, 2016).

A nossa análise das identidades visuais das agências funerárias, ainda que superficial, revela a complexidade do design gráfico para este setor. A evolução da imagem da Servilusa destaca a importância de atualizar a identidade visual, mantendo o respeito necessário, optando por uma abordagem equilibrada entre tradição e contemporaneidade no setor funerário. Por outro lado, a estratégia humorística releva uma tendência inovadora mas arriscada. Deve, sobretudo, ser abordada com cautela,

sensibilidade cultural e respeito ao luto alheio, aspetos fundamentais que não podem ser negligenciados em prol do mero destaque no mercado. O design de comunicação deve procurar sempre um equilíbrio entre inovação e respeito, garantindo que a identidade visual transmita não só a imagem da empresa, como também o cuidado e a consideração pelos sentimentos dos clientes em momentos difíceis.

4.5. ARTIGOS FUNERÁRIOS

Os artigos funerários desempenham uma função essencial em rituais fúnebres (PORTUGAL, 2010). Tradicionalmente, estes objetos (especialmente os decorativos) seguem uma linguagem visual muitas vezes antiquada, fortemente religiosa e exageradamente ornamentada (Fig. 170). No entanto, têm evoluído de acordo com as práticas culturais, religiosas e sociais de cada época. Atualmente, perante uma sociedade globalizada e diversificada, surge a necessidade de reavaliar estes objetos, questionando a sua relevância atual e propondo alternativas.



Figura 170 - Orna mentação tradicional da sala de velório.

Fonte: <https://www.servilusa.pt>

Castiçais ornamentados (Fig. 171), tecidos pesados com bordados (Fig. 172), imagens religiosas (Fig. 173) são exemplos típicos destes elementos (*idem*, 2010). A utilização de materiais como bronze, ouro, veludo e madeira escura encontra-se associada a uma imagem decorativista, ornamental ou mesmo barroca, reforçando a solenidade do momento. Contudo, estes detalhes embora ricos em simbolismo, resultam muitas vezes numa decoração que pode ser entendida como pesada e excessiva. Esta linguagem pode parecer deslocada num contexto contemporâneo no qual a perceção sobre a morte e o luto mudou. Atualmente, muitos indivíduos procuram cerimónias mais personalizadas que reflitam não só as tradições religiosas, como também a individualidade do falecido e a diversidade das crenças dos enlutados. Portanto, o design de artigos funerários precisa de evoluir para atender a esses requisitos.



Figura 171 - Conjunto de objetos funerários.

Fonte: <https://www.facebook.com>

Figura 172 - Tecido bordado.

Fonte: <https://www.mgsc.pt>



Figura 173 - Objetos funerários com imagens religiosas para velório.

Fonte: <https://www.funerariamartinho.com>

Além da linguagem visual, a funcionalidade dos artigos faz naturalmente parte da investigação de casos de estudo. Tradicionalmente, estes objetos têm como principal função proporcionar um ambiente solene e reverencial para o luto e a contemplação. As velas em castiçais complexos e pesados, por exemplo, podem ser visualmente impactantes. Todavia, podem não ser fáceis de manusear e se possuírem velas reais criar um ambiente pouco seguro (Fig. 174). Da mesma forma os tecidos densamente bordados podendo contribuir para uma atmosfera pesada, em vez de acolhedora, são inflamáveis. É crucial que o design de produtos e equipamentos funerários considere não só a linguagem visual, como também a ergonomia, a segurança e o conforto

psicológico dos enlutados (Fig. 175). Isto significa repensar os materiais, os formatos e as proporções, criando artigos que sejam funcionais e simultaneamente harmoniosos (COELHO, 2024).



Figura 174 - Sala de velório tradicional.

Fonte: <https://www.servilusa.pt>



Figura 175 - Sala de velório contemporânea.

Fonte: <https://tierrasanta.com>

A contemporaneidade no design de objetos funerários não trata somente da modernização formal ou da linguagem visual, mas de reinventá-los de um modo relevante, plural e ecuménico. Isso envolve a adesão a uma linguagem mais neutra que possa ser imparcial para indivíduos de diferentes crenças religiosas ou agnósticos (*idem*, 2024). Uma abordagem contemporânea poderá incluir também a utilização de materiais mais sustentáveis, como vidro reciclado ou tecidos orgânicos, e incorporar elementos naturais, como madeira ou plantas vivas. O design regrado, com linhas simples e cores neutras, poderia substituir a ornamentação excessiva e promover uma melhor sensação de calma, paz e introspeção. Por exemplo, os castiçais com formas geométricas simples e feitos de materiais naturais poderiam proporcionar um ambiente menos conotado e mais sustentável. A escolha de cores neutras ou tons de cinza, bege, ou até verde em vez do habitual preto, carmim e dourado poderiam contribuir para um estado menos impositivo mais repousante e retemperador.

A ecumenicidade numa sociedade progressivamente multicultural é uma consideração importante. É essencial que os objetos de apoio não sejam discriminatórios. Em vez de símbolos religiosos específicos, como cruzes e imagens sacras, pode incorporar-se símbolos universais como círculos, que representam a continuidade e a eternidade ou a utilização de luzes suaves e velas que transmitem paz e tranquilidade sem conotação específica (Fig. 176-178). Estes espaços existem hoje, embora poucos, e os objetos

ainda menos. Um bom exemplo da tentativa de criar este tipo de espaços são as salas de recolhimento de aeroportos e alguns hospitais.

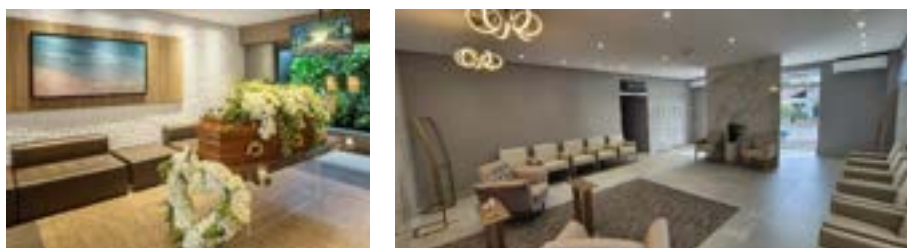


Figura 176 - Sala de velório com materias naturais.

Fonte: <https://assistbrasilfuneraria.com.br/>

Figura 177 - Sala de velório de linhas simples com luzes e cores neutras.

Fonte: <https://parquedareassurreicao.com>



Figura 178 - Sala de velório ecuménica.

Fonte: <https://www.regiaodeleiria.pt>

O desafio para o design de produtos e equipamentos funerários é encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento de objetos que sejam funcionais, neutros de significação ou que possam respeitar todas as tradições. Optar por uma abordagem mais contemporânea com ambientes funerários mais neutros, acolhedores e relevantes para a diversidade cultural da sociedade atual parece ser uma das hipóteses de solução e resposta às nossas questões de investigação. Desta forma, os artigos funerários podem continuar a desempenhar a sua função essencial, enquanto se adaptam para atender às necessidades e expectativas das novas gerações.

5. DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DO PROJETO

5.1. O PONTO EM QUE O DESIGN PODE CONTRIBUIR NO MODO COMO LIDAMOS COM A MORTE

O nosso projeto abrange diversas áreas do design e é pluridisciplinar noutras áreas do conhecimento e das ciências sociais. Ao aplicar o modo como cada área pode contribuir para este objetivo, o projeto não só desafia as perceções culturais em torno da morte, como propõe soluções práticas e inovadoras para tornar o processo mais humano, acessível e significativo.

O design é essencial para o desenvolvimento de uma identidade visual que reflita a identidade e filosofia de uma empresa ou complexo funerário. Este projeto contempla esta vertente do design para desenvolver um parque visual que inclui materiais de comunicação e outros materiais visuais. A sinalética distribuída pelo complexo é outro elemento crucial, garantindo que os indivíduos possam orientar-se facilmente pelas diversas secções. A escolha da tipografia e das cores é executada de modo a evocar sentimentos de respeito, tranquilidade e profissionalismo tornando a comunicação clara e acessível. Foram desenvolvidos ainda objetos de escala menor como cartões de condolências, álbum de memórias, entre outros produtos personalizados que auxiliam a preservar as lembranças de forma significativa. Basicamente, esta área foi abordada para desenvolver materiais informativos que desmistificam, sensibilizam e educam a sociedade sobre a morte, auxiliando a quebrar tabus transmitindo mensagens que enfatizam a importância de aceitar e promover conversas abertas sobre o tema como parte natural da vida.

O design de ambientes foi aplicado no desenvolvimento dos espaços de acolhimento e recolhimento para indivíduos em situação de luto. Estes incluem igualmente áreas externas adjacentes como espaços comuns memoriais e de reflexão. No interior do complexo existe a intenção de projetar lugares que ofereçam uma atmosfera serena, onde os indivíduos possam processar as emoções e prestar homenagem. O layout foi projetado para facilitar a circulação, conectando diferentes secções do complexo de forma fluida e harmoniosa, promovendo a integração com a natureza. Uma vez que não tratamos de um território ou localização específicos, estes serão apresentados de modo planificado como um manual de boas práticas. O design de espaços interiores concentra-se no desenvolvimento de zonas como salas de despedida, projetadas para serem acolhedoras com uma atenção especial a utilização de luz, cor e materiais que promovem serenidade e reflexão. Além disso, áreas de trabalho como escritórios,

receberam a mesma atenção garantindo que os profissionais tenham um ambiente de trabalho com qualidade.

O design de produto, neste caso de mobiliário aposta no desenvolvimento de mobiliário para o complexo funerário abrangendo tanto áreas internas como externas. Necessitam ser confortáveis e adequados às necessidades práticas de um espaço que pode ser de utilização prolongada ou pontual. Os assentos e estruturas de suporte devem revelar preocupações ergonómicas, funcionais e visualmente integradas. A escolha de materiais, formas e acabamentos visa proporcionar um ambiente sintonizado com as premissas conceptuais elencadas atrás. Estendeu-se também ao desenvolvimento de objetos fúnebres como urnas funerárias e cinerárias, artigos de apoio, entre outros. Estes foram projetados com atenção pela funcionalidade e linguagem visual oferecendo opções personalizadas. Ganhou igualmente importância incluir fatores de sustentabilidade, como e.g. na criação de urnas com a totalidade de materiais biodegradáveis. Os princípios do design industrial são relevantes para uma produção racional em escala de todo o mobiliário e outros produtos desenvolvidos no projeto. Peças como assentos, suportes e urnas foram projetadas para serem produzidas de forma eficiente, sem comprometer a qualidade.

Com os avanços tecnológicos, a presença digital tornou-se parte integral do projeto. O web design pressupõe a criação de uma plataforma online que serve como portal informativo e funcional, facilitando o agendamento e planeamento de serviços funerários e oferece informação sobre as opções memoriais. A usabilidade da experiência do usuário foi fundamental para, independentemente da familiaridade com a tecnologia, se possa navegar facilmente pelo site e encontrar as informações necessárias. Além disso, ferramentas interativas como a personalização de cerimónias ou a criação de memoriais online permitem que os utilizadores participem ativamente no processo de luto. O design UI/UX é por isso uma parte integrante na criação de interfaces digitais intuitivas e fáceis de utilizar, acrescidamente num contexto sensível como o da morte. Também os suportes materiais e.g. os painéis informativos que se encontram localizados à entrada e no interior do complexo foram projetados para oferecer instruções claras reduzindo qualquer sensação de confusão em momentos emocionalmente difíceis.

A nossa dissertação pretende demonstra como o design abrangendo diversas áreas atua como uma ferramenta transformadora do modo como lidamos com a morte. O projeto integra uma abordagem multidisciplinar de desenvolvimento de um complexo funerário que vai além das expectativas convencionais, abordando a morte de forma

humanizada, acessível e inovadora. Cada área do design contribuiu parcelarmente para criar uma experiência total integrada que atenda às necessidades emocionais e práticas dos enlutados. O projeto não só tenta desmistificar tabus culturais, como propor soluções concretas para lidar com a morte. Os designers não limitam a respetiva função a desenvolver produtos ou espaços, tendo também o poder e a responsabilidade de impactar positivamente a sociedade. Este projeto exemplifica um modo como o design pode ser utilizado para originar experiências que respeitam, confortam e conectam os indivíduos transformando a morte num processo mais humanizado e digno.

5.2. A MORTE EM RELAÇÃO COM A NATUREZA

Neste subcapítulo abordaremos de que modo as práticas funerárias tradicionais e as inovadoras impactam o meio ambiente, revelando a responsabilidade e consciência ambiental que deve ser considerada pelos serviços funerários hoje.

Ao longo dos séculos os enterros têm seguido práticas ancestrais de acordo com a cultura local. No entanto, esta prática tem um impacto ambiental significativo que deve ser abordado com um olhar crítico de design. A ocupação permanente de terrenos para cemitérios resulta na extensa utilização de áreas que poderiam ser destinadas a outras práticas como agricultura ou mesmo a expectância (Fig. 179). A produção de urnas, especialmente construídas de madeira requerem a extração de recursos naturais mesmo quando renováveis (Fig. 180). O processo de decomposição dos corpos pode libertar substâncias químicas nocivas como o formaldeído, o metanol entre outros solventes utilizados no embalsamento e que contaminam o solo e os lençóis freáticos (Fig. 181). Esta realidade levanta questões sobre a sustentabilidade dos solos e a segurança ambiental dos cemitérios tradicionais (COREN, 2023; YANG, 2024).



Figura 179 - Extensa utilização de áreas urbanas por cemitérios.

Fonte: <https://blog.intrinsecos.com>



Figura 180 - Madeira extraída para produção de urnas.

Fonte: <https://www.youtube.com>



Figura 181 - Contaminação dos solo e lençóis freáticos por substâncias químicas libertadas durante o processo de decomposição. [frag.].

Fonte: <https://br.pinterest.com>

A cremação tornou-se uma alternativa aos enterros tradicionais, sendo frequentemente percebida como uma opção mais ecológica (Fig. 182-183). No entanto, esta prática também apresenta desafios ambientais que precisam ser considerados. O processo de cremação requer altas temperaturas, o que implica um consumo significativo de energia resultando na emissão de dióxido de carbono (CO_2) e outros poluentes atmosféricos, contribuindo para o aquecimento global e poluição do ar (COREN, 2023; YANG, 2024).



Figura 182 - Cremação de urna.

Fonte: <https://beleiv.com>

Figura 183 - Substância resultante da Cremação.

Fonte: <https://oglobo.globo.com>

A hidrólise alcalina, igualmente conhecida como cremação com água, constitui uma inovação no setor funerário, posicionando-se como alternativa mais ecológica à cremação tradicional (BENJAMIN, 2013, pp. 143-145). A hidrólise alcalina utiliza uma solução de água e hidróxido de potássio para decompor o corpo num processo que consome significativamente menos energia (Fig. 184-186). Além disso, as emissões de

gases são praticamente inexistentes e os resíduos resultantes da cremação são seguros para serem depositados na natureza reduzindo o impacto ambiental. Apesar de ser uma alternativa mais sustentável, a hidrólise alcalina ainda enfrenta desafios em termos de aceitação cultural e regulamentar uma vez que muitas sociedades ainda preferem práticas funerárias mais tradicionais (COREN, 2023; CREMATION INK, s/d; KASTENBAUM et al., 2018, p. 442; YANG, 2024).



Figura 184 - Deposição de cadáver num processo de hidrólise alcalina.

Fonte: <https://www.megacurioso.com>

Figura 185 - Processo de decomposição por hidrólise alcalina.

Fonte: <https://pplware.sapo.pt>



Figura 186 - Resultado do processo de hidrólise alcalina.

Fonte: <https://www.megacurioso.com>

Além das práticas mencionadas, outras novas abordagens têm sido desenvolvidas para acomodar as preocupações ambientais. Enterros “verdes” ou “naturais” têm ganho popularidade. Neles onde os corpos são sepultados sem embalsamamento, em urnas biodegradáveis (Fig. 187) ou diretamente no solo envolvidos em tecidos naturais (Fig. 188) (KASTENBAUM et al., 2018, pp. 440-442). Outra prática emergente é a compostagem humana (Fig. 189), onde o corpo se desintegra de forma acelerada sendo transformado em composto rico em nutrientes, que pode ser utilizado em jardins e florestas fertilizando plantas e árvores (Fig. 190) (COREN, 2023; YANG, 2024).



Figura 187 - Urna artesanal.

Fonte: <https://pt.pinterest.com>

Figura 188 - Corpo sepultado diretamente no solo e envolvido em tecidos naturais.

Fonte: <https://kinkaraco.com>



Figura 189 - Compostagem Humana.

Fonte: <https://revistagalileu.globo.com>



Figura 190 - Ciclo do processo de Compostagem Humana.

Fonte: <https://revistagalileu.globo.com>

Incorporar estas práticas no projeto pode diferenciar uma funerária no mercado e atender a uma crescente apetência por serviços mais éticos e ambientalmente responsáveis. Contudo, terá de aguardar por uma adaptação progressiva da carga emocional que provoca na sociedade. A cremação conseguiu-o, porém, dissolver um corpo ou troná-lo em composto parece precoce em sociedades mais conservadoras.

5.3. SIMBOLISMO DA FLORA

O simbolismo da flora encontra-se enraizado na história da humanidade, refletindo a relação íntima e multifacetada entre a humanidade e a natureza. Além do encanto visual, as flores e as plantas assumem significado simbólico funcionando como ferramentas de

expressão não verbal e permitindo a comunicação de sentimentos e conceitos abstratos em diferentes contextos sociais (MIRANDA, 2020, pp. 49-54; ROUX, 2020).

A associação simbólica das flores remonta à Antiguidade, quando diferentes civilizações atribuíram significados específicos influenciados por fatores culturais, religiosos e sociais. Utilizaram a flora como uma linguagem visual universal capaz de transmitir valores, crenças e emoções que muitas vezes escapam às palavras. Por exemplo, o crisântemo no Oriente é um símbolo de longevidade e imortalidade, enquanto no Ocidente foi associado ao luto e à morte (MIRANDA, 2020, pp. 51-52; ROUX, 2020). Com o passar do tempo, o simbolismo floral transcendeu os rituais religiosos e tornou-se parte integrante das interações sociais (*idem*, 2020). No Ocidente, a linguagem das flores, igualmente conhecida como Floriografia, ganhou destaque no século XIX sendo uma prática que as consolidou como mediadoras de mensagens emocionais e sociais. Incorporou-se e.g. como parte essencial da educação e etiqueta da elite vitoriana, tornando-se uma forma codificada e sofisticada de comunicação não verbal (MIRANDA, 2020, pp. 49-51). Títulos como o de Jessica Roux (2020), “*Floriography: An Illustrated Guide to the Victorian Language of Flowers*”, documenta bem como cada flor ou arranjo podia expressar sentimentos tão diversos quanto amor, saudade e respeito sem utilizar palavras. A escolha de uma flor para uma ocasião específica raramente é aleatória, sendo influenciada por fatores como a espécie, a cor, o perfume e a simbologia cultural (ROUX, 2020).

Sob um prisma mais filosófico, o simbolismo floral associa-se à caducidade da vida. A beleza passageira das flores tornou-as metáforas para a mortalidade e a fragilidade da existência humana. Em comunidades budistas, esta simbologia é particularmente evidente. O ciclo da vida das flores (que envolve nascimento, florescimento e decadência) reflete o ciclo inevitável da vida e da morte (MIRANDA, 2020, p. 50; PARKES et al., 2003, p. 91). A arte nipónica do Ikebana ou do Bonsai, e.g. reflete uma obsessão cultural pela sublimação da natureza que nos rodeia. Moldar a natureza às formas do Homem.

A utilização de flores em contextos fúnebres é uma prática ancestral. Desde a Antiguidade o perfume das flores foi utilizado para mascarar os odores da falta de higiene e do processo de decomposição. Foram encontradas flores totalmente preservadas no túmulo do Faraó Tutancamon (c. 1 341 a.C. – c. 1 323 a.C.) o que demonstra igualmente a atribuição de uma função simbólica. Com o avanço da tecnologia, a utilização das flores para este fim prático tornou-se obsoleta sendo

substituída por produtos específicos de preservação. Porém a presença das flores persistiu como um elemento simbólico e ornamental. Atualmente, em diversas culturas, como a nossa, as flores continuam a ser utilizadas e desempenham múltiplas funções como homenagear os que faleceram, oferecer condolências aos enlutados e adornar sepulturas. No Ocidente, é costume oferecer coroas ou arranjos florais sendo escolhidas criteriosamente, uma vez que o simbolismo das flores é frequentemente associado à ideia de respeito, saudade ou amor (MIRANDA, 2020, pp. 50-52).

Além das flores, as árvores desempenham uma função igualmente importante no simbolismo fúnebre, especialmente espécies de folha perene como ciprestes ou pinheiros, sendo frequentemente plantadas em cemitérios. Árvores com este tipo de folha ajudam a dispersar sons externos e a criar um ambiente de tranquilidade, proporcionando um espaço mais recolhido para os visitantes. A persistência das folhas ao longo das estações simboliza a imortalidade e a continuidade da vida mesmo diante da morte. O cipreste, em particular, é amplamente associado à resistência e à eternidade, sendo uma escolha comum em cemitérios portugueses e da bacia mediterrânica (*idem*, 2020, pp. 52-54).

A representação das flores manifesta-se como símbolo visual e metafórico tanto na arte e na literatura como na arquitetura e no design, especialmente em estruturas funerárias onde os ornamentos florais (Fig. 191) reforçam o significado simbólico das flores em contextos memoriais (*idem*, 2020, p. 51).



Figura 191 - Representação da Perpétua Saudade, Cemitério do Alto de São João, Lisboa.

Fonte: <https://cidadesdosmortos.wordpress.com>

O simbolismo da flora transcende barreiras culturais e temporais, sendo um testemunho da capacidade humana para atribuir significado à natureza e utilizá-la como uma linguagem universal, consolidando-se como um meio poderoso de expressão não verbal. Atualmente, a sua presença em rituais, celebrações e espaços de memória atesta como testemunho a capacidade de comunicar o que as palavras muitas vezes

não conseguem transmitir. Esta tradição continua a evoluir, conectando gerações contemporâneas e práticas ancestrais, destacando o encanto e a fragilidade da vida.

5.4. PROJETO *AETERNA*

5.4.1. IDENTIDADE CORPORATIVA

A *AETERNA* foi a denominação criada para a nossa marca de serviços funerários que se considera inovadora e que se materializa pelo desenvolvimento de um complexo funerário ecuménico, projetado para acolher visitantes e respetivos animais de estimação. O projeto tem por objetivo principal desmistificar a morte, promovendo uma abordagem mais humanizada e acolhedora, em sintonia com o conceito de universalidade do ciclo da vida, respeitando as diversas crenças e culturas que coexistem na sociedade contemporânea. Iremos explorar os aspetos conceituais e visuais da identidade corporativa, explicando como cada elemento foi elaborado para refletir a missão, visão e valores da marca e garantir a respetiva inserção distintiva no mercado (vid. Anexo 1).

Público-alvo: O público-alvo é amplo englobando todos os indivíduos, independentemente da religião, cultura ou origem. Pretende de forma inovadora incluir no mesmo espaço, enlutados que pretendam homenagear os respetivos animais de estimação. A identidade visual reconhece que a mortalidade é uma experiência comum e inevitável a todos os seres vivos, o que torna o público-alvo universal. O foco, no entanto, está em enlutados que procuram um serviço funerário que valorize um atendimento respeitoso, personalizado e que compreende as necessidades emocionais. Que vise ainda a importância de um espaço inclusivo e ecuménico para rituais e celebrações de vida. Contudo, oferece não só serviços funerários como também conforto emocional e espiritual para todos os que procuram preservar as memórias daqueles que partiram.

Objetivos do projeto: Pretende-se desmistificar a morte quebrando *tabus* culturais proporcionando um ambiente sereno, onde a perda possa ser compreendida como parte do ciclo natural da vida. É necessário humanizar e inovar o serviço funerário, combinar tradição com contemporaneidade e oferecer uma experiência diferenciada que atenda às necessidades emocionais e práticas dos enlutados. Acolhe tanto a sociedade como os animais reconhecendo a importância dos animais de estimação como membros da família, embora sepultados em espaços dedicados. Pretende-se criar um exemplo de

boas práticas aplicável e extensível a outras configurações e programas. Os espaços ecuménicos garantem que indivíduos de todas as religiões e filosofias de vida se sintam acolhidas no complexo funerário em pé de igualdade. No nosso projeto a cultura dominante não pode subjugar e inferiorizar as restantes. É crucial inovar na experiência funerária através do desenvolvimento de um ambiente de conforto, paz e contemporaneidade, onde a memória dos que partiram possa ser celebrada de forma única. A sustentabilidade é outro ponto fulcral utilizando, em todo o complexo, práticas ecologicamente conscientes e sustentáveis.



Figura 192 - Identidade Visual, *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor

Designação: A designação “*AETERNA*” deriva do latim, significando “eterna” (Fig. 192). A escolha desta denominação reflete a ideia de continuidade e legado após a vida, enfatizando a importância de preservar memórias e de honrar os que partiram. Se a vida é finita a memória é eterna. O latim foi escolhido por ser uma língua clássica que está na raiz de várias línguas podendo também transmitir solenidade e intemporalidade, qualidades fundamentais da nossa proposta ecuménica.

Slogan: O slogan “*Vestigia Post Vitam*”, pode traduzir-se para “Passos Depois da Vida” e complementa a designação principal “*AETERNA*” (Fig. 192). Evoca a ideia de que a nossa empresa representa um caminho para que os enlutados possam prosseguir o seu caminho em frente, apesar da dor. O slogan em latim proporciona coesão e reforça o carácter atemporal e universal da sua identidade corporativa.



Figura 193 - Símbolo, *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor

Símbolo: A decomposição da letra “A” como letra inicial da designação, encontra-se sobreposta a um círculo que funciona como significado implícito. O círculo simboliza a eternidade e o ciclo da vida. A composição destes dois elementos reforça os valores de continuidade e universalidade. A remoção da barra horizontal da letra “A” representa a ideia de ausência e de perda. No entanto, o círculo por trás do “A” recupera uma parte da leitura da letra, ou seja preenche o vazio deixado pela partida. A geometria depurada e elegante do símbolo garante reconhecimento e uma sensação de contemporaneidade (Fig. 193).

Tipografia: A fonte escolhida “*Raleway*” procura transmitir leveza através da predominância linear regular. Deste modo, transmite-se serenidade, respeito e profissionalismo, sendo os valores essenciais nos quais um serviço funerário deve rever-se. Executou-se uma ligeira alteração na tipografia original conferindo exclusividade visual.



Figura 194 - Identidade Visual - versão em relevo, *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor

Paleta de cores: A monocromia a cinza foi selecionada como valor predominante do logotipo, tendo sido desenvolvidas em duas versões. A versão cinza do logotipo (Fig. 192) simboliza neutralidade, elegância e harmonia. Os tons suaves garantem um apelo visual que transmite calma e introspeção. A versão em relevo (Fig. 194) através de cunho foi desenvolvida para aplicações que requerem refinamento, como estacionamento *premium*. Neste conceito exploram-se os limites da leveza, depuração e transcendência visuais em sintonia com os valores do projeto.

Diferenciais: A identidade ecuménica caracteriza este projeto, sendo um dos poucos complexos funerários que se propõe atender indivíduos de todas as crenças e tradições de igual forma. Utiliza por isso uma linguagem visual característica que se pretende memorável. Foi projetado para carregar uma mensagem de conforto, continuidade e preenchimento de lacunas emocionais. Transmite também inclusão ao contemplar um espaço dedicado a animais de estimação. Um entendimento de que o vínculo emocional entre seres humanos e animais é importante quanto as relações humanas. A

sustentabilidade e inovação são fundamentais para uma entidade que prioriza práticas ambientais responsáveis em todas as vertentes.

5.4.1.1. ALTERAÇÃO DE UNIFORMES - UMA NOVA PERSPETIVA VISUAL E FUNCIONAL PARA A FUNERÁRIA

A aplicação da identidade visual noutros suportes como e.g. nos uniformes dos funcionários desempenha um papel importante na comunicação dos valores da empresa e no reconhecimento distintivo em relação à norma. Propõe-se por isso a substituição dos uniformes tradicionais que incluem o fato e gravata negros, camisa branca e sapatos pretos, substituindo-os por um conjunto composto por um fato cinza (da mesma tonalidade do logotipo), polo branco e ténis brancos (Fig. 195), que reflete a diferença de atitude e retira parte da carga negativa. Uma visão contemporânea, acolhedora e humanista em relação à morte e ao luto.



Figura 195 - Uniforme para agente funerário, *AETERNA*.

Fonte: ilustração do autor

Historicamente, o preto tem sido associado ao luto na cultura ocidental. No entanto, esta tradição também contribui para perpetuar um imaginário da morte pesado, sombrio ou mesmo soturno. A proposta de implementação de uniformes cinza surge como uma estratégia para desmistificar a obrigatoriedade dessa carga e promover uma transição simbólica para um olhar mais sereno e humanizado. O cinza, enquanto valor intermédio entre o branco e o preto, transmite neutralidade, equilíbrio e sobriedade. A utilização desta gama corresponde à identidade visual do projeto, reforçando a coerência. Este facto é importante para criar uma experiência harmoniosa e reforçar a mensagem de

que a marca não é somente um serviço, mas uma abordagem acolhedora e contemporânea ao luto.

A escolha desta alternativa reflete também uma preocupação com a funcionalidade e o conforto dos colaboradores. Os funcionários de uma agência funerária desempenham funções que exigem mobilidade, longas horas de trabalho e interação direta com famílias em momentos de vulnerabilidade. A introdução de ténis em vez de sapatos privilegia o conforto e a ergonomia, reduzindo o desgaste físico dos colaboradores e permitindo-lhes desempenhar as tarefas com maior eficácia e bem estar. A camiseta tipo polo, por sua vez, substitui a camisa formal sem sacrificar a apresentação profissional. A simplicidade do modelo torna-o menos rígido, promovendo uma imagem de proximidade e humanidade. Esta abordagem visual pretende comunicar que os funcionários são facilitadores de um processo sensível deixando de ser associados a figuras distantes e inflexíveis. Pretende-se, pois, numa linguagem mais coloquial abandonar a imagem do chamado cangalheiro. A combinação de materiais confortáveis assegura que o uniforme é funcional para as diversas atividades diárias, desde a receção de clientes até às cerimónias e à manutenção do cemitério. Em momentos de perda, as famílias procuram conforto e empatia. O vestuário de trabalho desempenha uma função subconsciente, mas significativa no modo como os clientes percecionam o ambiente e o serviço. Uniformes mais informais e acolhedores reduzem a sensação de intimidação e o formalismo excessivo. O uniforme torna-se, uma extensão da identidade, mas também da missão da empresa.

5.4.2. ZONAMENTO

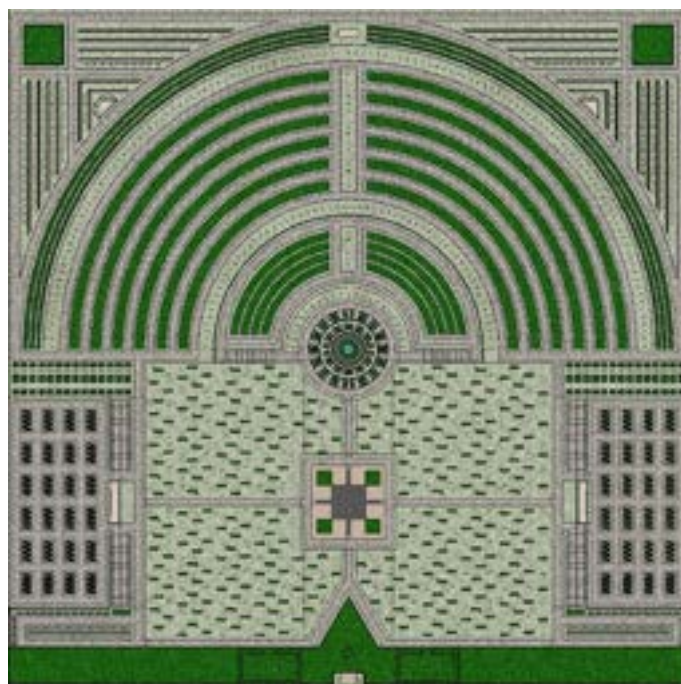


Figura 196 - Planta do complexo *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor

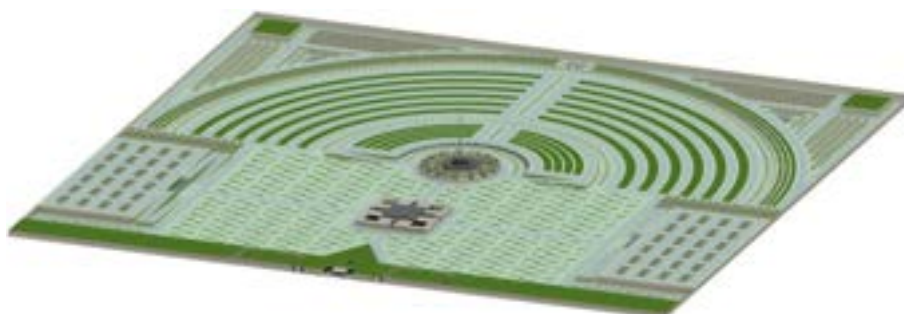


Figura 197 - Perspetiva do complexo *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor.

A configuração geométrica das três zonas fundamentais (triângulo, quadrado e círculo), foi escolhida tanto pelo seu simbolismo como pela sua função prática.

O triângulo na entrada representa a base de serviços necessários para iniciar um processo funerário. O quadrado a seguir à entrada, abriga as áreas de despedida, cremação e tratamento de um cadáver, refletindo estabilidade e ordem. O círculo central promove a ideia de continuidade e unidade.

Este *layout* garante um fluxo lógico desde da entrada até ao centro espiritual, com as secções distribuídas de forma organizada em redor do ponto central (Fig. 196-197).

Esta solução oferece múltiplas opções para inumação e cremação, respeitando diferentes tradições e necessidades. Desde as inumações tradicionais a áreas para cinzas, o seu zonamento acomoda uma ampla variedade de preferências.

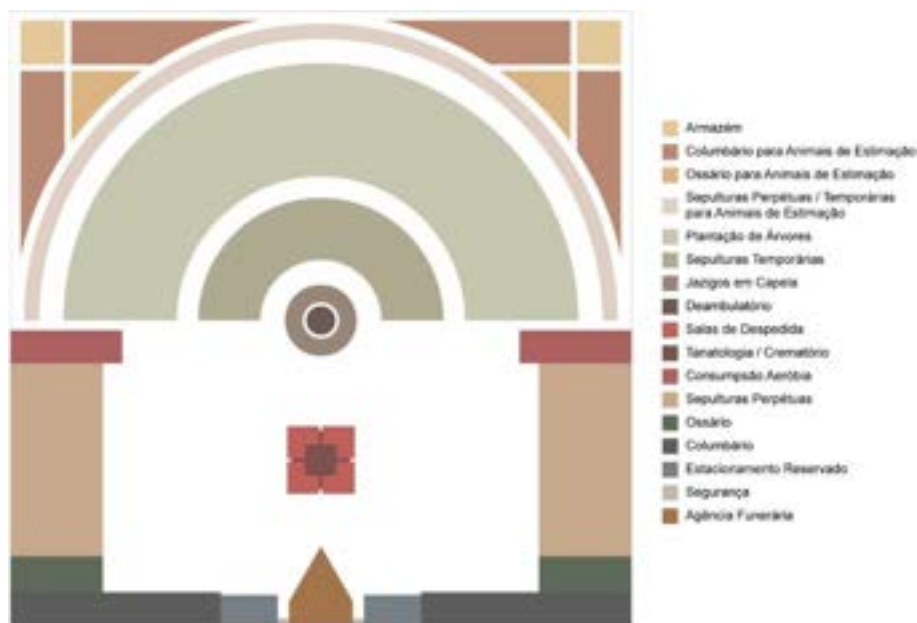


Figura 198 - Zonamento do *Layout* para o complexo *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor.

O *layout* da nossa proposta para o espaço cemiterial foi projetado com uma lógica definida, organizando os setores de maneira funcional e simbólica (Fig. 198).

A entrada possui uma estrutura triangular no qual se inserem os serviços funerários, para facilitar o acesso dos familiares e visitantes. Esta configuração admite diversos significados, podendo ser uma alusão a três forças divinas, como o início, meio e fim ou corpo, alma e espírito, representando um ciclo completo, pois é uma forma que consiste na ligação de três pontos. Numerosas interpretações se podem extrapolar sobre a relação entre o triângulo e a morte ao longo dos tempos nos diversos rituais, dos dominantes até ao ocultismo. Contudo o seu desenvolvimento fastidioso afasta-nos o propósito de uma dissertação em projeto.

A estrutura que inclui o setor técnico ao centro e as salas de despedida ao redor de forma quadrangular foi uma escolha de design funcional, que otimiza a privacidade, a circulação, a eficiência operacional, mas também o simbolismo formal, i.e. a estabilidade, equilíbrio e a segurança. A disposição das diferentes zonas (pública e privada), permite uma demarcação clara entre áreas, evitando interferências de atividades públicas, técnicas ou privadas.

O elemento dominante do nosso espaço cemiterial, que designamos deambulatório, admite uma configuração circular, pois trata-se do mais simbólico e central e que desempenha as funções de espaço ecuménico, simbolizando a unidade e a eternidade. Este centro serve como local de reflexão e meditação para todos os indivíduos, crentes ou agnósticos.

A seguinte secção, os jazigos em capela, encontram-se distribuídos em redor da estrutura circular, proporcionando uma localização próxima do espaço central.

As secções destinadas a sepultamentos temporários ou deposição de cinzas possuem uma forma semicircular e encontram-se localizadas atrás do deambulatório. Esta possui uma elevação mais reduzida que a secção destinada a sepultamentos perpétuos.

Nos cantos superiores do terreno, localizam-se as secções destinadas a animais de estimação, com opção de inumação ou deposição de cinzas. Esta última zona alberga ainda uma estrutura de apoio destinada ao armazenamento de ferramentas para as tarefas de manutenção do cemitério.

Nas laterais encontram-se duas estruturas elevadas destinadas aos sepultamentos perpétuos, com jazigos subterrâneos. Simulando a deposição no solo, mantem a tradição de sepultamento, oferecendo uma solução alternativa.

Os ossários situam-se ao lado da estrutura para sepultamentos perpétuos. Do lado oposto encontram-se as consumpções aeróbias. Estes espaços permitem a decomposição natural e o armazenamento de restos mortais de forma organizada e respeitosa.

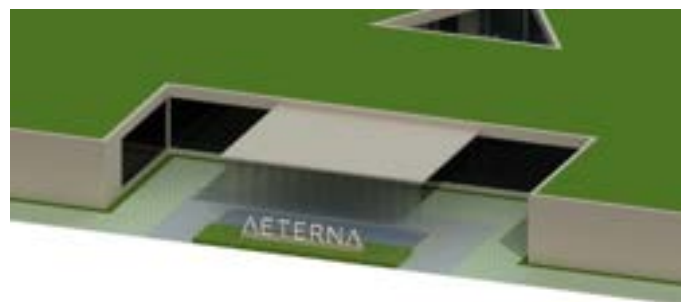


Figura 199 - Perspetiva da fachada.

Fonte: Ilustração do autor

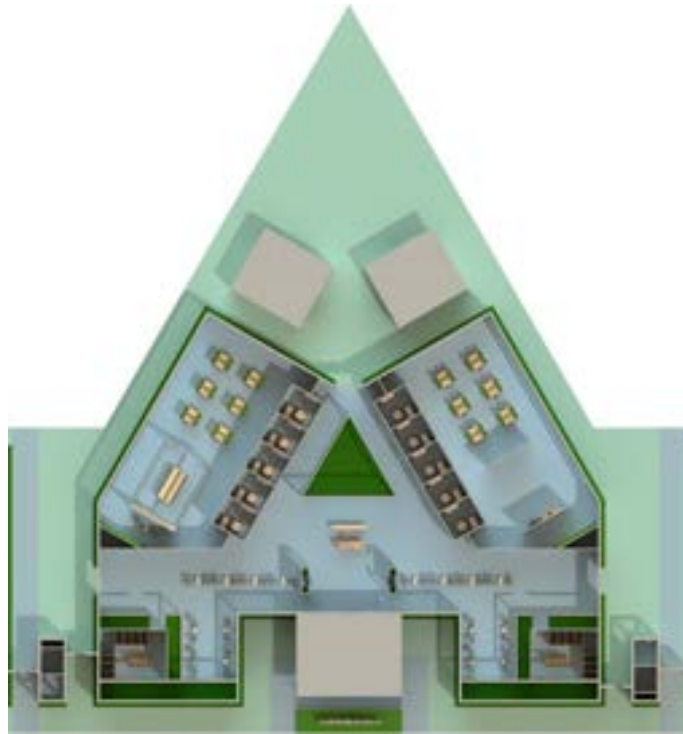


Figura 200 - Planta interior da entrada.

Fonte: Ilustração do autor

A entrada do complexo apresenta um traçado regular ortogonal. A estrutura é composta por uma cobertura plana que protege a entrada, na qual está afixada a designação do projeto e do espaço *AETERNA* fazendo uso da tipografia *Raleway* (Fig. 199). Esta escolha recaiu numa lógica de leveza e serenidade, adequada a uma função que implica uma atitude delicada. A simplicidade formal do logótipo *AETERNA* e a ausência de elementos decorativos promovem uma atitude calma e contemplativa.

A cobertura plana de carácter funcional, proporciona abrigo contra os elementos, mas também para a linguagem geral do edifício, como ideia de proteção e acolhimento.

Esta cobertura possui um sistema de água que cria um efeito cortina e flui para um espelho de água, criando um efeito visual e auditivo calmante. O efeito sonoro causado pela água corrente também mascara ruídos perturbadores como o choro e o pranto.

A entrada integra elementos vegetais, como os arbustos verdes que acompanham o logotipo “*AETERNA*”. O letreiro da fachada é retro iluminado, o que não só destaca o carácter etéreo da marca mas também melhora a visibilidade, garantido que a entrada é facilmente identificável. A vegetação clarifica a leitura da estereotomia da fachada, ajudando a identificar a área da entrada, guiando visualmente o fluxo de visitantes.

O espaço de passagem e paragem de veículos frente à entrada da estrutura triangular, permite o transito de um veículo por vez, minimizando o impacto visual e sonoro. Foi

dada atenção aos sistemas de acesso organizado para indivíduos com mobilidade reduzida e para veículos de serviço.

Logo após a entrada na estrutura triangular (Fig. 200), encontramos painéis informativos digitais, que fornecerá sinalética aos visitantes. Imediatamente a seguir encontra-se a área de recepção, ou ponto de acolhimento e orientação dos visitantes. Um balcão em madeira centralmente localizado facilita o direcionamento inicial e atendimento dos visitantes.

A partir daí os visitantes podem aguardar na área de espera que se localiza imediatamente a seguir à entrada da estrutura triangular. Dois acessos laterais permitem um fluxo eficiente de visitantes. Os assentos disponíveis são da mesma tipologia dos projetados para o deambulatório. Existem espaços mais resguardados, adjacentes ao corredor principal, oferecendo um local mais recatado e com assentos mais confortáveis para uma permanência mais extensa. Ao lado destes encontram-se as instalações sanitárias, rodeadas de plantas protegidas por vidros.

Entre as casas de banho e os espaços mais tranquilos, consegue-se fruir de pequenos jardins, oferecendo uma vista agradável e um espaço para relaxamento, onde está presente a entrada de luz natural.

Atrás da recepção, existe um jardim interno triangular com vidros laterais e teto aberto, criando através da entrada de luz natural um ponto focal verde.

As salas para apoio psicológico, consultoria e atendimento individualizado, localizam-se numa área central, mas reservadas para maior privacidade.

Os escritórios *open space* (de espaço aberto), tanto do setor administrativo como do setor de marketing, estão dispostos lado-a-lado para agilizar a comunicação e colaboração interdepartamental. Os elementos utilizados foram a linha de mobiliário *AETERNA* desenhada para este projeto, divisórias baixas com plantas naturais, iluminação eficiente e luz natural que é introduzida através das paredes de vidro espelhadas que permitem a vista para o cemitério, mas não o inverso. O escritório possui diversos acessos, tanto do corredor principal como através de cada sala de atendimento anteriormente mencionada. Possuem também um acesso no qual só é permitida a passagem aos funcionários do complexo.

Dentro desta zona restrita, existe uma sala de reuniões num dos lados e no lado oposto, um pequeno espaço para a copa dos funcionários. Nela podem realizar-se refeições e descanso dos funcionários, equipadas com mesas e cadeiras da linha *AETERNA*.

Neste espaço existe também uma área para armazenamento de itens pessoais composta por cacifos em madeira, assentos e mesa com máquinas de café e água.



Figura 201 - Planta interior da loja florista.

Fonte: Ilustração do autor

Figura 202 - Perspetiva da loja florista.

Fonte: Ilustração do autor



Figura 203 - Planta interior da loja memorial.

Fonte: Ilustração do autor

Figura 204 - Perspetiva da loja memorial.

Fonte: Ilustração do autor

No exterior do edifício existe uma área coberta com um espaço amplo que inclui duas pequenas lojas, uma florista (Fig. 201-202) e a outra com itens memoriais (Fig. 203-204).

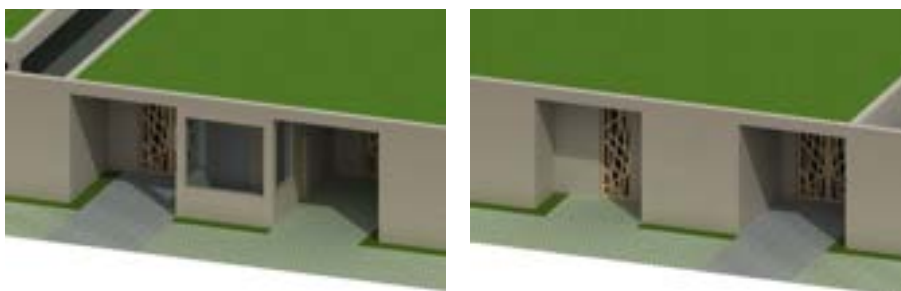


Figura 205 - Perspetiva da segurança (entrada). Fonte: Ilustração do autor

Figura 206 - Perspetiva da segurança (saída). Fonte: Ilustração do autor

Cada setor está estrategicamente posicionado para facilitar o fluxo de indivíduos e garantir as necessidades dos visitantes e funcionários de forma eficiente. O uso de elementos vegetais, espaços abertos e iluminação natural visa criar um ambiente de paz, reflexão e respeito, adequado para um complexo funerário e de atendimento psicológico.

De ambos os lados da estrutura, encontram-se os setores de segurança do recinto, cuja a entrada de veículos permitidos é realizada entrando pelo lado direito do complexo e a saída pelo lado esquerdo (Fig. 205-206). Este setor é importante para assegurar a segurança dos visitantes e do complexo através de uma equipa que patrulha rotativamente a área das salas de velório durante a noite.



Figura 207 - Planta interior do estacionamento interno.

Fonte: Ilustração do autor



Figura 208 - Perspetiva do estacionamento interno.

Fonte: Ilustração do autor

Esta estrutura retangular proporciona espaço suficiente para albergar vinte e cinco veículos de serviço necessários (Fig. 207-208). As dimensões deste espaço foram calculadas para garantir que os veículos realizem manobras fáceis e seguras.

Os carros funerários utilizados para o transporte de urnas durante os serviços funerários são do modelo Tesla Model 3 modificado (Fig. 209-211), por ser um veículo elétrico de baixo impacto sonoro e que reflete o nosso compromisso com a sustentabilidade e a redução da pegada carbónica do complexo.



Figura 209 - Perspetiva frontal do veículo funerário elétrico, Tesla Model 3.

Fonte: <https://cochesfunebres.com>

Figura 210 - Perspetiva posterior do veículo funerário elétrico, Tesla Model 3.

Fonte: <https://cochesfunebres.com>



Figura 211 - Vista do interior do veículo funerário elétrico

Tesla Model 3.

Fonte: <https://cochesfunebres.com>

Para manter a coerência do parque automóvel, os agentes funerários utilizam também veículos elétricos do mesmo tipo, para deslocações administrativas e logísticas (Fig. 212-213). Os agentes funerários utilizam os veículos para realizar tarefas externas relacionadas ao serviço funerário, como visitas a domicílios ou negociações com fornecedores. A escolha de veículos elétricos como o Tesla Model 3 é consistente com a política de sustentabilidade do complexo.



Figura 212 - Perspetiva frontal do veículo elétrico, Tesla Model 3.

Fonte: <https://www.tesla.com>

Figura 213 - Perspetiva posterior do veículo elétrico, Tesla Model 3.

Fonte: <https://www.tesla.com>

Os veículos de serviço ao complexo (tipo *buggy*) utilizados por canteiros e jardineiros para se deslocarem pelo complexo são do modelo Tramontina igualmente elétricos. Estes veículos são práticos para transportar ferramentas e realizar manutenção especialmente nas áreas mais distantes do complexo (Fig. 214). Os veículos elétricos destinados a transportar visitantes com mobilidade reduzida ou idosos, garantem acessibilidade e inclusão (Fig. 215). Os veículos elétricos destinados ao transporte de urnas garantem que seja realizado de forma adequada e digna (Fig. 216).



Figura 214 - Perspetiva frontal do veículo elétrico destinado aos funcionários, Tramontina Elettro 170CP.

Fonte: <https://assets.tramontina.com>

Figura 215 - Perspetiva frontal do veículo elétrico destinado ao transporte de visitantes, Tramontina Elettro 320PA.

Fonte: <https://assets.tramontina.com>



Figura 216 - Perspetiva frontal do veículo elétrico destinad

ao transporte de urnas,

Tramontina Elettro 320PR.

Fonte: <https://assets.tramontina.com>

O espaço de estacionamento está equipado com um portão de garagem automático que limita o acesso a funcionários do recinto, garantindo segurança e privacidade, e protegendo os veículos de serviço. O espaço é ladeado na quase totalidade por paredes de vidro, que permitem a entrada de luz e oferecem uma vista do jardim, criando um

ambiente menos claustrofóbico para os funcionários. A luz natural também reduz a necessidade de iluminação artificial, contribuindo para a sustentabilidade do complexo.



Figura 217 - Planta interior do columbário.

Fonte: Ilustração do autor



Figura 218 - Perspetiva do columbário.

Fonte: Ilustração do autor

A estrutura do columbário, permite acomodar 9384 nichos em cada lado (Fig. 217). A estrutura é retangular e possui três faces em betão e uma possui uma grande abertura que dá acesso ao cemitério (Fig. 218). Esta abertura franca facilita o acesso ao columbário e promove melhor acessibilidade, evitando congestionamentos. A utilização de betão garante durabilidade e resistência, protegendo os nichos e os seus conteúdos. O columbário permite a circulação fácil de vários indivíduos ao mesmo tempo, evitando aglomerações e garantindo um fluxo tranquilo de visitantes. Os nichos são organizados por sobreposição, à medida que vão sendo adquiridos. Esta disposição inovadora permite que cada novo nicho seja adicionado sem sequência, facilitando a identificação pelo familiar.

O espaço dispõe de assentos dispostos de frente para os nichos, proporcionando que as famílias se sentem de frente para os entes queridos. Os assentos garantem que as visitas possam ser feitas de maneira confortável, oferecendo um lugar para reflexão e lembrança.

Cada nicho é composto por uma forma cubica em madeira com dimensões externas 50 cm x 50 cm x 50 cm. As dimensões internas, 40 cm x 40 cm x 40 cm, são adequadas para conter uma urna cinerária juntamente com itens pessoais e memoriais. A aparência formal do nicho promove uma sensação “quente” acolhedora enquanto o vidro permite uma visão clara da epígrafe. O acesso ao interior dos nichos é possível através da leitura de um cartão eletrónico, porém só os familiares possuem esse meio acesso se

pretenderem. O sistema eletrônico elimina a necessidade de chaves físicas, oferecendo uma solução mais segura e transmissível.

O *layout* do columbário e a disposição de cada elemento foi planejado para garantir funcionalidade, acessibilidade e um ambiente respeitoso e tranquilo. A escolha dos materiais, como a madeira e o vidro, reflete uma abordagem acolhedora, enquanto o sistema de abertura digital proporciona segurança e conveniência. A entrada e saída do columbário facilita o acesso e promove uma sensação de liberdade. Os assentos estrategicamente posicionados permitem que as famílias passem tempo de reflexão e lembrança num ambiente confortável.



Figura 219 - Planta do ossário.

Fonte: Ilustração do autor

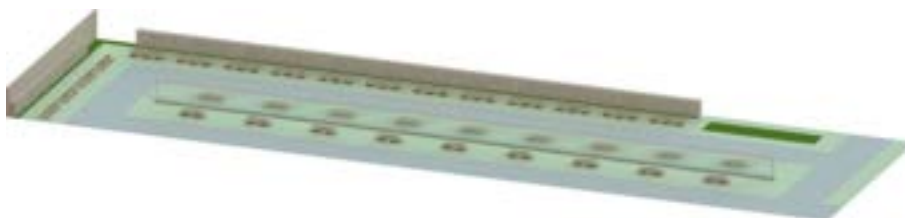


Figura 220 - Perspectiva do ossário.

Fonte: Ilustração do autor

O espaço do ossário (Fig. 219-220) localiza-se entre o columbário e a estrutura para sepulturas perpetuas ou jazigos subterrâneos. Os nichos são em betão, ao contrário dos de madeira utilizados nos columbários, e a sua disposição não possui uma sequência linear específica, permitindo flexibilidade de ocupação e sensação de fluidez, evitando a sensação de rigidez típica de estruturas funerárias tradicionais. O material utilizado, proporciona durabilidade e resistência. À frente dos nichos existe uma placa de vidro para a visualização das informações sobre o defunto, tal como nos columbários.

Este setor possui áreas cobertas por relva natural, plantas e árvores de pequeno porte. Possui caminhos amplos separados destinados à circulação de visitantes e veículos elétricos de serviço funerário. O pavimento é composto por lajetas de betão, contendo

relva nos espaços intersticiais da faixa destinada à circulação de indivíduos, e gravilha quando se destina à circulação de veículos elétricos.

Os assentos encontram-se posicionados de frente para os nichos e na área de reflexão de frente para a queda de água. Os assentos são em betão cobertos com ripas de madeira nos assentos. Uma vez que o betão conserva a temperatura exterior e com a chuva fica molhado, as ripas de madeira com um acabamento em verniz impedem que os indivíduos sintam frio ou calor extremo ou que se molhem ao sentar.

No meio da área de reflexão, existe uma queda de água com efeito de cortina semelhante à que se encontra na entrada do complexo, que serve como um elemento de tranquilidade. A estrutura deste elemento é em betão, com sistema de circulação de água para manter o fluxo constante.

A integração de áreas verdes e elementos aquáticos visa criar um ambiente natural adequado.

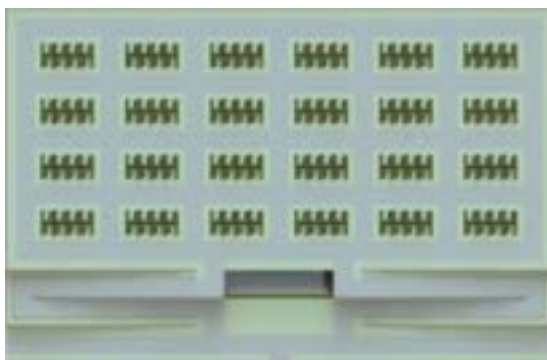


Figura 221 - Planta da secção sepulturas perpétuas.

Fonte: Ilustração do autor

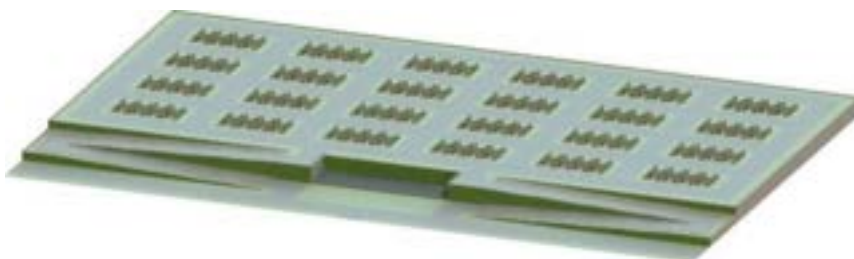


Figura 222 - Perspetiva da secção sepulturas perpétuas.

Fonte: Ilustração do autor

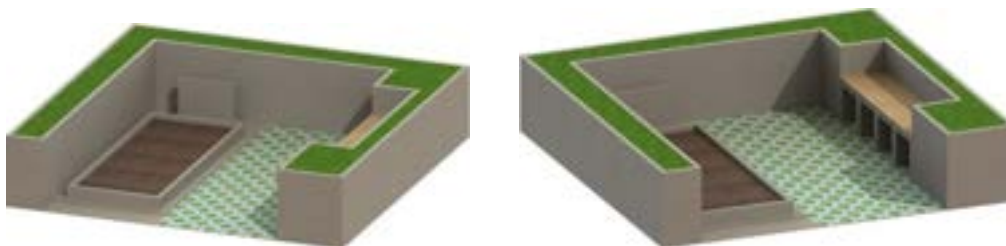


Figura 223 - Perspetiva frontal (lateral dir. e esq.) do talhão privativo da secção sepulturas perpétuas.

Fonte: Ilustração do autor

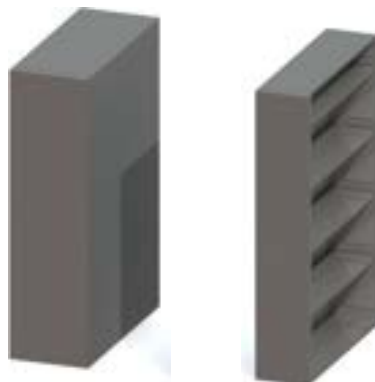


Figura 224 - Perspetiva e corte dos

jazigos subterrâneos da secção sepulturas perpétuas.

Fonte: Ilustração do autor

A secção de sepulturas perpétuas (Fig. 221-222) foi projetada entre os ossários e o local de consunção aeróbia. Esta estrutura destina-se às inumações tradicionais, contendo uma elevação de 4 metros em betão, para garantir estabilidade e segurança. Encontra-se acima do solo preenchida com terra simulando uma inumação direta, mas com a vantagem de prevenir a contaminação por necrochorume ²⁴.

Cada talhão privativo (Fig. 223) é composto por jazigos subterrâneos. Estes jazigos são estruturas retangulares em betão com 5 alvéolos (Fig. 224). Destes espaços, 4 são destinados aos corpos tendo um espaço menor para os restos mortais. Isto permite o armazenamento até 4 ossadas. A área total é dividida em 24 setores relvados, existindo espaço para circularem veículos elétricos de serviço. Cada secção contém um conjunto de 8 talhões. Portanto, no total a estrutura tem capacidade total para 768 corpos mais 768 ossadas.

²⁴ Necrochorume é uma substância tóxica que resulta da decomposição de cadáveres e que pode contaminar o solo dos cemitérios.

Existem rampas de acesso amplas presentes em ambos os lados da estrutura para evitar congestionamentos, com acesso central para facilitar a mobilidade dentro do complexo. Contém faixas separadas para pedestres e veículos sendo demarcado pelo tipo de pavimento. Cada rampa inclui ainda um corrimão de madeira inserido em vidro de proteção que acompanha toda a extensão das rampas, proporcionando um toque de natureza e conforto, além de oferecer apoio e segurança aos indivíduos.

Situado nas rampas de acesso, antes de aceder ao topo da estrutura, existe uma cascata de água embutida na estrutura que desagua num lago. Este serve como habitat para plantas aquáticas e pequenos animais, contribuindo para a biodiversidade do local e simultaneamente para um ambiente sereno e contemplativo. A parede onde está embutido o sistema de queda de água, integra vegetação para promover um ambiente harmonioso e reduzir o impacto visual do betão, assim como se insere nas laterais visíveis das rampas.

A estrutura e as rampas contêm um vidro de proteção delimitando, combinando segurança e uma visão desafogada. Esta secção de sepulturas perpétuas foi pensada respeitando as tradições de inumação e simultaneamente integrar inovações de proteção ambiental. Cada elemento foi cuidadosamente planeado para atender às necessidades de armazenamento, acessibilidade, segurança e respeito pelo meio ambiente. A disposição de cada elemento visa maximizar a funcionalidade, segurança e harmonia visual.

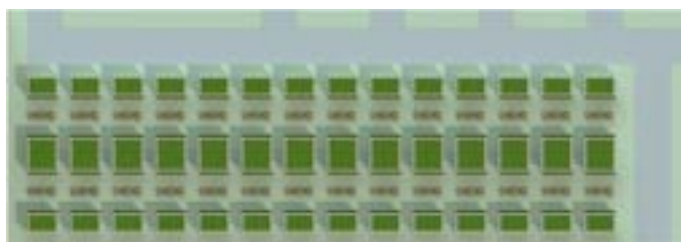


Figura 225 - Planta da secção destinada à consumpção aeróbia.

Fonte: Ilustração do autor

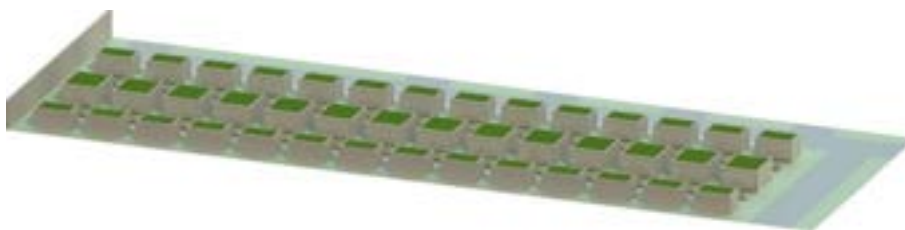


Figura 226 - Perspetiva da secção destinada à consumpção aeróbia.

Fonte: Ilustração do autor

A estrutura de consumpção aeróbia é uma componente fulcral do complexo funerário (Fig. 225-226). Situa-se ao lado da secção de sepulturas perpétuas, numa das laterais da zona onde se localizam os jazigos subterrâneos, com 29,9 m x 103,6 m. Esta área foi projetada para a deposição de cadáveres, seguindo a tipologia de um cemitério vertical. O conceito de consumpção aeróbia com nichos verticais, permite uma utilização mais eficiente, acomodando maior número de defuntos para uma área relativamente pequena. Está organizada de forma retangular, para maximizar o espaço, contendo dois corredores largos de passagem calculados para os visitantes poderem movimentar-se livremente garantindo acessibilidade para visitantes com mobilidade reduzida. Deste modo, proporciona-se um fácil acesso aos nichos, e inclui assentos exteriores desenvolvidos especificamente para áreas ao ar livre. Encontram-se estrategicamente implantados ao longo da sua extensão para que se possa descansar, proporcionando conforto e tranquilidade na contemplação dos entes queridos. As estruturas com nichos encontram-se distribuídas simetricamente ao longo do espaço, garantindo eficiência na utilização do espaço e facilidade de acesso. Esta metodologia, mais sustentável quando comparada com os métodos tradicionais, reduz a contaminação do solo e promove a decomposição natural dos cadáveres. Esta secção foi projetada com uma estratégia abrangente, tendo em conta a eficiência espacial, sustentabilidade ambiental, acessibilidade, conforto dos visitantes e integração com o ambiente.



Figura 227 - Perspetiva das estruturas dupla e individual, respetivamente, na secção destinada à consumpção aeróbia.

Fonte: Ilustração do autor

O espaço de consumpção aeróbia é composto por dois tipos de estruturas em betão, sendo constituída por nichos de ambos os lados ou com nichos de apenas um lado (Fig. 227). A estrutura de nichos duplos encontra-se a meio do espaço com um perímetro 5,10 m x 5,60 m x 2,75 m com capacidade para 18 nichos cada lado (36 no total). Estes não são amovíveis, ao contrário dos nichos do columbário e do ossário. Porém, utiliza os mesmos materiais e a mesma linguagem visual que os do ossário, modificando apenas as dimensões para 0,8 m x 2,15 m x 0,75 m. Cada nicho possui no interior dois orifícios laterais utilizados para conectar tubos de entrada de oxigénio e saída de gases pelo outro. É crucial destacar que estes gases são direcionados para uma central de tratamento que se encontra na retaguarda dos nichos. Cada estrutura possui dois acessos em lados opostos, permitindo a entrada exclusiva a funcionários. O interior de cada estrutura foi projetado com um corredor estreito que permita a passagem ao funcionário que monitoriza a central de tratamento, assegura a eficiência do equipamento de filtragem e a higiene do processo. A disposição de nichos em ambos os lados maximiza a utilização do espaço vertical, permitindo um maior número de depósitos numa área limitada. Por outro lado, como está centrado no espaço e entre corredores permite ainda que os visitantes tenham visibilidade para ambos os lados.

A estrutura com nichos unilaterais encontra-se apenas às laterais do espaço. A sua configuração com 5,10 m x 3,25 m x 2,75 m cria corredores de passagem para os visitantes seguindo um fluxo continuo e ordenado. Este tipo de estrutura é exatamente igual à prévia, contendo apenas metade dos nichos (18 nichos no total). A disposição de nichos num único lado justifica-se pelo facto da secção possuir somente dois corredores com espaço para assentos, garantindo assim, que fiquem de frente para os corredores. A inclusão da cobertura verde no topo das estruturas, promove um ambiente mais acolhedor e conectado com a natureza, melhorando a linguagem visual do local e a integração nos espaços adjacentes do complexo funerário.

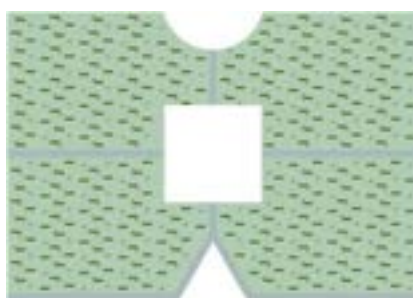


Figura 228 - Planta do jardim.

Fonte: Ilustração do autor

O jardim trata-se de uma área vasta e desimpedida cuja inclusão de áreas sombreadas com plantação de árvores perenes oferece maior conforto aos visitantes nos dias de maior calor (Fig. 228).

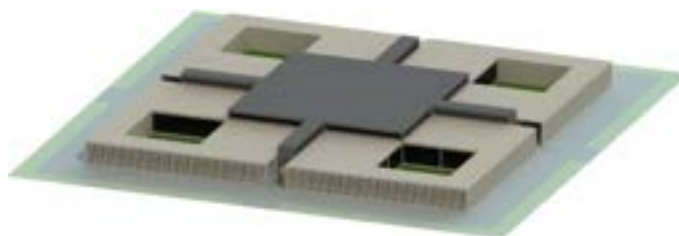


Figura 229 - Perspetiva da estrutura para despedida dos falecidos.

Fonte: Ilustração do autor

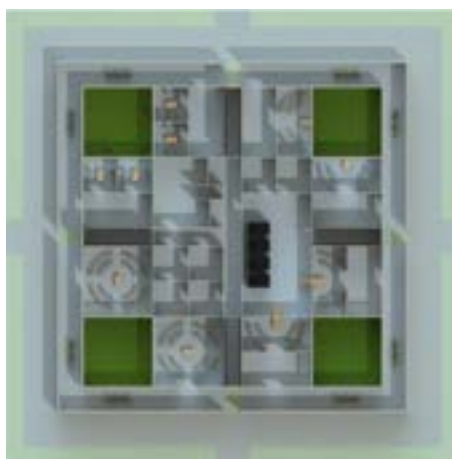


Figura 230 - Planta do interior da estrutura para despedida dos falecidos.

Fonte: Ilustração do autor

A estrutura quadrangular permite uma distribuição eficiente dos espaços interiores e facilita a organização das atividades relacionadas com a despedida. O betão foi escolhido pela sua durabilidade e pela capacidade de criar uma sensação de solidez e segurança. O uso de betão com dois acabamentos, um mais claro e outro mais escuro, cria um contraste visual que destaca as diferentes áreas do interior.

Este edifício abriga o tanatário, o crematório e os espaços para a realização de cerimónias (Fig. 229). A disposição interna das instalações facilita a logística e o acesso controlado a familiares e funcionários, garantindo privacidade dos procedimentos e a eficiência dos processos funerários (Fig. 230).

As múltiplas salas oferecem opções para cerimónias de despedida com diferentes durações e níveis de intimidade, de acordo com as diferentes necessidades e preferências das famílias enlutadas. Cada sala tem visibilidade para as áreas verdes circundantes, proporcionando um ambiente sereno e reconfortante. Esta conexão com a natureza ajuda a minorar a atmosfera pesada de uma despedida. Nas salas destinadas à cremação foram instaladas passarelas rolantes para transporte do féretro para a área de cremação, minimizando o impacto emocional.

O espaço de convivência oferece a oportunidade para os visitantes se reunirem durante ou depois das cerimónias, compartilhando momentos de apoio mútuo.

As áreas cobertas, com assentos, nas extremidades da estrutura, proporcionam um espaço adicional para os visitantes que preferem permanecer ao ar livre, mas protegidos das condições atmosféricas, sem precisar de entrar nas salas. Os assentos, garantem conforto e continuidade no discurso estético de todo o complexo.

Cada elemento foi pensado como ambiente acolhedor e sobretudo funcional. A disposição dos elementos, os materiais utilizados e a atenção aos detalhes demonstram um compromisso com a inovação, inclusão e conforto, proporcionando um espaço adequado para despedidas dignas e serenas.

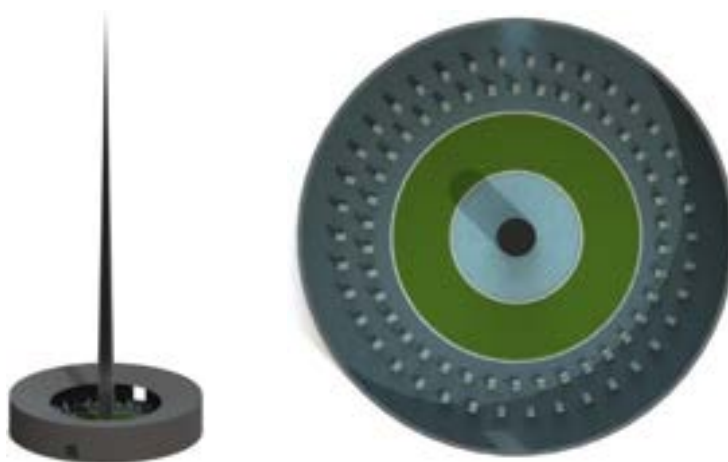


Figura 231 - Deambulatório do complexo, *AETERNA*.

Fonte: Ilustração do autor

Figura 232 - Planta do interior do Deambulatório em corte.

Fonte: Ilustração do autor

A estrutura circular, em betão, é destinada à introspeção. A sua planta e elemento central (agulha) simbolizam o ciclo da vida e a ascensão metafísica respetivamente (Fig.

231). Características que se adequam a um espaço de reflexão e de luto. A forma circular foi selecionada para criar uma sensação de harmonia, mas facilitando igualmente a circulação dos visitantes.

O deambulatório possui dois acessos opostos, para agilizar o fluxo de indivíduos, permitindo uma circulação eficiente e a fácil entrada e saída de visitantes sem congestionamentos, contribuindo para a fluidez do espaço, melhorando a circulação e a acessibilidade.

A abertura circular na cobertura explicita a transição para o ambiente externo ascensional quer para uma experiência espiritual, a presença do divino, ou apenas criando uma atmosfera serena. A abertura superior reafirma a esperança na vida eterna. Contudo, do ponto de vista prático proporciona ventilação e iluminação zenital. Igualmente a inclinação proporciona a escorrência das águas pluviais para o espelho de água ao centro.

A água cria um ambiente de tranquilidade e contemplação. A presença da água simboliza nascimento, purificação e renovação. Este espaço centralizador serve de elemento central e de suporte para o elemento vertical.

A presença de relva ao redor do espelho de água, simboliza o crescimento e regeneração natural e oferece um contraste visual com o betão.

O elemento simbólico e escultórico principal, que emerge do interior do deambulatório destaca toda a função ascética do espaço simbólico, serve de ponto focal no espaço, enquanto evoca elevação e transcendência. A altura imponente de 60 metros da agulha em aço escovado, reflete a luz solar e adquire uma função totémica. O aço inoxidável foi escolhido igualmente pela durabilidade e resistência, garantindo a integridade da estrutura ao longo do tempo.

As cadeiras oferecem conforto e proporcionam um local para os visitantes descansarem, meditem e reflitam. A disposição circular promove a inclusão, favorecendo a uniformidade e a união, mas igualmente a interação e o apoio mútuo entre os presentes (Fig. 232).

O uso de betão, aço inoxidável, madeira e elementos naturais, como a água e a relva, cria um equilíbrio entre durabilidade e naturalidade, proporcionando um ambiente acolhedor e duradouro.

O espaço do deambulatório foi cuidadosamente pensado para proporcionar um ambiente de paz, reflexão e conexão espiritual. Cada elemento contribui para a criação de um lugar que honra a memória dos defuntos e oferece conforto aos enlutados. A combinação de funcionalidade e simbolismo faz deste deambulatório um componente essencial e significativo de todo o complexo fúnebre.

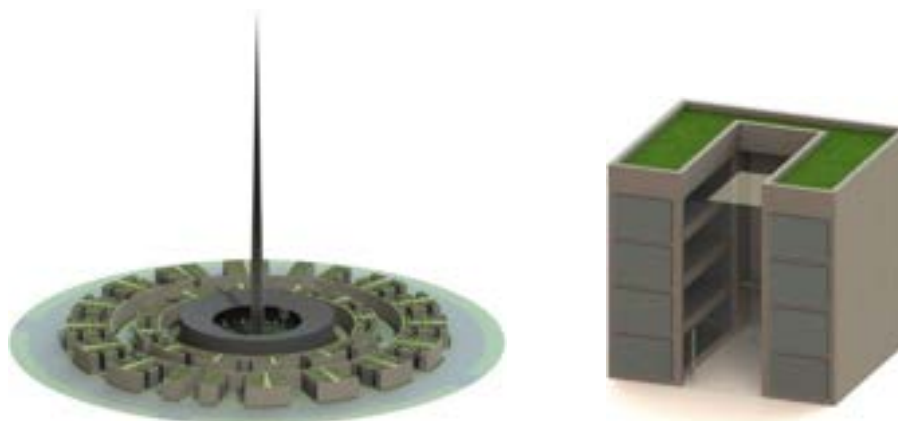


Figura 233 - Perspetiva da disposição radial dos jazigos em capela.

Fonte: Ilustração do autor

Figura 234 - Perspetiva do jazigo em capela.

Fonte: Ilustração do autor

Os Jazigos em capela estão dispostos segundo uma planta circular em torno do deambulatório central (Fig. 233). Esta configuração é regular e organizada, possuindo um caminho circular quase em labirinto, promove um ambiente introspetivo e recatado. Deste modo, torna-se propício à contemplação e à revistação da memória separando dois conjuntos de composições. Uma possui 24 e a outra 64 com jazigos lado a lado. Ao todo este setor é composto por 88 jazigos em capela com capacidade para 704 urnas funerárias em zinco. Cada jazigo em betão possui 3,7 m x 3,2 m x 3,45 m com uma configuração retangular proporcionando um espaço reentrante mais privado e familiar (Fig. 234). Torna-se versátil porque permite diferentes formas de sepultamento, de acordo com as tradições e desejo dos familiares. A estrutura é composta por uma entrada / saída em vidro com uma claraboia, de aparência discreta, que permite a entrada de luz zenital. Além da iluminação natural é complementada com iluminação artificial em LED's embutidos. Ao entrar, existe um pequeno espaço de circulação com dimensões mínimas de 2,4 m x 1,5 m, pensado igualmente para indivíduos com mobilidade reduzida. Contém ainda um pequeno "altar" com 1,4 m x 0,3 m posicionado ao fundo do pequeno corredor. É um local destinado ao recolhimento e devoção, no qual poderão ser depositados objetos simbólicos. Cada jazigo possui 8 espaços com 2,5 m x 0,95 m para deposição de urnas com uma organização simétrica possuindo fenestração para visualização do interior. As urnas são inseridas somente pela face externa, através de acessos semelhantes aos nichos encontrados nos columbários e ossários, os quais possuem igualmente um vidro no qual são gravadas informações

sobre o defunto. A cobertura possui vegetação que promove a drenagem natural das águas pluviais e reduz o impacto visual da construção na paisagem circundante.



Figura 235 - Planta da secção sepulturas temporárias.

Fonte: Ilustração do autor

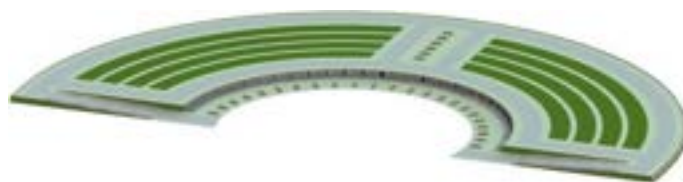


Figura 236 - Perspectiva da secção sepulturas temporárias.

Fonte: Ilustração do autor

Este setor é semelhante ao das sepulturas perpétuas. A forma semicircular das estruturas destinada às sepulturas temporárias possui 110,5 m de raio no círculo maior, e 54,7 m de raio menor (plano elevado) (Fig. 235-236). A disposição ao redor dos jazigos em capela reforça uma continuidade visual e simbólica, conectando diferentes áreas do complexo. A elevação de 2 metros em betão possui a mesma função que no setor de sepulturas perpétuas, ou seja, previne a contaminação do solo por necrochorume, mantendo os pressupostos de baixo impacto ambiental. Dada à elevação do patamar existem duas amplas rampas de ambos os lados que garantem fácil acesso ao topo da estrutura, especialmente a indivíduos com mobilidade reduzida. As laterais visíveis das rampas possuem vegetação servindo os mesmos propósitos das restantes áreas. As rampas possuem guardas em madeira e vidro, proporcionando auxílio físico. O vidro laminado, em redor da estrutura e das rampas proporciona segurança e resistência, mantendo uma visão desobstruída. O pavimento é delimitado por faixas de separação clara devidamente assinaladas para a circulação simultânea de veículos elétricos dos serviços de apoio e pedestres. A estrutura elevada com assentos a meio da estrutura semicircular foi projetada para proporcionar uma vista contemplativa da paisagem circundante, promovendo também momentos de introspeção e reflexão.

As áreas relvadas para inumação deverão sempre utilizar lápides de identificação betão do mesmo modelo sendo apenas customizável graficamente. O setor foi projetado para receber cerca de 784 cadáveres, com inumações individuais e temporárias. Após 3 anos, os corpos serão exumados e transferidos para os ossários ou columbários, libertando espaço para novas inumações. Distinguindo-se do setor das sepulturas perpétuas, neste setor cada cadáver ocupa um único espaço não sobreposto. Descendo as rampas, entre a estrutura e o redor dos jazigos em capela, existe um espaço de reflexão, com igualmente um sistema de cortina de água. Assim adiciona-se um efeito visual e sonoro relaxante, pois o som da água corrente mascara os ruídos constrangedores como o choro e o lamento. Do mesmo modo flui desde o topo do patamar superior até ao espelho de água semicircular. Existe uma área com assentos distribuídos circularmente ao longo da queda de água, que convida os visitantes a permanecer no local.

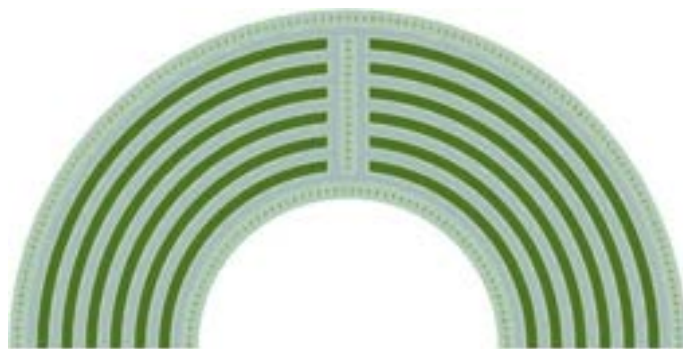


Figura 237 - Planta da secção destinada à plantação de cinzas.

Fonte: Ilustração do autor



Figura 238 - Perspetiva da secção destinada à plantação de cinzas.

Fonte: Ilustração do autor

Este setor destina-se à plantação de cinzas que segue o *layout* semicircular semelhante à área de sepulturas temporárias, com raios de 251 m no semicírculo maior e 111 m no semicírculo menor (Fig. 237-238). Este formato não só maximiza o espaço disponível, como dá origem a uma disposição harmoniosa e visualmente coerente integrando-a no complexo. O *layout* deste setor complementa os setores adjacentes como o das

sepulturas temporárias criando uma transição natural e fluida. Este espaço reflete o compromisso de todo o complexo de inovação, inclusão e sustentabilidade. Prossegue o propósito de crescimento de árvores em solos com depósito de cinzas, tendo capacidade para cerca 1260 exemplares. As espécies foram devidamente selecionadas uma vez que existem condicionantes relacionadas com a extensão de raízes no subsolo. O espaço visa desenvolver o conceito de “floresta memorial” veiculando uma mensagem de renovação e continuidade da vida. A área destinada à plantação é coberta por cobro vegetal (relva) proporcionando uma superfície natural ajudando a manter um visual limpo e organizado. Ao redor do setor, existem vias delimitadas para pedestres e veículos elétricos de serviço, respeitando a norma do complexo de acessibilidade e organização. Foram instalados assentos que se encontram dispostos em torno e no meio do setor, acompanhando o formato semicircular. Este planeamento oferece conforto aos visitantes, criando pontos estratégicos para introspeção, descanso e contemplação do espaço, incluindo as áreas sombreadas.

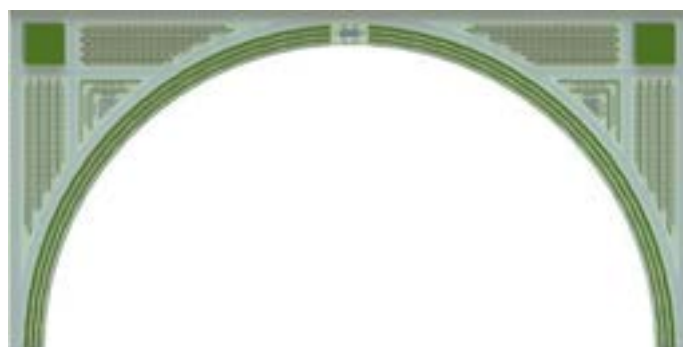


Figura 239 - Planta da secção destinada a animais de estimação.

Fonte: Ilustração do autor



Figura 240 - Perspetiva da secção destinada a animais de estimação.

Fonte: Ilustração do autor

A secção destinada a animais de companhia situa-se na extremidade final do complexo onde se aproveita a transição do semi círculo para um formato retangular de um hipotético *layout* prismático do terreno selecionado para a construção do cemitério (Fig.

239-240). Este setor apresenta uma explícita preocupação na interação entre o ser humano e o animal de estimação, contudo tornou-se necessário construir um pequeno muro em betão de 10 cm de espessura e 1 metro de altura, que separe física e simbolicamente as duas áreas. Conferindo uma barreira visual discreta, é, porém, suficientemente marcante para delimitar os espaços. Se muitos familiares possuem laços fortes com animais, outros existirão que se sintam melindrados pelo facto do ente querido partilhar um subsolo tão próximo. Perto deste elemento divisório, existe um setor destinado ao sepultamento contendo 3 filas de talhões. A divisão das filas adequa-se à dimensão dos animais em três grupos: pequeno, médio e grande porte. As estruturas destinadas ao sepultamento são em betão, preenchidas com terra e cobertas por relva, com elevações em socalco de 80, 85 e 90 cm de cota ao solo. Simula assim o mesmo sistema utilizado no setor de sepulturas temporárias para humanos. Cada fila tem capacidade para 1600 sepultamentos, sendo 800 destes para sepultamentos temporários e os restantes 800 para sepultamentos perpétuos, atingindo a capacidade total de 4800 animais. A separação de cada fila, entre sepulturas temporárias e perpétuas, reflete a flexibilidade e adaptabilidade do espaço às necessidades dos proprietários dos animais. A circulação em redor das sepulturas é restrita a pedestres, existindo um espaço no meio do setor, que inclui um lago em betão impermeabilizado e assentos ao redor deste, oferecendo um espaço de reflexão e memória.



Figura 241 - Ossário e Columbário para animais de estimação, e Armazém na extremidade direita.

Fonte: Ilustração do autor

A zona de ossários para animais possui um formato triangular aproveitando a geometria restante de todo o complexo (Fig. 241). Introduziram-se nichos semelhantes aos do setor dos ossário para seres humanos, que acompanham os dois lados retos do triângulo convergindo para o vértice do ângulo a 90°. Desta forma, otimiza-se o espaço e garante-se a simetria. No espaço que resta, próximo ao setor de sepulturas, um lago triangular serve de elemento refrescante e contemplativo. Entre estes elementos posicionámos perto do lago assentos de frente para os nichos. Este setor em ambas as extremidades possui capacidade para 520 nichos, atingindo no total 1040. A circulação é reservada exclusivamente para pedestres e em redor do setor, em conformidade com

as normas do complexo, o pavimento destina-se à circulação de veículos de serviço funerário, devidamente delimitado.

Os columbários possuem um formato retangular estando localizados nas extremidades laterais dos ossários para animais (Fig. 241). A disposição paralela aos nichos proporciona uma organização lógica e equilibrada, permitindo aos visitantes transitar entre setores de modo fluido. Cada extremidade do complexo é simétrica otimizando o espaço e garantindo uniformidade visual. O setor é dividido a meio, contendo 6240 nichos dispostos em 4 filas perfazendo um total de 12480 por setor. A capacidade total, considerando as duas extremidades do complexo, é de 24960 nichos. Esta disposição garante eficiência na utilização do espaço atendendo uma demanda crescente. Os materiais dos nichos são semelhantes aos utilizados nos ossários para animais e as dimensões dos columbários para os seres humanos. Os assentos são estrategicamente posicionados de frente para os nichos. A circulação no interior do setor destina-se exclusivamente aos pedestres e em redor a veículos. A disposição complementa o setor anteriormente descrito. Esta proximidade permite uma transição suave, natural e funcional entre sepultamentos temporários e definitivos, tornando-o mais organizado.

A zona de armazenagem e apoio aos serviços do complexo de betão com cobertura verde possui um formato quadrado, com dimensões exteriores de 32,6 m de lado (Fig. 241). Esta configuração permite a maximização do espaço interno, garantindo que as ferramentas de jardinagem, equipamentos de manutenção e limpeza sejam recolhidos de forma organizada e acessível. Estes setores encontram-se posicionados nos cantos superiores do complexo, uma decisão que promove a separação física entre áreas de apoio operacional e áreas públicas. A circulação interna é reservada exclusivamente para funcionários, assegurando a segurança e a eficiência das operações. O espaço em redor do armazém destina-se a circulação de funcionários e aos veículos de serviço, permitindo a movimentação de equipamentos para as diversas áreas do complexo.

5.4.3. EQUIPAMENTOS

Tratando-se um projeto de design global tornou-se necessário desenvolver o projeto até à escala do mobiliário e dos objetos. A sua conceção teve como premissa a criação de um mobiliário confortável, funcional e que proporcione uma linguagem visual coesa de respeito pelo ambiente solene e introspetivo de um espaço funerário.



Figura 242 - Gama completa de equipamentos.

Fonte: Ilustração do autor

A gama total de mobiliário inclui um conjunto de equipamentos ergonómicos e discretos integrando-se a respeitando a “sacralidade” do território tanto nos espaços de contemplação quanto nas áreas administrativas e de atendimento ao público (Fig. 242). A estrutura dos assentos é composta por painéis de madeira de faia maciça criando uma estrutura estável e visualmente depurada. A união dos painéis é realizada através de encaixe e colagem. A madeira foi escolhida como o material principal dadas as suas propriedades naturais e sensação de conforto e tranquilidade. O acabamento em verniz natural mate sobressai os veios e a cor original da madeira. Entre a base de madeira e o painel superior que suporta o assento estofado foram colocados 4 apoios revestidos a tubo de aço inoxidável. A utilização deste material neste contexto, visa principalmente conferir uma sensação de leveza e sofisticação ao mobiliário. O aço inoxidável apresenta um acabamento polido, que contrasta suavemente com a textura natural da madeira e do estofado.

Os assentos de interior são acolchoados com espuma e revestidos com tecido de linho cinza claro. O linho foi escolhido reforçando a leitura natural do conjunto, pelo toque suave e pela resistência ao desgaste. A escolha da cor foi pensada para reforçar a sensação de leveza e serenidade ao espaço. Esta cor neutra contribui para a harmonia visual do ambiente e permite uma fácil combinação com outros elementos do espaço. A altura e a profundidade dos assentos são adequadas para oferecer uma postura confortável de curta permanência.

Os assentos de exterior, sem encosto, em relação aos seus semelhantes de interior sem encosto, apresentam alterações ao nível dos materiais, mantendo a mesma linguagem visual. Estas peças prosseguem a utilização de materiais nobres e a atenção pelos detalhes de construção, refletindo a preocupação de oferecer um mobiliário que não só

atenda às necessidades práticas dos utilizadores e funcionários, mas também contribuir para um ambiente recatado e introspetivo.



Figura 243 - Perspetiva da peça 1.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 1 (Fig. 243) desta coleção foi concebida para áreas de contemplação interiores, como o columbário, proporcionando descanso de curta duração (vid. Anexo 2, p. 1).



Figura 244 - Perspetiva da peça 2.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 2 (Fig. 244) é exclusiva para os funcionários que trabalham nas áreas administrativas do complexo, sendo projetada para proporcionar conforto durante períodos de utilização mais longos. Mantendo a linguagem visual dos assentos destinados aos visitantes, foi adicionado um encosto suportado por uma estrutura em madeira. Este possui uma inclinação de 10°. O estofamento em espuma revestida a linho estende-se prolonga-se pelo encosto (vid. Anexo 2, p. 2).



Figura 245 - Perspetiva da peça 3.

Fonte: Ilustração do autor

Semelhante à peça 2, a peça 3 (Fig. 245) apresenta uma experiência de conforto superior. Com reclinções de 3° na base e de 10° no encosto, este assento proporciona uma postura mais relaxada e confortável (vid. Anexo 2, p. 3).



Figura 246 - Perspetiva da peça 4.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 4 (Fig. 246) é uma variação da peça 3, com braços de apoio para os membros superiores. Esta adição é particularmente benéfica para os visitantes que necessitam de apoio adicional, como idosos e destina-se a locais no qual os visitantes podem efetivamente passar mais tempo, como nos velórios. Os apoios são integrados na estrutura do assento, mantendo a simplicidade e a leveza visual da peça. O assento, tal como a peça 3, possui também inclinações tanto na base como no encosto, mas de 10° na base e 18° nas costas, proporcionando um conforto ainda superior (vid. Anexo 2, p. 4).



Figura 247 - Perspetiva da peça 5.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 5 (Fig. 247) , ou banco individual, destina-se a espaço exteriores. A estrutura de madeira do assento original foi substituída por betão polido mantendo a coerência formal enquanto confere maior robustez. O estofamento desaparece (por razões óbvias) passando a ripado de madeira em faia maciça, revestida a verniz de poliuretano mate impermeável, de modo a garantir durabilidade. O detalhe em aço inoxidável na transição entre o betão e as ripas de madeira continua presente. Este assento mantém a função de apoio de curta duração ao ar livre (vid. Anexo 2, p. 5).

O conjunto de assentos foi projetado para oferecer versatilidade e intermodularidade específica para cada complexo funerário. A utilização consistente de materiais e acabamentos garante um visual unificado e funcionalidade adequada a diferentes contextos de utilização. As peças adaptam-se às necessidades específicas de cada área, criando um ambiente harmonioso e funcional, mantendo a elegância e o conforto.

Dando continuidade à linha de mobiliário anterior, desenvolveu-se um conjunto de suportes que mantêm a mesma linguagem visual e complementa funcionalidades de cada espaço do complexo funerário. A estrutura comum aos suportes é composta por painéis em madeira de faia maciça, adicionando superfícies em vidro temperado de 0.5 cm. Existe apenas a exceção no suporte para urnas funerárias, que possui a estrutura em madeira e detalhes em aço inoxidável. A permanência no uso de materiais assegura uma linguagem harmoniosa.



Figura 248 - Perspetiva da peça 6.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 6 (Fig. 248) é o balcão de atendimento ou receção, uma peça central e fundamental no conjunto de suportes. Tenta prosseguir o conceito visual e funcional da restante linha, e foi projetado para ser funcional, acessível e visualmente distintivo. O

balcão possui duas cotas: um nível mais elevado para o atendimento regular e um nível mais baixo para indivíduos com mobilidade reduzida. A madeira utilizada para a estrutura do balcão é a mesma e foi escolhida pela durabilidade, resistência e coerência visual. A cor clara e textura suave conferem uma sensação acolhedora e um ambiente profissional. Por trás dos painéis no nível mais elevado do balcão, adicionou-se detalhes em aço inoxidável coerentes com o restante do mobiliário. Contém ainda luzes LED integradas, especialmente na designação “receção”, oferecendo uma leitura suave e eficiente para identificação da área de atendimento ao público (vid. Anexo 2, p. 6).



Figura 249 - Perspetiva da peça 7.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 7 (Fig. 249) foi desenvolvida para apoio e armazenamento organizado. Destina-se a arquivar documentos, arrumação de materiais de escritório, mantendo o espaço organizado. Possui portas duplas de acesso ao interior. A ausência de puxadores visíveis contribui para um visual limpo e depurado (vid. Anexo 2, p. 7).



Figura 250 - Perspetiva da peça 8.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 8 (Fig. 250) está destinada à sala de espera na zona de atendimento, servindo como estrutura de apoio para revistas e outros objetos para os visitantes enquanto aguardam. O vidro adiciona um elemento de transparência que contrasta com a base de madeira criando um carácter contemporâneo. A superfície de vidro facilita igualmente a limpeza da superfície (vid. Anexo 2, p. 8).



Figura 251 - Perspetiva da peça 9.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 9 (Fig. 251) foi projetada como complemento para a sala de espera. Utiliza os mesmos materiais da peça 8, com dimensões de 50 cm x 50 cm x 40 cm (vid. Anexo 2, p. 9).



Figura 252 - Perspetiva da peça 10.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 10 (Fig. 252) é destinada aos locais de trabalho dos funcionários sendo adequada para a utilização diária intensiva, proporcionando uma superfície ampla e funcional. A madeira é a escolha ideal para uma mesa de trabalho e o vidro não só oferece uma superfície prática, como mantém a consistência visual com os restantes elementos da linha (vid. Anexo 2, p. 10).



Figura 253 - Perspetiva da peça 11.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 11 (Fig. 253), distingue-se pela rutura formal. Destina-se às salas de atendimento e foi concebida para servir como mesa de reuniões e atendimento privativo com capacidade até 4 lugares. O formato circular promove um ambiente de proximidade, união e inclusão de quem é atendido. Esta peça reproduz um ambiente mais íntimo e acolhedor, facilitando a comunicação e a cooperação durante as reuniões. A combinação da base de madeira com a superfície de vidro, mantém a consistência visual com as outras peças (vid. Anexo 2, p. 11).



Figura 254 - Perspetiva da peça 12.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 12 (Fig. 254), localizada junto à entrada de cada sala de despedida e destina-se ao fornecimento de bebidas quentes e frias para os familiares e enlutados, num espaço que se pretende de reconforto. A estrutura sólida em madeira garante que a mesa possa ser de utilização frequente, enquanto o vidro evita a danificação da madeira e facilita a manutenção e higiene (vid. Anexo 2, p. 12).



Figura 255 - Perspetiva da peça 13.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 13 (Fig. 255) foi projetada especificamente para as salas de despedidas de corpo presente, onde as urnas funerárias se encontram. A estrutura é inteiramente em madeira com detalhes em aço inoxidável, refletindo a solenidade e serenidade formal necessária para a delicada função. A decisão de não utilizar a superfície de vidro é intencional e prática. Num ambiente onde a segurança e a integridade das urnas são primordiais, a presença do vidro, poderia apresentar alguns riscos quebrando sob o peso de uma urna e do corpo (vid. Anexo 2, p. 13).

Os diversos elementos do mobiliário foram desenvolvidos para complementar e enriquecer a funcionalidade do complexo funerário, com uma linguagem visual que respeite o ambiente delicado do local. A combinação da madeira com a superfície em linho e o vidro (quando aplicável) proporciona um equilíbrio entre tradição e contemporaneidade. A integração de detalhes, como o aço ou as luzes LED adiciona um carácter contemporâneo e uma atmosfera respeitosa e acolhedora.

Talvez o elemento mais sensível do projeto para equipamentos funerários, foi simultaneamente o mais estimulante e desafiador. A urna foi concebida com uniformidade, mas permite versatilidade de escolha pelo cliente. Concebeu-se um

conjunto de urnas projetadas para atender tanto à inumação quanto à cremação, além de proporcionar uma opção sustentável para o armazenamento de cinzas. A escolha dos materiais e a linguagem visual das peças refletem o respeito e a dignidade necessários para os respectivos usos e funções.



Figura 256 - Perspetiva da peça 14.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 14 (Fig. 256) foi projetada, como vimos, para atender tanto à inumação como à cremação de corpos. A estrutura é composta por painéis de madeira de faia maciça, que garantem durabilidade e bom acabamento superficial. Possui uma tampa, que se pretendido, permite facilmente a retirada durante a exposição do defunto em velório. Sendo esta em madeira com superfície regular e uniforme, possui um espaço amplo para introduzir gravações a laser. Esta particularidade visa atenuar a massificação da solução e permite aos familiares escolher um acabamento personalizado, único e significativo.

O interior da urna e almofada de apoio craniano são forrados com tecido biodegradável (100% algodão) na cor cinza claro ou branco. O exterior da urna possui 3 pegas de ambos os lados para o transporte. Optou-se por não incluir detalhes em aço inoxidável nas pegas, pois em caso de cremação, necessitavam de ser removidos, dificultando o processo. Assim, a peça é adequada para ambos os processos de disposição final (vid. Anexo 2, p. 14).

A madeira é tradicionalmente utilizada para urnas funerárias em diversas culturas. Para além de ser fácil de trabalhar e dar forma, transmite conforto aos enlutados oferecendo ainda uma linguagem natural, aconchegante e acolhedora. Pode também simbolizar a ligação com a natureza e o ciclo da vida. Uma mudança radical para materiais menos convencionais poderia causar desconforto ou resistência junto dos familiares enlutados. As qualidades sensoriais, táteis e visuais da madeira são difíceis de substituir. Embora seja necessário o abate de árvores, é possível utilizar madeira proveniente de florestas certificadas e geridas de forma sustentável. As florestas renováveis e certificadas (como

FSC) minimizam o impacto ambiental e incentivam práticas de reflorestamento e conservação florestal. Embora a madeira não se degrade tão rapidamente quanto outros materiais que poderíamos ter tido o arrojo de assumir, sendo orgânica decompõe-se ao longo do tempo.



Figura 257 - Perspetiva da peça 15.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 15 (Fig. 257) destina-se a conter as cinzas do defunto. A estrutura é cilíndrica e convencional, combinando três materiais. A base em betão garante a robustez e estabilidade necessárias ao equilíbrio da peça. A tampa é composta por dois materiais: a parte exterior em madeira, oferecendo um toque natural e visualmente agradável, e a interior de aço inoxidável, garante durabilidade e vedação segura. A peça possui um espaço interno para albergar um saco selado para as cinzas (vid. Anexo 2, p. 15).



Figura 258 - Perspetiva da peça 16

Fonte: Ilustração do autor

A peça 16 (Fig. 258) oferece uma opção sustentável dado o crescente interesse por este tipo de práticas funerárias. Constitui a opção de plantar uma árvore em memória do ente

querido promovendo um legado duradouro e simbólico. Esta permite a inumação das cinzas numa zona específica do cemitério, ou a cargo do responsável a quem forem entregues. Ao desejar-se depositar as cinzas fora do complexo, o interior da peça possui um espaço destinado a uma mistura específica que fertiliza e promove o crescimento de uma árvore. O formato exterior é similar à peça 15, mantendo a coesão visual entre as diferentes peças. Toda a estrutura é neste caso da peça 16 construída em madeira, incluindo a tampa (vid. Anexo 2, p. 16).

Todas as urnas foram projetadas para manter uma coerência visual disciplinada entre todos os elementos do projeto para os equipamentos móveis. Houve sobretudo a preocupação de atender ao fator determinante do enunciado que determina um ambiente repousante e respeitoso. A forma e os materiais utilizados em cada peça foram cuidadosamente selecionados para refletir não apenas a funcionalidade necessária, mas também o simbolismo apropriado para honrar a memória dos falecidos. O conjunto de urnas atende às práticas e aos costumes funerários atuais.

Para o desenvolvimento do conjunto de nichos, adotou-se uma abordagem que harmoniza tradição e contemporaneidade. A utilização de materiais como a madeira e o betão combinados com detalhes em aço inoxidável e vidro, resulta em peças que são simultaneamente robustas e visualmente elegantes. Incorpora-se tecnologia avançada para garantir que o acesso aos nichos seja seguro e conveniente. O sistema de segurança eletrónico constitui uma solução segura para os familiares que desejam ter acesso aos nichos. Acionado por cartão magnético permite aos familiares visitar e aceder ao interior dos nichos de maneira simples e eficiente proporcionando um espaço íntimo para luto e contemplação. Este processo tecnológico assegura que os espaços não sejam apenas recipientes de memória, mas também peças funcionais que facilitem o processo de luto e homenagem.



Figura 259 - Perspetiva da peça 17.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 17 (Fig. 259) foi desenvolvida para armazenar urnas cinerárias nos espaços interiores do complexo. A estrutura do nicho com as dimensões exteriores 50 cm x 45 cm x 50 cm e interiores 40 cm x 40 cm x 40 cm é composta por painéis ocus de madeira de faia, proporcionando leveza à peça sem comprometer a resistência. A espessura (oca) de 5 cm dos painéis garante a robustez necessária à sua durabilidade e segurança. A porta do mesmo possui as dimensões 40 cm x 2 cm x 40 cm, conferindo-lhe um aspeto sólido e resistente. Recebe ainda uma placa de vidro com as mesmas dimensões que a porta, com o propósito de permitir a inscrição de informação e identificação sobre o defunto. A transição entre a porta de madeira e a placa de vidro, à semelhança da linha de mobiliário, inclui detalhes em aço inoxidável de 1 cm x 1 cm (vid. Anexo 2, p. 17).

O sistema de segurança eletrónico permite igualmente aos familiares visualizar o interior do nicho e adicionar objetos pessoais do falecido. Um cartão, adquirido na receção do complexo funerário ao ser passado sobre a porta permite o acesso ao interior.



Figura 260 - Perspetiva da peça 18.

Fonte: Ilustração do autor

A peça 18 (Fig. 260) destina-se a receber urnas que contenham restos mortais (ossadas em particular) sendo este nicho para ossário projetado para a utilização em ambiente exterior. A construção paralelepípedica externa de 60 cm x 90 cm x 50 cm e interna com 50 cm x 85 cm x 40 cm é identicamente robusta e durável, garantindo proteção e segurança do conteúdo. A base do nicho é de betão com 5 cm de espessura, proporcionando uma estrutura extremamente resistente e adequada para suportar condições externas. A porta, com dimensões de 50 cm x 2 cm x 40 cm é igualmente em betão, mas com 2 cm de espessura. Tal como na peça 17, possui detalhes em aço inoxidável e uma placa de vidro de 50 cm x 2 cm x 40 cm para inscrição de informação e identificação do defunto (vid. Anexo 2, p. 18). Este nicho é equipado com o mesmo sistema de segurança eletrónico da peça 17.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E RESULTADOS: CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO

O processo de investigação foi construído progressivamente alternando entre momentos de pesquisa teórica e desenvolvimento aplicado do projeto. A revisão de literatura foi realizada ao longo da dissertação permitindo uma melhor compreensão histórica e cultural do tema da morte. Deste modo, construiu-se uma base teórica sólida através da consulta de diversos tipos de referências como livros, artigos científicos e projetos académicos já existentes. Paralelamente, analisaram-se casos de estudo que englobavam espaços funerários e serviços associados, com especial atenção ao design, elementos arquitetónicos em propostas inovadoras. Como tal, permitiu-se comparar soluções existentes e entender o que ainda podia ser explorado, contribuindo diretamente para a estruturação da proposta. A observação direta realizou-se através de visitas espaços cemiteriais no decorrer do projeto. Estas experiências permitiram observar *in loco* não apenas os espaços, objetos e elementos simbólicos presentes, mas também as dinâmicas e os comportamentos dos enlutados.

O desenvolvimento projetual teve início com a elaboração de esboços e esquisos que auxiliaram no desenvolvimento do conceito. O enunciado à partida seria um espaço ecuménico, sustentável e que se distanciaria da imagem tradicional da morte como algo

tradicionalmente associado a algo sombrio. Este conceito conduziu todas as escolhas projetuais como o *layout*, os materiais e as cores utilizadas. Executaram-se modelações tridimensionais computadorizadas e *renderizações* realistas que permitiram visualizar o projeto como um todo. Ponderou-se a possibilidade de avançar com a impressão 3D das peças individualmente ou construir uma maquete física do complexo. Mesmo que o processo não tenha seguido um trajeto linear que foi inicialmente gizado e estruturado, a abordagem flexível entre momentos de investigação e desenvolvimento projectual revelou-se produtiva e o projeto conseguiu atingir os objetivos a que se propôs.

Reconhece-se que este projeto foi ambicioso, mas sobretudo ousado e polémico. O facto de não possuímos competências nas áreas da arquitetura e urbanismo cerceou o seu desenvolvimento com maior grau de detalhe. No entanto, a proposta apresenta uma conceção criativa, reflexiva e relevante para o campo do design, contribuindo para a transformação de mentalidades e perceções acerca da morte e respetivos espaços, e tornando-se menos focada na dor e mais aberta à memória, ao acolhimento e à celebração da vida.

6.2. BENEFÍCIOS

Esta dissertação apresenta diversos benefícios tanto a nível académico como prático e social ao pretender abordar de forma sensível e inovadora a temática do design como metodologia aplicada à solução de problemas relacionados com o projeto de espaços e equipamentos sobre o tema da morte. Esta abordagem tem em conta um tema pouco explorado e ainda considerado *tabu* pela área. A sua originalidade responde por si quanto ao contributo que aporta à sociedade e ao design.

A nível teórico, o projeto também preenche uma lacuna importante no campo do design como se pode ver pela quantidade e qualidade do aparato crítico compulsado. Ao explorar este território pouco desenvolvido da relação entre o design e a morte consideramos igualmente ter contribuído para o aumento de literatura científica sobre o tema. Ao propor novas abordagens e possibilidades para os espaços e objetos funerários, o projeto enriquece o debate académico sobre a forma como o design pode intervir em contextos sensíveis e complexos.

Do ponto de vista prático, a proposta de projeto tem, no nosso entendimento, potencial para futura implementação como modelo de serviços. Oferece ainda indicações que podem ser diretamente úteis aos profissionais da área do design e arquitetura bem como

a empresas funerárias, instituições públicas e organizações governamentais. A proposta de um espaço ecuménico, acessível e emocionalmente acolhedor e as estratégias de comunicação mais empáticas e atualizadas, contribuem para melhorar práticas existentes e para a melhoria da qualidade de vida de sociedades e dos cidadãos. O projeto propõe alternativas para o desenvolvimento de design de produtos e serviços, sustentáveis e culturalmente inclusivos, respondendo às exigências de uma sociedade contemporânea diversa e em constante mudança.

Este projeto assume ainda uma dimensão social pretendendo promover uma rutura dos *tabus* que ainda existem em torno da morte. Ao abordar o tema com respeito, sensibilidade e ousadia, promove-se o diálogo sobre um assunto universal. Pretende-se incentivar a empatia, a inclusão e a aceitação da diversidade de crenças e práticas. O espaço proposto deixa de ser somente um local de luto passando a ser também um lugar de memória, homenagem e contemplação, contribuindo para a transformação da percepção social da morte. Também, ao integrar preocupações ambientais, se reforça a necessidade de soluções sustentáveis salientando que o design pode e deve estar em sintonia com os valores éticos e ecológicos da atualidade.

Este processo permitiu consolidar uma conceção mais humanizada, crítica e consciente do papel do design, reforçando a capacidade de atuar em projetos com forte carga emocional e cultural. A experiência revelou-se, acima de tudo, uma oportunidade de crescimento, tanto pessoal como profissional, e reforçou a convicção de que o design pode e deve ter um papel ativo na construção de sociedades mais empáticas e inclusivas.

6.3. ESPAÇOS EM ABERTO

Procurou-se refletir sobre o papel do design perante a morte, abordando-a não só como um evento inevitável, mas como um fenómeno cultural, emocional e simbólico. Através das questões de investigação delineadas na introdução, tornou-se possível levantar problemáticas pertinentes e iniciar um percurso que, embora limitado no tempo e nos recursos disponíveis, abriu espaço para novas abordagens e perspetivas.

Constatou-se que o design possui um papel relevante na forma como se lida com a morte, não só no desenvolvimento de espaços físicos ou objetos simbólicos, como também na intervenção emocional e na execução de ambientes que acolhem a diversidade cultural e espiritual. A proposta respondeu, ainda que de forma incompleta,

à necessidade de ambientes que respeitem diferentes origens, rituais e valores. Em termos ambientais, o projeto aflorou práticas de sepultamento mais sustentáveis, indicando alternativas ecologicamente responsáveis e que em simultâneo respeitem tradições. Em relação à comunicação visual, salientou-se a importância de uma identidade gráfica mais empática e atualizada para os serviços funerários, capaz de refletir valores humanos e contemporâneos com sensibilidade. No entanto, embora se tenha fornecido pistas iniciais para estas questões, muitas permanecem em aberto tendo em conta a amplitude e complexidade do tema.

Esta dissertação tendeu maioritariamente para a componente prática, deixando a parte teórica num plano de contextualização geral. A complexidade e abrangência do tema impossibilitou uma abordagem aprofundada em todas as dimensões. O tempo limitado e os recursos disponíveis impediram o desenvolvimento de uma análise mais exaustiva e interdisciplinar da teoria. Diversas questões de investigação ficam apenas parcialmente respondidas, tais como a perspetiva psicológica do luto; o papel da tecnologia no design funerário contemporâneo; estudos comparativos entre diferentes culturas e geografias; o envolvimento de utilizadores no processo de conceção e validação do projeto; e a investigação de materiais sustentáveis inovadores aplicáveis ao design funerário.

Tendo em conta a amplitude e complexidade do tema, existem inúmeros caminhos para aprofundar ou complementar o projeto. Nomeadamente, o desenvolvimento de protótipos reais de mobiliário funerário, urnas personalizadas ou até sinalética inclusiva para cemitérios. Poderia também incluir-se a conceção de experiências interativas ou instalações que explorem a relação simbólica com a morte e trabalhar em parceria com arquitetos, antropólogos, psicólogos, sociólogos e técnicos do setor funerário, que poderia resultar numa abordagem mais enriquecedora e diversificada. O tema pode e deve ser explorado em múltiplos contextos tanto rurais como urbanos. Como tal, o design participativo e a etnografia visual são exemplos de abordagens que podem auxiliar numa melhor perceção das necessidades emocionais e culturais dos utilizados destes espaços. Acredita-se que, ao dar visibilidade a estas questões, se está a contribuir para um design mais consciente, humano e responsável.

Muitas vertentes do design foram pouco abordadas ao longo da sua História precisamente por preconceitos da sociedade contemporânea que pretende, a todo custo, esconder o que não contribui para o consumo ou para a construção de um ideal asséptico de humanidade. Esta proposta demonstrou a capacidade para se intervir de

forma criativa, funcional e ética em contextos tradicionalmente dominados por estes fatores. Falamos por isso de design para cenários de genocídio, para a doença terminal, para combater a homofobia, para lutar contra o tráfico de seres humanos, de medicamentos e de armas. Em sumo olhar para o que todos tem vontade de virar a cara.

Por fim, a título pessoal este processo traduziu-se num crescimento significativo no percurso enquanto designer, tendo investido na atenção dada às realidades intangíveis, bem como no aumento de sensibilidade para as questões da diversidade cultural e do papel social e ético do design. O tema da morte, frequentemente evitado apresentou afinal um terreno fértil para repensar a vida e o contributo que o design pode oferecer.

6.4. DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

A presente dissertação apresenta um ponto de partida para uma infinidade de possibilidades na interseção do design com a temática da morte. No entanto, ficaram em aberto diversas áreas de investigação e aplicação (em contextos académicos e profissionais) que podem e devem ser exploradas futuramente.

Embora tenha sido possível desenvolver o projeto em extensão, existe um vasto potencial para aprofundar. Dada a complexidade da temática da morte este abre espaço a projetos interdisciplinares noutras áreas de conhecimento além do design, podendo ser complementado pela Antropologia e Sociologia para que se consiga compreender a diversidade de rituais e simbolismos associados à morte em diferentes culturas e contextos históricos e transportá-la para o Design; à Psicologia para aprofundar o impacto emocional do luto e estudar como o design pode ser um apoio terapêutico neste processo; estudos religiosos para garantir o respeito por diversas crenças, espiritualidades e perspetivas sobre o fim da vida; estudos ambientais no desenvolvimento de soluções sustentáveis para práticas funerárias; e tecnologia e ciência de dados para pensar em soluções como inteligência artificial que parecem inevitáveis, no luto ou preservação virtual da memória de entes queridos.

As bases para investigações futuras desenvolvidas nesta dissertação permitem o surgimento de novos temas e abordagens autónomas. Diversas questões podem ser levantadas, tais como qual o papel da tecnologia e da inteligência artificial na preservação da memória dos que partiram.

Em suma, o projeto atual constitui uma base sólida, mas não definitiva. Os desenvolvimentos futuros poderão não só aprofundar e aplicar as soluções propostas, como desenvolver novas oportunidades. Existe, sem dúvida, um vasto território por explorar e o design possui ferramentas únicas para o fazer de forma sensível, crítica e humanizada.

6.5. INDICAÇÕES PARA INVESTIGADORES E DESIGNERS

Debruçar-se e explorar sobre a morte exige uma abordagem ética e empática. Recomendam-se algumas diretrizes, tais como respeitar as tradições e crenças ao longo da inovação, pois é fundamental não desvalorizar os significados simbólicos e espirituais associados às práticas existentes; evitar transformar a dor ou a morte em meros objetos de consumo visual; e praticar escuta ativa relativamente às necessidades de profissionais da área, famílias enlutadas e comunidades, sendo essencial para desenvolver propostas realmente úteis e humanas.

O design tem a capacidade de abordar a morte de forma construtiva, sensível e transformadora, atuando em várias vertentes. Estas vertentes pretendem facilitar experiências que promovam conforto e homenagem; fazem a ponte entre tradição e inovação, respeitando significados culturais e propõem soluções ajustadas à sociedade atual; promovem a mudança social quebrando *tabus*, proporcionando diálogos e desenvolvendo ambientes que respeitem a diversidade humana. Como designers, aprendemos que a função do design vai além da linguagem. Tem principalmente a capacidade e o dever de promover empatia, respeito e mudança. Compreendemos a importância de intersetar áreas do conhecimento, de escutar, de ser sensível às emoções humanas e de reconhecer os limites éticos e culturais ao abordar temas complexos.

Apesar de se ter iniciado o projeto com o intuito de desenvolver mais soluções materiais, o tempo e a profundidade do tema levaram a dedicarmo-nos simultaneamente à estrutura do espaço e à experiência emocional, o que por vezes pode parecer mais próximo da Arquitetura do que do Design. No entanto, reconhecemos que sem esta componente espacial não faria sentido idealizar os ambientes interiores, o mobiliário e os objetos. Outras investigações poderão equilibrar melhor estes componentes, dedicar mais tempo ao desenvolvimento em profundidade e extensão. Planear uma etapa mais robusta de prototipagem, de desenvolvimento de materiais e tecnologias de produção.

As recomendações e reflexões reunidas nestas considerações finais pretendem ser um ponto de partida para novas investigações, colaborações, parcerias e protocolos não obrigatoriamente dentro da área do design. A morte continuará a ser um dos temas mais complexos e desconhecidos da vida humana, e o design tem uma função crucial de torná-la compreendida, respeitada e humanizada.

O projeto tem potencial para evoluir através de colaborações com municípios e camaras locais ao melhorar os espaços de memória; empresas funerárias na modernização da imagem e serviços, instituições de saúde apoiando projetos que integrem o design na humanização da morte; associações ambientais na promoção de soluções funerárias ecológicas e sustentáveis; e instituições de ensino no qual se desenvolvam ações educativas e projetos de investigação interdisciplinares. Apelamos por isso a designers e investigadores futuros que lidem com estas temáticas e retirem delas a capacidade transformadora que possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANTUNES, Paulo (2005) - **A alteração ao conceito de Dissuasão: Contributos para a sua conceptualização** [Em linha]. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares do Exército Português. Tese de dissertação final do Curso. Disponível em WWW: < URL:<https://www.revistamilitar.pt/artigo/177> >

ARENDT, Hannah (1999) - **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras.

ARIÈS, Philippe (1977) - **O Homem perante a morte I**. Lisboa: Publicações Europa-América.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (1989) - **História da vida privada: Do Império Romano ao ano mil**. Vol. 1. Lisboa: Edições Afrontamento.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (1990) - **História da vida privada: Da Europa Feudal ao Renascimento**. Vol. 2. Lisboa: Edições Afrontamento.

ARIÈS, Philippe (2012) - **História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BARATA, Lurdes (2020) - **As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-nahistoria-da-humanidade> >

BENINGER, Manuel (2025) - **O minuto de silêncio foi inventado em Portugal em honra a um brasileiro** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.facebook.com/photo?fbid=1233342521575311&set=a.367005294875709> >

BENJAMIN, Kathy (2013) - **Funerals to die for: The craziest, creepiest, and most bizarre funeral traditions and practices ever**. Massachusetts: Adams media.

BERNARDO, Sandra; NUNES, Valéria (2023) - Morte em propaganda: teorias do humor, mesclagem e metáfora. In **Revista (Con)textos Linguísticos** [Em linha]. Vol. 17, n.º 38. Research Gate. pp. 8-28. Disponível em WWW: < URL:https://www.researchgate.net/publication/376906124_Morte_em_propaganda_teorias_do_humor_mesclagem_e_metafora >

BioParque (s/d) [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.bioparquebrasil.com.br/#home> >

BIOS URN (s/d) - **Bios Urn, Over 20 Years as Pioneers** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://urnabios.com/urn/> >

BROWN, Rob (2014) - **Mãe recorre a internautas para espalhar cinzas do filho por 100 países diferentes** [Em linha]. Londres: BBC. Disponível em WWW: < URL:https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141201_cinzas_filho_lgb >

BUNSON, Margaret (2002) - **Encyclopedia of Ancient Egypt**. New York: Facts On File, Inc.

BURKERT, Walter (1993) - **Religião grega na época clássica e arcaica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 371-388.

CABAÇO, Patrícia (2009) - **Cemitérios Municipais de Lisboa: Estratégias de Articulação entre Thanatos e Polis**. Lisboa: Instituto Superior Técnico. Dissertação.

CABRAL, Adelaide (2021) - **Reflexões sobre o papel da Arquitetura Paisagista no projeto de cemitérios: Programa de um Jardim para o Cemitério de Cabreiro,**

Arcos de Valdevez. Lisboa: Universidade de Lisboa. Instituto Superior D Agronomia. Dissertação.

Capilla de la Tierra / Cabrera Arqs (2020) [Em linha]. ArchDaily en Español. Disponível em WWW: < URL:<https://www.archdaily.cl/cl/948615/capilla-de-la-tierra-cabrera-arqs> >

CARTWRIGHT, Mark (2023) - **Peste Negra** [Em linha]. World History Encyclopedia. Disponível em WWW: < URL:<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-17097/peste-negra/> >

CATANESE, Charles (2016) - **Color Atlas of Forensic Medicine and Pathology**. New York: CRC Press.

Cemitério de Presov – Svaby / STOA Architekti (2021) [Em linha]. ArchDaily Brasil. Disponível em WWW: < URL:<https://www.archdaily.com.br/br/958079/cemiterio-de-presov-nil-svaby-stoa-architekti> >

CHAMPION, Timothy (2025) - The Metal Age. In Barzun, JACQUES [et al.] - **History of Europe** [Em linha]. Chicago: Encyclopedia Britannica. Disponível em WWW: < URL:<https://www.britannica.com/topic/history-of-Europe/The-Metal-Ages> >

CHRISTENSEN, Dorte; GOTVED, Stine (2015) - Online memorial culture: an introduction. In **New Review of Hypermedia and Multimedia** [Em linha]. ed. 1-2. Vol. 21. Taylor & Francis. pp. 1-9. Disponível em WWW: < URL:<https://doi.org/10.1080/13614568.2015.988455> >

Church of St. Wenceslas / Atelier Stepan (2017) [Em linha]. ArchDaily. Disponível em WWW: < URL:<https://www.archdaily.com/878637/church-of-st-wenceslas-atelier-stepan> >

COELHO, Jorge (2021) - Servilusa despede-se do logótipo antigo. In **Briefing Março de 2021** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.briefing.pt/noticias/servilusa-despede-se-do-logotipo-antigo/> >

COELHO, Luísa (2024) - **Enquadramento experiência, Oportunidades e Conclusões no Âmbito Funerário** [Documento Word].

Cólera (s/d) [Em linha]. World Health Organization (WHO). Disponível em WWW: < URL:<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/cholera> >

COMBINATO, Denise; QUEIROZ, Marcos (2006) - Morte: uma visão psicossocial. In **Estudos de Psicologia (Natal)** [Em linha]. Vol. 11, n.º 2. SciELO Brasil. pp. 209-216. Disponível em WWW: < URL:<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010> >

COREN, Michael (2023) - **Enterro, cremação de água ou compostagem humana? Até o funeral pode ser verde** [Em linha]. O PÚBLICO. Disponível em WWW: < URL:<https://www.publico.pt/2023/02/04/azul/noticia/enterro-cremacao-agua-compostagem-humana-ate-funeral-verde-2037151> >

CREMATION INK (s/d) - **Aquamação** [Em linha]. Cremation Ink. Disponível em WWW: < URL:<https://cremationink.com/pt/aquamation/> >

Cremation Ink (s/d) [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://cremationink.com/pt/> >

Crematorium Baumschulenweg / Shultes Frank Architekten (2020) [Em linha]. ArchDaily. Disponível em WWW: < URL:https://www.archdaily.com/322464/crematorium-baumschulenweg-shultes-frank-architekten?ad_source=search&ad_medium=projects_tab >

DAVIES, Douglas; MATES, Lewis (2005) - **Encyclopedia of Cremation**. Ashgate.

DIMAIO, Vincent; DIMAIO, Dominick (2001) - **Forensic Pathology** [Em linha]. 2.ª ed. CRC Press. Disponível em WWW: < URL:https://rlmc.edu.pk/themes/images/gallery/library/books/Forensic%20Medicine/Forensic_Pathology__Second_Edition.pdf >

DOUGHTY, Caitlin (2016) - **Confissões do Crematório: Lições para toda a vida**. Rio de Janeiro: DarkSide Books.

DOUGHTY, Caitlin (2019) - **Para toda a eternidade: conhecendo o mundo de mão dadas com a morte**. Rio de Janeiro: DarkSide Books.

Empresa pirotécnica lança fogo de artifício com cinzas de mortos (2019) [Em linha]. Impala news. Disponível em WWW: < URL:<https://www.impala.pt/noticias/fogo-de-artificio-de-cinza-de-mortos/> >

Endemia (s/d). In **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [Em linha]. Porto Editora. Disponível em WWW: < URL:<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/endemia> >

Epidemia (s/d). In **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [Em linha]. Porto Editora. Disponível em WWW: < URL:<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/epidemia> >

ESTEVES, Alexandra (2020) - As epidemias e a memória histórica. In MARTINS, Manuela; RODRIGUES, Eloy (2020) - **A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo I: Reflexões** [Em linha]. Universidade do Minho. pp. 147-172. Disponível em WWW: < URL:<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.23.9> >

Eternal Reefs are living legacies that help preserve the marine environment for future generations (s/d) [Em linha]. Eternal Reefs. Disponível em WWW: < URL:<https://www.eternalreefs.com/> >

Explicação do Processo Fúnebre: O Que Fazer Após a Morte de Um Ente Querido (s/d) [Em linha]. Lonité Portugal. Disponível em WWW: < URL:<https://www.lonite.pt/educacao/processo-funebre.html> >

Febre amarela (s/d). In **Doenças infecciosas** [Em linha]. SNS 24. Disponível em WWW: < URL:<https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/febre-amarela> >

FERREIRA, Rafaela; MIRANDA, Ana; QUEIROZ, Francisco (2022) - **Death and Funeral Practices in Portugal**. New York: Routledge.

FRANKL, Viktor (2012) - **O Homem em Busca de um Sentido**. Portugal: Lua de Papel.

GABRIEL, Sofia; PAULINO, Mauro; BAPTISTA, Telmo (2021) - **Luto: Manual de Intervenção Psicológica**. Lisboa: Pactor.

GALVÃO, Vinícios; MACIEL, Cristiano (2020) - Reflexões sobre a Imortalidade Digital em Contextos Educacionais. In **Black Mirror e Educação** [Em linha]. Vol. 4, n.º 7. Revista Communitas. pp. 59-78. Disponível em WWW: < URL:<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3192/2201> >

GARRIDO, Matilda (s/d) - **Personifying Death** [Em linha]. Remembering a Life blog. Disponível em WWW: < URL:<https://www.rememberingalife.com/blogs/blog/personifying-death> >

GIORDANI, Mário (1972) - **História da Antiguidade Oriental**. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

GOLDEN, Jonathan (2014) - **Dawn of the Metal Age: Technology and Society during the Levantine Chalcolithic**. New York: Routledge.

GOMES, Pedro (2022) - **Ensaio sobre Rituais Funerários e Morte na Mesopotâmia (Portuguese)** [Em linha]. Academia.edu. Disponível em WWW: < URL:https://www.academia.edu/106046536/Ensaio_sobre_Rituais_Funer%C3%A1rios_e_Morte_na_Mesopot%C3%A2mia_Portuguese_?email_work_card=view-paper >

GORER, Geoffrey (2023) - A pornografia da morte. In **Revista Diaphonia** [Em linha]. Vol. 9, n.º 3. Disponível em WWW: < URL:<https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/31685> >

HARARI, Yuval (2015) - **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores.

Harbour View Burial Ground and Crematorium / Western Design Architects (2019) [Em linha]. ArchDaily. Disponível em WWW: < URL:<https://www.archdaily.com/914087/harbour-view-burial-ground-and-crematorium-western-design-architects> >

HIV and AIDS (s/d) [Em linha]. World Health Organization (WHO). Disponível em WWW: < URL:<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hiv-aids> >

In Memorium (s/d) [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.inmemorium.pt/> >

KASTENBAUM, Robert; MOREMAN, Christopher (2018) - **Death, Society, and Human Experience**. 12th ed. New York: Routledge.

KASTENBAUM, Robert (2000) - **The Psychology of Death**. 3rd ed. New York: Springer Publishing Company.

KOVÁCS, Maria (1992) - **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

KOVÁCS, Maria (2003) - **Educação para a morte: Temas e Reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

KROLL, Andrew (2016) - **Clássicos da Arquitetura: Igreja da Luz / Tadao Ando** [Em linha]. ArchDaily Brasil. Disponível em WWW: <

URL:<https://www.archdaily.com.br/br/793152/classicos-da-arquitetura-igreja-da-luz-tadao-ando> >

KÜBLER-ROSS, Elisabeth (1996) - **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. São Paulo: Martins Fontes.

LEHNER, Mark (1997) - **The Complete Pyramids**. Londres : Thames & Hudson.

LEROI-GOURHAN, André (1986) - The Religion of the Caves: Magic or Metaphysics?. In **October** [Em linha]. Vol. 37 (Summer, 1986). The MIT Press. pp. 6-17. Disponível em WWW: < URL:<https://doi.org/10.2307/778514> >

LEROI-GOURHAN, André; GONÇALVES, Victor; FERRO, Maria (1989) - **As religiões da Pré-História: Paleolítico**. Lisboa: Edições 70.

LIMA, Cristina (2005) - **Morte: do conceito ao diagnóstico de morte: controvérsias e dilemas éticos** [Em linha]. Vol. 12, n.º 1. Lisboa: Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. pp. 6-10. Disponível em WWW: < URL:<https://revista.spmi.pt/index.php/rpmi/article/view/1668> >

Loop (s/d) [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://loop-biotech.com/> >

LOPES, Laura (2015) - **Hiroshima e Nagasaki, Crimes contra a humanidade** [Em linha]. Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC). Disponível em WWW: < URL:<https://www.cppc.pt/opiniao/1022-hiroshima-e-nagasaki-crimes-contra-a-humanidade> >

Luz Cemetery / Pedro Pacheco + Marie Clément (2009) [Em linha]. ArchDaily. Disponível em WWW: < URL:https://www.archdaily.com/31905/luz-cemetery-pedro-pacheco-marie-clement?ad_source=search&ad_medium=projects_tab >

Malária (s/d) [Em linha]. World Health Organization (WHO). Disponível em WWW: < URL:<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/malaria> >

Malária Doenças infecciosas (s/d) [Em linha]. Serviço Nacional de Saúde (SNS 24). Disponível em WWW: < URL:<https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/malaria/> >

MELO, Ana (2016) - A morte como produto e objeto do desejo: uma abordagem publicitária. In MARTINS, Moisés [et. al.] (2016) - **Figurações da morte nos média e**

na cultura: entre o estranho e o familiar. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). pp. 247-264.

Memorial Stones (s/d) [Em linha]. Engraved Stones Direct. Disponível em WWW: < URL:<https://engravedstonesdirect.com/celebration-of-life-memorials> >

MENDES, Rita (2018) - **Viver da Morte: a indústria funerária em Portugal.** Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

MIRANDA, Ângela (2020) - **Depois do Adeus: Análise Comparativa dos Costumes Fúnebres e do Simbolismo da Morte na China e em Portugal.** Braga: Universidade do Minho. Dissertação.

MONIZ, Paulo (2021) - Servilusa despede-se do logótipo antigo. In **Briefing Março de 2021** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.briefing.pt/noticias/servilusa-despede-se-do-logotipo-antigo/> >

MOREIRA, Inês (2022) - **Cremação: Ritual, Lugar, Arquitetura. Uma reflexão sobre o «equipamento que ninguém sabe o que é»** [Em linha]. FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Disponível em WWW: < URL:https://sigarra.up.pt/fbaup/en/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=570127 >

MORTON, Lisa (2012) - **Trick or treat: a history of Halloween.** London: Reaktion books.

Municipal Funeral Hall in Kakamigahara (s/d) [Em linha]. Architectuul. Disponível em WWW: < URL:<https://architectuul.com/architecture/municipal-funeral-hall-in-kakamigahara> >

NAIA, Maria (2014) - **Determinação do Intervalo *Postmortem* através do decréscimo de citrato de DNA em ossos: Influência das condições tropicais** [Em linha]. Universidade do Porto. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Dissertação. Disponível em WWW: < URL:<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77705/2/33761.pdf> >

OSSWALD, Walter (2013) - **Sobre a Morte e o Morrer.** Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Pandemia (s/d) [Em linha]. In **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa**. Porto Editora. Disponível em WWW: < URL:<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pandemia> >

PARKES, Colin ; YOUNG, Bill ; LAUNGANI, Pitto (2003) - **Morte e Luto Através das Culturas**. Lisboa: Climepsi Editores.

PASTOUREAU, Michel (2014) - **Preto: História de uma cor**. Orpheu Negro.

PIGEAUD, Romain (2017) - **L'Homme préhistorique et la Mort** [Em linha]. Vol. 16. France: Comptes Rendus Palevol. pp. 167-174. Disponível em WWW: < URL:<https://doi.org/10.1016/j.crpv.2015.12.004> >

PLATÃO (1980) - **Diálogos: Apologia de Sócrates - Critão - Menão - Hípias Maior e outros**. Vol. I-II. Universidade Federal do Pará.

PORTUGAL. Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento (2010) - Decreto-Lei n.º 109/2010, de 14 de outubro. In **Diário da República, 1.ª série — N.º 200 — 14 de outubro de 2010** [Em linha]. Diário da República. pp. 4516-4523. Disponível em WWW: < URL:<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/109-2010-307671> >

PORTUGAL. Ministério Público (1998) - **Decreto-Lei n.º 411/98, de 30 de dezembro: Inumação e Translação de cadáveres** [Em linha]. Portugal: Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. Disponível em WWW: < URL:https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=246&tabela=leis&so_miolo= >

Produção de diamantes a partir de cinzas humanas (s/d) [Em linha]. Lonité Portugal. Disponível em WWW: < URL:<https://www.lonite.pt/pt/cinzas-de-cremacao-em-diamantes.html> >

PRZYBYLSKI, Andrew; WEINSTEIN, Netta (2019) - **Violent video game engagement is not associated with adolescents' aggressive behaviour: evidence from a registered report** [Em linha]. Vol. 6. Royal Society Open Science. Disponível em WWW: < URL:<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.171474> >

REZENDE, Joffre (2009) - **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. Vol. 2. São Paulo: Editora Unifesp.

RIBEIRO, Fernando (2021) - **A morte como tema sociológico: Um olhar sobre os fundamentos e a importância do estudo da morte como tema sociológico**. n.º 9. Portugal: Universidade de Évora. pp. 41-52.

RIBEIRO, Johanna (2020) - **A importância das Cores na Comunicação Publicitária** [Em linha]. Universidade Europeia. Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação. Dissertação. Disponível em WWW: < URL:<http://hdl.handle.net/10400.26/35304> >

ROSA, Gustavo (2024) - **Meu Luto escrito: um estudo sobre morte, monstros e o limiar da existência** [Em linha]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Dissertação. Disponível em WWW: < URL:<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/278707/001209316.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >

ROUX, Jessica (2020) - **Floriography: An Illustrated Guide to the Victorian Language of Flowers**. Andrews McMeel Publishing.

San Matheus (s/d) [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://www.funerariasanmatheus.com/> >

SANTOS, João (2012) - **Escolhas éticas e violência em videojogos** [Em linha]. Universidade Beira Interior. Dissertação. Disponível em WWW: < URL:<http://hdl.handle.net/10400.6/12109> >

Santo Stefano Cemetery in Italy / Aldo Amoretti + Marco Calvi + Giancarlo Ranalli (2009) [Em linha]. ArchDaily. Disponível em WWW: < URL:https://www.archdaily.com/17410/santo-stefano-cemetery-in-italy-amoretti-calvi-ranalli?ad_source=search&ad_medium=projects_tab >

SAUKKO, Pekka; KNIGHT, Bernard (2004) - **Knight's Forensic Pathology** [Em linha]. London: Hodder Education Publishers. Disponível em WWW: < URL:<https://milonm28.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/forensic-pathology-by-bernard-knight.pdf> >

SILVA, Ana (2015) - Acidentes, adoecimento e morte no trabalho como tema de estudo da História. In OLIVEIRA, Tiago org. (2015) - **Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba** [Em linha]. Campina Grande: EDUEPB. pp. 215-240. Disponível em WWW: < URL:<https://books.scielo.org/id/xvx85/pdf/oliveira-9788578793333-09.pdf> >

SÎRBU, Valeriu; SCHUSTER, Cristian. eds. (2012) - **Tumuli Graves – Status Symbol of the Dead in the Bronze and Iron Ages in Europe**. Oxford: BAR Publishing.

SISTO, Davide (2023) - **Fantasmas Digitais: Imortalidade, memória e luto na era das redes sociais**. Lisboa: Livros Zigurate.

SMIRNOV, Yuri (1989) - **Intentional Human Burial: Middle Paleolithic (Last Glaciation) Beginnings**. Vol. 3, n.º 2. Journal of World Prehistory. pp. 199-233.

SOARES, Ana (2020) - **As Cores do Luto** [Em linha]. Lisboa: Universidade Europeia. Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação. Dissertação. Disponível em WWW: < URL:<http://hdl.handle.net/10400.26/35142> >

SONTAG, Susan (2003) - **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras.

SOUSA, Vanessa (2024) - **Morte, Imagem e Representação Artística: Uma Introdução ao Debate** [Em linha]. Vol. 14, n.º 2. Revista Valise. pp. 69-85. Disponível em WWW: < URL:<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/139983/94181> >

SOUZA, Camila; SILVA, Maria org. (2020) - **Morte e Vida na Grécia Antiga: Olhares interdisciplinares**. Teresina: EDUFPI.

Surto de Ébola 2014-2016: África Ocidental (s/d) [Em linha]. World Health Organization (WHO). Disponível em WWW: < URL:<https://www.who.int/emergencies/situations/ebola-outbreak-2014-2016-West-Africa> >

SVEIVEN, Megan (2010) - **Architecture Classics: San Cataldo Cemetery / Aldo Rossi** [Em linha]. ArchDaily. Disponível em WWW: < URL:<https://www.archdaily.com/95400/ad-classics-san-cataldo-cemetery-aldo-rossi> >

TORRES, Marta (2021) - **A revolução do Neolítico, a economia de produção e a sedentarização** [Em linha]. RTP Ensina. Disponível em WWW: < URL:<https://ensina.rtp.pt/explicador/a-revolucao-do-neolitico-a-economia-de-producao-e-a-sedentarizacao-h4/> >

TORRES, Marta (2021a) - **O Paleolítico e a relação da economia recoletora com o nomadismo** [Em linha]. RTP Ensina. Disponível em WWW: <

URL:<https://ensina.rtp.pt/explicador/o-paleolitico-e-a-relacao-da-economia-recoletora-com-o-nomadismo-h3/> >

TURKLE, Sherry (2021) - **Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other**. New York: Basic Books.

VINCZEOVÁ, Barbora (2020) - **Death Has a Name: The Personification of Death in British Fantastic Fiction** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:<https://absa.upce.cz/index.php/absa/article/view/2341/2071> >

YANG, Allie (2024) - **Descanse em... compostagem? Estes funerais "verdes" proporcionam um pós-morte mais ecológico** [Em linha]. National Geographic Portugal. Disponível em WWW: < URL:https://www.nationalgeographic.pt/ciencia/descanse-em-compostagem-estes-funerais-verdes-proporcionam-um-pos-morte-mais-ecologico_3631 >

WAGONER, Brady; BRESCÓ, Ignacio (2021) - Collective grief: Mourning rituals, politics and memorial sites. In KOSTER, Allan; KOFOD, Ester eds. (2021) - **Cultural, Existential and Phenomenological Dimensions of Grief Experience** [Em linha]. Cap. 13. London: Routledge. pp. 197-213. Disponível em WWW: < URL:https://www.researchgate.net/publication/357909248_Collective_grief_Mourning_rituals_politics_and_memorial_sites >

WAVERLEY CEMETERIES (s/d) - **Ash Memorials** [Em linha]. Disponível em WWW: < URL:https://www.waverley.nsw.gov.au/cemeteries/cemetery_services/ash_memorials >

WHO COVID-19 DASHBOARD (s/d) - **COVID-19 vaccination, World data** [Em linha]. World Health Organization (WHO). Disponível em WWW: < URL:<https://data.who.int/dashboards/covid19/vaccines?n=c> >

WHO COVID-19 DASHBOARD (s/d a) - **Number of COVID-19 deaths reported to WHO** [Em linha]. World Health Organization (WHO). Disponível em WWW: < URL:<https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths?n=c> >

WOLFELT, Alan (2024) - **Funeral Home Customer Service A-Z: Creating Exceptional Experiences for Today's Families**. USA: Companion Press.

WORDEN, James (2013) - **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental**. São Paulo: Roca.

WORPOLE, Ken (2003) - **Last Landscapes: The Architecture of the Cemetery in the West**. London: Reaktion Books.

ANEXOS

Anexo 1 - **Manual de Normas**

Anexo 2 - **Desenhos Técnicos**

Anexo 1 - **Manual de Normas**

Logotipo	03
Outras Versões	05
Margem de Segurança	06
Dimensões Mínimas	07
Tipografia	09
Cor Corporativa	10
Versão em Relevo (Emboss)	11
Versões Monocromáticas	
(Valor tonal e alto contraste)	12
Aplicações sobre Fundos de Cor	14
Aplicações sobre Fundos Fotográficos	15
Aplicações	16
Cartão de Visita	17
Envelope CTT	18
Mockup Cartão e Envelope CTT	19

Papel de carta	20
Envelope e Nota de Pesar	21
Carimbos	22
Adesivos e Merchandising	24
Artigos de Papelaria	25
Uniformes	27
Fitas de Identificação	32
Proteção Individual	33
Elementos de Abrigo	34
Veículos	35
Kit de Homenagem	38
Produtos de Serviço Funerário	39
Sinalização	42
Fachada	45



A "AETERNA" foi a denominação criada para a nossa marca de serviços funerários que se considera inovadora e que se materializa pelo desenvolvimento de um complexo funerário ecuménico, projetado para acolher visitantes e respetivos animais de estimação. A imagem tem por objetivo principal desmistificar a morte, promovendo uma abordagem mais humanizada e acolhedora, em sintonia com o conceito de universalidade do ciclo da vida, respeitando as diversas crenças e culturas que coexistem na sociedade contemporânea.



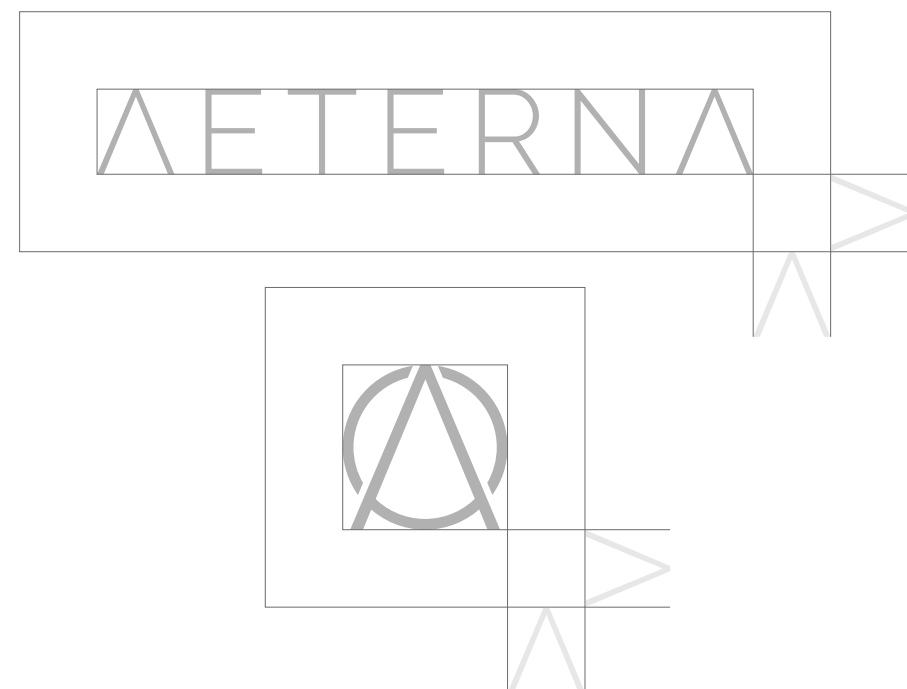
A designação deriva do latim, significando "eterna". A escolha desta denominação reflete a ideia de continuidade e legado após a vida, enfatizando a importância de preservar memórias e de honrar os que partiram. Se a vida é finita a memória é eterna. O latim foi escolhido por ser uma língua clássica que está na raiz de várias línguas podendo também transmitir solenidade e intemporalidade, qualidades fundamentais da nossa proposta ecuménica. O slogan, pode traduzir-se para "Passos Depois da Vida" e complementa a designação principal "AETERNA". Evoca a ideia de que a nossa empresa representa um caminho para que os enlutados possam prosseguir o seu caminho em frente, apesar da dor. O slogan em latim proporciona coesão e reforça o carácter atemporal e universal da sua identidade corporativa.

AETERNA

DESIGNAÇÃO



REDUÇÃO DO LOGOTIPO EM SIMBOLO



AETERNA
VESTIGIA POST VITAM

AETERNA
VESTIGIA POST VITAM



5 CM

AETERNA

AETERNA



2 CM



0.5 CM

designação

AETERNA

VESTIGIA POST VITAM

slogan

A fonte escolhida "Raleway" procura transmitir leveza através da predominância linear regular. Deste modo, transmite-se serenidade, respeito e profissionalismo, sendo os valores essenciais nos quais um serviço funerário deve rever-se.

Executou-se uma ligeira alteração na tipografia original conferindo exclusividade visual. A remoção da barra horizontal da letra "A" representa a ideia de ausência e de perda.

Tipografia designação e slogan

Raleway Light

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

1234567890

AETERNA
VESTIGIA POST VITAM

A versão cinza do logotipo simboliza neutralidade, elegância e harmonia. Os tons suaves garantem um apelo visual que transmite calma e introspeção.





A monocromia a cinza foi selecionada como valor predominante do logotipo, tendo sido desenvolvidas em duas versões.

A versão em relevo através de cunho foi desenvolvida para aplicações que requerem refinamento, como estacionário premium. Neste conceito exploram-se os limites da leveza, depuração e transcendência visuais em sintonia com os valores do projeto.

ΛETERNA
VESTIGIA POST VITAM

ΛETERNA
VESTIGIA POST VITAM



VERSÃO MONOCROMÁTICA
(ALTO CONTRASTE)

VERSÃO MONOCROMÁTICA
(VALOR TONAL)

A versão monocromática em alto contraste, é sobre a aplicação do Logotipo em fundos de cor.

A versão monocromática com valor tonal, é caso seja necessário a impressão do Logotipo.



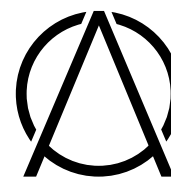
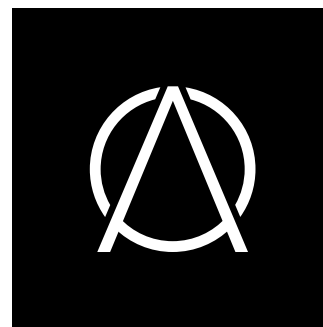
ΛETERNA

ΛETERNA



VERSÃO MONOCROMÁTICA
(ALTO CONTRASTE)

VERSÃO MONOCROMÁTICA
(VALOR TONAL)



VERSÃO MONOCROMÁTICA
(ALTO CONTRASTE)



VERSÃO MONOCROMÁTICA
(VALOR TONAL)



Sobre fundos de cor, deve utilizar-se somente a versão monocromática (alto contraste) do logotipo, de forma a oferecer uma boa leitura e um bom contraste.

Estes são alguns exemplos de fundos, inspirados na natureza, existindo assim a possibilidade de aplicar o logotipo sobre fundos de outras cores.



O Logotipo sobre fundos fotográficos, com a cor corporativa, só poderá ser utilizado caso se verifique legibilidade total, preferencialmente em fundo branco, caso a perca, opta-se por aplicar um fundo cinza a 75% com 50% de opacidade com as medidas da margem de segurança ou as versões monocromáticas de alto contraste.

APLICAÇÕES

NOTA

O logotipo poderá ser aplicado em todas as suas versões, incluindo a versão em relevo (emboss).



CARTÃO PARA CLIENTES FRENTE E VERSO



CARTÃO DA DIRETORA E FUNDADORA FRENTE E VERSO



FRENTE



VERSO



CARTÃO DE VISITA



ENVELOPE CTT

REGRAS BÁSICAS DE UTILIZAÇÃO DO LOGOTIPO



APLICAÇÕES papel de carta

20





ENVELOPE PARA NOTA DE PESAR FRENTE E VERSO



NOTA DE PESAR FRENTE E VERSO



CARIMBO LOGOTIPO



CARIMBO SIMBOLO



CARIMBO CERA SIMBOLO



CARIMBO LOGOTIPO EM RELEVO (EMBOSS)



ADESIVOS



PENS



PASTA DE DOCUMENTAÇÃO



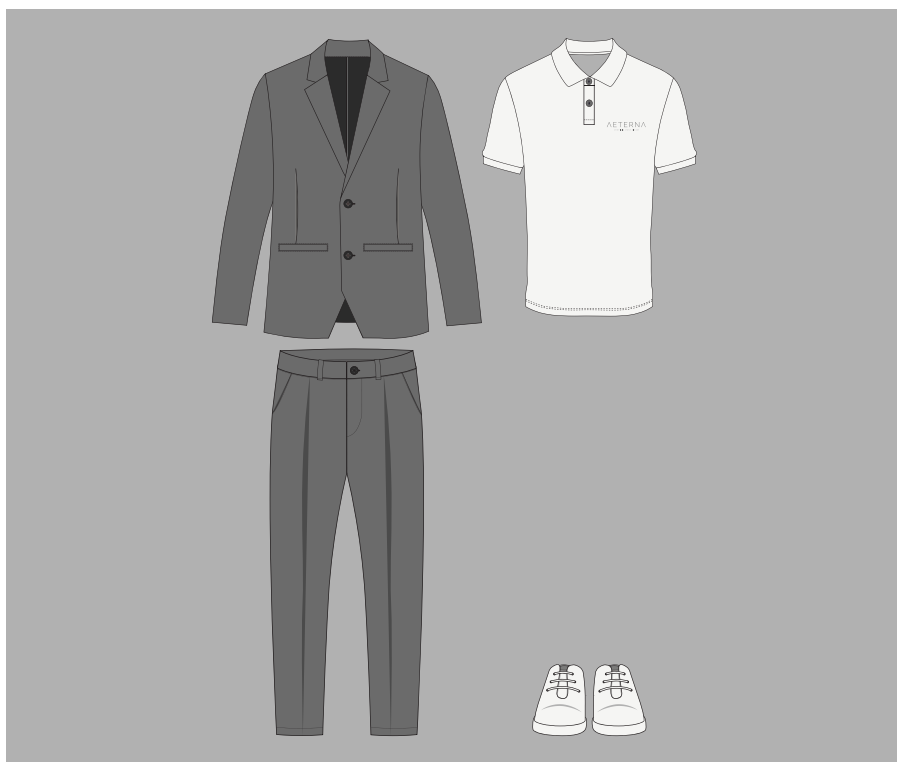
PASTA DE ARQUIVOS



CANETAS



AGENDA



UNIFORME AGENTES FUNERÁRIOS



UNIFORME FUNCIONÁRIOS AGASALHO



UNIFORME FUNCIONÁRIOS



UNIFORME FUNCIONÁRIOS



BONÉ FUNCIONÁRIOS



FARDA CREMATÓRIO



FARDA TANATOPRAXIA



TOUCA TANATOPRAXIA



AVENTAL JARDINEIRO



AVENTAL FLORISTA





MÁSCARA PROTEÇÃO INDIVIDUAL



DESINFETANTE



GUARDA-CHUVA



COBERTURA EXTERIOR



VEICULO AGENTE FUNERÁRIO



VEICULO FUNERÁRIO



VEICULO TRANSPORTE MERCADORIA



VEÍCULOS ELÉTRICOS FUNERÁRIOS PARA FUNCIONÁRIOS, VISITANTES E CARGA



CAIXA PARA ALBÚM DE FOTOGRAFIAS



SACO



SACO PARA CINZAS



CAIXA PARA LENÇOS



RESERVATÓRIO DE ÁGUA



MÁQUINA DE CAFÉ



COPOS DE CARTÃO



RECIPIENTES DE CHÁ E AÇÚCAR



SINALIZAÇÃO SECÇÕES INTERIORES



SINALIZAÇÃO IDENTIFICAÇÃO FALECIDO



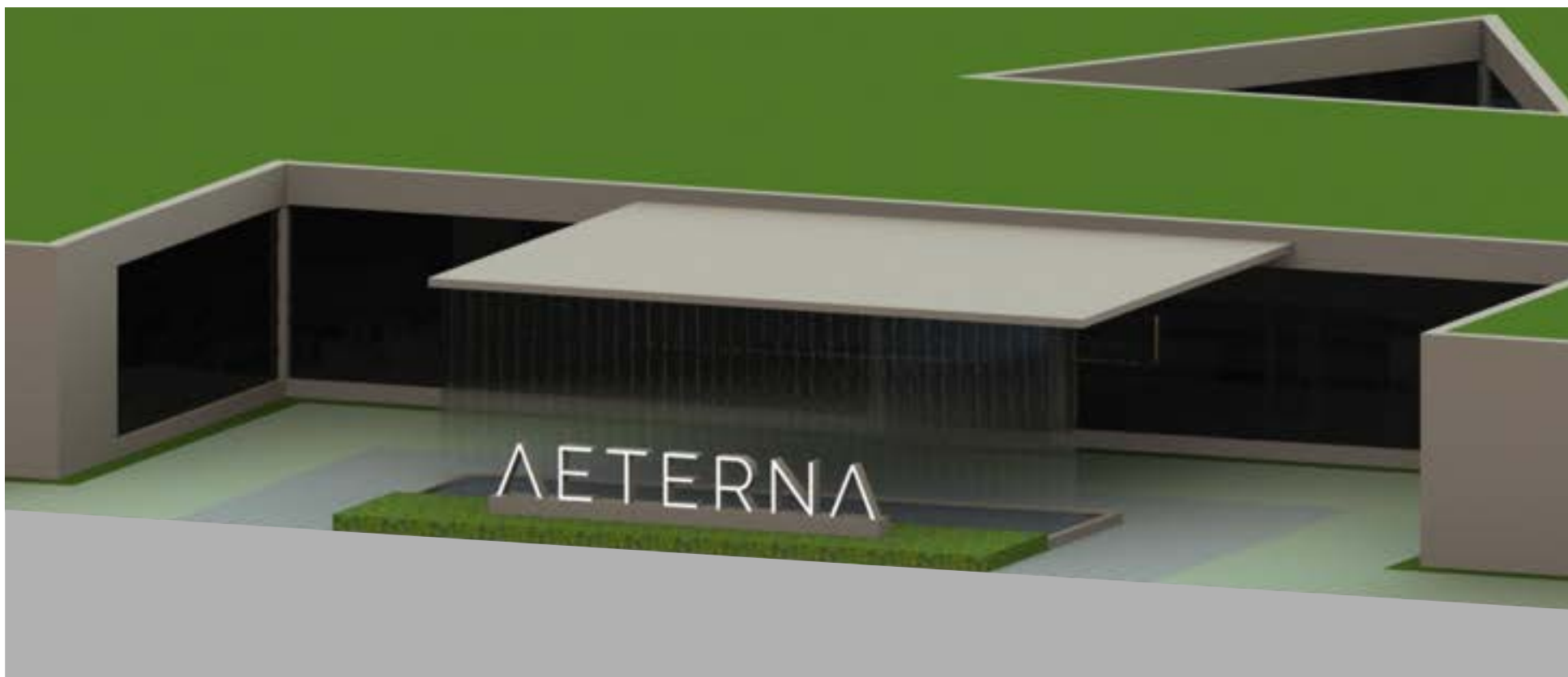
SINALIZAÇÃO DUPLA DIREÇÃO INTERIOR

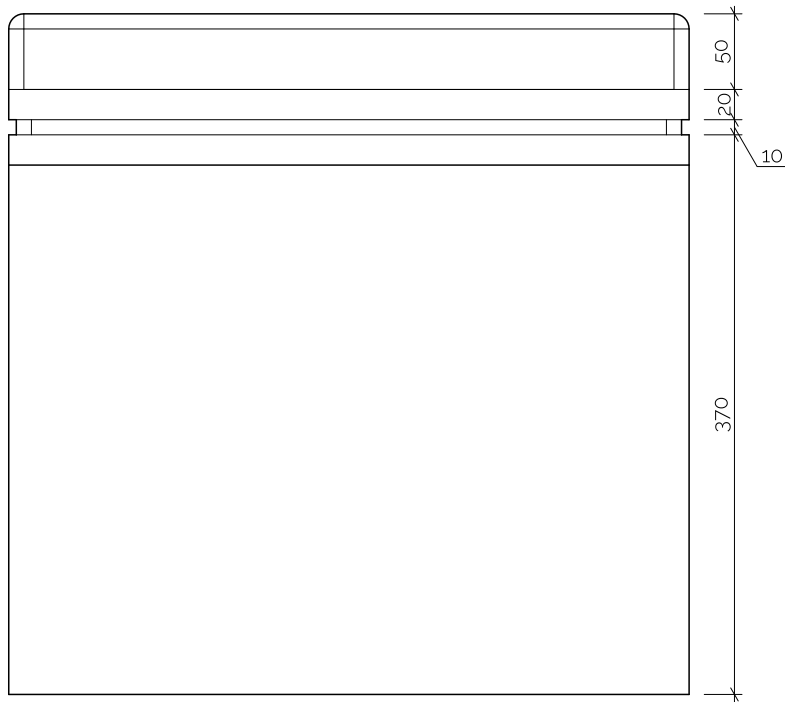
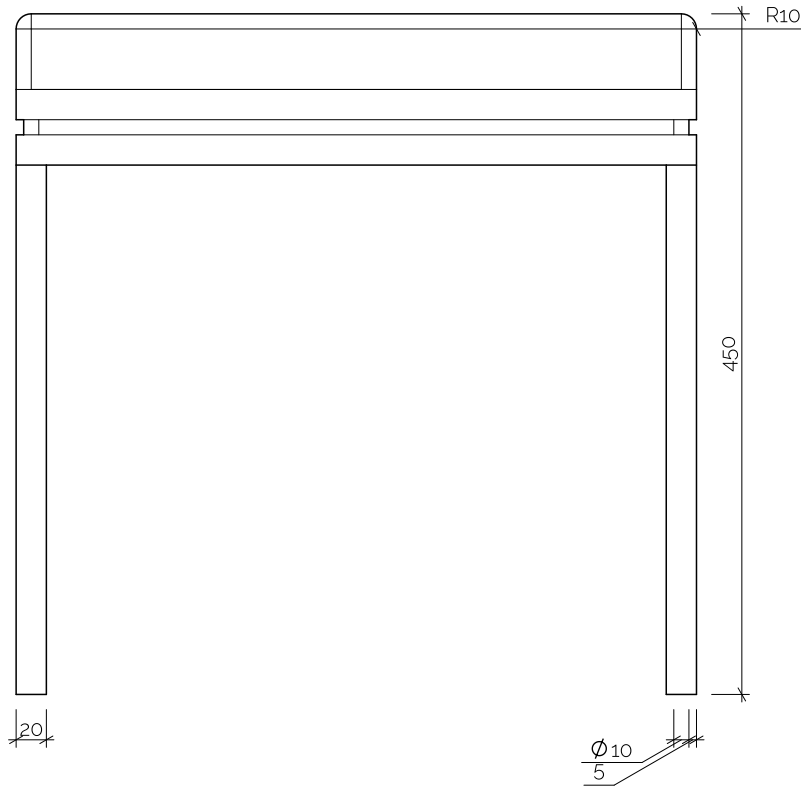
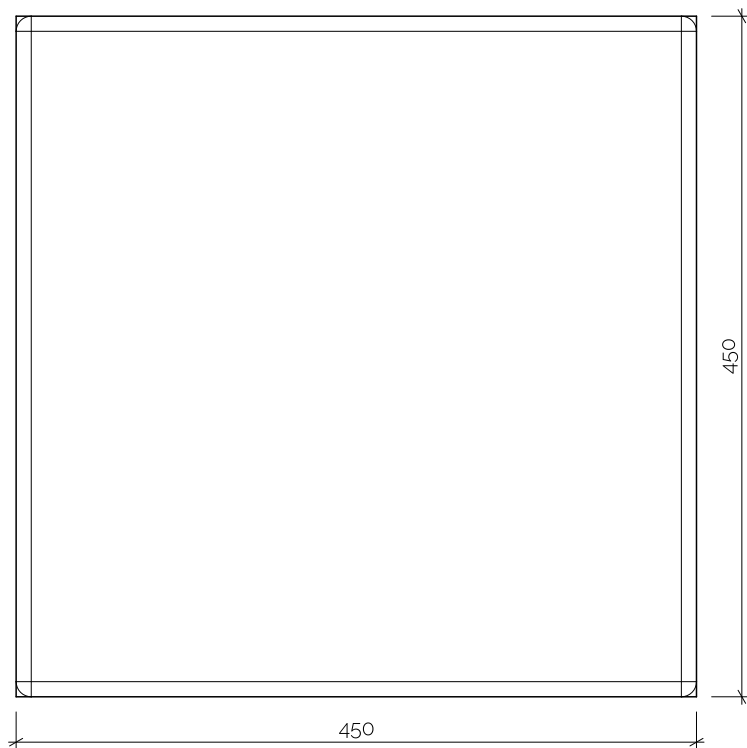
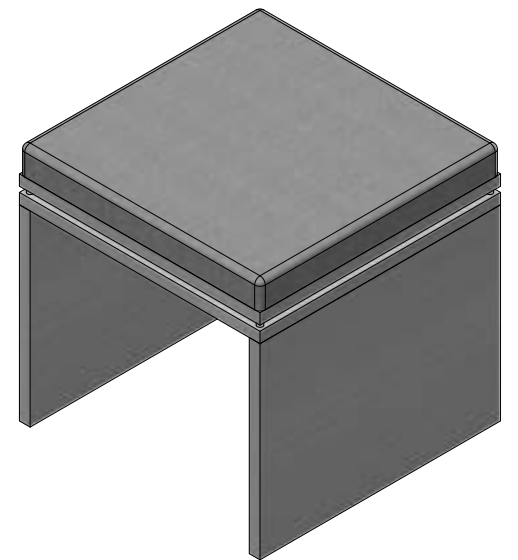


SINALIZAÇÃO SINGULAR DIREÇÃO INTERIOR



SINALIZAÇÃO EXTERIOR DO COMPLEXO





MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E ESTOFAMENTO TECIDO DE LINHO E AÇO INOXIDÁVEL

UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)

ESCALA: 1:5

FLÁVIA CALADO

DESENHO:

Banco de Interior
sem Encosto - Vistas

PROJETO:

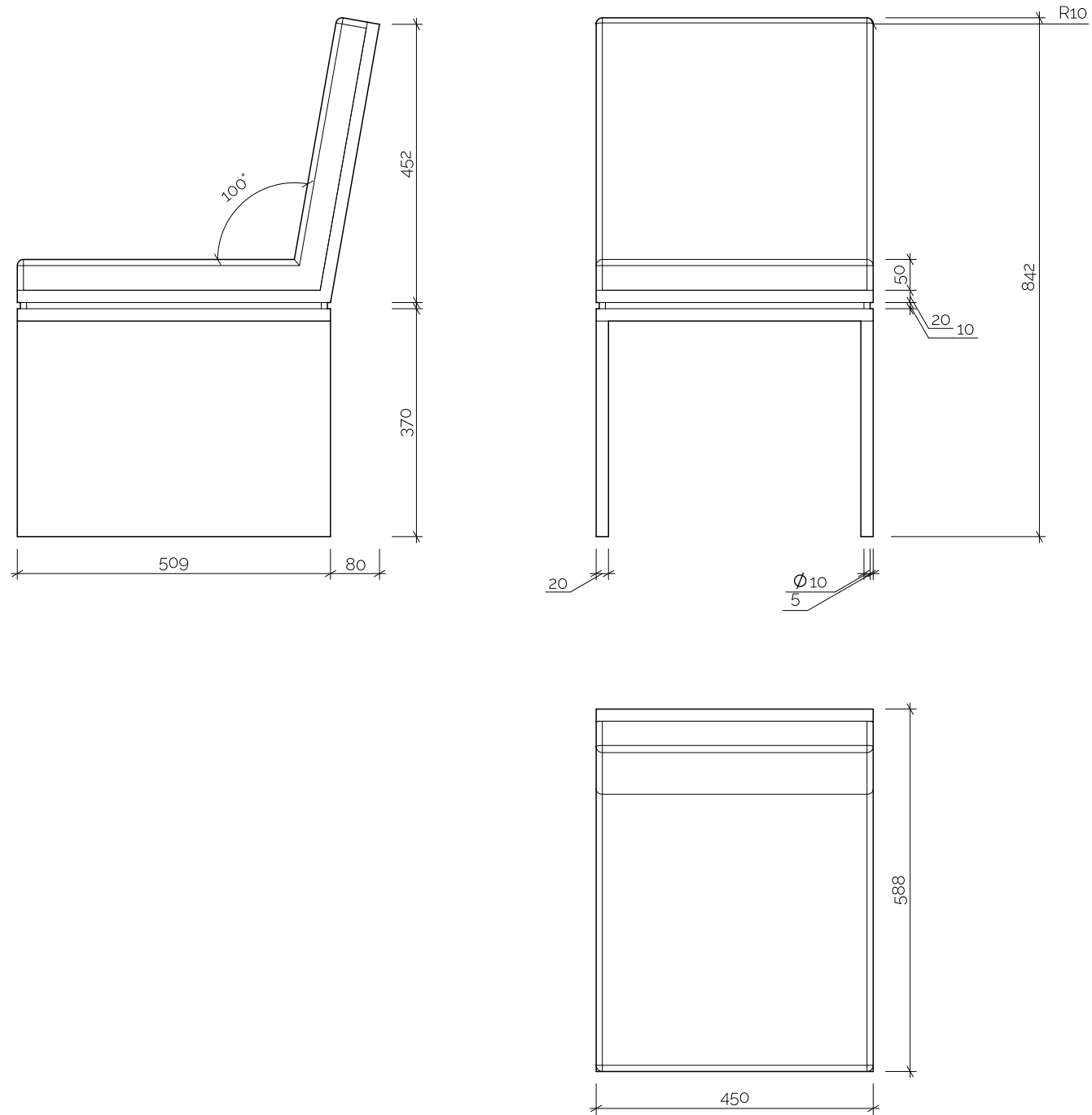
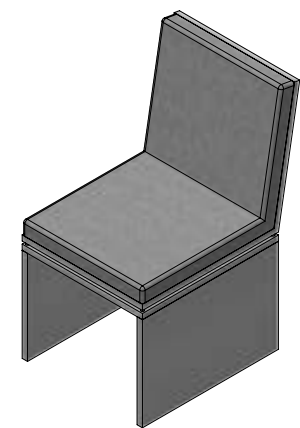
Projeto Aeterna: um contributo do design
para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)

1

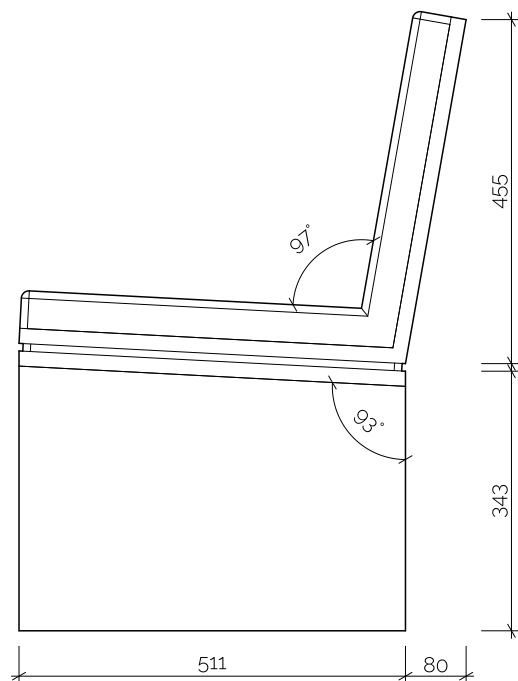
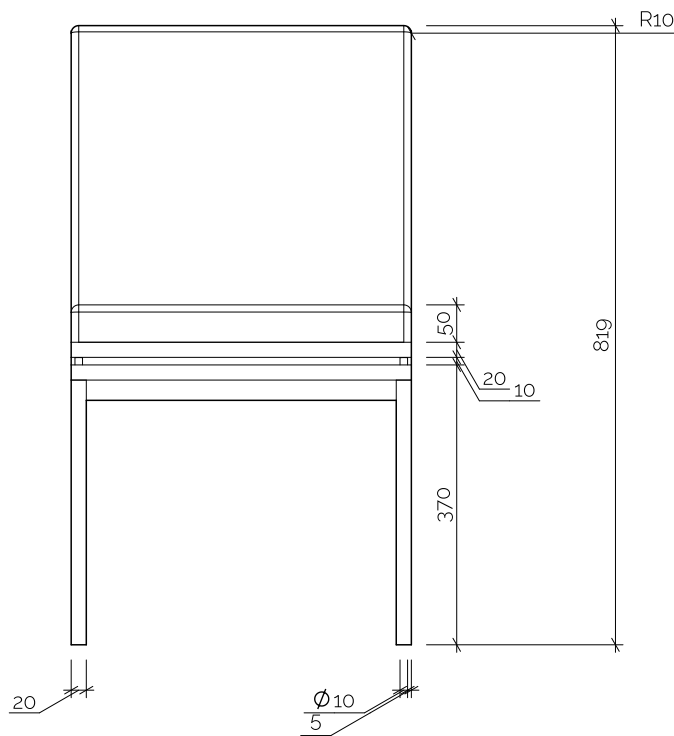
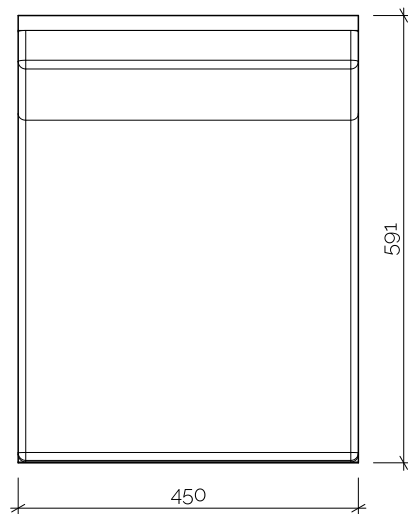
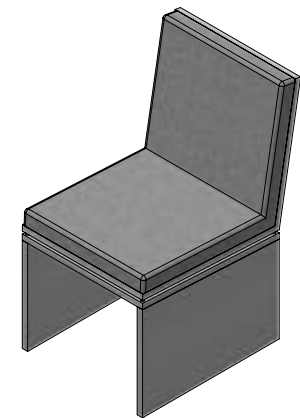
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)

QUANTIDADE: 1

PÁGINA 1 DE 22



MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E ESTOFAMENTO TECIDO DE LINHO E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Assento de Interior com Encosto Inclinado - Vistas		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		2
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 2 DE 22



MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E ESTOFAMENTO TECIDO DE LINHO E AÇO INOXIDÁVEL

UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)

ESCALA: 1:10

FLÁVIA CALADO

DESENHO: Assento de Interior com Base e Encosto Inclinado - Vistas

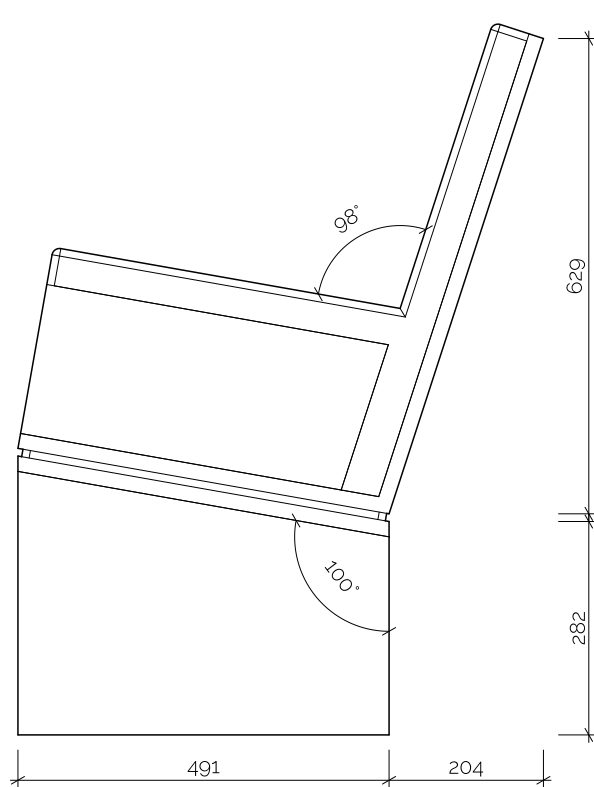
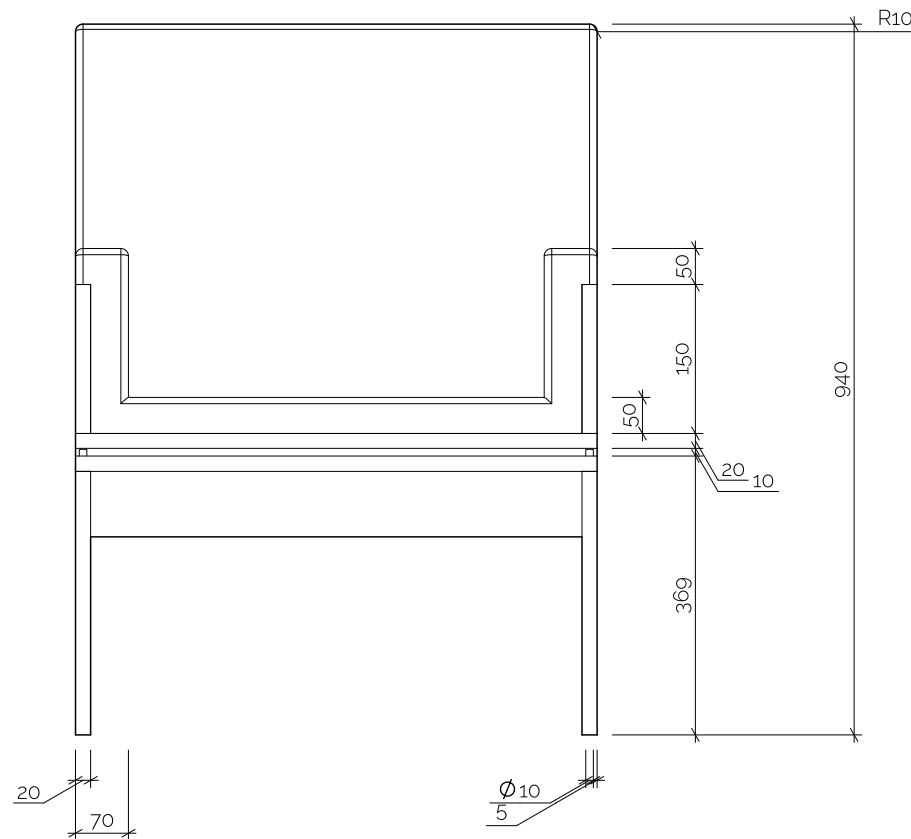
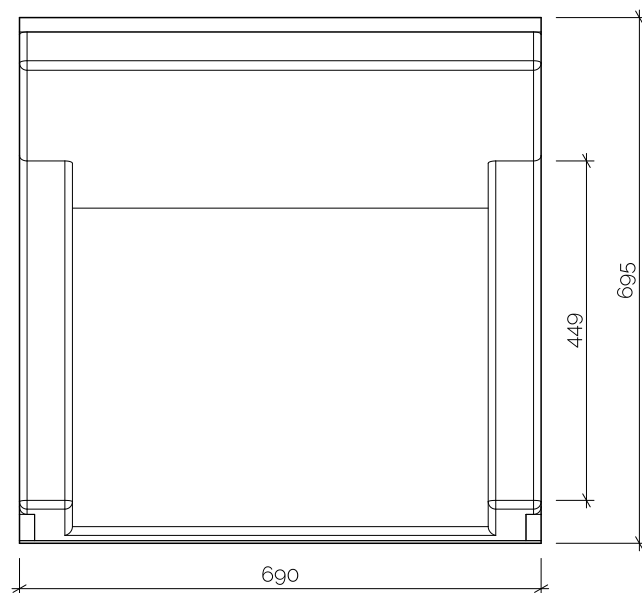
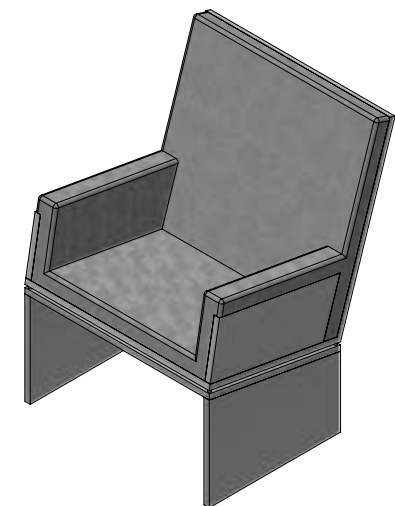
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)

3

DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)

QUANTIDADE: 1

PÁGINA 3 DE 22



MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E ESTOFAMENTO TECIDO DE LINHO E AÇO INOXIDÁVEL

UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)

ESCALA: 1:10

FLÁVIA CALADO

DESENHO: Assento de Interior com Apoio para Membros Superiores - Vistas

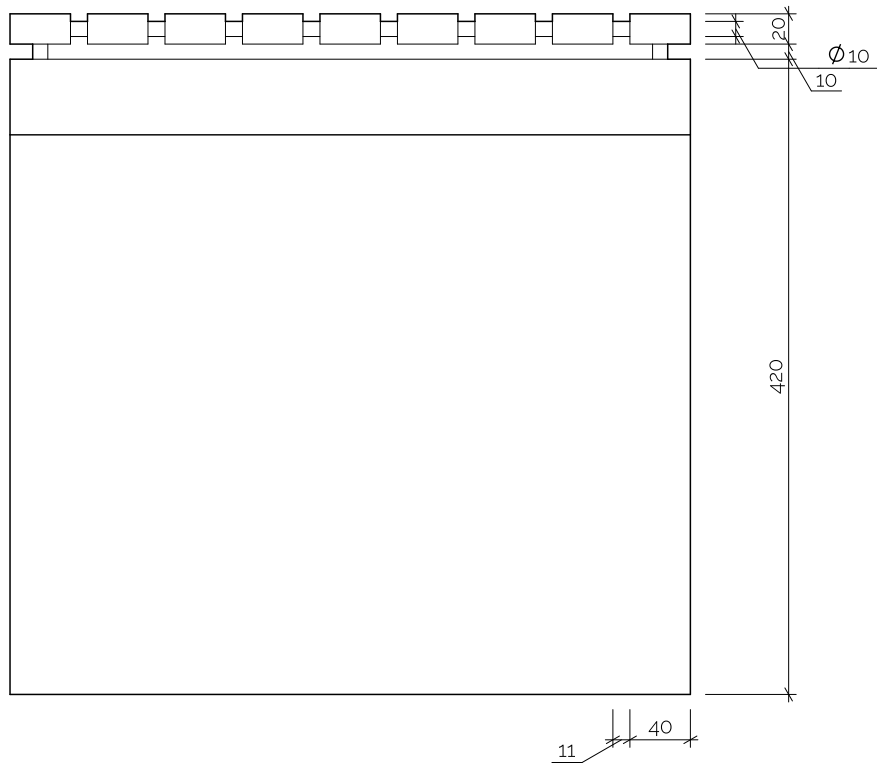
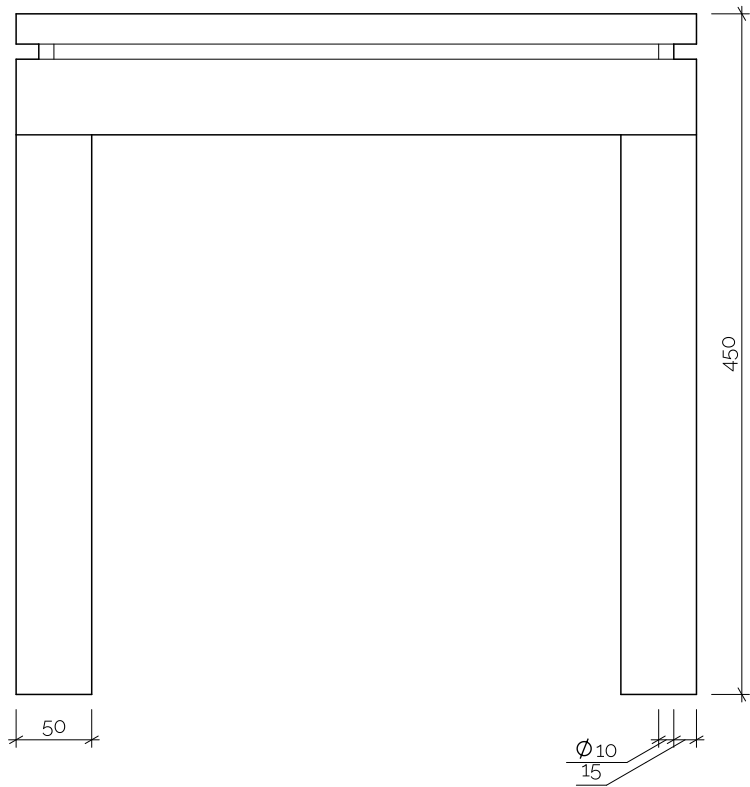
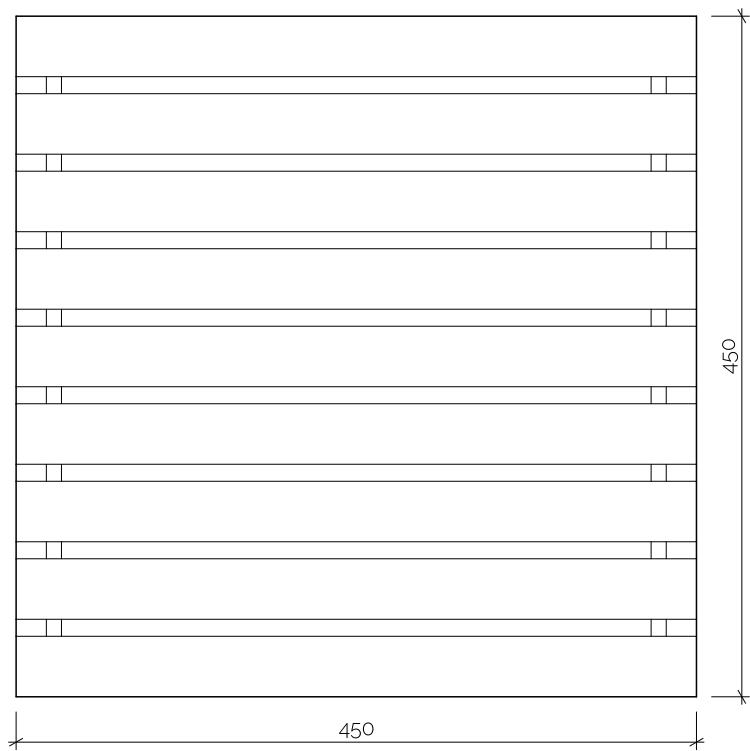
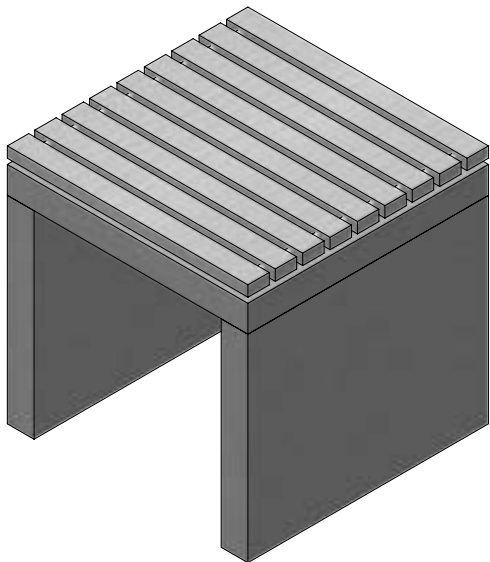
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)

4

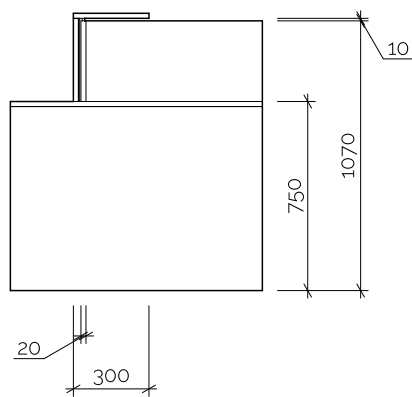
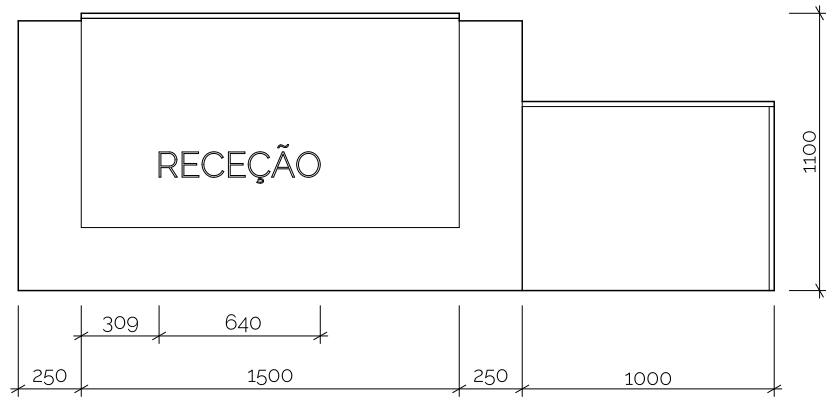
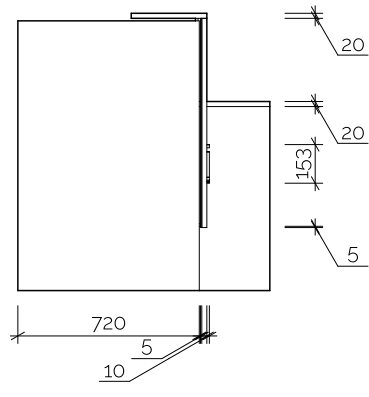
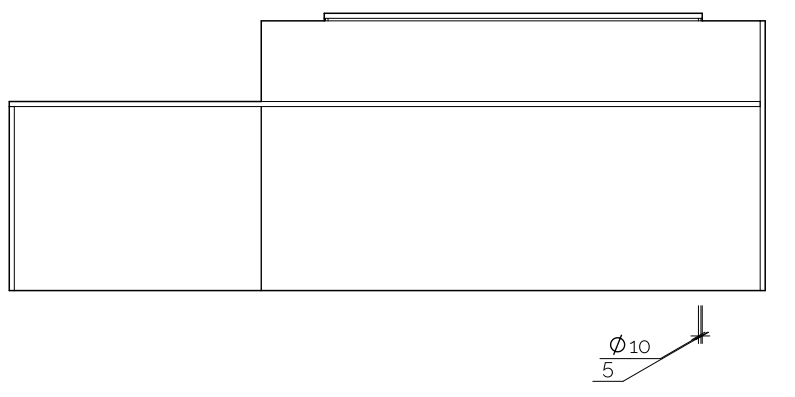
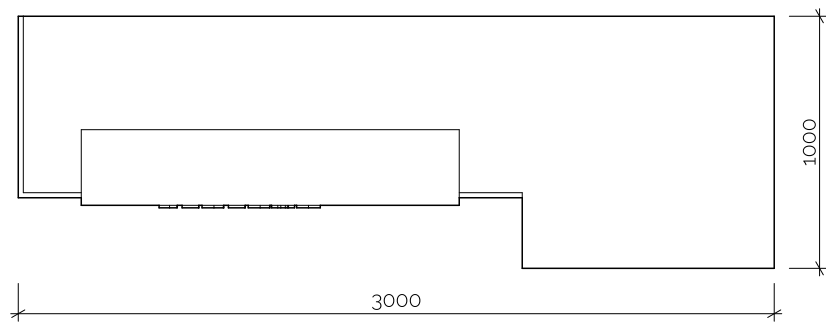
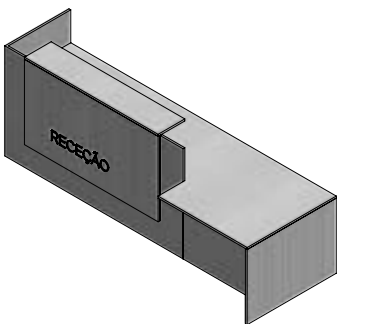
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)

QUANTIDADE: 1

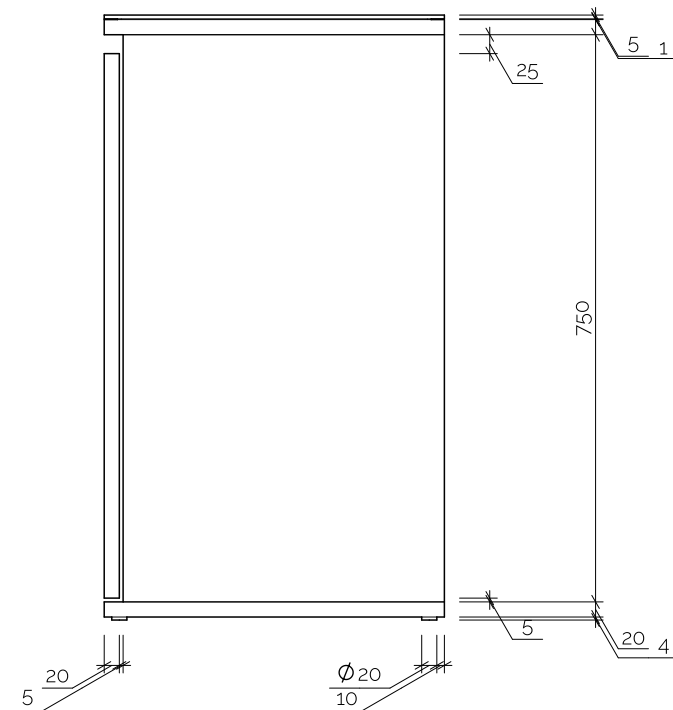
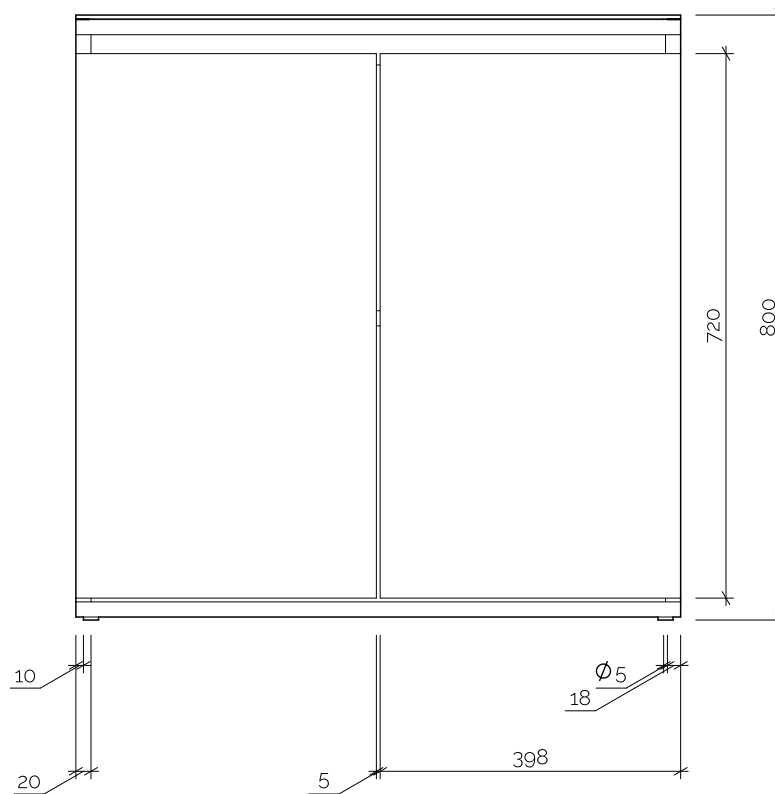
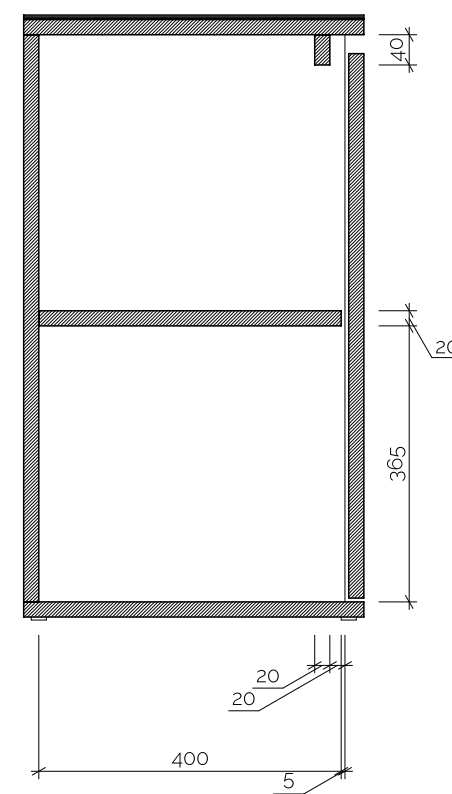
PÁGINA 4 DE 22



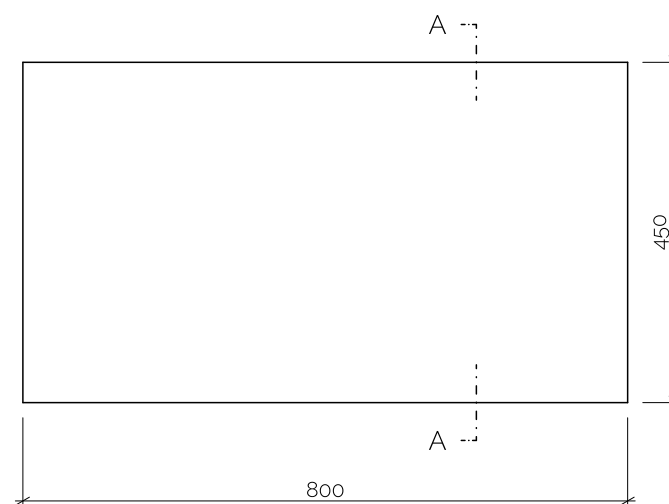
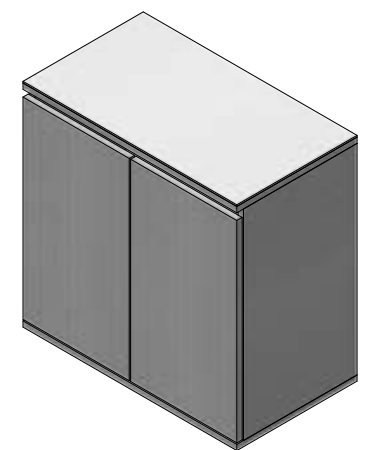
MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:5
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Banco de Exterior sem Encosto - Vistas		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		5
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 5 DE 22



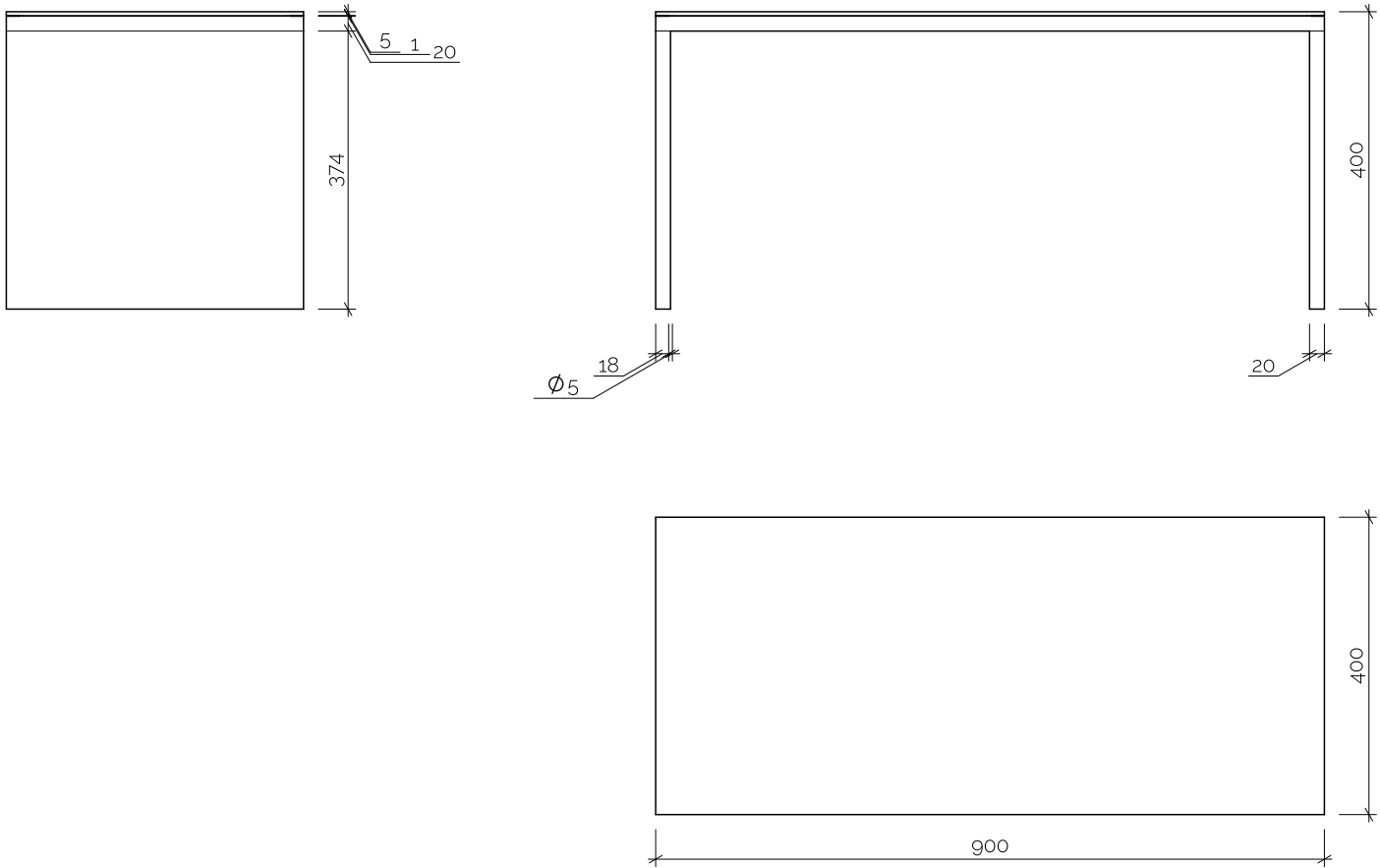
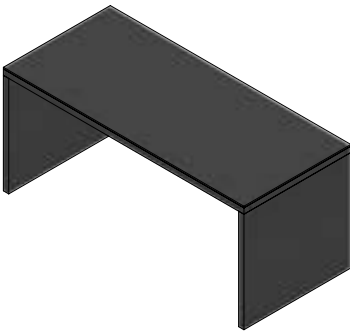
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, AÇO INOXIDÁVEL E LED		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:30
FLÁVIA CALADO		
DESENHO:		
Receção - Vistas		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	6
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 6 DE 22



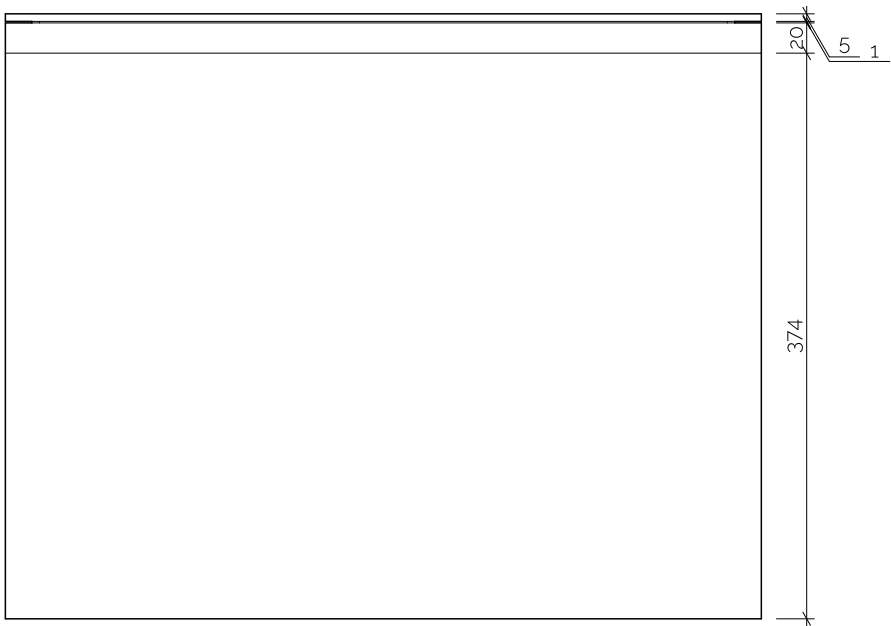
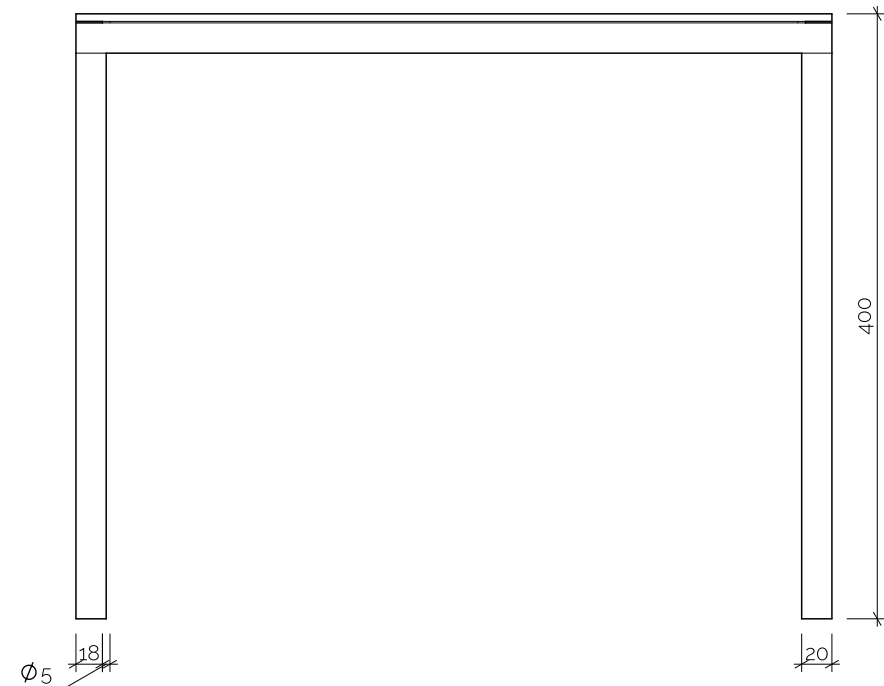
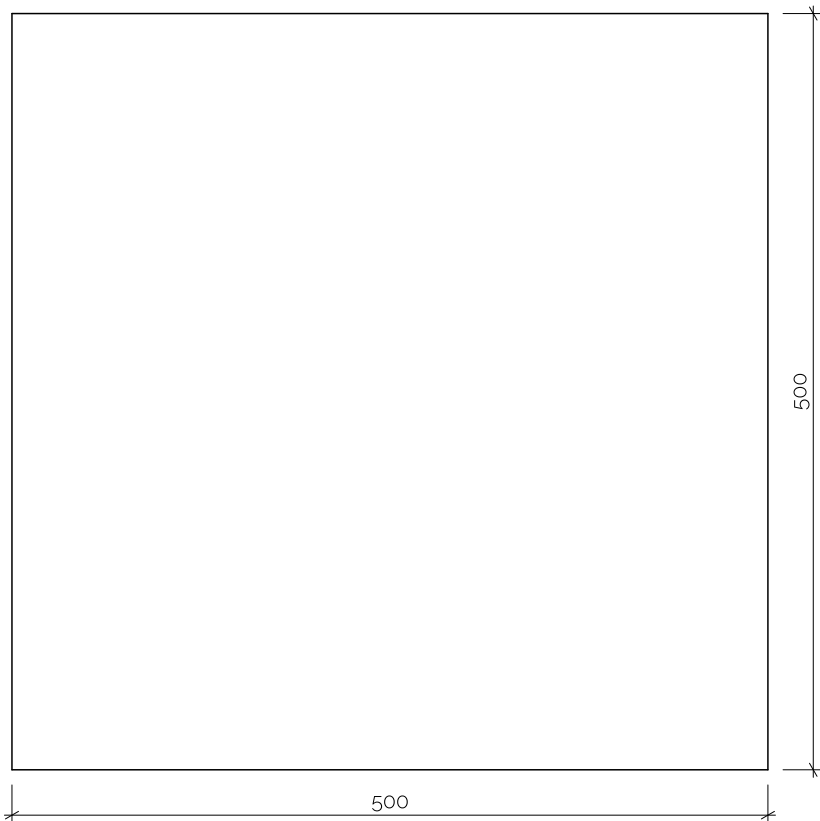
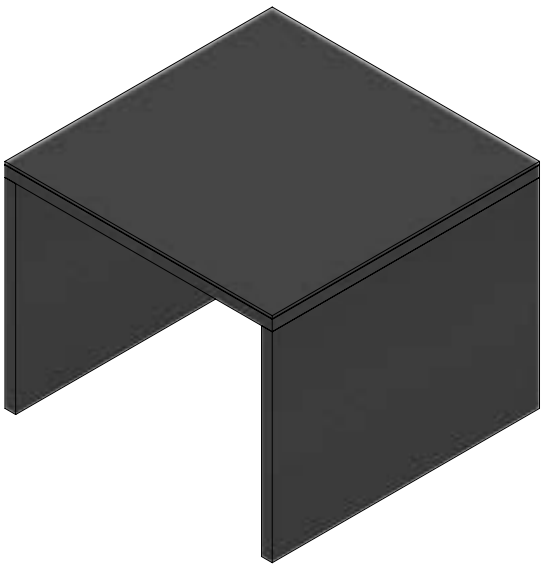
CORTE A



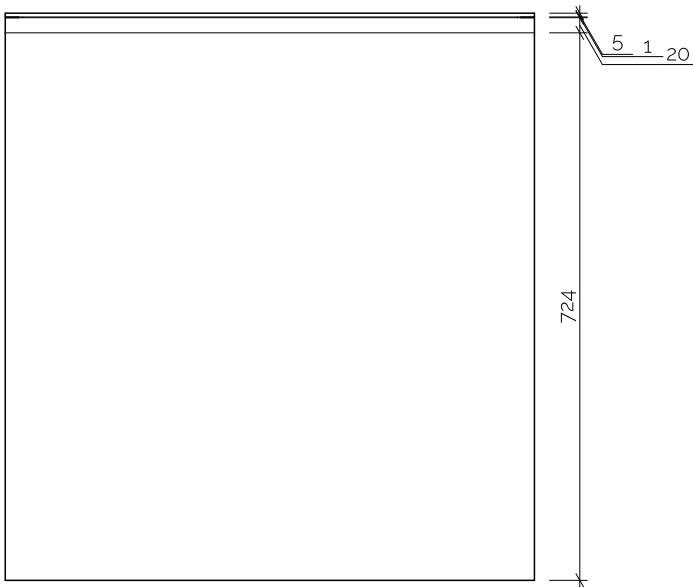
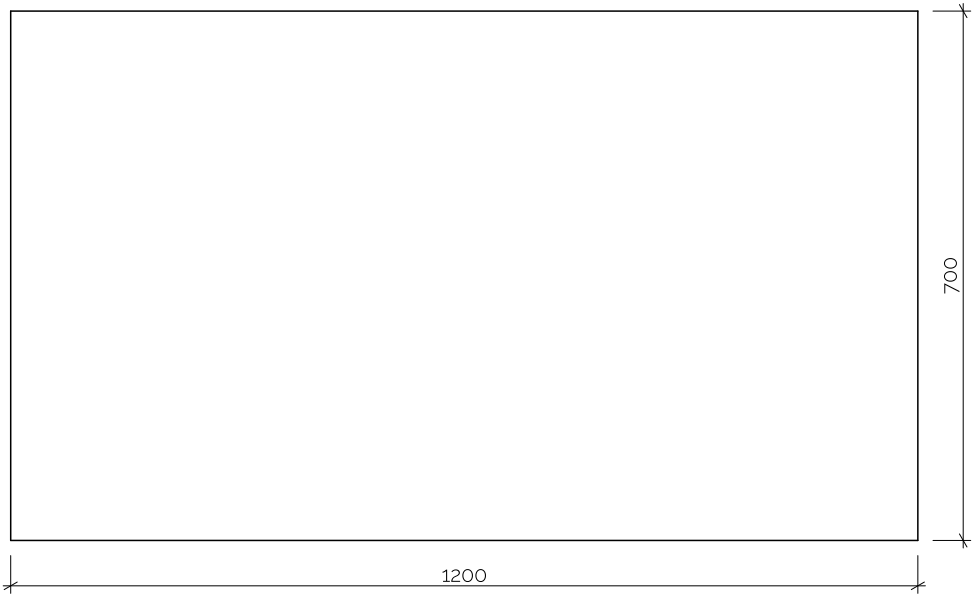
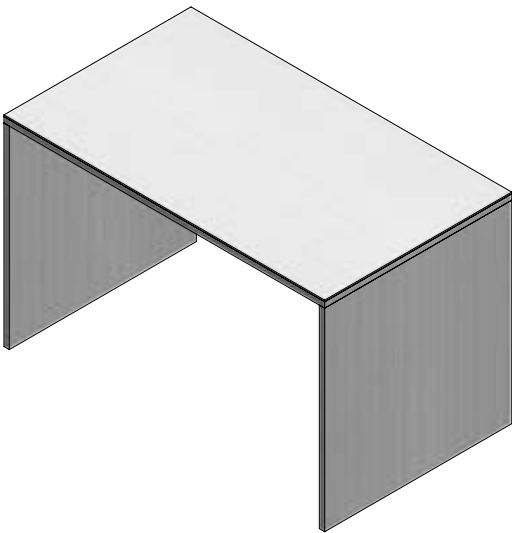
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO, BORRACHA E FELTRO		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO:		
Armário - Vistas e Corte		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		7
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 7 DE 22



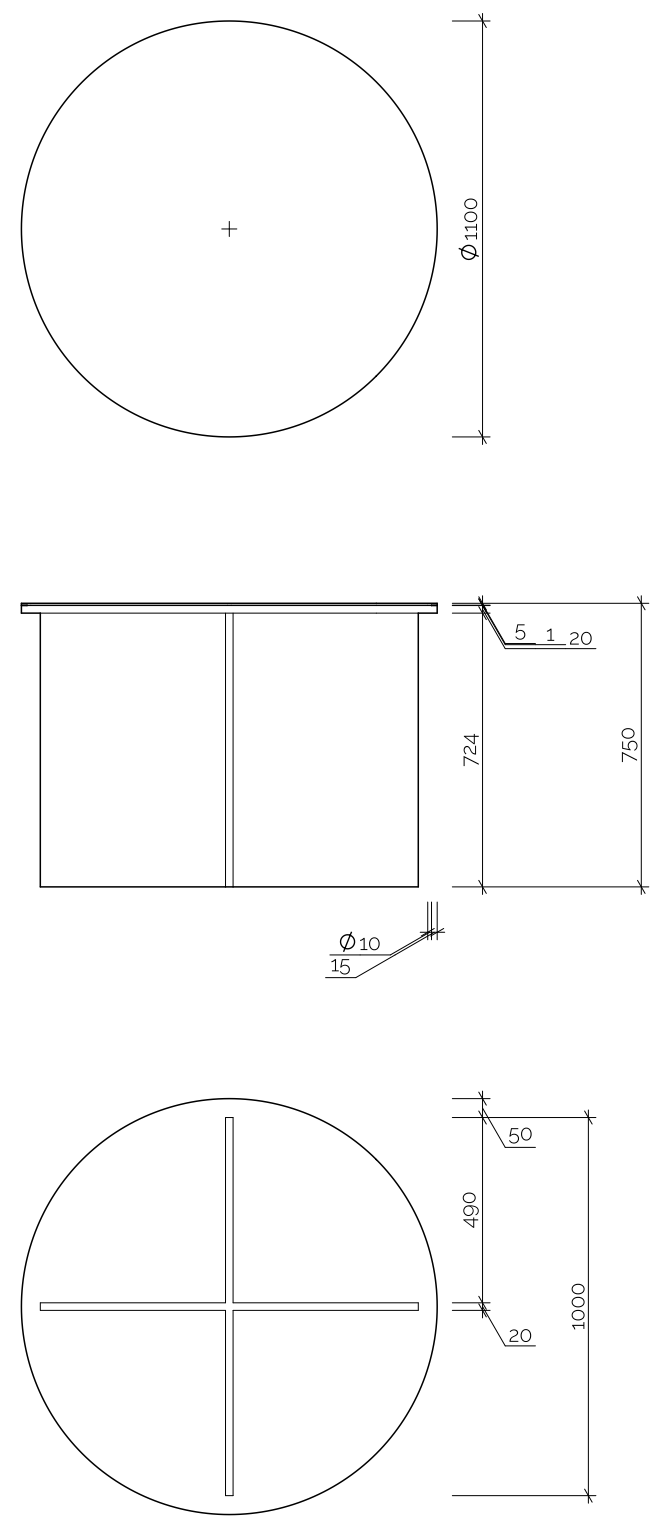
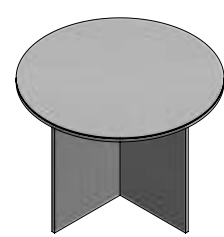
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO E BORRACHA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Mesa de Centro - Vistas		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		8
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 8 DE 22



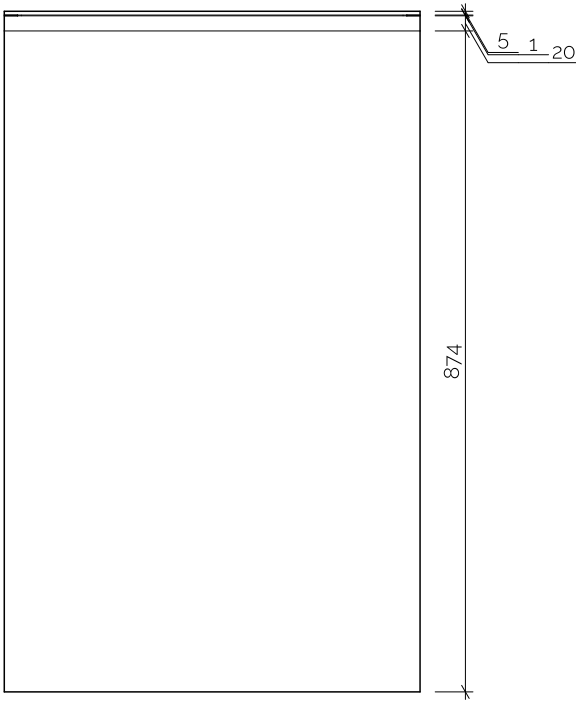
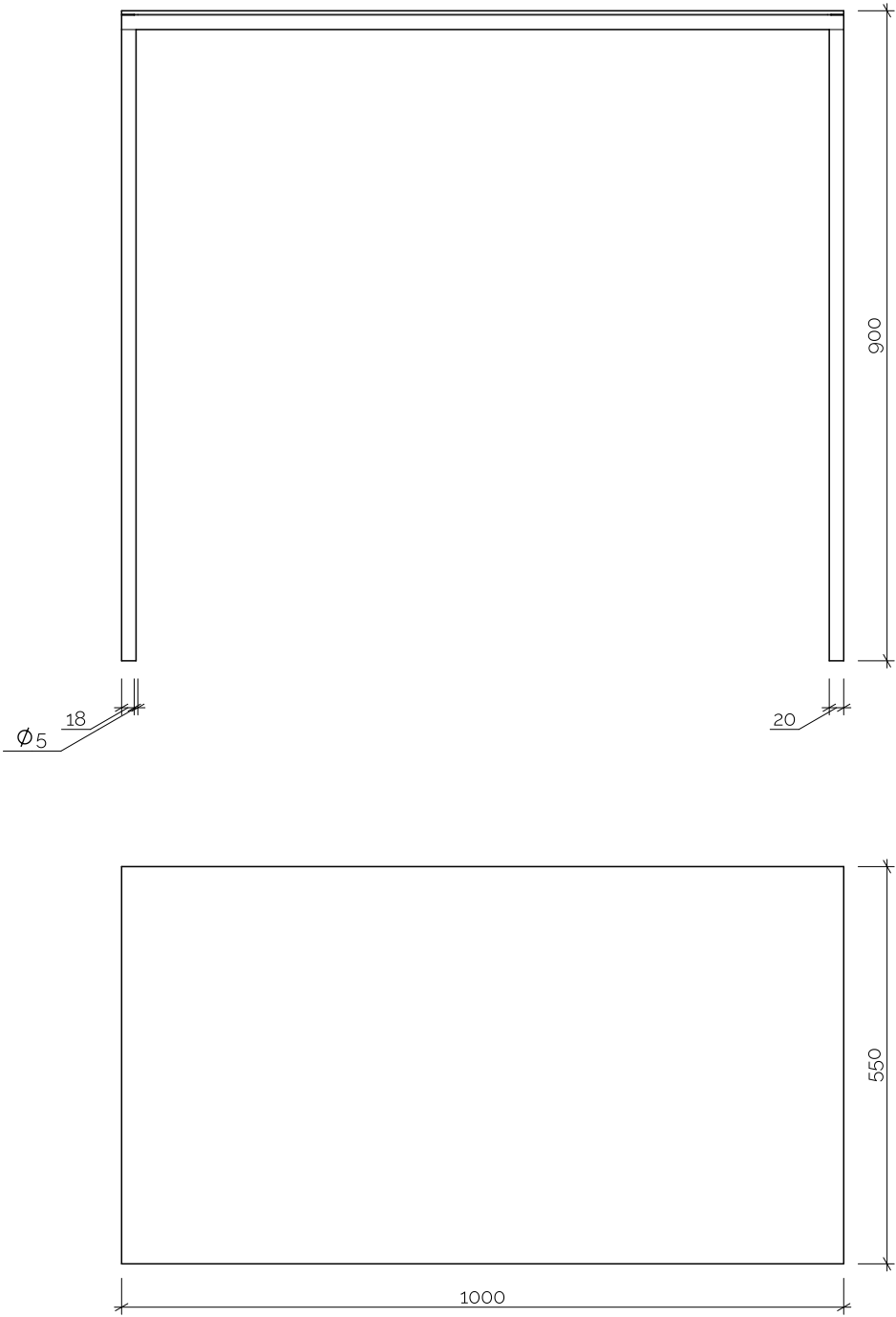
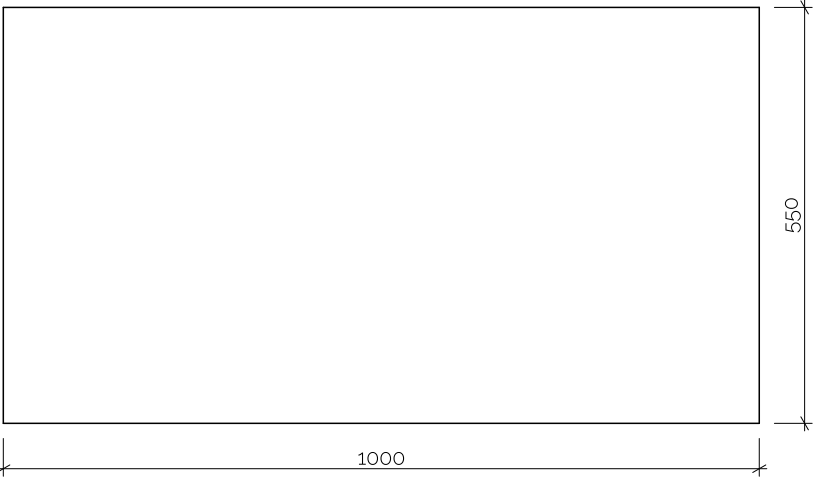
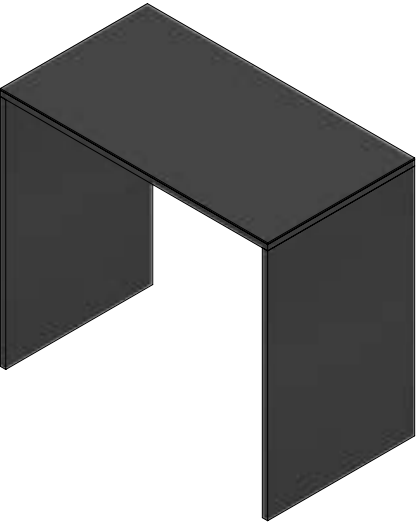
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO E BORRACHA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:5
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Mesa de Canto - Vistas		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	9
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 9 DE 22



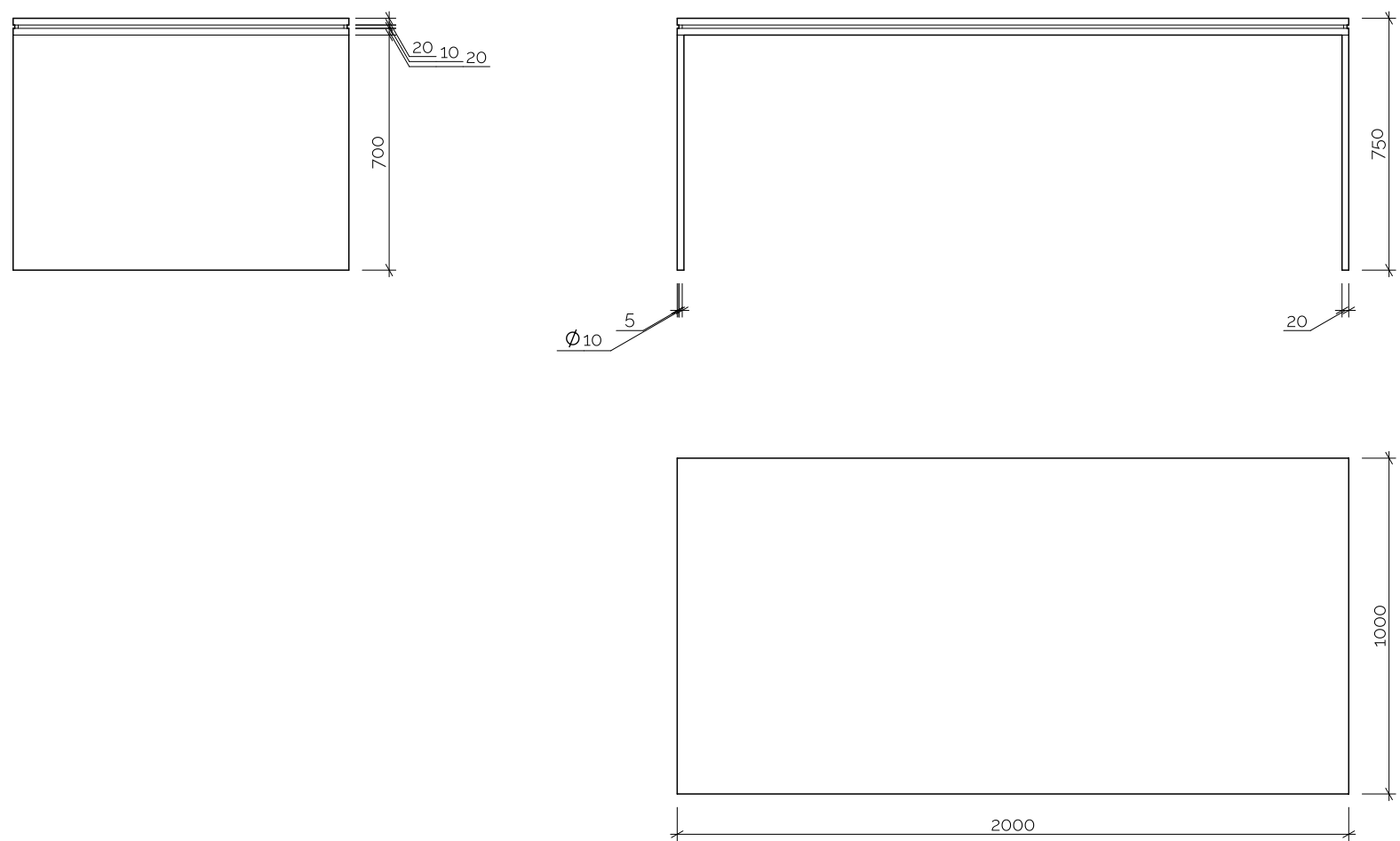
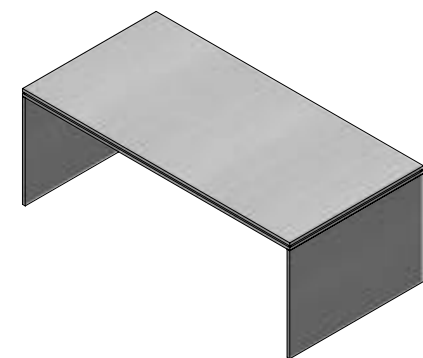
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO E BORRACHA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Mesa de Trabalho - Vistas		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	10
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 10 DE 22



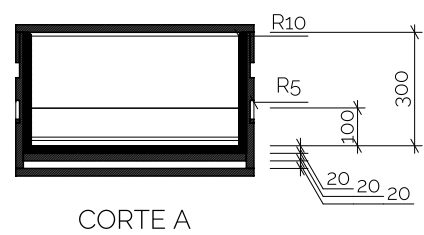
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO E BORRACHA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:20
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: <div>Mesa de Atendimento - Vistas</div>		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	11
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 11 DE 22



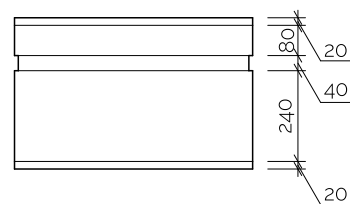
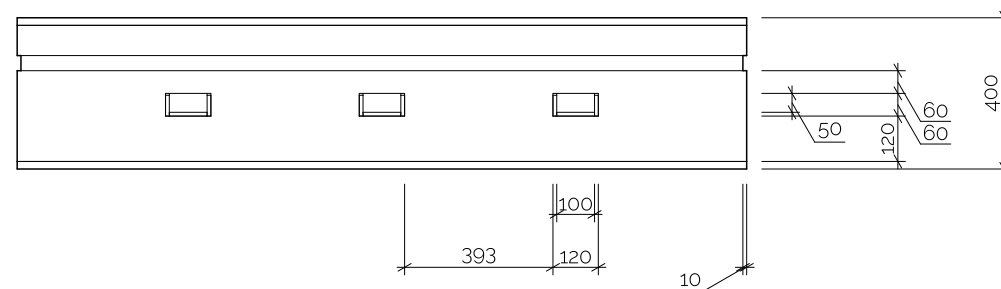
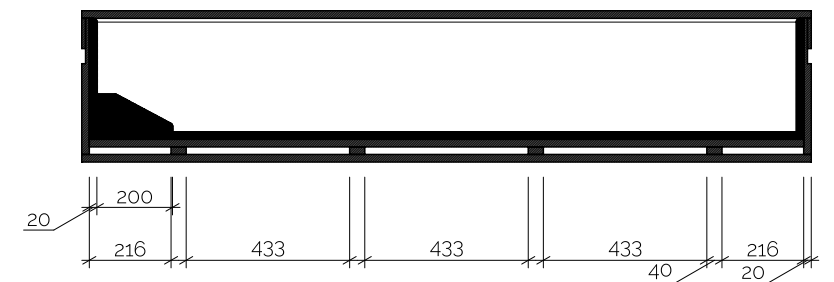
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO E BORRACHA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Mesa de Consumo - Vistas		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	12
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 12 DE 23



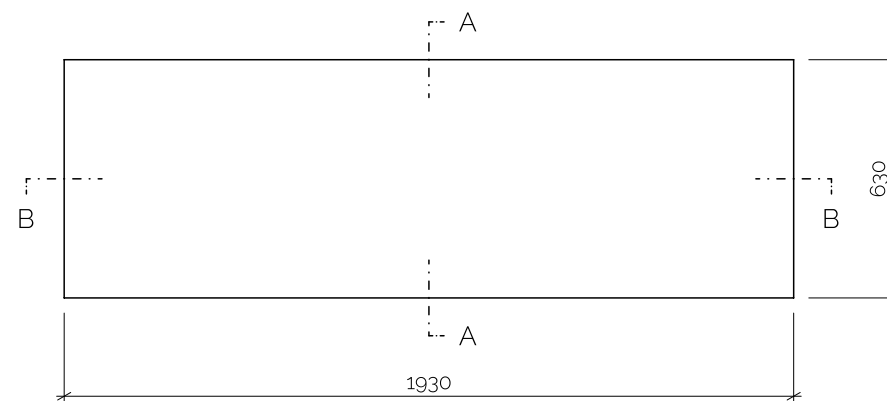
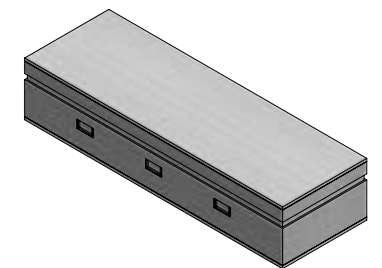
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E BORRACHA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:20
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: <div>Suporte de Urnas - Vistas</div>		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	13
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 13 DE 22



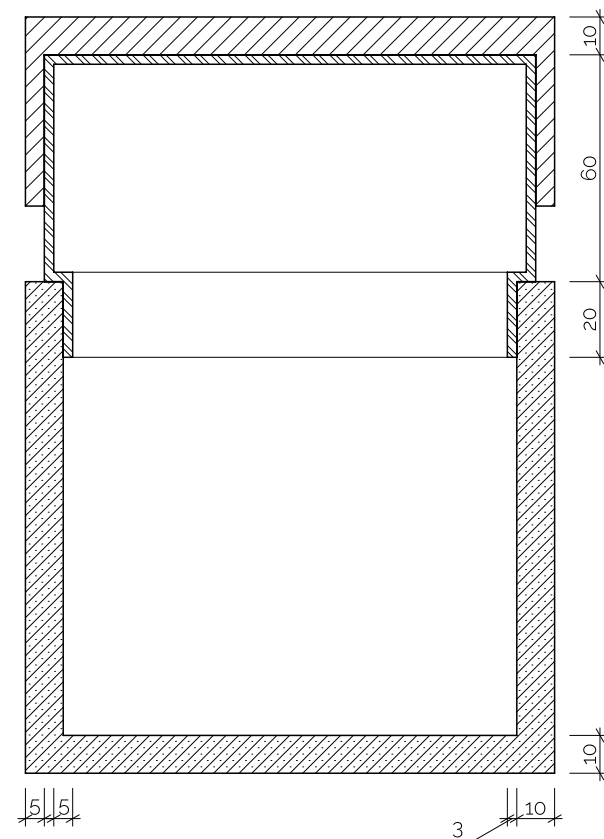
CORTE A



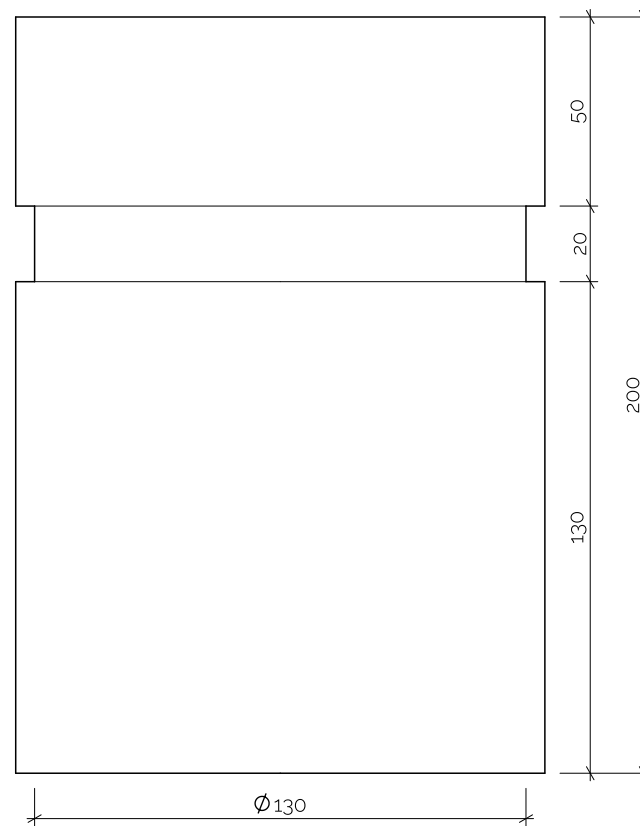
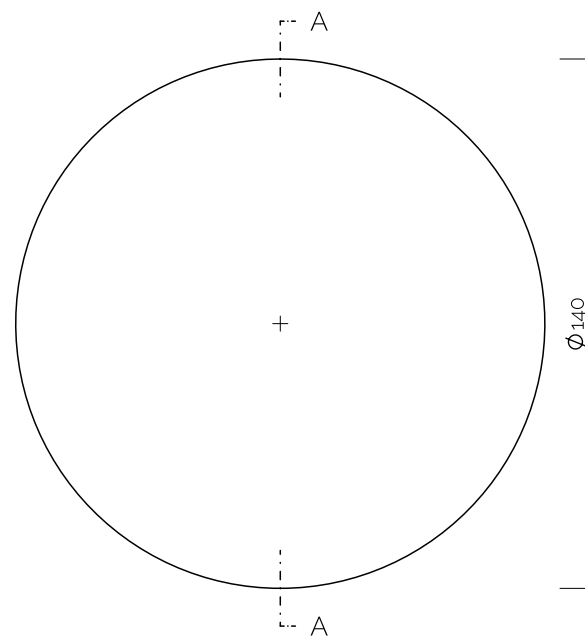
CORTE B



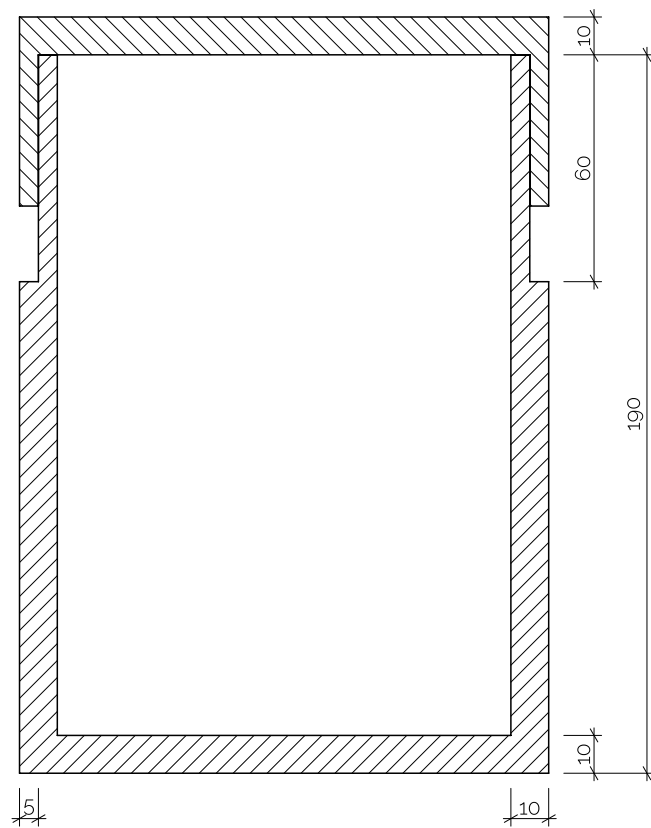
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E TECIDO 100% ALGODÃO		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:20
FLÁVIA CALADO		
DESENHO:		
Urna Funerária Tipo - Vistas e Cortes		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		14
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 14 DE 22



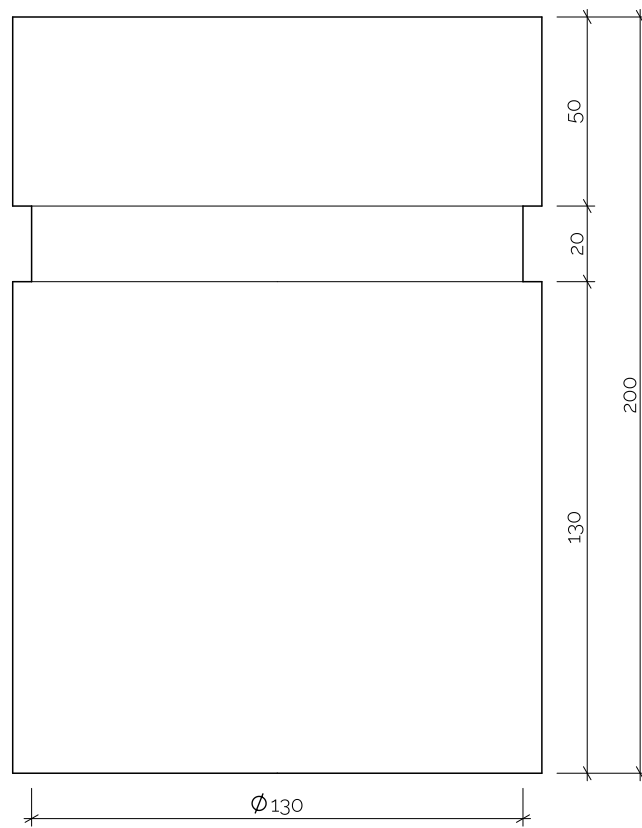
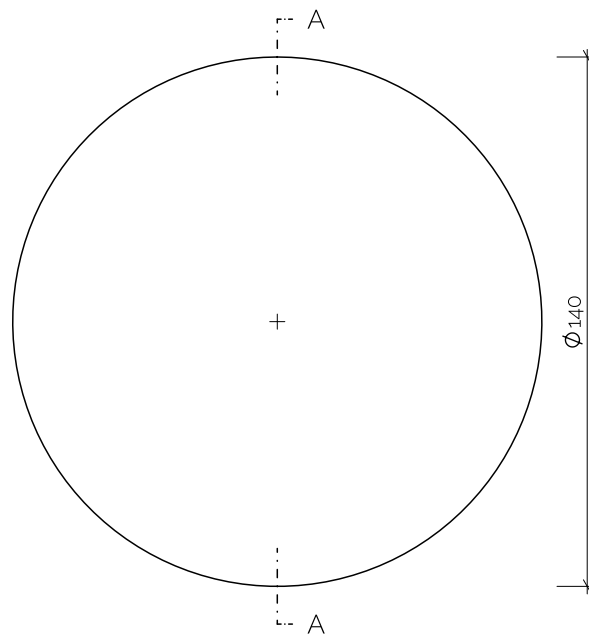
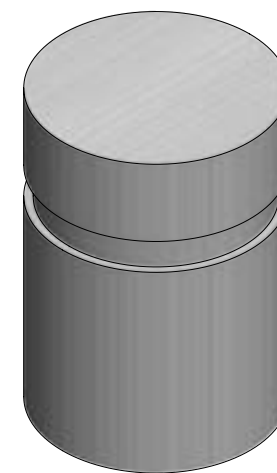
CORTE A



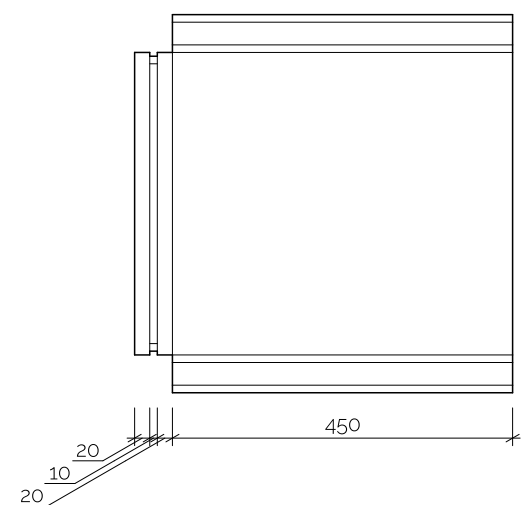
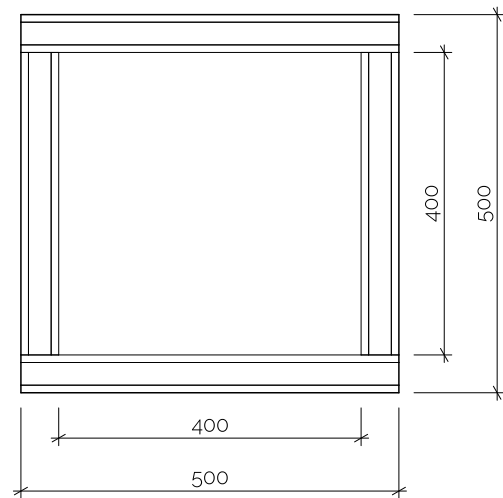
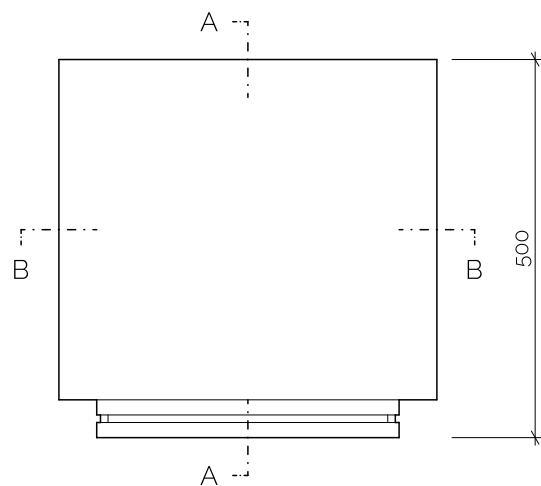
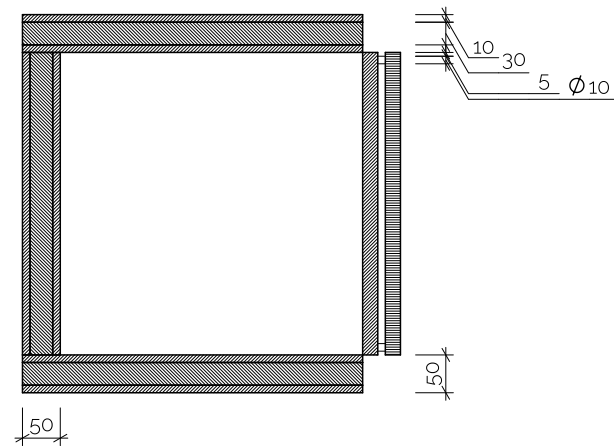
MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:2
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Urna Cinerária Tradicional - Vistas e Corte		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		15
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 15 DE 22



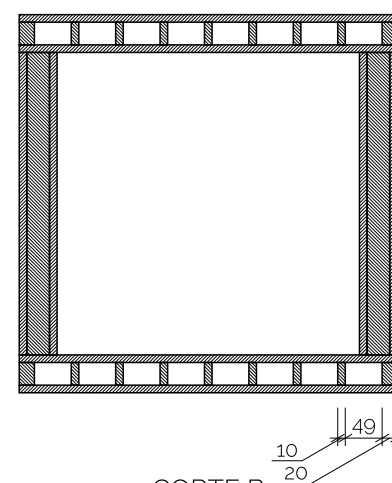
CORTE A



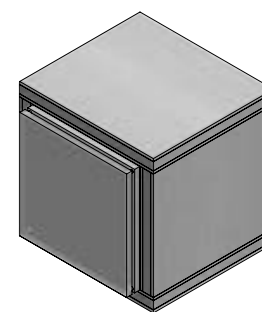
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:2
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Urna Cinerária de Baixo Impacto Ambiental - Vistas e Corte		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		16
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 16 DE 22



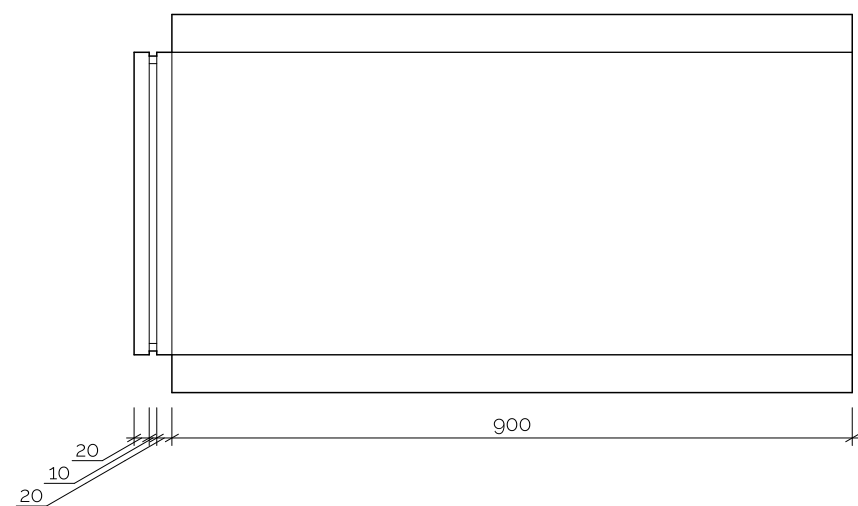
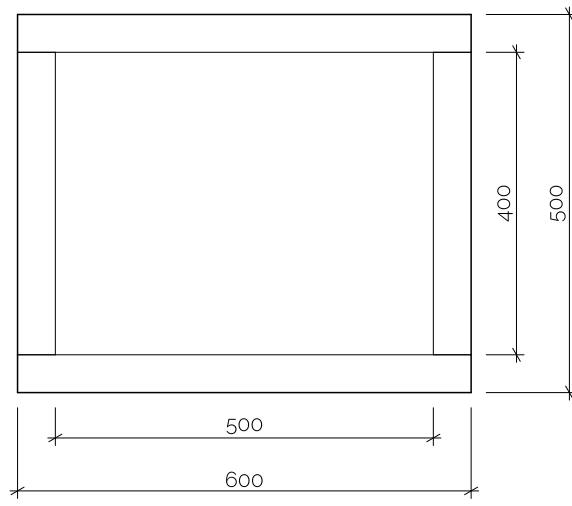
CORTE A



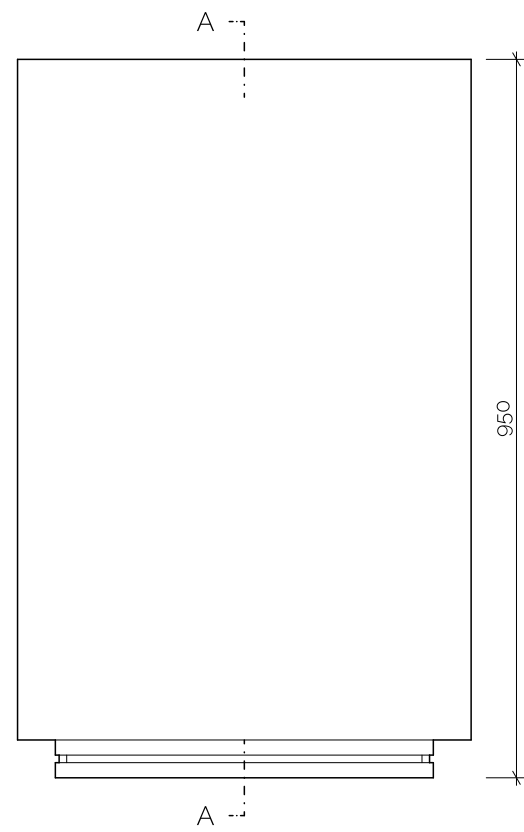
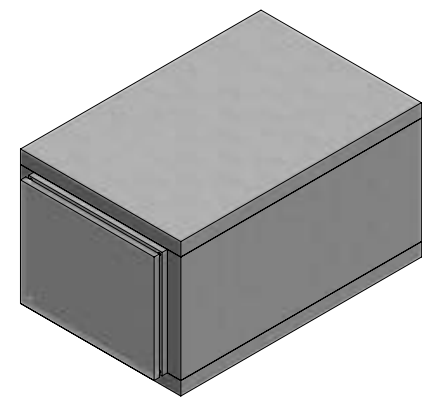
CORTE B



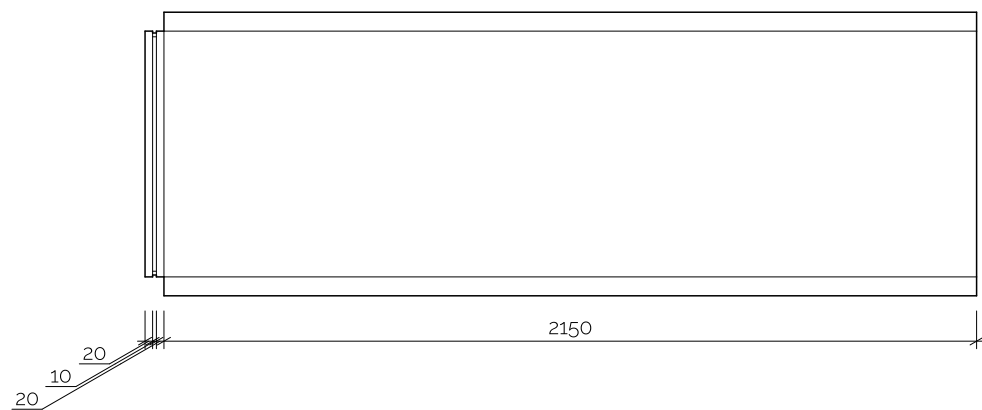
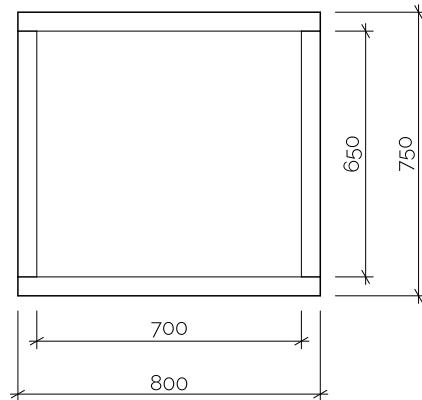
MATERIAIS E ACABAMENTOS: MADEIRA DE FAIA MACIÇA ENVERNIZADA, VIDRO E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Nicho para Columbário - Vistas e Cortes		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		17
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 17 DE 22



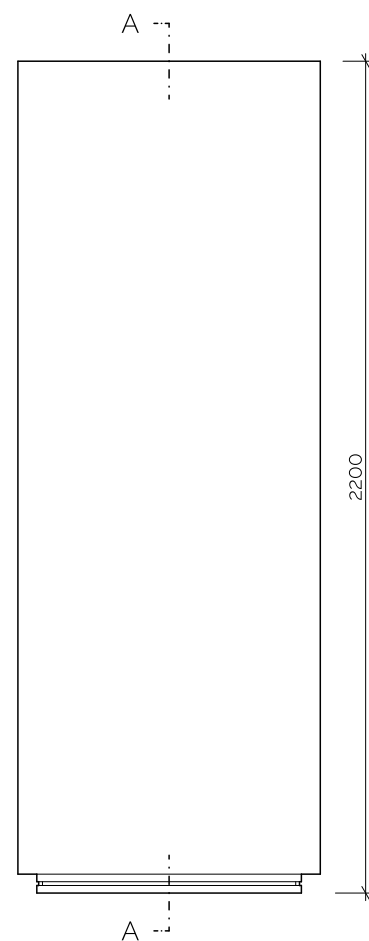
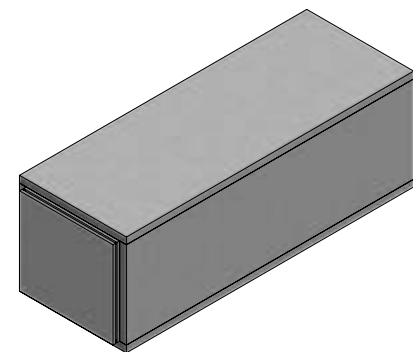
CORTE A



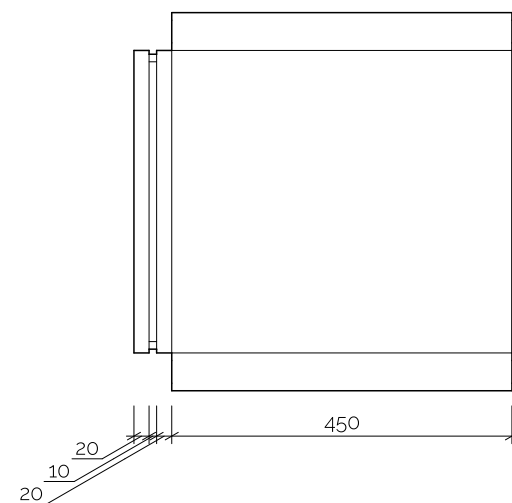
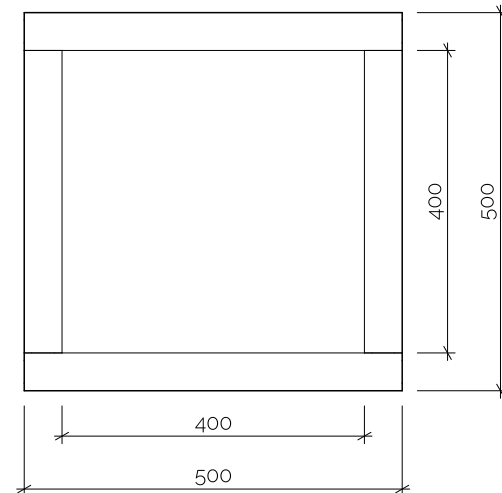
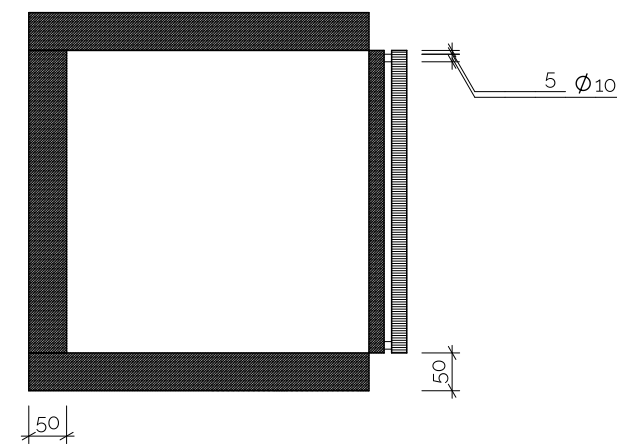
MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, VIDRO E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO:		
Nicho para Ossário - Vistas e Corte		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	18
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 18 DE 22



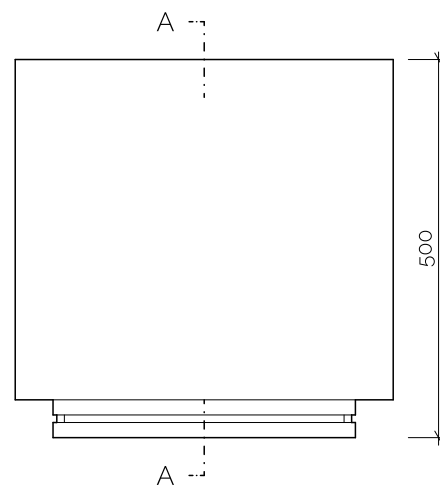
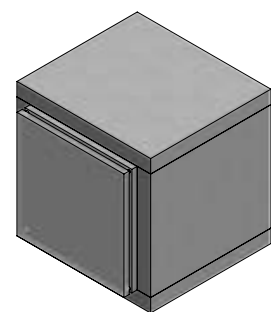
CORTE A



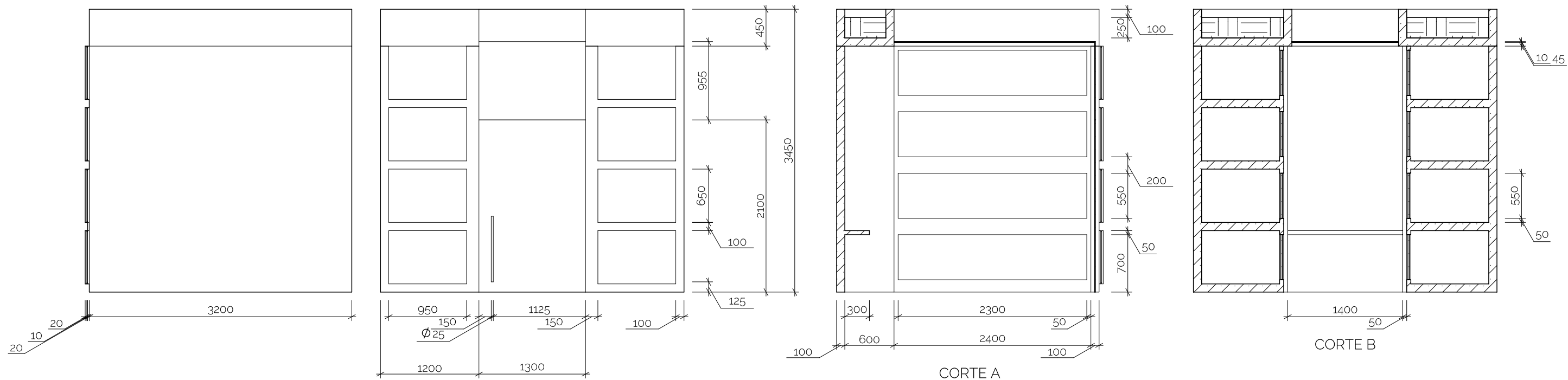
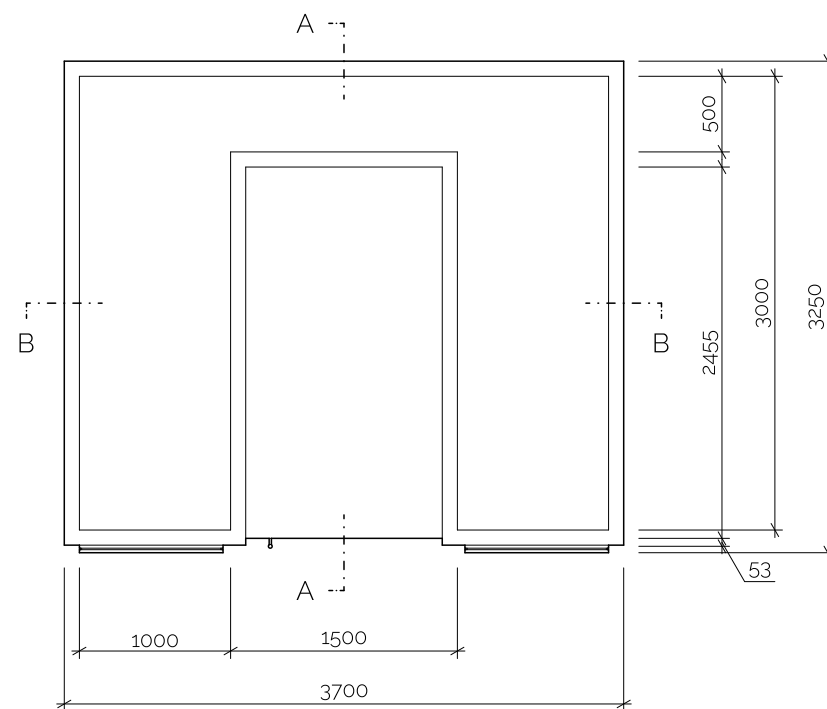
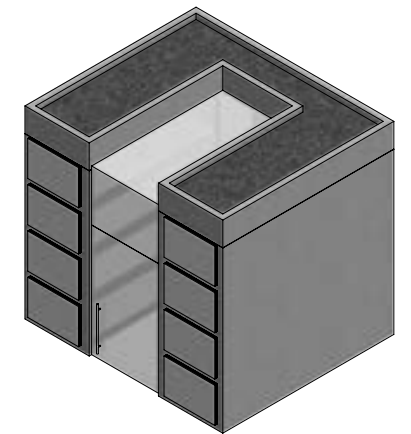
MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, VIDRO E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:20
FLÁVIA CALADO		
DESENHO:	Nicho para Consumo Aeróbia - Vistas e Corte	
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	19
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 19 DE 22



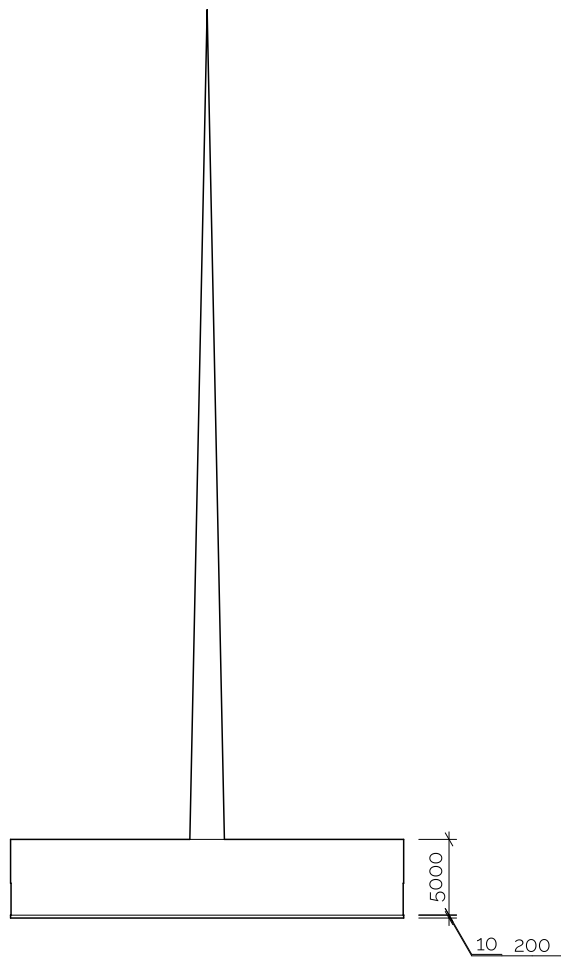
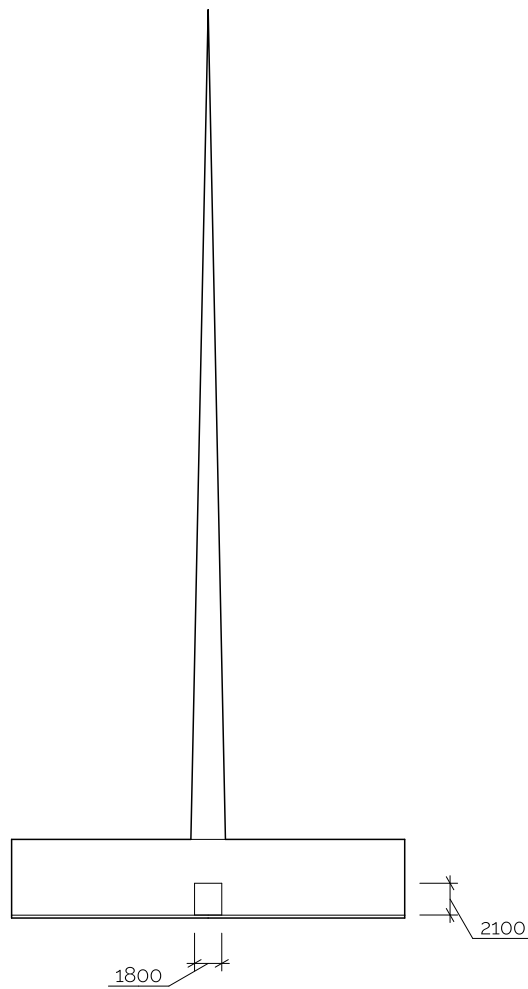
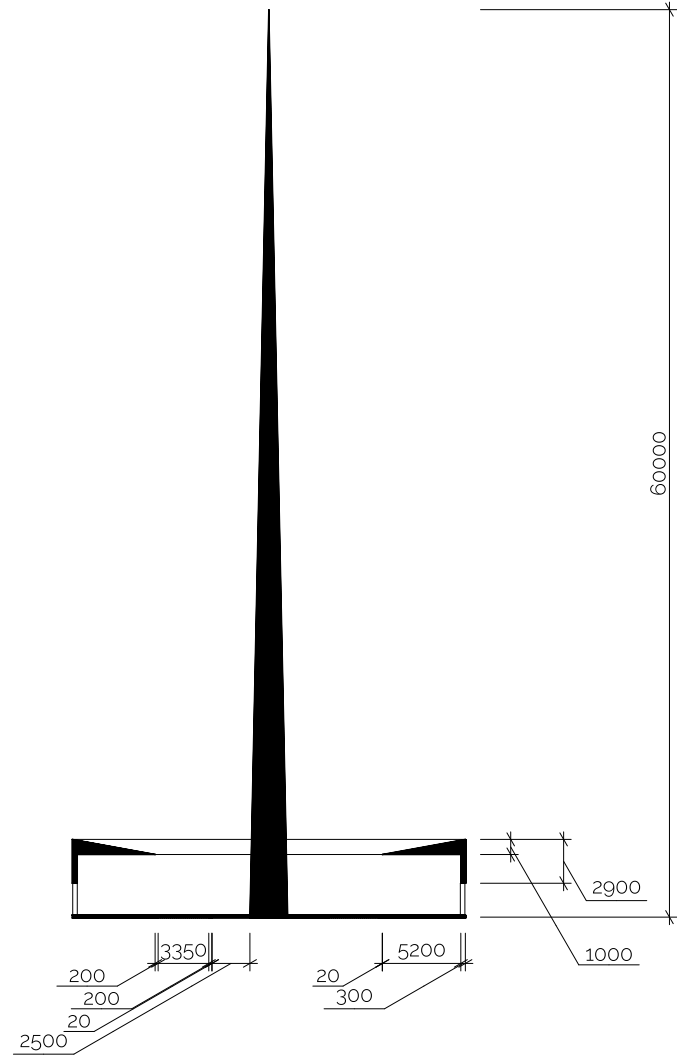
CORTE A



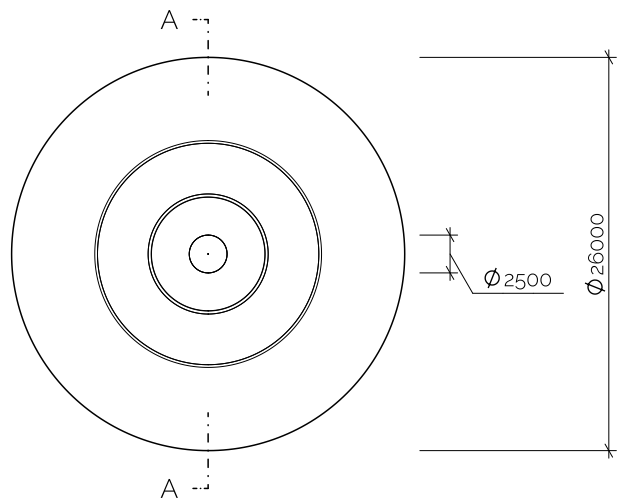
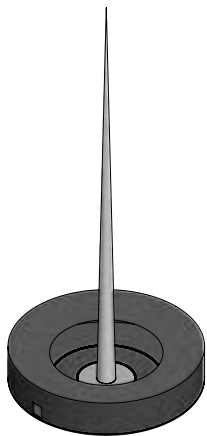
MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, VIDRO E AÇO INOXIDÁVEL		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:10
FLÁVIA CALADO		
DESENHO: Nicho para Columbário de Animais de Estimação - Vistas e Corte		
PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)		20
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 20 DE 22



MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, VIDRO, AÇO INOXIDÁVEL, TERRA E RELVA		
UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)		ESCALA: 1:50
FLÁVIA CALADO		
DESENHO:		
Jazigo em Capela - Vistas e Cortes		
PROJETO:	Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)	21
DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)	QUANTIDADE: 1	PÁGINA 21 DE 22



CORTE A



MATERIAIS E ACABAMENTOS: BETÃO, AÇO INOXIDÁVEL POLIDO, CARPETE COM FIBRAS DE POLIÉSTER RECICLADAS, SEIXOS, TERRA, RELVA E ÁGUA

UNIVERSIDADE LUSÍADA (LISBOA)

ESCALA: 1:500

FLÁVIA CALADO

DESENHO:

Deambulatório - Vistas e Corte

PROJETO: Projeto Aeterna: um contributo do design para a celebração da vida na hora da morte (Dissertação)

22

DIMENSÕES EM MILÍMETROS (MM)

QUANTIDADE: 1

PÁGINA 22 DE 22